



um romance de
K C Bergamini

O que
restou de
VOCÊS



O QUE RESTOU
DE
VOCÊ

K.C.Bergamini

1ª Edição

2018

Copyright © 2018 Katia Cristina Bergamini Titão

Literatura Brasileira. Romance

1º Edição

Revisão: Flávia Andrade - Refraseando

Capa: Queen Designer

Diagramação: Katia Titão

Texto revisado pelo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Está é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedicatória

*Livro dedicado a todos que simplesmente, se sentaram no caminho para
ajudar um amigo quando suas
bicicletas (vidas) se quebraram...*

K.C.Bergamini

“ A vida é como andar de bicicleta:
Para ter equilíbrio
Você precisa se manter em movimento...”

(Albert Einstein)



**Você seguraria minha mão
Se eu o visse no paraíso?
Você me ajudaria a ficar em pé
Se eu o visse no paraíso?
Encontrarei meu caminho
Pela noite e pelo dia
Porque eu sei
Que não posso ficar
Aqui no paraíso...**

(Tears In Heaven – Eric Clapton)

Prólogo.

Sabe quando algumas pessoas falam que na hora da morte é como se um filme passasse na sua frente repetindo todas as cenas da sua vida, diante dos seus olhos, em questão de segundos?

Quando as luzes brilharam contra a janela do carro, foi exatamente isso que aconteceu. Segundos que decidiram minha vida. A cada capotagem do carro, cada estilhaço de vidro que atingiu minha pele, mais e mais imagens afloravam em minha mente.

Quando o carro parou bruscamente, demorei alguns instantes para registrar o que tinha acontecido. Mesmo com todos os ferimentos em meu corpo, nenhum deles realmente me causou dor. Quando virei a cabeça para procurar as pessoas mais importantes do mundo, primeiro vi apenas ferro retorcido.

Mal consegui me movimentar, mas naqueles poucos segundos de consciência, o que registrei em seguida causou uma ferida tão profunda dentro do meu coração que roubou completamente a capacidade de viver de mim.

Jamais esquecerei a imagem com que me deparei. Nunca conseguirei apagar da minha mente aquele olhar sem vida dos olhos do meu filho.

Eu o matei. Eu os matei.

Mesmo com os sentidos bagunçados, essa foi a última coisa que meu

cérebro memorizou, antes de fechar meus olhos e a escuridão me alcançar e se infiltrar em cada célula do meu corpo, ocupando todos os meus pensamentos e tomando cada pedaço do meu coração.

1

Pi. Pi. Pi.

Sinto meu corpo doendo, minhas pálpebras pesam toneladas. Não sei onde estou. Apenas ouço um som irritante pulsando dentro dos meus ouvidos. Um cheiro forte de antisséptico faz meu estômago ficar mais embrulhado do que já está.

Pi. Pi. Pi.

Forço meus olhos abertos e, aos poucos, vou reconhecendo o ambiente que me cerca.

A consciência sendo retomada aos poucos.

Hospital. Viro a cabeça devagar e vejo que o som irritante vem das máquinas a que estou ligado.

O acidente! Meu filho! Minha esposa! Quero gritar para as enfermeiras por socorro, para que venham e digam que estou enganado. Que isso não é um hospital e que não me envolvi em um acidente. Ou, ao menos, que estava sozinho naquele carro, que os olhos sem vida que me fitavam não eram do meu filhinho.

Não consigo, mal tenho forças para manter meus olhos abertos e, mesmo não querendo, despenco novamente para o mundo da escuridão.

Não sei por quanto tempo fico entrando e saindo desses breves momentos de consciência. Em nenhuma das vezes presenciei outra pessoa no meu quarto. Quando abro os olhos dessa vez, sinto alguém mexendo nos

aparelhos do lado da minha cama. Usando uma força descomunal, viro minha cabeça, estendo a mão e seguro o braço da enfermeira.

Sinto que ela se assusta com o toque da minha mão. Muito provavelmente ninguém sabe que estou tendo esses momentos de lucidez. Quando seus olhos encontram os meus, tudo que vejo refletido é pena.

— E-les... Onde e-les es-tão...? — As palavras saem enroladas, arranhadas pela minha garganta seca.

— Você está acordado. Já vou chamar o médico para examiná-lo. — Se debruça sobre a cabeceira da cama e aperta o botão para possivelmente acionar outras pessoas.

Logo começa a fazer perguntas que nem chego a assimilar, mas não passa despercebido o fato de ela simplesmente ter ignorado o que questionei. Poucos segundos depois, mais enfermeiras entram no quarto. Sou examinado e o interrogatório continua, mas minha mente tem outra pergunta gritando: ONDE ELES ESTÃO?

Queria que essa pergunta nunca fosse respondida.

Porém, foi.

Eu os matei!

Não foi o motorista que invadiu a preferência e jogou nosso carro da estrada fazendo com que capotasse.

Quem matou as pessoas mais importantes da minha vida fui eu!

Eu que insisti para ir àquela maldita sorveteria, a preferida do meu filho. Se soubesse, se ao menos imaginasse que algo assim aconteceria, jamais sairia de casa. Fugiria, colocando as duas maiores preciosidades da minha vida embaixo do meu braço e nunca mais as soltaria.

Mas em vez disso, eu os tirei da segurança do nosso lar, não reagi a tempo quando vi as luzes vindo de encontro ao nosso carro e provoquei o maldito acidente.

Eu... eu... eu! Tudo malditamente eu!

Fiquei quase um mês internado no hospital, período em que as visitas da minha sogra foram quase diárias. Não que eu quisesse vê-la, pois a pena estampada nos seus olhos era quase pior do que a dor que eu sentia pulsando persistentemente dentro do meu peito. Tê-la por perto, nem que seja por poucos minutos, me lembra de minha esposa, minha querida Flávia... Olhá-la é ver os olhos do meu amor, mesmo que tristes, sorrindo para mim. Ela diz que não tenho culpa, que foi uma fatalidade. Mas não concordo com ela. Tudo, tudo foi culpa minha.

Meus pais faleceram quando eu ainda era adolescente, e meu irmão, depois que fiz 18 anos, se mudou para o outro lado do mundo reduzindo a quase nada o nosso contato. Talvez nem saiba o que aconteceu. Minha família é e sempre foi a Maria, a Flávia e o Duda.

As visitas de minha sogra continuaram como uma penitência. Maria se sente na obrigação de cuidar de mim. Tenta a todo custo me animar, inclusive tentou contar sobre a doação dos órgãos da Flávia, das vidas que ela ajudou a salvar. Mas acabei gritando, porque pouco me importava se tivesse que matar todas essas pessoas com minhas mãos para tê-la novamente viva. Nada justificaria ou diminuiria a dor que estava sentindo dentro do meu peito. Depois disso, ela não tocou mais no assunto e, aos poucos, deixou também de vir me visitar, me permitindo viver a dor do meu luto sozinho.

Depois desse um mês internado, recebi alta hoje de manhã.

Estou perdido. Não quero ir para casa e ver o nosso lar sem os meus amores. Não quero ir para um hotel, pois isso só vai tornar real a vida de não os ter mais do meu lado. Por isso estou aqui, sentado, perdido, sem saber qual rumo tomar da minha vida. Fiquei horas na recepção do hospital buscando forças para enfrentar o que me espera do lado de fora.

Queria ter coragem para simplesmente me meter embaixo de um

caminhão e terminar o serviço que aquele bêbado começou. Apesar de estar morto por dentro, sou tão filho da puta que me falta coragem! Depois, seria um castigo muito rápido, simplesmente fazer a dor desaparecer de uma hora para a outra. Preciso sentir essa dor queimando, machucando dentro de mim durante todos os dias da minha vida. Matei as pessoas mais lindas e especiais que esse mundo já viu, preciso sofrer! Quero sofrer! Preciso ser punido por ter tirado a vida dos meus anjos amados!

Esse será meu castigo. Sentir essa dor insuportável todos os dias!

Com isso em mente, reúno toda força que ainda me resta e depois de me arrastar para fora das portas do hospital, entro num táxi e enfrento meu primeiro demônio: visitar o túmulo deles.

Agora, ajoelhado, ao lado de seus jazigos, deixo as lágrimas rolarem de meus olhos.

Como fui do céu ao inferno em tão pouco tempo?

— Meu bebê! Meu menino lindo, meu anjinho... — falo enquanto passo os dedos sobre a foto de sua lápide, muito provavelmente providenciada por minha sogra.

— Minha vida, amor.... Perdoa-me, querida. — Encosto a testa na lápide fria. — Devia ter aceitado sua decisão. Se soubesse... que isso poderia significar vocês ainda aqui comigo...

Dor. Culpa. Saudade. Nenhuma palavra, nem de perto, descreve o que sinto agora.

— Prometi que cuidaria sempre de você e do Duda, não importa o que tivesse que enfrentar. Não fiz essa promessa da boca para fora. Fiz porque amava vocês. Droga! Eu ainda amo vocês! Ah, querida, queria que soubesse como me sentia leal ao nosso relacionamento, a nossa família. Juro que acreditei que poderia cumpri-la. Mas eu falhei. — Com os olhos fechados e com lágrimas escorrendo pelo rosto, grito no cemitério vazio: — EU

FALHEI!

— Ah, minha menina, não consigo lembrar uma época da minha vida em que não te amei. E você, meu anjinho, te amei desde o momento que descobri que crescia dentro da barriga da mamãe. Quando coloquei os olhos em você, minha alma te reconheceu, como se estivesse te esperado por muito tempo. Céus, como eu te desejei, meu querido! Você é o ser mais lindo que tive a oportunidade de conhecer. Como posso continuar minha vida sem que vocês existam nela? — Soluços escapam da minha garganta e minhas lágrimas caem sobre a sepultura.

— Não fui homem o suficiente para honrar a promessa de cuidar de vocês, mas hoje faço uma nova promessa. Viverei cada dia com essa culpa, essa dor dentro de mim. Nunca, jamais vou esquecer de vocês dois. Viverei cada dia como um castigo, uma penitência por ter quebrado a promessa mais importante que fiz na minha vida.

Sobre aquele túmulo, selei a promessa que regeria minha vida dali para frente. Sou uma casca que apenas vai continuar andando e respirando, porque por dentro, estou morto. Meu coração morreu, no exato momento que o deles parou de bater.

2

Quatro anos depois.

— Tudo bem, Natália, pode marcar essa reunião para hoje à noite — falo com minha secretária e melhor amiga.

— Às oito no restaurante de sempre.

— Pode ser. — aceno brevemente com a cabeça.

— Deixo todos os documentos necessários prontos para levá-los junto. Se tudo der certo, você assina esse contrato ainda hoje. — Fala bastante empolgada.

— Assim espero, Nat, obrigado. — Faço um pequeno gesto com a cabeça e volto a mexer no computador.

— Jac... Mais uma coisa — diz meio hesitante.

— Hum? — Murmuro sem desviar os olhos da tela do computador, concentrado nos números na minha frente.

— A Sra... Menezes. — Meus dedos congelam, paralisando a digitação no meio das palavras. Travo no lugar e fecho os olhos. — Ela ligou novamente, disse que precisa conversar urgente com você ainda hoje. Que como não retorna as ligações dela, chegou hoje de manhã e quer marcar uma reunião.

— Oh merda. — Apoio os cotovelos no teclado e descanso minha cabeça sobre minhas mãos. — Que inferno!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Posso dizer que está viajando, que surgiu um imprevisto de última hora... — fala de maneira cautelosa.

— Não acredito que aquela maluca veio até São Paulo para falar comigo mesmo! Pensei que era só chantagem — digo mais para mim do que para Natália.

— Quer que eu ligue, Jacson?

— Faça o que for preciso, Nat, não aguento mais os confrontos com essa mulher. Minta, faça qualquer coisa. Ligue e diga que fui para o fim do mundo e não tenho data para voltar! — Resmungo bastante irritado.

Mesmo depois de quatro anos, ela continua tentando me redimir, mostrar que não tenho culpa pelo que aconteceu naquele dia. Não quero mais mexer nesse assunto. Cada vez que me lembro deles, as feridas voltam a sangrar. Aprendi a conviver com essa dor, essa angústia no meu peito.

Tocar nesse assunto é como colocar uma faca nessas feridas existentes e cutucar até que reabram e a hemorragia comece. Insuportável. Lidar com essa saudade já é insuportável sem que alguém precise ficar me torturando com os fantasmas do passado.

Ouçó o clique da porta fechando suave quando a Natália deixa minha sala.

Ela trabalha comigo há quase seis anos. Então conheceu os dois Jacsons. O de antes e o de depois do inferno. Melhor, ela conhece os três Jacsons, pois, como noiva do meu melhor amigo, nos conhecemos há mais de dez anos.

Nossa história é antiga, ela é namorada do meu melhor amigo desde o ginásio. Logo depois que me formei em Comércio Exterior e abri a importadora, ela que tinha começado a faculdade de Secretariado, veio trabalhar comigo como estagiária e está até hoje. Foi natural que os laços de amizade que existiam entre ela e a Flávia só aumentassem. As duas se

tornaram melhores amigas, e ela e o Marcos foram os padrinhos do Duda.

Quando deixei o hospital depois da tragédia, fiquei mais de um mês sem sair do meu apartamento. Virava uma noite com a outra, numa constante ressaca, mais psicológica do que causada pelas bebidas em excesso.

Mesmo sem coragem, o que queria era me matar. Inconsciente, era isso que buscava e foi quase o que fiz.

Se não fosse a Natália e o Marcos, que cansaram de me ver naquele estado, possivelmente é no que minhas atitudes teriam resultado. Mesmo com todo profissionalismo da Natália, teria perdido até minha empresa, pois, numa tacada só, foram perdidas as duas pessoas que estavam no comando.

Naquele momento da minha vida, pouco me importava a empresa, ou os sonhos que estavam desmoronando, ou se quer as vidas que estava afetando com isso.

O que me fez sair de dentro de casa e encarar tudo de frente foram as palavras da Nat numa noite no meu apartamento, quatro anos atrás.

— Você julga que não sinto falta dela, Jac? Falta do sorriso do Duda? Todos estão sentindo!

— Mas é diferente, eles não eram a esposa e o filho de vocês! — berrei em meu estado de embriaguez.

— Verdade, mas por não ser nossa esposa e filho tem que doer menos? Onde está escrito isso? Tenho vergonha de você agora, jogado nessa cama, bêbado, desistindo de lutar. Você me decepcionou, parece que esqueceu o que a Flávia sempre falava: “Viva cada dia agradecendo as bênçãos que você recebe”!

— O que eu recebi? Duas covas no cemitério? — Cerrei os dentes e cuspi as palavras contra ela.

— Não, Jac, você recebeu uma nova chance. A cada manhã você recebe mais um dia de vida!

— Grande merda isso. Preferia trocar a minha vida para poder ter eles de volta, mas não posso!

— Isso mesmo, não pode. Mas pode usar esse presente que ganha toda manhã para fazer a diferença na vida de tantas pessoas. Já pensou que está aqui por algum motivo? Se Deus não te levou, é porque tem uma missão! Ao invés de correr atrás e descobrir qual é essa missão, está aqui dentro, trancado, chafurdando na lama. Preciso te avisar, Jac: ISSO NÃO VAI TRAZER ELES DE VOLTA!

— EU SEI!

— Não, não sabe. Eu te amo, sabe disso, você é meu irmão de coração. Eu os amava também e está doendo pra cacete não ter eles aqui. É em nome desse amor que não posso deixar você acabar com a sua vida assim, não é isso que a Flávia queria...

— VOCÊ NÃO SABE O QUE A FLÁVIA QUERIA!

— Sei, Jac, sei muito bem o que vocês dois estavam passando, não se esqueça de que eu era a sua melhor amiga.

— Eu não mereço estar vivo, Nat. São eles que deviam ter escapado desse acidente!

— Como pode dizer isso? Você está aqui agora, olha quantos sonhos vocês estavam realizando. A empresa está ruindo sem você lá.

— Pouco me importa se a importadora falir, Nat — retruquei bruscamente.

— Pode não importar para você, mas saiba que as 100 pessoas que trabalham lá, e podem ficar sem emprego, vão se importar muito. Aquilo lá sempre foi a vida da Flávia. Não era apenas uma empresa, ela encarava aquilo como uma família. Pode fazer o que quiser da sua vida pessoal, mas profissionalmente, saiba que está destruindo o emprego dessas pessoas! Junto com isso, não está honrando a memória da Flávia!

Foi como se tivesse recebido uma descarga de 220 volts. Nunca tinha me tocado de que não era apenas eu que dependia daquela empresa, mas muitas e muitas famílias.

— Ah! Nat, dói tanto pensar em entrar lá e... estar sozinho. — Deito a cabeça no seu colo e me deixo ser consolado. Pela primeira vez desde que acordei no inferno, deixei as lágrimas não apenas saírem dos meus olhos, mas sim, do meu coração.

— Querido, vai doer mesmo, por muito tempo. Precisa entender que tem que continuar. Pela Flávia, pelo Duda. Por todos os funcionários que são teus amigos. Você pode usar toda essa sua dor para ajudar as pessoas que estão sofrendo, assim como você.

Nessa noite, desabafei, gritei, chorei, coloquei toda minha dor de revolta para fora. Ela deixou, mostrou-me que podia sofrer e, mesmo assim, continuar construindo aquilo que idealizamos juntos. Não sei como, mas em algum momento, acabei dormindo e acordei meio desorientado na minha cama com o Marcos sentado encostado na cabeceira.

— Calmo aí, garotão — falou em tom de brincadeira quando viu minha cara de perdido. — Não rolou nada, você continua virgem. Eu acho, né? — Caiu na gargalhada e deu um leve soco no seu braço.

— Cara, sério. Precisa de um banho. — Olhou para mim, franzindo o cenho. — Está fedendo!

Olhei ao redor do quarto e percebi que as roupas sujas tinham sido retiradas, possivelmente pelos dois enquanto eu dormia, numa tentativa de diminuir o caos no meu apartamento.

Marcos me ajudou a ir para o banheiro, pois, apesar do sono, ainda estava levemente embriagado.

Depois de um banho demorado, que limpou muito mais do que meu corpo físico, me vesti e caminhei em direção ao cheiro de comida que invadiu

o ambiente.

Cheguei à cozinha e a Nat estava terminando de arrumar a mesa.

— Nat, não precisava cozinhar — falei depois de dar um beijo na sua testa.

— Precisava, sim, eu estou com fome — disse entre sorrisos.

— Obrigado por... sabe, arrumar a bagunça. — Estava sem jeito, pois, da mesma forma que no quarto, ela arrumou toda a casa.

— A bagunça que quero arrumar é essa que está aqui dentro. — Colocou a mão em cima do meu coração.

— Ah! Nat... — Apenas a apertei nos meus braços.

— Deu desse agarramento aí com minha garota! — Marcos fingiu estar bravo.

— Ok. — Ergui as mãos fingindo arrependimento.

Olhei pela janela do apartamento e percebi que estava escuro lá fora.

— Que horas são?

— Hum, quatro e quinze da manhã. — Nat olhou no seu relógio e falou calmamente.

— Quatro e quinze e está cozinhando? Está louca, Nat?

— Jac, posso apostar que faz tempo que não come direito. Para de reclamar, senta e come enquanto conversamos.

Foi exatamente isso que fizemos. Conversamos. Muito. Até o dia clarear. Gostaria de dizer que aquele momento me fez perceber quão maravilhoso era estar vivo, fez com que eu descobrisse a missão que Deus me concedeu em me poupar do acidente. Mas estaria mentindo. Apenas o que descobri naquele dia é que tenho amigos maravilhosos que estarão do meu lado, me apoiando, em tudo que for necessário. Que, diferente do que imaginei, tenho um propósito de vida ainda: manter minha empresa de pé para ajudar tantos amigos que dependem dela.

A cada manhã que saí de casa durante esses quatro anos, fui com este pensamento em mente: meus amigos contam comigo.

Minha sogra tentou inúmeras vezes me convencer a recomeçar, a deixar o passado no passado.

Não quero isso. Em nenhum lugar está escrito que não posso simplesmente fazer meus dias passarem um depois do outro, numa contagem regressiva para minha morte.

Não preciso ter nenhum final feliz! Não preciso e não quero ser consertado como uma máquina que deu defeito e precisou passar por revisão.

Quem me olha de fora tem a impressão que recomecei. Por dentro, nunca foi possível. Nenhum sorriso nesses quatro anos realmente saiu de dentro de mim, são apenas desenhos que brotam no meu rosto, sem alcançar meu coração, com o objetivo de enganar as pessoas que estão em minha volta. A dor, a culpa sempre esteve presente durante todos esses anos.

Por isso, não quero mais falar com minha sogra. Maria não entende que a ver é ver um fantasma da sua filha. Uma sombra de um passado que nunca mais poderei viver. Um fantasma de algo maravilhoso que se apagou para sempre.

Pensar neles é uma coisa, mas ver aqueles olhos tristes me fitando é demais! Não preciso relembrar momentos, mesmo eu não consigo me torturar dessa forma.

Não preciso da pena de ninguém! A Nat e o Marcos apenas suportam tudo do meu lado, porque eles não têm papas na língua, me dizem a verdade por mais difícil que ela seja. Agora, pena? Não, isso jamais senti vindo deles.

Minha sogra é diferente, mesmo pelo telefone sinto as notas de pena escorrendo dela. Nos primeiros meses, aceitei com muita relutância sua presença do meu lado, afinal, ela também perdeu tudo de uma única vez. Com o passar do tempo, aquela necessidade dela de me ver recomeçando foi

me enchendo de tal maneira que simplesmente parei de atender suas ligações. Quando julguei que ela desistiria, depois de meses de silêncio, ela começou a ligar aqui na empresa, pois tinha algo muito sério para conversar comigo. Foi uma desculpa em cima da outra. Então começaram as ameaças de que se não atendesse ao telefone, ela viria até São Paulo para conversar pessoalmente. No fundo, pensei que era só ameaça, mas pelo visto, não. O que ela pode ter de tão sério e urgente para conversar comigo?

Esfrego meus olhos antes de afastar a cadeira e me levantar.

Dou meu dia por encerrado. Sem condição de me concentrar em nada por hoje.

Pego as chaves do carro, decidido a chegar antes ao restaurante onde jantarei com alguns clientes e deixar a bebida mascarar um pouco meu sofrimento. Ela tem sido meu antídoto nos últimos tempos.

Não bebo até cair na sarjeta desacordado. Bebo apenas o suficiente para não sentir um aperto tão grande dentro do meu peito.

Se funciona? As vezes sim, outras vezes não.

A verdade é que estou vivendo, um dia de cada vez.

3

Passa das onze quando entro no elevador do meu prédio, levemente embriagado, estressado e cansado depois de uma reunião com novos clientes em potencial, que como a Nat disse mais cedo, transcorreu em mais um acordo fechado com sucesso.

Fecho os olhos e mexo o pescoço de um lado para o outro. Estou tenso, mas nada que um banho quente, um relaxante muscular e uma boa noite de sono não resolvam. Queria mesmo era acabar essa noite nos braços de uma mulher bem-disposta, mas essa reunião terminou muito depois do que imaginava.

As portas do elevador abrem, saio e viro para o corredor que leva até meu apartamento, então a vejo sentada no chão, com as costas apoiadas na porta. Minha primeira reação é virar e sair correndo, mas não tenho tempo, ela logo ergue a cabeça e me encara.

— Maria.

— Boa noite, Jacson.

— O que você está fazendo aqui?

— Te encurralando no único lugar que tinha certeza que encontraria você em algum momento. Passei na empresa, mas a Nat disse que estava viajando. Não consegui acreditar nela, resolvi ficar aqui um tempinho só para tirar a prova. Minhas suspeitas estavam corretas — diz se erguendo com certa dificuldade do chão.

Sinto-me um monstro, pois Maria tem mais de 50 anos de idade. Ela

sentada aqui no corredor na frente da minha porta não é uma imagem muito agradável, mesmo para um ser insensível como eu.

— Por que está fugindo de mim? — questiona sem deixar espaço para continuar minhas divagações.

— Não estou fugindo, apenas não quero conversar com você.

— Por quê? — É perceptível a mágoa na sua voz.

Apenas balanço os ombros, olhando para o chão.

— Jacson, olha para mim e responde, por quê?

— Maria — começo com a voz abafada. — Você me lembra dela. Olhar seus olhos é como ver a Flávia me olhando de volta. É muito para eu aguentar, desculpa.

— E já parou para pensar que ver você me lembra do meu neto? Você está sendo egoísta comigo. Perdemos tudo naquele acidente, o mínimo que poderíamos fazer é manter contato.

— Desculpa, Maria, mas não consigo. — Delicadamente a afasto para o lado e destravo a porta. — Já que está aqui, entre, por favor, disse que tinha algo para conversar, melhor terminarmos com isso logo.

Entramos no apartamento e me dirijo até a cozinha para pegar um copo de água. Minha vontade é pegar uma dose dupla de uísque, mas me contenho.

— Aceita uma água, um suco?

— Uma água. — Sua voz atravessa a sala.

Depois de uns minutos me acalmando, volto para onde Maria está, já sentada no sofá.

— Mesmo se escondendo atrás desse monte de barba que tem no rosto, você está melhor, meu filho, bem mais corado do que a última vez que te vi.

Apenas dou de ombros. Não posso dizer que estou mal fisicamente, faço corridas e pratico natação regularmente, tenho uma saúde boa. Meu problema está por baixo dessa casca que carrego por aí todos os dias, mas

isso ninguém precisa saber.

— Levando a vida, Maria, um dia de cada vez.

— E a empresa, como anda?

— Bem, prosperando.

— Isso é bom, Flávia ia ficar muito feliz, sabe disso, né?

— Sei, Maria, essa empresa era o sonho dela também. Por isso minha vida é aquele lugar. Mais que funcionários, o que tenho lá é uma família, meus amigos. É por isso que dou tão duro para que aquilo lá cresça cada vez mais. Eu cresço, eles crescem, todos ficam felizes e posso continuar dormindo toda noite com a sensação de dever cumprido. E a ONG, como está? — Mudo de assunto bruscamente tirando o foco da conversa da minha vida.

— Maravilhosamente bem. Além da ajuda financeira que recebemos de você, temos mais alguns patrocinadores. Isso me ajudou a colocar em prática o projeto com as crianças com necessidades especiais. Contratei uma psicóloga e duas professoras para trabalhar com elas no contraturno escolar. Além de uma professora especializada em deficiência visual.

— Que bom, esse era um passo muito importante. Caso precise de algum reforço financeiro, é só falar.

— Pode deixar, filho, mas o que gostaria mesmo é que frequentasse algumas reuniões dos grupos de apoio. Tenho certeza que isso iria te ajudar a se perdoar e voltar a viver.

— Não preciso de meu perdão. Além disso, eu vivo, Maria, dentro das possibilidades do que sobrou da minha vida. Não me peça mais do que isso, pois é impossível. Só eu sei a força que preciso fazer a cada manhã para levantar da cama e encarar minha vida sem eles do meu lado.

— Posso imaginar, Jacson, para mim também é difícil.

— Você disse que precisava falar comigo algo urgente. — Corto sua

fala não querendo prolongar mais a sessão "tente recomeçar, meu filho".

— Sim. Um assunto um pouco delicado, mas que mudará o rumo da minha, da nossa vida na verdade, e por isso precisamos chegar num consenso.

— Qual assunto pode ser tão delicado assim na sua vida e que precise da minha interferência?

— Bom, sabe que quando fizeram o tratamento para fertilização in vitro, sobraram outros embriões na clínica.

Susto? Digamos que isso foi pouco para o assunto da conversa.

— Nossa. Admito que não esperava que *isso* fosse tão urgente. Por que tocar nesse assunto agora? — respondo até meio zozado depois do choque.

— Porque temos um problema, Jac. A clínica tem um período em que os embriões ficam congelados. Se não forem solicitados, eles serão eliminados.

— Por que isso seria um problema?

— Porque esses embriões não podem ser simplesmente eliminados. Temos que usá-los enquanto temos tempo, Jacson.

— O que está sugerindo? — Balanço a cabeça de um lado para o outro quando as coisas começam a fazer sentido. — Não, Maria. Prefiro acreditar que estou ligando os pontos errados nessa história. — Falo balançando a cabeça e rindo diante do absurdo que acabei de escutar.

— Estou sugerindo que usemos esses embriões.

— Você está louca, Maria? — Levanto num pulo do sofá.

— Não estou, pense comigo. — Também se levanta do sofá e começa a falar gesticulando e com a voz alta. — É uma forma de termos um pedacinho deles novamente aqui conosco, Jacson. Seria uma forma de recomeçar a sua...

— Nem pense nisso! Tenho o maior respeito do mundo por você, Maria, mas nem pense em continuar falando essas besteiras!

— Não é besteira, sei que está chocada agora. Pense, essa criança

poderia suprir a falta do Duda...

— NÃO PRECISO DE NINGUÉM PARA SUBSTITUIR O EDUARDO! — Acabo me descontrolando e gritando.

— Não vai substituir ninguém, Jacson, apenas suprir a lacuna que eles deixaram na nossa vida.

— Não, inferno! Mil vezes não! — Respiro fundo tentando me acalmar, enquanto caminho de um lado para o outro na sala.

— Pense, Jacson — ela começa a falar, mas a interrompo.

— Não quero pensar, não preciso pensar. Isso é a maior maluquice que ouvi na minha vida! Depois eu que tenho que recomeçar? Você está transtornada apenas por imaginar uma coisa dessas.

— Não é. Já analisei essa possibilidade muito antes de tomar coragem de conversar sobre isso com você. Tenho certeza que seria o que a Flávia quereria!

— Você não sabe de nada! — esbravejo enquanto a fito com raiva.

— Sei, sim! É o que ela faria, tenho certeza — minha sogra fala demonstrando desespero.

— Nunca, jamais vou autorizar isso! — Cerro as mãos bruscamente ao lado do meu corpo.

— Não pode me privar disso, dessa chance única de ter um neto aqui comigo.

— Ah!? Não posso te privar de ter um neto, mas posso privar essa criança de ter a mãe, isso que está sugerindo? — Mal consigo me segurar de tanta vontade que sinto de berrar com ela.

— São coisas diferentes! Eu seria a mãe e a avó dessa criança.

— Jesus! Isso é a coisa mais egoísta que você já disse.

— Você que está sendo egoísta.

— Maria, vamos esquecer esse assunto, por favor. — Apoio as mãos na

minha cintura, fecho os olhos respirando profundamente, tentando me acalmar.

— Não posso esquecer, Jacson. Depois que comecei a pensar nisso, vi que é a única maneira de conseguir acabar com essa dor dentro do peito. Poder ter um pedacinho da minha filha novamente nos meus braços será como sentir o Duda aqui também.

— Não pode estar falando sério.

— Jacson, eu te imploro, pense nisso, é a solução perfei...

— Maria, por favor, não continue. Não existe solução perfeita, eles morreram, não podem mais voltar! — Minhas mãos agora seguram seus ombros, chacoalhando-os de leve como se pudesse a fazer enxergar o absurdo que sai de sua boca.

— Você me deve isso, Jacson! — fala quando as primeiras lágrimas rolam de seus olhos.

— Eu devo isso? Por quê? — Um gosto amargo invade minha boca, temendo as palavras que ela pronunciará em seguida.

— PORQUE ERA VOCÊ QUEM ESTAVA NO VOLANTE! VOCÊ MESMO FALA QUE ERA O ÚNICO QUE PODIA TER IMPEDIDO QUE ISSO ACONTECESSE! — grita em meio aos soluços.

Um silêncio constrangedor invade o apartamento, nem o som das nossas respirações preenche o ambiente. É como se tudo congelasse ao redor e apenas as palavras dela continuassem a fazer eco contra as paredes do apartamento.

Solto seus ombros e caminho até a janela, cerrando minhas mãos fortemente contra a lateral do meu corpo.

— Perdão, Jacson. Não penso isso, falei no calor do momento. Foi uma fatalidade, ninguém tem culpa pelo que aconteceu — ela interrompe o silêncio após alguns instantes.

— Vai embora, Maria. — Minha voz sai ácida, meio sussurrada entre os dentes.

— Jac...

— Por favor, Maria, em consideração ao resto do respeito que tenho por você, dê o fora desse apartamento — falo com o resíduo de minha paciência.

— Eu vou embora, mas, Jacson, me prometa apenas isto, que pensará a respeito.

— Posso pensar nisso o quanto for e minha resposta sempre será não, Maria. Providencie o que for necessário para o descarte dos embriões. A única razão para que eu tivesse vontade de criar laços familiares morreu há quatro anos. Não pretendo colocar em prática nenhum desses sonhos sem ela do meu lado. Sugiro que, para seu bem emocional, aceite isso logo e mantenha distância de mim daqui para frente.

Ela exala forte, vejo que hesita por alguns momentos, mas instantes depois ouço a porta do apartamento sendo aberta e fechada. Dou um soco na parede para descarregar a minha raiva, mas não serve para nada, além de machucar a minha mão, pois ainda sinto as palavras dela borbulhando e queimando dentro do meu peito.

PORQUE ERA VOCÊ QUEM ESTAVA NO VOLANTE!

Caminho até a cozinha, pego um copo e a garrafa de uísque, sento com as minhas costas apoiadas na parede, com o único intuito de fazer as palavras dela desaparecerem da minha mente, nem que para isso eu precise secar toda a garrafa de bebida e mais quantas forem necessárias.

— Conheço os meus pecados, Maria, sei da minha culpa. Nunca serei capaz de esquecer meus erros e me perdoar. Nunca... — murmuro entre um gole e outro do líquido que pouco a pouco, vai desaparecendo da garrafa e entrando no meu corpo.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

4

Acordar, empresa, bar, bebida, sexo sem sentido, casa, bebida, dormir, e começar tudo novamente.

Dias emendam com noites, noites com dias e assim vou levando. Esse é o ciclo da minha vida.

Um dia depois do outro. Um dia a mais (ou a menos) de sofrimento.

Minha mente simplesmente bloqueou qualquer assunto relacionado à visita da Maria, por isso quando a Nat falou que o advogado da clínica estava aqui para falar comigo, num primeiro momento, fiquei sem entender o motivo. Depois, as coisas clarearam na minha cabeça, lembrei que tinha pedido para que minha sogra providenciasse o descarte com a clínica. Mesmo relutante, sabia que precisava resolver logo isso.

— Boa tarde, senhor — cumprimento o homem que entra na minha sala e faço um gesto para que se sente na cadeira em frente à mesa.

— Boa tarde, Sr. Jacson. Sou Carlos, advogado da clínica de Fertilidade *Materday*.

— Minha secretária já me informou, Sr. Carlos. Meu dia está extremamente corrido, então não precisa me explicar todo o procedimento. Creio que minha sogra tenha conversado com vocês e já tenha acertado os detalhes. Quero apenas assinar logo esses papéis e acabar com isso.

— Sr. Jason, entenda, em casos desse tipo, preciso explicar que é irreversível. Temos alguns procedimentos de rotina, tenho que lhe passar

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

todos as implicações legais sobre isso, riscos...

— Dispensio qualquer explicação, como disse, quero apenas encerrar essa história de uma vez por todas. Eu e minha sogra já decidimos que fazer isso é o correto. Indique-me os locais em que preciso assinar e, se preciso, procure minha secretária para que ela indique o cartório que pode reconhecer as assinaturas. Depois basta me mandar o extrato com as faturas que providencio o pagamento de qualquer despesa envolvida no processo.

— O senhor tem certeza disso?

— Absoluta.

Assino em todos os locais indicados e em menos de 5 minutos, ele já deixou meu escritório.

Não posso dizer que me sinto feliz com isso, estaria mentindo. Todos os assuntos relacionados ao nosso passado juntos são extremamente dolorosos. Quando procuramos essa clínica, éramos um casal cheio de sonhos.

Flávia sofria de endometriose, o que dificultava uma gravidez. Num tratamento relativamente rápido, conseguimos que ela engravidasse do nosso amado Eduardo. Porém, nossos planos eram que, assim que o Duda tivesse dois aninhos, tentaríamos mais uma gravidez com os outros embriões que restaram na clínica. O sonho da Flávia era ter pelo menos 3 filhos. Lógico que se era um sonho da Flávia, automaticamente se tornou um sonho meu também.

Infelizmente, a tragédia que se abateu sobre nossa família destruiu todos esses planos, quando levou para longe não apenas o amor da minha vida, mas o anjinho de luz que ela tinha me dado e que tive a honra de chamar de filho.

Como, sem eles aqui, poderia começar uma família? Criar um filho, que era fruto do nosso amor, sem que ela estivesse por perto para presenciar

todos os sorrisos dessa criança?

Eu não poderia. Não seria justo com ela. Nem com essa criança que cresceria sem mãe. Não sei como em algum momento a Maria pôde cogitar essa possibilidade.

Principalmente, não seria justo comigo, ser feliz, quando o que mereço é apenas sofrimento e solidão.

Perdoe-me, querida, mas não posso fazer isso sem você aqui.

No final do dia, Nat me avisa que minha sogra está ao telefone. Como mais uma vez me nego a atendê-la, ela deixa apenas um recado, perguntando se tenho certeza dessa decisão, que não quer que eu me sinta pressionado. Diz as mesmas palavras do advogado da clínica: essa decisão não tem mais volta. Sei muito bem que não volta, estou ciente disso. Tenho certeza do peso da minha escolha. Nem me dou o trabalho de responder ao seu recado.

De noite, depois de mais uma rodada do meu remédio para camuflar a dor, quando deito a cabeça no travesseiro, meu último pensamento é que mais uma página foi virada. Outro capítulo encerrado. Mais um sonho destruído.

5

— Bom dia, Nat. — Passo pela mesa dela e dou um beijo no topo da sua cabeça.

— Bom dia, Jac. Cara de quem não dormiu muito bem. Pesadelos? — Olha para mim com aquele jeito de quem está dando bronca.

— Apenas uma noite difícil, mamãe — digo com sorrisos enquanto entro na minha sala.

— Já vai ver a mamãe! — Ouço seu resmungo nas minhas costas.

Cinco minutos depois ela entra na minha sala, com uma xícara de café e minhas correspondências pessoais, colocando tudo sobre minha mesa.

— Poxa, Natalia, você podia ser uma secretária bem legal e abrir essas daqui também, né.

— Negativo, vai que abro uma assinatura de pay-per-view de sexo! Nem pensar nisso! — Cai na risada.

— Você e suas teorias malucas. Sou esperto o suficiente para colocar isso no cartão de crédito. — Dou uma piscadinha marota, depois pego os envelopes e vou olhando um por um. — Conta de telefone. Fatura de cartão de crédito. Débito. Débito... — Vou fazendo uma pilha para aquelas que vão para o lixo.

Um envelope chama a minha atenção no meio dos outros.

— É da clínica — Nat sussurra.

— Sim. — Fico segurando o envelope em minhas mãos. — Deve ser a

fatura para pagamento, verifique as despesas, Nat. Faça os pagamentos direto da minha conta pessoal, por favor. — Estendo o envelope para ela, que pega com sua mão levemente trêmula.

— Tudo bem, não prefere abrir?

— Não é necessário, Nat, apenas faça o pagamento, ok? — Olho mais alguns envelopes e os estendo também. — Verifique estes também, se não estiverem no débito, por favor, providencie junto ao gerente do banco para os próximos meses.

— Pode deixar, já vejo em seguida. — Ela se volta para sair da sala, mas interrompe e me questiona: — Você está bem, Jac? Quer conversar? — Seu tom de voz demonstra preocupação genuína.

— Não se preocupe, Nat, estou bem de verdade. — Abro um falso sorriso.

— Jura que me engana, né, Jac? — Cruza as mãos na frente do peito.

— Estou bem, dentro do possível. — Cruzo os braços também e me apoio no encosto da cadeira. — Melhor essa resposta?

— Mais verdadeira, pelo menos. Sabe que estamos aqui para o que precisar, né?

— Eu sei disso, querida.

— Essa decisão é a que julga melhor para você, não vou te condenar por isso. Mas estou percebendo como está abatido nessas últimas semanas. Tudo que não quero é ver você no fundo do poço novamente, Jac, não tenha vergonha de pedir ajuda.

— Pode ficar tranquila, nunca mais você e o Marcos vão me ver daquele jeito, Nat.

— Promete?

— Prometo, mamãe. — Faço vozinha de criança e caímos na gargalhada. — Agora vai lá que estou com o dia cheio, e você também, não

te pago para ficar de papo.

— Até parece que você manda em mim. Vou porque estou cheia de coisa e quero sair mais cedo, não porque está me mandando — declara com tom de brincadeira na voz.

Assim que fico sozinho na minha sala, apoio os cotovelos na mesa e esfrego as duas mãos no rosto. Tive uma noite terrível, cheia de pesadelos. Era fechar os olhos que minha mente era invadida pela lembrança do acidente.

Mesmo agora que estou acordado é difícil me desviar daquelas sensações que me assombram. Sinto os sons dentro da minha cabeça, parece que os vidros estão novamente cortando minha pele. Sou aterrorizado pela visão daquele olhar.

Essa história toda dos embriões mexeu demais comigo, tornou o sofrimento mais presente, mais vivido, intenso. Não que ele tenha diminuído, mas com os anos, passou a ser administrável. Porém, desde que o cara da clínica esteve aqui há pouco mais de uns dois meses, tudo está turbulento.

Mas agora acabou. Essa fatura é o último passo dessa história toda. Basta ter mais um pouco de força, um dia de cada vez e as coisas vão voltando à normalidade.

O dia passa num borrão. São quase quatro da tarde quando a Nat entra na minha sala meio assustada.

— Jac... Quero te perguntar uma coisa.

— Se é para avisar que vai sair mais cedo, nem perca seu tempo, pode ir — falo ainda sem me virar para ela, concentrado na digitação do resto de um e-mail.

— Não é isso, é outra coisa. Você... no dia que... o cara da clínica veio aqui, chegou a falar de valores com ele?

— Não — respondo rispidamente. — Por quê, Nat?

— Os valores estão meio altos.

— Ah, Nat, por favor, resolva isso para mim, não tenho cabeça para ver os pormenores desse assunto.

— Desculpa, Jac, é que... está bem alto mesmo, não iria te encher com isso se não estivesse mesmo gritante esse valor.

— Resolve, Nat. — Olho para ela. — Confio em você para encerrar esse assunto. Quanto menos me envolver mais fácil será para mim. Posso contar com você?

— Ok, desculpa — responde um pouco sem jeito.

— Eu que peço desculpa, querida. — Apoio minhas costas na cadeira e fecho os olhos. — Faça o pagamento, Nat, apenas isso, ok? — Volto a olhar na sua direção.

— Pode deixar, Jac. — Abre um sorriso fraco e sai da sala.

Nos próximos dias, sinto que alguma coisa está errada. Cada vez que passo do lado da Nat, ela arregala os olhos e fica branca. Já questionei várias vezes se ela está bem. Meu medo é que ela esteja me escondendo algum problema de saúde, ou algo mais sério, para me poupar de sofrimento.

Não sei o que é, mas essa sensação ficou comigo durante os últimos dois dias. Por isso, quando ela abre a porta do escritório, entra, se sentando direto na cadeira na frente da minha mesa e ainda trazendo junto com ela o Marcos, em pleno horário de expediente, por seja lá o que aconteceu, sei que é grave.

— Oi, cara — Marcos me cumprimenta muito nervoso.

— Quem morreu? — Já rebato logo de cara.

— Ninguém, cara, credo — Nat ralha comigo.

— Você está doente? É você, cara? — Fito o Marcos com os olhos arregalados na minha frente.

— Nem uma coisa nem outra. Apenas respira e se acalma — Marcos

responde bastante agitado.

— Para os dois estarem aqui com essa cara, às três horas da tarde, sei que o negócio é grave. — Eles apenas trocam um olhar cúmplice.

— Vão, falem logo.

— Jac... — Nat começa meio vacilante. — Você vai surtar. — Ela fecha os olhos e exala profundamente.

Marcos estende a mão e aperta suavemente a dela, dando apoio para o que tem para me contar.

— Por favor, Jacson, não surte — ela fala como uma prece, ainda de olhos fechados.

— Nat, pelo amor de Deus, se não falar logo, vou surtar antes de sequer saber o que vocês estão escondendo.

— Meu Deus, como eu falo isso? — ela sussurra ainda de olhos fechados.

Olho para meu amigo que está tão ou mais assustado que a Nat.

— Falando, simplesmente me conta o que está acontecendo.

— Deixa que eu começo, Nat. — Ela abre os olhos e faz um gesto com a cabeça. — Não tem como enrolar isso, Jac, por isso serei apenas direto. Você leu os papéis que assinou quando aquele cara da clínica veio aqui?

— Esse assunto de novo? Não quero...

— Responde, Jac! Leu ou não leu? — Marcos me corta com a voz exaltada.

— Não li nada daquela porcaria! Por que ficar me torturando mais com esse assunto? Assinei e pedi para procurar a Nat para reconhecer firma.

— O que ele disse quando trouxe esses papéis, Jac? — Dessa vez é a Nat quem questiona.

— Nat, nem lembro direito, apenas assinei e o mandei fazer o que fosse necessário, depois mandar a fatura para o pagamento, por que todas essas

perguntas agora? Você já me disse que o valor estava alto e já falei que não importa. Faça o pagamento e pronto, não precisava ter falado com o Marcos sobre isso.

Marcos, além de meu amigo, é meu advogado, e é isso o motivo desse questionamento todo.

— Jacson, não é pelo valor que estou aqui, e sim pelo que você está pagando.

— Não entendi, Marcos, como assim pelo que estou pagando?

— O que você acha que está pagando, Jac? — Nat me pergunta com a voz embargada.

— A eliminação dos embriões. O que mais eu poderia estar pagando?

— Ah, droga! — Nat leva as duas mãos até a boca e seus olhos se nublam de lágrimas. — Eu falei que ele não sabia de nada disso, Marcos. — Olha para meu amigo que levanta da sua cadeira e a abraça.

Fico olhando completamente perdido para os dois.

— Você pode me explicar por que está chorando, Nat? — Espero uma resposta, mas os soluços dela só aumentam. — Natalia? Marcos? — Um sensor dispara dentro do meu peito.

— Cara, temos um problema muito sério aqui — fala afastando a Nat de seus braços e voltando a se sentar na cadeira. — Quantas vezes já disse para não assinar nada sem ler?

— Marcos, não importa o valor que está sendo cobrado...

— Isso não tem nada a ver com dinheiro, porra! — esbraveja e levanta caminhando de um lado para o outro. — Se você soubesse a merda que fez quando assinou aqueles papéis sem ler...

— Mas que inferno! Fala logo que merda foi essa que eu fiz! — Me levanto também e dou um soco na mesa.

— Irresponsável! Isso que você é! — Meu amigo para de caminhar e

grita com o dedo em riste na minha direção.

— Não vou admitir que grite comigo! — Dou um pulo do meu lugar e agarro o colarinho da blusa do Marcos.

— Cala a boca, Jacson! — Nat grita saindo de seu estado de choque. — Cala a sua boca!

Tanto eu quanto o Marcos nos assustamos com os gritos dela e paramos no lugar, olhando na sua direção.

— VOCÊ É UM IDIOTA, JACSON! MEU DEUS, COMO VOCÊ FOI UM IMBECIL! E NÃO ESTOU DIZENDO ISSO COMO A PORRA DE SUA SECRETÁRIA, ESTOU FALANDO ISSO COMO SUA AMIGA! — berra com toda sua força. Depois respira fundo e continua num tom de voz mais contido. — Sabe quanto veio na PORCARIA da fatura daquela clínica? CINQUENTA. MIL. REAIS — fala pausadamente.

— Uia... Realmente, alto. Mas acho que tenho essa economia no banco. Pague! — retruco envergonhado.

— Pague e pronto! Como queria que fosse tão fácil assim resolver esse problema.

Levanta e para na minha frente.

— O problema, como disse o Marcos, não é o valor, mas sim, o que está pagando.

— E o que seria isso?

— Esse valor é para pagar a implantação de embriões e todo o tratamento de acompanhamento. — Despeja as palavras num fôlego só.

— Como? — Aperto os olhos como se tivesse imaginado as palavras que saíram de sua boca.

— Implantação dos embriões e acompanhamento da gestação — repete calmamente dessa vez.

— Mas por que estão me cobrando novamente, já paguei tudo isso

quando fizemos a inseminação do Duda — murmuro meio perdido.

— Não é por aquele serviço que está pagando. Esse valor é pelo novo tratamento — Marcos responde de maneira cautelosa.

Olho do Marcos para Nat, como se estivessem falando a maior besteira do universo.

— Espera. — Me jogo na primeira cadeira que encontro. — Só posso estar entendendo isso tudo errado.

— Não, Jacson — Nat diz se abaixando e ajoelhando na minha frente, apoiando as duas mãos nas minhas pernas. — É exatamente isso que está ouvindo: novo tratamento.

— Como assim, *novo*, Nat? Se os embriões foram destruídos.

— Se tivesse lido os papéis entenderia perfeitamente o que estamos tentando te explicar aqui. Os embriões não foram destruídos, Jacson.

— Deus! Que novo tratamento é esse, Nat?

— Não sei o que sua sogra fez, Jacson, mas os papéis que você assinou eram autorizando a implantação dos embriões.

— Impossível! Disse com todas as letras para a Maria que isso nunca ia acontecer! Mandeí procurar a clínica para realizar o descarte dos embriões.

— Mas aconteceu, Jacson. Fui pessoalmente à clínica para checar todas as autorizações necessárias. Estava tudo lá, assinado e reconhecido firma. Você não apenas autorizou o uso dos embriões, como passou uma procuração para que Maria pudesse fazer todo o restante dos trâmites necessários.

— Cara, está claro que fui enganado pela Maria, isso não pode acontecer, entre com uma ordem judicial cassando essa procuração imediatamente, para terminar logo com essa besteira toda.

— Impossível, Jac.

— Impossível porra nenhuma! — berro enquanto me levanto da cadeira. — Não pode deixar isso acontecer de maneira nenhuma.

— Fugiu do meu controle, Jac...

— Vou ligar agora para a clínica e acabar com essa palhaçada de uma vez!

— Não tem como, Jac, os embriões já foram implantados — Nat diz com a voz fraca.

— Quê?

— Eles já implantaram os embriões, Jac — Nat fala devagar, como se testando o peso das palavras.

Volto a desabar na cadeira, dessa vez sem conseguir visualizar nada ao meu redor.

Não posso ter ouvido direito. É apenas mais um pesadelo. Vou acordar daqui a pouco. Minha mente está criando essa história toda depois do estresse desses últimos dias.

— Aconteceu, Jacson. — A voz da Nat soa como se tivesse lido meus pensamentos.

Deixo de respirar. Uma única frase pulsa na minha mente.

Os embriões já foram implantados.

Os embriões já foram implantados.

Os embriões já foram implantados.

Sua voz fica se repetindo dentro da minha cabeça.

— Me diz que não deu certo! — Praticamente vomito as palavras para fora de minha boca, com o coração apertado pela resposta que posso receber.

Permaneço de olhos fechados esperando, mas nenhum som é emitido no ambiente. Quando os reabro, me deparo com aquele olhar, aquele tão temido olhar de pena nos olhos de meus amigos. Não preciso de nenhuma palavra para constar que estou recebendo uma passagem só de ida para o inferno: deu certo!

Demora alguns segundos para que meus amigos consigam assimilar o

que acontece a seguir. Sou dominado pela fúria, derrubo todas as coisas que estão em cima da minha mesa, chuto cadeira, arranco o monitor do lugar e jogo no chão, quando vou arremessar o teclado contra a parede, os braços do Marcos me imobilizam por trás.

Estou uma confusão de sentimentos nesse momento. Grito, choro e me debato, tudo ao mesmo tempo. Fico berrando palavrões que nem eu consigo identificar. Permaneço me debatendo nos braços do meu amigo, até que o cansaço me vence e caio de joelhos no chão, ainda com o Marcos grudado em minhas costas.

Não sei em que momento a Nat se uniu a ele, mas quando dou por mim, estamos os três ajoelhados e chorando abraçados, totalmente arrasados pelo que acabou de acontecer.

— Nat, por favor, querida, me diga que isso é um engano, uma loucura, a Maria não pode ter feito isso comigo — murmuro entre soluços.

— Calma, querido, vamos resolver isso juntos — ela sussurra enquanto me embala em seus braços.

Pela primeira vez depois de muito tempo, não acredito na minha amiga. Esse problema não pode ser solucionado, pois eu ferrei tudo há quatro anos quando fui o único a sobreviver daquele maldito acidente.

Como posso aceitar a ideia de que em algum lugar por aí, tem um pedaço do coração da Flávia e do Duda pulsando?

Como poderei amar essa criança, quando tudo que restou dentro de mim foi culpa e ódio? Como posso me comprometer com algo tão grande, quando não fui capaz de honrar uma simples promessa?

6

Depois do choque inicial, tentei traçar um plano objetivo na minha cabeça. Questionei o Marcos sobre os meios legais para interromper esta gravidez, mas ele deu certeza que existia muito pouco que pudesse ser feito uma vez que a gestação fosse confirmada.

Dizer que estava transtornado pela raiva, motivado a matar minha sogra pela traição, seria uma forma suave de demonstrar o meu temperamento nesse momento.

— Vou processar essa clínica! Como eles podem fazer uma coisa dessas sem o meu consentimento?

— Jacson, esse é o detalhe, eles têm o consentimento! — Marcos responde já no fio da sua paciência.

— Vou processar a Maria então, como ela pode tomar essa decisão, passar por cima da minha vontade? Melhor, vou processar aquele advogado charlatão que veio aqui, com certeza estava de conchavo com a Maria para me obrigar a assinar aqueles documentos.

— Jac, agora precisa se acalmar. Uma coisa que precisa admitir foi que você não foi coagido a assinar nada.

— E depois Jac, talvez tenha sido melhor assim. — Nat se interrompe a conversa.

— Sim, claro Natália, muito melhor mesmo. — Digo de maneira irônica — Ter sido enganado pela minha ex-sogra, para colocar uma criança no mundo, para pertencer a uma família que eu matei! Nossa, foi melhor mesmo. —

Termino quase gritando.

— Você não os matou, Jac! Meu Deus!? Depois de quatro anos ainda não consegue ver que foi tudo uma fatalidade?

— Não importa se matei ou não. A resposta a essa pergunta não vai mudar a verdade de que estão mortos e eu continuo vivo, revivendo o inferno de estar sozinho a cada dia que amanhece! — Berro colocando toda minha raiva para fora — Nunca vou conseguir ser o que essa criança precisa, porque não quero ela!

— Essa criança será seu filho Jac! — Nat me repreende.

— NÃO! Meu filho era o Duda, essa criança...

— Essa criança é seu filho! Precisa se perdoar Jac. Quanto mais cedo aceitar isso mais fácil será lidar com a bagunça que você criou.

— Fica quieta Nat, estou pensando que pode até ter ajudado a Maria nesse plano maluco.

— Jacson! Cala a boca. Estamos aqui para ajudar você, mas não vou deixar que magoe a Nat e muito menos a ofenda, mesmo num momento de raiva como esse.

— Que merda! — Esfrego meu rosto com as mãos — Tem toda razão, Marcos, estou transtornando cara, perdão Nat. — Falo envergonhado da minha reação.

— Não consigo nem pensar o que está sentindo. Só que precisa separar a razão e os sentimentos por alguns instantes. Se acalmar agora, para colocar a cabeça no lugar. Essa gravidez existe e seu filho precisará de você.

Como num pacto de silêncio, ficamos alguns segundos quietos. Sinto os olhos dos meus amigos pesados sobre mim.

Preciso pensar. Preciso achar uma solução para essa confusão toda. Como a Nat disse, essa gravidez existe e essa criança.... Abro os olhos diante do meu pensamento.

Essa gravidez talvez exista, mas essa criança ainda não! Existe uma forma de resolver tudo isso.

— Essa gravidez realmente pode até existir Nat, mas não a criança. O que existe é apenas um feto, e se depender de mim, nunca vai deixar de ser isso!

— Meu Deus Jac, esse não é você! — Nat me repreende horrorizada. — O que está sugerindo? Um aborto ilegal?

— E por que não?

— É uma vida Jac!

— Não penso assim. — Respondo de forma ríspida.

Pego as chaves na minha mesa e vou saindo da sala.

— Jac, por favor, pare e pense. Isso não aconteceu por acaso, é uma chance que Deus está lhe dando...

— Nat, não! — Corto bruscamente sua fala — Eu te amo, te respeito e não tenho o direito de te magoar, como Marcos me lembrou a poucos minutos. Só que isso não te dá o direito de me lançar uma lição de moral, sobre algo que só diz respeito a minha vida. Não preciso de outra aula "você sobreviveu porquê tem uma missão a cumprir. "— Ergo minhas mãos fazendo aspas quando falo a última frase de maneira pausada.

— É nossa vida também. Sabe que te amamos cara, somos uma família, para os bons e os maus momentos — Marcos fala bastante irritado.

— Eu sei cara. — Caminho até ele e coloco a mão no seu ombro dando um leve apertão — Mas esse problema preciso resolver sozinho. Independentemente do que fizer, vou ser o único responsável pelas consequências.

— Pelo menos está consistente que existiram consequências — Nat fala olhando para o céu como se estivesse fazendo um agradecimento — Então promete que vai pelos menos se acalmar antes de sair daqui dirigindo nervoso. Dessa forma como está, pode acabar se envolvendo num acidente!

— Nat levanta e vem caminhando ao meu encontro.

— Me diz o que eu tenho a perder se bater a porra do meu carro e morrer!

— Vou perdoar todas as suas grosserias, porque está transtornado nesse momento. Não é você falando. — Ela me repreende e por alguns instantes e fico envergonhado. — Me dê a chave do carro, seja lá aonde quer ir, te levo.

— Você tem razão, não estou em condições de dirigir. Pode deixar, vou de Uber — Jogo a chave para ela.

Caminho apressado e paro na frente do elevador, apertando várias vezes o botão.

— Onde você está indo?

— Onde posso estar indo Nat? Atrás da única causadora dessa confusão toda! O elevador se abre e com um só passo estou dentro dele.

— Desmarque todas as minhas reuniões dos próximos dias, vou agora mesmo para Curitiba, resolver essa merda toda que minha ex sogra fez.

Ainda vejo a cabeça da Nat balançando antes das portas se fecharem.

Fecho os olhos e encosto minhas costas e minha cabeça na parede do elevador. Sinto como se o mundo estivesse se fechando a minha volta.

— Como vou consertar essa confusão toda! — Solto a respiração.

Chamo um Uber e me dirijo até minha casa para fazer uma mala com alguns itens básicos. Depois sigo para o aeroporto. De dentro do Táxi, acesso à internet e compro a primeira passagem que encontro para Curitiba.

Tendo nesse meio tempo, ligar para o telefone da casa da minha sogra, que toca até cair. Tendo o celular e o WhatsApp, também sem sucesso. Tenho certeza que está me evitando.

Chego ao aeroporto e logo estou fazendo os procedimentos para embarque.

Depois de pouco mais de 40 minutos, já estou pousando em Curitiba. Tendo novamente contato com minha sogra através dos telefones, só que ela continua não atendendo.

Entro num Táxi no aeroporto e vou direito para seu apartamento. Quando chego lá, fico mais de 15 minutos batendo na porta. Depois de muita insistência, um vizinho vem e fala que viu quanto ela saiu de manhã e não ouviu nenhum barulho no apartamento até agora.

Desço e fico ainda meia hora aguardando na portaria do prédio, sem sucesso. Assim como ela me encurralou na minha casa quando quis falar comigo, também sei onde com certeza, vou encontrá-la.

Resolvo ir para um Hotel e deixar o confronto para o outro dia. Porém, antes passo numa loja de bebida e garanto uma boa dose de "calmante", pois, ainda mais do que as outras noites, preciso esquecer o inferno que minha vida se transformou.

Só depois de muitas doses de bebida, consigo deixar a emoção das últimas horas transbordarem do meu corpo.

Tudo começou com algumas lágrimas solitárias, foram crescendo, até tomar conta de todo meu corpo. Acabei em prantos, todo vestido dentro do box do banheiro, com a água fria ligado no máximo, numa tentativa frustrada de retomar o controle das minhas emoções.

7

Depois de uma noite insone, sentindo o reflexo do excesso de bebida e das horas de choro chego à ONG que minha sogra criou e trabalha atualmente na administração.

Fico durante vários minutos parado na frente da instituição, olhando o prédio pintado da cor verde água e com imagens de crianças desenhadas nas paredes, todo cheio de plantas e flores plantadas no jardim de entrada.

Apesar de ser o principal financiador dessa ONG, vim aqui apenas no dia da sua inauguração. O nome da ONG é Amigos do Duda e na fachada tem uma foto da Maria e do Duda, um sorrindo para o outro, tirada no aniversário de um aninho dele. Uma imagem que transmite paz, amor, felicidade.

Esse projeto começou com o objetivo de dar apoio psicológico, médico e financeiro para pessoas que são vítimas de acidentes de trânsito. O projeto foi tão bem administrado pela Maria que conseguiu muitos outros apoiadores. Agora, além desse objetivo, ainda possui um projeto de reforço escolar para crianças que sofreram acidentes e perderam muito tempo de escola por causa do internamento e tratamento, além de atendimento para crianças com outras deficiências físicas, provisórias ou permanentes, que possuam dificuldade de aprendizagem. Era um dos sonhos da minha esposa dar aula de reforço a crianças com dificuldades. Além de uma mulher linda, Flávia era um ser iluminado, com um coração tão grande e raro. Sinto uma pontada de orgulho por saber que, de uma maneira bonita, ela deixou seu legado e está ajudando

muitas pessoas.

Entro no prédio meio inseguro e perdido em meus pensamentos. Uma mulher chega com uma menina, aparentemente deficiente visual. Ainda na entrada, é recebida por uma moça morena, muito sorridente. Logo se despede da mãe e segue com a menina, para entrar numa sala no início do corredor. Essa moça deve ser uma das professoras que foram contratadas recentemente para as aulas de reforço.

Antes de entrar na sala, a moça, como se sentindo que está sendo observada, olha na minha direção. Possivelmente me reconhece, pois, primeiro dá uma leve travada no lugar e desvia o olhar para o chão. Depois, volta a erguer a cabeça, dá um sorriso tímido, faz um leve gesto de cumprimento e entra na sala. Fico ainda alguns segundos olhando para onde ela estava, então respiro fundo e volto a me concentrar no objetivo que me trouxe até este lugar: confrontar a Maria.

Ando pelo corredor até onde lembro que seja a secretaria notando todas as modificações que foram feitas no local. No caminho, passo por algumas portas abertas e, apesar de ser cedo, já vejo algumas atividades sendo realizadas com jovens e adultos, como aulas de artesanato, pelo que consigo visualizar sem me demorar observando por muito tempo, para não causar constrangimentos.

— Oi!? Bom dia — cumprimento um jovem que está na secretaria.

— Olá, bom dia, ah! Sr. Ferraz. — Assim como a moça, o jovem me reconhece.

— Apenas, Jacson, por favor.

— Claro, Jacson. Sou o Antônio, trabalho na administração. Não estava esperando uma visita do senhor. — Levanta e estende a mão para me cumprimentar.

— Pode ficar tranquilo, Antônio, não vim fazer nenhuma inspeção. Por

sinal, parabéns pela organização, o prédio está ainda mais bonito do que quando vim aqui na sua inauguração.

— Obrigado, Jacson, mas não é apenas mérito meu, temos um grupo de voluntários que nos ajuda a manter o local assim. Sem mencionar, claro, a ótima administração da Dona Maria, que praticamente mora dentro da ONG.

— Por falar nela, ela já chegou?

— Sim, claro, ela chega cedo, traz a primeira turma de crianças para a fisioterapia, está lá na sala ajudando.

— E onde seria essa sala? — pergunto constrangido por não saber o básico sobre este local.

— Eu mostro para o senhor.

Seguimos por algumas portas até uma sala onde cinco crianças estão tendo uma sessão de fisioterapia. Mesmo para um leigo como eu, é possível notar que essas crianças possuem sequelas decorrentes de acidentes de trânsito. Sei que este é um dos objetivos desse local, possibilitar o acesso delas a serviços que, muitas vezes, são precários ou inexistentes no SUS.

Somente agora, vendo-as, o impacto desse trabalho social me atinge.

São crianças lutando para voltar a ter uma vida normal, ou pelo menos, mais perto daquilo que tinham antes dos acidentes que mudariam suas vidas. Passo os olhos pela sala e vejo um menino, com não mais que 10 anos, praticando alguns exercícios com a fisioterapeuta.

— Tia Jane, dói muito.

— Eu sei que dói, querido, mas precisamos fortalecer os músculos da sua perna. — Sua face não esconde a dor que cada movimento desperta no seu membro.

Nem com essa dor, ele desiste. Todas as palavras de incentivo da fisioterapeuta ajudam para que ele termine a sequência de movimentos necessários.

Um fato que deve ser cotidiano dentro da ONG, me desperta um sentimento bom e, ao mesmo tempo, ruim. Involuntariamente, sinto que coloco meu corpo na defensiva, cerrando minhas mãos na lateral do meu corpo, como se a dor daquele menino passasse a ser minha também.

Estou numa espécie de transe quando minha visão capta um movimento no canto da sala, e percebo que a Maria notou minha presença e caminha na minha direção.

— Jacson, por favor, aqui não — implora assim que chega perto, confundindo minha postura corporal tensa com uma possível onda de ódio direcionada a ela.

Não que a raiva não esteja borbulhando dentro de mim, mas a verdade é que, por alguns momentos, esqueci completamente o motivo de ter vindo.

— Aqui não mesmo, Maria — respondo ainda anestesiado pelo choque que recebi presenciando as atividades. — Mas agora!

— Preciso terminar de ajudar nos atendimentos — fala baixo para que apenas eu a ouça.

— Sim, claro, espero terminar.

— Antônio, leve o Jac para a minha sala, até eu terminar aqui.

— Pode deixar, Dona Maria.

Antes de deixar a sala, olho mais uma vez para o menino que agora está sorrindo de alguma coisa que a fisioterapeuta disse para ele. Sou guiado de volta para a secretaria e depois para uma sala no fundo. Assim que entro, me jogo numa cadeira, porque minhas pernas não seriam capazes de sustentar meu corpo por muito mais tempo.

Sempre julguei que essa ONG era uma forma de manter a memória da Flávia e do Duda viva. Bastou um breve instante vendo aquelas crianças, mais precisamente aquele menino, para perceber que é muito mais que isso. Não é nada que tenho que encarar como um prêmio de consolação para quem

conviveu com minha esposa e meu filho, mas sim, essa ONG é uma oportunidade para que muitas crianças e famílias voltem a ter uma vida normal, ou pelo menos, consigam diminuir as sequelas causadas pelo acidente.

Eu sabia disso, claro. Só que sua mente saber e seu coração enxergar são duas coisas completamente diferentes. Foi isso que eu fiz há poucos minutos: deixei meu coração enxergar o significado dessa ONG. Uma viagem de encontro à realidade, feita em míseros segundos, através do exemplo de força e superação de um menino.

Agora estou aqui, sufocado com a descoberta do peso dessa responsabilidade na minha vida, sem condições de ter essa conversa tão importante com minha sogra.

Num impulso, levanto e passo pelo Antônio quase como um borrão.

— Avisa a Maria que volto mais tarde.

Preciso primeiro absorver o que estou sentindo, recarregar meu autocontrole para, só então, voltar para essa que será uma conversa impactante na minha vida.

8

Sinto-me tonto, muito pior do que quando estou de ressaca. Estou confuso. Como se tivesse descoberto um segredo escondido durante anos. Ando a pé nos arredores da ONG durante muito tempo.

Desde o momento que descobri essa gravidez, foi como se tivesse retirado uma rolha que tampava meus sentimentos. Não consigo sequer descrever o que é essa dor que queima no meu coração. Talvez por esse motivo, tenha ficado tão chocado com o que vi na ONG, a luta daquele menino para retomar a sua vida. Algo que nunca conseguirei fazer comigo. O acidente não me deixou com sequelas físicas, mas sim, com feridas profundas e doloridas na minha alma. Feridas que mesmo que eu deixe quietas, tente não mexer, nunca cicatrizam, insistem em continuar sangrando e me matando aos poucos.

Apesar de minha mente estar a mil por hora, meu corpo está cansado fisicamente, então paro para tomar um café, deixando que tantas memórias venham à tona. Não apenas as memórias tristes, mas todas aquelas que tento enterrar dentro de mim.

Conheço a Flávia desde sempre. Não me lembro de nenhum momento da minha infância e adolescência que ela não estivesse do meu lado. Éramos vizinhos. Por não ter meus pais presentes, passava mais tempo com a família dela do que com a minha. Ela era filha única, por isso criamos um laço tão grande de amizade.

Porém, não passava disso: amizade! Sentia por ela um carinho de irmão mais velho, mesmo sendo alguns meses mais novo que ela. Não sei explicar como isso mudou, sei que um dia, simplesmente, acordei como em todos os

outros, fui trabalhar, fiz minhas atividades normalmente, só que quando cheguei à faculdade naquela noite, no retorno das férias de julho, fazia uns 15 dias que não via a Flávia pessoalmente e apenas trocávamos mensagens. Sentia uma pontada de ansiedade pelo reencontro.

Quando vi a Flávia, foi como se estivesse a vendo pela primeira vez. Parecia que havia tirado uma venda dos meus olhos e, de uma hora para outra, tivesse enxergado o mulherão em que ela tinha se transformado.

Meu Deus, como ela era linda! Estava vestindo um vestido soltinho de verão, com uma rasteirinha, o que a deixava ainda mais baixinha, com seus menos de 1,60cm de altura, curvas no lugar certo, olhos cor de mel, cabelo castanho claro até os ombros, que davam a impressão de que balançavam com o vento, sorrindo para mim, como se eu fosse a coisa mais importante do mundo, com aquele jeitinho doce e cativante que era só dela. Senhor! Meu corpo inteiro foi invadido por uma corrente elétrica. Claro que ela percebeu meu olhar, pois não bastassem meus olhos arregalados, estava praticamente babado. Qualquer pessoa num raio de quilômetros deve ter sentido a adrenalina correndo nas minhas veias e a protuberância nas minhas calças. Senti-me um pervertido por ter excitação pela minha irmã!

Lembro-me de que o sorriso morreu nos lábios da Flávia e um olhar sério brotou no seu lugar. Gelei e pensei: *fudeu!* Mas ao invés disso, ela chegou bem perto, me abraçou e, com a boca perto do meu ouvido, sussurrou: “*Até que enfim você me notou!*”

Meu mundo desabou naquela hora. Não era eu que a segurava, mas eram os seus braços contra meus ombros que me mantinham de pé.

Naquela noite, não teve aula nem para mim, nem para ela. Saímos de lá direto para minha casa, e digamos que descobri todos os segredos que aquelas roupas me esconderam durante anos. Sabia, depois de fazer amor com ela, que a Flávia era a mulher da minha vida.

Então, se você perguntar quando conheci a Flávia, diria que foi na faculdade, pois, daquele dia em diante, foi explosivo. Passamos praticamente todas as noites juntos e, quando percebemos, estávamos morando juntos. Foi forte, verdadeiro e fulminante. Nunca tivemos dúvidas do que sentíamos um pelo outro, me descobri apaixonado perdidamente por minha amiga de infância e vice-versa. Nosso relacionamento era fácil, pois nos conhecíamos muito, tanto dentro como fora da cama.

Sabia do desejo dela de ser mãe, por isso, nem tínhamos terminado a faculdade quando começamos as tentativas. Achamos estranho que mesmo praticando tanto (sim, nós transamos como dois coelhos), ela não conseguisse engravidar. Procuramos um médico e logo descobrimos que o problema não era de fecundação e, sim, causado pela endometriose que ela tinha.

Diante das possibilidades que foram apresentadas, optamos pela fertilização in vitro. Por isso, logo após a nossa formatura, fizemos o tratamento e em menos de 6 meses ela estava grávida do Duda.

Lembro-me da felicidade que sentimos quando fomos juntos buscar o resultado do exame de sangue. Ficamos abraçados um tempão, simplesmente curtindo aquela sensação, aquela alegria de aumentar a nossa pequena família, da criação de um elo eterno nas nossas vidas.

Todos os dias, quando acordei durante aquela gestação, eu pensava: um dia a menos para abraçar meu bebê.

Foi exatamente isso que aconteceu, nos dois anos que tive o Duda comigo, essa criança se transformou no centro do meu mundo, ou melhor, do meu universo.

Não existia nada que se opusesse a minha proteção com aquele menino. Ele foi a minha prioridade, deixando até minha vida social de lado. De tal forma que nos últimos meses antes do acidente, até meu casamento estava com problema, Flávia reclamava que eu deixei de ser seu marido, para ser

apenas o pai do Duda. Nossa pior briga foi no dia que descobri que ela estava procurando uma escolinha para deixar o Duda no próximo semestre. Surtei, pirei! Como ela podia querer colocar uma criança de 2 anos na escola? Flávia me explicou que seria apenas meio período, porque ela queria começar a prepará-lo para uma possível gestação, explicou que seria bom para ele o contato com outras crianças, que ela precisava de mais tempo para se dedicar à empresa. Eu fiquei louco, simplesmente louco. Foi a nossa primeira crise. Flávia chegou a falar em separação. Disse que se sentia sufocada com a proteção que eu dava para o Duda, que parei de enxergá-la como mulher e passei a vê-la simplesmente como a mãe do Duda. Tenho que concordar com ela. Negligenciei muita coisa, não conseguia conciliar o papel de pai com todas as atividades que precisava desenvolver. Então, deixava todas em segundo plano e me concentrava apenas em proteger e cuidar do meu pequeno.

Não que isso fosse ruim, claro que não! Mas deixei mesmo meu casamento em segundo plano. Isso preocupava a Flávia, porque eu mimava muito o Duda.

Geralmente, é a mãe que é assim, super protetora com os filhos. Mas ali os papéis eram invertidos, o super protetor era eu!

Não sei por que desenvolvi esse medo doentio de que alguma coisa fosse acontecer com ele. Tinha tanto medo que ficasse doente, que caísse e se machucasse. Fiquei paranoico! O problema estava tão sério que a Flávia sugeriu que eu procurasse um psicólogo, caso contrário, mesmo me amando muito, nosso casamento estaria correndo risco, e que só concordaria com uma nova gravidez se eu conseguisse mudar a forma que lidava com meu papel de pai.

Eu amava a Flávia e, se ela estava sugerindo isso, era porque realmente tinha passado do estágio de ser apenas um pai presente para ser um pai

transtornado. Estava começando as sessões com o psicólogo quando aconteceu o acidente.

Hoje, sei que tudo que sentia era uma premonição. Meu maior erro foi não ter protegido meu filho de mim mesmo, pois eu fui quem o levou para a morte, junto com o amor da minha vida, minha doce e querida Flávia.

O que ninguém sabe é que, no dia do acidente, a Flávia não queria ir à sorveteria, disse que estava cansada. Mas como o Duda estava bem chatinho, possivelmente pelos dentinhos que estavam nascendo, queria distrai-lo. Contra a vontade de Flávia, estava indo levá-lo sozinho, pois tinha lido na internet que o sorvete ajudava a aliviar a coceira e o incômodo na gengiva do bebê. Então, no último momento, a Flávia resolveu que mesmo cansada nos acompanharia.

Se houvesse um meio de alterar os acontecimentos desse dia, nunca teriam saído de casa. Seria o pai mais ausente do mundo. Seria um péssimo marido. Daria o tempo que ela pediu. Faria tudo, qualquer coisa mesmo, para ter a oportunidade de tê-los do meu lado novamente, mesmo que para isso eu tivesse que deixar as suas vidas.

Quando perdi os dois, perdi minha vida, minha motivação para continuar lutando, perdi o colorido do mundo que simplesmente parou de girar e se transformou numa sucessão de dias escuros e tristes.

No dia que descobri a gravidez do Duda, eu vibrei de emoção, tão diferente do que sinto agora, quando descubro essa possível gravidez.

Sinto-me traído pela vida, como se essa gestação fosse uma fraude, uma tentativa de manter aquela família e aqueles sonhos em pé. Como se a vida estivesse gargalhando na minha cara, me mostrando tudo aquilo que perdi.

Não se trata apenas de não poder, mas sim, de não conseguir!

Se não estava preparado para ser pai quando a Flávia estava do meu

lado, imagina agora que estarei sozinho? Mesmo amando tanto o Duda, eu errei daquela maneira. Imagina o que vou errar agora com esse por quem não sinto nada? Se já querendo muito um filho, fiz tudo para protegê-lo e no final fui o responsável por sua morte, imagina agora que não quero essa criança?

Conheço a minha doce Flávia. Essa minha atitude de querer o aborto não lhe agradaria, e seja lá onde ela estiver, deve sofrer muito com essa minha decisão, mas não vou conseguir. Sem ela do meu lado, não posso assumir esse papel.

Decidido e dono de minhas emoções novamente, pago o café e sigo para a ONG, agora, sim, pronto para enfrentar minha sogra.

9

Volto para a ONG decidido a resolver toda essa maldita confusão o mais rápido possível.

Vou direto à secretaria e a Maria está na sua sala, pois sabia que a qualquer momento eu voltaria para conversar. Assim como eu, ela está visivelmente apreensiva com o assunto que trataremos.

— Tudo bem, Jacson?

— Bem? Como pode imaginar que posso estar bem depois de descobrir a sua traição, Maria? — retruco de forma ríspida. — Que palhaçada foi essa que você aprontou?

— Primeiro que isso não é uma palhaçada, é uma gestação. — Noto que ela está fazendo um esforço tremendo para não elevar a voz. — Melhor você sentar, que só pelo início dessa conversa estou vendo que será longa.

— Não será longa, porque não quero discutir, vamos resolver isso de uma vez, vai ser o melhor para nós dois. — Puxo a cadeira na frente da mesa e sento.

— Resolver o problema de uma vez? Primeiro que, em minha opinião, não existe problema — fala cruzando os braços e se apoiando na cadeira. — Depois, não existe como resolver isso agora.

— Ah! Existe, sim. Você é responsável por toda essa bagunça. E por sinal, obrigado por ter me enganado e feito com que perdesse todo o respeito que eu tinha pela senhora.

— Jacson, vamos ser racionais aqui. Quando te enganei?

— Quando passou por cima da minha palavra e levou esse plano para frente! — Bato com a mão sobre a mesa, fazendo um estrondo por toda a sala.

— Melhor se acalmar, rapaz, violência não vai levar a lugar nenhum. — Ela respirou fundo. — Vamos por partes, porque, se não, será impossível manter uma conversa civilizada com você.

— Ah! Agora sou um troglodita, né? Se coloque no meu lugar, Maria, você me enganou! — falo entre os dentes.

— Como disse, vamos por partes — responde com uma calma que não consigo notar se é falsa ou não.

— Quando fui a sua casa, deixei claro o que queria fazer. Depois de tantos anos convivendo comigo, devia saber que não desisto das coisas fácil.

— Isso não era algo para desistir, não diz respeito a sua vida, mas a minha! Eu tinha deixado claro qual era a minha posição.

— E eu tinha deixado claro qual era a minha. — Ficamos nos encarando durante alguns segundos. — Não fiz isso de forma dissimulada, Jacson. Mandeí um advogado procurá-lo, explicar todo o procedimento. Não entendi por que a Natália ligou apavorada há poucos dias, como se você simplesmente não soubesse de nada que estava acontecendo.

— Mas eu não sabia de nada mesmo! Quando conversamos da última vez, pedi para que procurasse a clínica e eliminasse os embriões! Pensei que era para isso que aquele advogado tinha ido me procurar. Assinei todos aqueles documentos achando que eram para eliminar os embriões. Imagina qual minha reação quando descubro o que você fez.

— Pode parar, não inverta as coisas. Não fiz absolutamente nada de errado, mandei um advogado explicar tudo para você, mostrar as opções que tínhamos e, em último caso, ganhar um tempo para que você pensasse

melhor.

— Você acha que quis ouvir todo o procedimento, Maria? Você não é ingênua. Manipulou tudo, porque sabia que dessa maneira eu nem ouviria o que o cara estava falando.

— Você não ouviu? — questiona realmente surpresa. — Agora explica tudo.

— Como se você não soubesse que assinei todos os documentos sem ler.

— Não sabia disso, Jacson. — Pelo tom de sua voz e sua expressão, quase acredito ser verdade. — Tanto que, quando o advogado me ligou falando que você tinha assinado os papéis autorizando, não acreditei e liguei para a Natália. Mesmo você não me atendendo, deixei um recado, querendo saber se era isso mesmo que você queria, pois não teria volta. Pode perguntar para a Natália se não acredita em mim, ela vai confirmar.

— Eu sei que ligou, mas até aquele seu recado foi premeditado, achei que estava falando da destruição dos embriões.

— O advogado levou os dois contratos. Primeiro ele tentaria convencê-lo a autorizar a inseminação. Caso não concordasse, tinha outro contrato para prorrogar por mais 5 anos a guarda dos embriões. Por isso o advogado foi pessoalmente conversar com você, queria, na pior das hipóteses, ganhar tempo.

— Não acredito em você. Passou por cima de uma vontade minha, Maria, enganou e manipulou para que seu plano desse certo.

— Fico muito magoada por pensar isso de mim, Jac.

— Será que não parou para pensar que uma hora eu descobriria a verdade?

— Já disse e repito: não quis te enganar, foi tudo um grande mal-entendido. Como você mesmo disse, como poderia esconder isso de você?

Nunca agiria pelas suas costas, Jac. Mas agradeço por este mal-entendido, porque, agora, nosso pequeno milagre pode estar a caminho.

— Grande mal-entendido porra nenhuma! Pequeno milagre?! — berro.
— Não queria discutir com você, Maria, não mesmo. Mas você me traiu da pior maneira possível, será que não consegue ver que não quero essa criança?

— Essa criança significa esperança, Jacson! — Minha sogra também eleva a voz.

— Esperança do quê, Maria? Esperança de eles voltarem para a gente? De sermos uma bela e linda família novamente?

— Não, Jac, sei que eles morreram e não vão voltar para a gente! Mas tenho esperança de outras coisas. De aplacar essa saudade e dor no peito. Mas principalmente, tenho esperança de que você pare de se esconder e possa reagir, sair dessa depressão em que se encontra desde o dia do acidente. — Termina a frase com a voz embargada pelas lágrimas.

— Não quero reagir, não tenho motivos para isso. Estou vivendo da maneira que quero, não devo satisfação para você nem para ninguém!

— Deve, sim, satisfação para a Flávia e para o Eduardo! Você sobreviveu naquele dia, devia honrar e agradecer essa chance.

— Honrar? Agradecer? — Solto uma gargalhada. — Você e a Nat com esse papo de missão, chance, livramento. Chega dessas teorias, estou de saco cheio! Respeitei tudo que falaram até agora, mas cansei. Amaldiçoo o fato de ter saído vivo daquele acidente. Que saco, por que é tão difícil perceber que eu estou bem desse jeito?

— Porque sabemos que é mentira. Está sofrendo, querido, criou um muro que afasta você do restante das pessoas e não deixa nada penetrar a sua defesa para te ajudar.

— Está com pena de mim agora? Não foi bem pena o que eu senti quando me acusou de estar dirigindo o carro naquele acidente, de ser o

responsável pela morte dos dois.

— Não foi sua culpa, Jac.

— Você mesma me jogou na cara, da última vez que conversamos, que fui responsável por aquele acidente.

— Desculpa, devo perdão por minhas palavras. Não penso isso, do fundo do meu coração. O que aconteceu foi uma tragédia.

— Uma tragédia da qual fui o responsável. Como pode pensar que agora uma criança pode ser a solução?

— Jacson, não percebe que está perdendo a chance de ser feliz?

— NÃO POSSO SER FELIZ SEM ELES DO MEU LADO! — Levanto da cadeira e bato novamente sobre a mesa. — Morri naquele dia! Junto com eles. Não posso e não quero recomeçar, já cansei de repetir isso para você, para a Nat e para todas as pessoas que pensam dessa forma. É a porra da minha vida, e vivo ela da maneira que bem entender!

— Você acha que não quer, Jacson, mas no fundo, bem no fundo, quer voltar a ser aquele rapaz alegre que conheço desde menino.

— Não quero, Maria, porque aquele menino não existe mais.

— Existe, Jacson. — Ela levanta e fica do meu lado. — Está aqui dentro. — Coloca a mão no meu peito. — Gritando para sair.

— Não, Maria. — Tiro a sua mão. — Ele não quer, acredite.

— Por que insiste em enterrar seus sentimentos, Jacson?

— Não posso enterrar o que não tenho mais.

— Claro que tem, Jacson. Você é o homem mais sensível e amoroso que já conheci. Porém, está deixando toda essa solidão acabar contigo. Não posso simplesmente olhar você sofrendo e não te ajudar, é loucura não ouvir a forma como está pedindo ajuda. Considero-te um filho, Jacson. Não posso ignorar seu pedido de socorro.

— Meus sentimentos não estão em pauta nesse momento, Maria, não

queira justificar essa situação. Nunca pedi sua ajuda e muito menos para que tomasse decisões que envolvem a minha vida. Não vou recomeçar, aceitei que essa será minha vida. Estou cuidando daquilo que importava para a Flávia, cuidando das pessoas que ela amava. Vou viver assim até que Deus ache que me torturou o suficiente e me leve desse mundo.

— Não fale assim, Jac, por favor.

— Assim como? Que Deus está me torturando?

— Isso é assunto para outra discussão, basta já a que estamos tendo. Disse que está cuidando das pessoas que a Flávia amava. Diga-me, quem está cuidando de você? Porque depois do Duda, você era a pessoa que ela mais amava! Só vejo você se destruindo. Tenho certeza que ela trocaria todas essas coisas que está fazendo pelos outros, apenas por uma chance de que você pudesse ser feliz novamente.

— Então ela trocaria tudo por nada, pois, nunca vou ser feliz novamente.

— “Nunca” é uma palavra muito forte, Jacson. Tenho certeza que essa criança vai mudar isso.

— Não vai mudar, pois essa criança não vai existir.

— Sinto dentro do meu coração que a inseminação deu certo.

— Mesmo se tiver dado, vamos resolver isso. Já entrei em contato com uma clínica nos Estados Unidos, onde você pode fazer todo o procedimento com segurança.

— Que procedimento? — ela pergunta cruzando os braços.

— O procedimento para pôr fim nessa gravidez.

— Um aborto? — Praticamente cospe as palavras com raiva.

— Não, *um procedimento para resolver esse mal-entendido*, se prefere chamar assim.

— É um aborto! Não adianta chamar de procedimento para aliviar a sua

consciência, será um aborto!

— Maria, olha, quero que me acompanhe de boa vontade, sem discutir e sem brigar. Se realmente aconteceram as coisas da forma como você falou, sei que entende que assinei esses papéis achando que era outra coisa. Mas caso se negue, não medirei esforços para obrigar você a vir comigo.

— Realmente, Jac, você está muito diferente. Flávia era totalmente contra o aborto! Como pode fazer isso com um filho que também é dela?!

Essas palavras doem dentro de minha alma.

— Saiba que nunca faria o aborto dessa criança — ela continua. — Mas como esse não é o caso, lamento informar que pode cancelar os seus planos de viagem.

— Por que esse não é o caso?

— Porque eu não estou grávida, Jac!

— Graças a Deus! — Desabo na cadeira apoiando as mãos no meu joelho. Sinto um alívio tão grande que minha respiração falha durante alguns segundos.

— Jac, me diga uma coisa, por acaso você está achando que a inseminação foi feita em mim? — Cruza os braços na frente do seu peito.

— Claro. — Ergo minha cabeça e olho para ela.

— Por Deus, menino! Tenho quase 50 anos, acha que seria tão imprudente assim?

— Espera. Você não fez isso? Não usou os embriões em você?

— Claro que não, Jac! — Caminha de volta à cadeira e se senta.

— Céus! Tem mais gente envolvida nessa história, a cada vez isso fica mais confuso. — Fecho os olhos e apoio a cabeça na cadeira.

— Confuso porque você quer, para mim está tudo claro. Houve um mal-entendido, mas a inseminação foi feita e tenho certeza que o procedimento foi um sucesso. Flávia era louca por crianças, seu maior sonho era ser mãe. Nunca, jamais mesmo, ela faria um aborto. Sei que quando pensar melhor vai voltar atrás nessa sua decisão maluca. O que temos que fazer agora é nos acalmar e aceitar isso.

— Está completamente louca se acha que meia dúzia de palavras bonitas vão mudar minha opinião. Quem é a mulher que pagou para ser barriga de aluguel? — pergunto de maneira brusca.

— Se espera que eu vá falar quem é enquanto está transtornado desse jeito, está muito engando.

— Não tem o direito de esconder isso!

— Claro que tenho, você assinou os papéis que me dão esse direito!

— Fui enganado! Não quero, mas se for preciso, vou entrar com um processo contra você e contra a clínica, para acabar com essa asneira na justiça se for necessário.

— Vá, boa sorte! Os papéis são legais. Até conseguir alguma coisa, a gravidez já estará tão adiantada que tenho certeza que o aborto será negado.

— Vou para fora do Brasil, já disse, faremos isso numa clínica com toda a segurança!

— Se fizer isso, será um crime e, pode ter certeza, vou denunciar você.

— Maria, seja coerente. Apenas diga quem é a mulher.

— Olha, Jac, se me convencer a aceitar esse aborto será impossível, convencer essa mulher que está gerando o bebê a te acompanhar espontaneamente será impossível ao quadrado!

— Eu a convenço, pago o que for preciso. Não existe nada que o dinheiro não compre nos dias de hoje.

— Com esse papo, além de não te acompanhar, ainda corre o risco de receber uma bela de uma bofetada na cara. — Abre um sorriso.

— Você ainda consegue rir?

— Claro que sim, olha que coisa maravilhosa. Terei um pedaço da Flávia aqui novamente, como posso não estar feliz?

— Isso é egoísta!

— Não, isso é esperança, Jac. Sei que quando se acalmar, verá isso com outros olhos. A Flávia deixou um legado muito lindo, e essa criança será apenas um pedacinho disso tudo.

— Não sobrou nada dela aqui, Maria!

— Sobrou muita coisa. Uma pena que você esteja tão cego a ponto de não ver as pequenas coisas que a nossa menina deixou aqui.

— Maria, quem é essa mulher? — insisto.

— Jac, nem sabemos ainda se a inseminação deu certo, precisa de pelo

menos mais 48 horas para ser possível fazer um exame e ter certeza. Vamos esperar esse prazo, até lá você se acalma e voltamos a conversar.

— Não vou esperar 48 horas, quero saber quem é essa mulher agora.

— Desista, Jac, não falarei quem ela é.

— Não importa. Pode ter certeza que vou descobrir e, quando conseguir, nada vai me impedir de acabar com essa gestação.

— Boa sorte, mas algo me fala que no caminho vai descobrir muito mais do que apenas o nome dessa mulher, vai recuperar a sua vontade de viver.

— Impossível. Para isso eu teria que procurar essa vontade.

Bato a porta nas minhas costas e me afasto rápido do escritório.

Estou tão perdido nos meus pensamentos que nem vejo a mulher parada no final do corredor e trombo com ela, que desequilibra e quase cai sentada.

— Desculpa — falo enquanto seguro a mulher pelos ombros para evitar sua queda.

Só então percebo que é a mesma moça que vi hoje de manhã quando cheguei na ONG.

Ela não fala nada, apenas arregala os olhos e faz um gesto com a cabeça, depois se desvencilha dos meus braços e segue apressada pelo corredor, indo na direção de onde eu estava vindo. Seu medo é tão grande que consigo senti-lo até fisicamente, como uma onda exalando dela.

Beleza, agora além de infeliz, ainda terei a fama de troglodita.

Saio da ONG e ligo imediatamente para o Marcos.

— Oi, Jac, onde você está? — Sua voz soa preocupada e abafada no telefone.

— Em Curitiba. Cara, preciso que entre em contato com a clínica e descubra uma coisa.

— Que coisa?

— O nome e o endereço da mulher que serviu de barriga de aluguel. Não importa o que precise fazer, mas quero isso até o final do dia — falo apressadamente.

— Calma, cara. Explica mais devagar.

— Estava tão pilhado com essa história que nem me ocorreu que a Maria não teria feito a inseminação.

— Mas é claro que não seria ela, cara.

— Pois é.

— Com certeza a Maria sabe quem é essa mulher, pede para ela.

— Você está me chamando de burro? Já pedi, mas ela não vai contar.

— Será que isso tem alguma coisa relacionada com a forma que está agindo? Só para ter certeza, está bem tranquilo, tentando resolver tudo com diálogo de forma bem consciente, né?

— Cara, não enche. Só consegue isso, ok?

— Vou tentar, porém, tenho quase certeza que não vou conseguir. É uma informação sigilosa, e com a procuração que você fez, somente a Maria e o médico têm acesso a esses dados.

— Isso só pode ser brincadeira. E agora? Preciso saber disso com urgência.

— Temos que cancelar a procuração, depois encaminhar para a clínica. Depois disso, poderá ter acesso aos dados.

— Faz o que for preciso. O mais rápido possível, ok?

— Vou ligar para a clínica primeiro, mas te mantenho informado.

— Quanto tempo pode demorar?

— Uns dois dias, Jac, porque terei que redigir o documento, encaminhar para você, depois precisa levar o documento até a clínica. Mas farei o mais rápido que conseguir.

— Está certo.

Depois de nos despedirmos, fico ainda algum tempo segurando o telefone.

Esperar. Não tem outra forma.

As próximas horas são decisivas. Por mais de um motivo.

10

Cinquenta ligações depois. Ou talvez cem ligações, quem está contando? O que sei é que quase enlouqueci o Marcos nesses últimos dois dias. Grito de alívio quando ele me dá a notícia de que terei acesso aos dados da mulher que recebeu a inseminação dos embriões.

Claro que o que era para ser uma simples anulação de procuração se transformou num show à parte. Não sei ao certo o que a Maria estabeleceu com a clínica, mas eles fizeram tudo que foi possível para retardar ao máximo o acesso aos documentos. Ameacei-os diversas vezes com possíveis processos, mas eles só me asseguravam que toda aquela burocracia era legal.

Para piorar, o Marcos ainda defendeu que a clínica não estava fazendo nada errado, apenas usou os meios disponíveis, e recomendou que o melhor era tentar trabalhar com eles, pois uma hora seriam obrigados a me fornecer os documentos.

Resultado: recebi a tão esperada ligação perto das dezoito horas e agora terei que esperar até amanhã no período da manhã para o acesso aos dados da mulher misteriosa.

Tentei, juro que fiz o possível para não procurar novamente minha sogra e assim evitar novas discussões, mas só de pensar que a essa hora ela já deve saber se deu certo ou não, meu coração dispara. Como lutar contra essa força insana dentro do peito? Por que esperar até amanhã se posso ter a resposta sobre isso hoje? Meço prós e contras até que me dou por vencido e pego um táxi até a residência da minha sogra.

São quase nove horas da noite quando chego ao prédio onde ela mora. Diferente do meu prédio que não possui nenhuma segurança, o dela tem recepção com porteiro 24 horas, sendo que depois de um horário, é necessário se identificar e aguardar a autorização do morador. Fico surpreso quando, contrariando as minhas expectativas, ela autoriza a minha entrada.

Enquanto o elevador sobe até o seu andar, sinto-me como se estivesse sendo consumido por chamas. Meu corpo inteiro está queimando, o suor escorre nas minhas costas e a respiração está difícil, como se o ar estivesse grosso e não conseguisse entrar nos meus pulmões. Nem mesmo as doses terapêuticas de álcool que ingeri hoje estão ajudando a controlar os meus nervos.

O labo bom é que as antigas lembranças de seu endereço antigo não me afetam aqui, neste novo lugar. Chego à porta do apartamento da Maria e nem preciso tocar a campainha, logo ouço o barulho da chave destrancando a fechadura.

Meu olhar está fixo no chão e, assim que a porta desliza aberta, vejo apenas os pés da Maria dentro das pantufas. Sei que quando erguer meu olhar, a simples visão de sua face será suficiente para que eu tenha a resposta que preciso.

Respiro profundamente na tentativa de buscar forças, depois ergo meus olhos até encontrar os seus.

Em câmera lenta, sinto o mundo girando ao meu redor, e o peso do seu olhar responde todas as minhas dúvidas. Não vejo na Maria um sorriso vitorioso, nem ar de deboche, não, nada disso. Vejo esse olhar pesado, de culpa, de dor, de pena.

Uma bola explode dentro do meu peito trazendo um gosto amargo para minha boca. O sangue está correndo tão rápido dentro de minhas veias que sinto um zumbido nos meus ouvidos.

Sufocado, sentindo o mundo se fechando ao meu redor, recuo alguns passos, impactado pelo peso da confirmação dessa gestação.

Meu Deus... Deu certo...

Não sei se falo ou se apenas penso essas palavras. Percebo a Maria estendendo a mão e dando alguns passos em minha direção. Até noto sua boca se mexendo e pronunciando algumas palavras, mas meu cérebro está anestesiado. As imagens estão desfocadas, me sinto um espectador vendo o desenrolar dessa cena pelo lado de fora.

Trêmulo e cambaleando, sem conseguir respirar direito, chamo o elevador, mas como ele não vem, não consigo ficar ali parado esperando ele chegar, por isso procuro a escada de emergência, a abro e começo a descer os degraus, pulando de dois em dois, desesperado para sair logo do prédio. Mantenho esse ritmo por uns cinco ou seis andares. Somente quando sinto que vou desmaiar pela privação de oxigênio, deixo meu corpo deslizar até o chão e me apoio na parede do edifício, apertando os olhos bem forte, como se pudesse parar o mundo que gira alucinado ao meu redor.

Assim que meus olhos se fecham, a única imagem que eu invoco é aquele olhar: meu menino. Fitando-me sem vida, enquanto o sangue escorria devagar da sua testa até seu queixo. Tento forçar meus olhos abertos, mas não consigo. São apenas flashes de memória, alguns segundos de algo que vi naquele dia antes de mergulhar na escuridão, mas que retratam todo o medo que sinto dentro de mim neste momento.

Não sei quantas vezes essa lembrança já se passou por minha cabeça, mas em nenhuma delas doeu tanto como está doendo agora.

Isso não pode estar acontecendo. Deus, me acorde desse pesadelo...

Os flashes de memória continuam surgindo na minha cabeça.

Flávia pulando no meu pescoço quando abriu o resultado positivo...
Flávia apertando minha mão no ultrassom em que descobrimos o sexo do

Duda... Eu conversando com a barriga da Flávia quando o Duda estava agitado... Flávia dando à luz o Duda... Duda sendo amamentado... Um aninho do Duda... Ele correndo na minha direção e se jogando nos meus braços... Duda... Flávia... Duda... Flávia... Duda...

Isso não é justo, já não sofri o bastante? Por que preciso de mais essa provação? Por que me vejo diante da decisão mais importante para a minha vida?

Sinto o toque de alguém nos meus braços, depois no meu rosto, secando algumas lágrimas que só agora percebo que estou derramando.

Abro os olhos e vejo minha sogra gesticulando freneticamente na minha frente.

— Jac... Tudo bem? — Fico olhando para ela sem conseguir reação. — Por favor, menino, responde, você está sentindo algo?

Como responder essa pergunta? Não sei o que estou sentindo e não posso lidar com isso agora, preciso sair daqui, desaparecer.

Empurro seu corpo para o lado e continuo descendo os degraus, saindo correndo do prédio, sentindo o ar gelado de Curitiba no meu rosto.

Ando por uns cem metros até chegar num ponto de táxi e peço ao motorista para me levar para qualquer bar da cidade.

Doí. Muito. Demais. Insuportavelmente.

Mais lembranças voltam a me assombrar. Flávia era totalmente contra o aborto! Como posso fazer isso com um filho que também é dela?! Mais flashes de momentos nossos ficam se misturando com minha última discussão com a Maria. Flávia era louca por crianças, seu maior sonho era ser mãe. Nunca, jamais mesmo ela faria um aborto.

Não sei o que pensar e muito menos o que fazer. Não posso prometer proteção para outra criança. Vou falhar novamente, sei disso. Não quero fazer isso com outra criança. Não posso...

— *Jac... Tudo bem? Por favor, menino, responde, você está sentindo algo?* — A lembrança da pergunta feita pela Maria há poucos minutos ecoa na minha cabeça.

— Apavorado... Malditamente apavorado... — sussurro enquanto o táxi me leva para um bar em qualquer canto dessa cidade.

11

Desconheço a quantidade de bebida que ingeri ontem à noite, muito menos como cheguei ao hotel.

Quando abro os olhos, vejo tudo embaçado na minha frente, um gosto de cabo de guarda-chuva na boca e minha cabeça gira violentamente. A noite toda não passa de um borrão, mas que não serviu de nada para aplacar a angústia do meu peito.

Obrigo-me a sair da cama, praticamente me jogando dentro do chuveiro para um banho gelado, na tentativa de diminuir essa ressaca tenebrosa que estou sentindo.

Fico vários minutos com a cabeça encostada nos azulejos do box, sentindo a água fria escorrendo nas minhas costas. Aos poucos o mal-estar vai abandonando meu corpo, até que sinto apenas um latejar insistente na minha cabeça.

Depois de me arrumar, tomo café e sigo até a clínica para conseguir o endereço da tal mulher.

Aqui, sou tratado com toda a cautela, porque, depois de ter brigado com praticamente todo mundo, sou visto como uma ameaça no local.

Aguardo por alguns minutos, mas perto das dez horas entro no escritório do administrador para ter acesso aos tão esperados dados do prontuário médico.

— Bom dia, Senhor Jacson, sente, por favor — Janaina, que é a administradora da clínica, me cumprimenta e indica a cadeira para sentar.

— Bom dia — respondo com voz de poucos amigos.

— Tenho que pedir desculpas pela demora, mas tenho algum...

— Não se preocupe com explicações, Sra. Janaina, basta entregar esse maldito prontuário que nosso assunto estará resolvido.

— Não posso deixar que leve os prontuários nem cópias daqui, Jacson. Vou sair e pode verificar tudo com calma, pegar todos os dados que julgar necessários, mas levar daqui não será permitido, a menos que tenha uma ordem judicial para isso. São documentos confidenciais da paciente, espero que entenda.

— Tudo bem, meu advogado já tinha alertado sobre isso. Basta que me deixe alguns minutos analisando os documentos.

— Sem problemas, Sr. Jacson, vou sair para que tenha mais privacidade, qualquer coisa, estou na sala ao lado, só me chamar.

— Obrigado.

Ela estende a pasta e depois sai da sala, fechando a porta em seguida.

Coloco o prontuário em cima da mesa. Fico olhando para a pasta fechada, como se estivesse com medo do que vou encontrar escrito nesse monte de papéis.

Irrito-me com o ridículo dessa situação, pois sei que não importa quanto tempo fique aqui fitando essa pasta, seu conteúdo não vai mudar. Puxo a cadeira para mais perto da mesa, depois coloco a pasta na minha frente e a abro num movimento brusco.

Começos a análise verificando a data em que as primeiras consultas foram realizadas e percebo que bate com a data que o advogado levou os documentos para mim em São Paulo.

Tem muita coisa que sequer entendo, pois é linguagem médica, mas mesmo para um leigo como eu, percebo que foram feitos vários exames, alguns laudos médicos liberando a gravidez, e que a data é de quase seis

meses atrás.

Possivelmente essa mulher já estivesse se preparando para alugar a barriga para pais interessados nesse tipo de serviço. Acho um pouco estranho a quantidade de recomendações médicas e remédios que a paciente terá que tomar. Já passei uma vez por isso e sei que as recomendações são quase as mesmas de uma gravidez normal, mas, como disse, não sou médico, e cada caso deve ser de uma forma.

Sem querer me alongar por muito tempo, olho as últimas anotações no prontuário, que foram feitas na data de ontem, com esperança de que ali esteja escrito outra coisa, mas não é isso que vejo. Em letras que parecem pular do papel, leio que foram implantados dois embriões e que um deles se fixou no útero. Gravidez realmente confirmada!

Solto a respiração e resolvo voltar para meu objetivo: encontrar os dados necessários para ir atrás dessa mulher.

Procuro dentro da pasta até que encontro uma cópia do contrato que foi realizado entre a clínica, minha sogra e a tal mulher:

“Cecília Ferraz, 25 anos, estudante, residente na Rua dos Cravos, nº 79, Jardim América.” O endereço não é estranho. Fecho os olhos tentando puxar na memória onde já o vi.

Putá que pariu! Pulo da cadeira quando a recordação vem à memória. Por isso minha sogra não estava tão preocupada com meu acesso a estes dados. Este endereço é o da casa dela!

Em menos de uma semana, estive na ONG mais vezes do que nos últimos quatro anos.

Chego perto do meio-dia e por isso não tem muita atividade no local.

Cumprimento poucas pessoas no caminho e quando chego na secretaria encontro a porta aberta. Avisto minha sogra na sua sala, mexendo no computador. Alertada por minha presença, ergue o olhar e percebo que solta o ar com força.

— Jacson — resmunga sem nem se dar ao trabalho de levantar.

— Por isso estava tão calma com meu acesso ao prontuário, né? — falo quando entro na sala.

— Não é o que está pensando — começa a se desculpar.

— Nada nunca é o que estou pensando. Depois quer que acredite que foi tudo um mal-entendido — falo agressivamente.

— E foi mesmo.

— Então por que não colocou o endereço dessa mulher no contrato? Já sei, um mal-entendido novamente, dessa vez a clínica deve ter confundido os dados. — Agora é a minha vez de resmungar.

— Não houve mal-entendido nenhum.

— Um erro da clínica, claro — falo de forma irônica.

— Não também, Jacson — fala tranquilamente. — É o endereço dela mesmo.

— Como assim?

— Ué. É o endereço dela — responde dando de ombros.

— Mas aquele é o seu endereço.

— Sim... O dela e o meu.

— Ela mora com você?

— Mora — fala como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Desde quando?

— A data exata eu não sei, mas faz quase 3 anos.

— Como assim? Por que não sei disso?

— Por que teria que saber, Jacson? — Solta uma gargalhada. — Não

devo nenhuma satisfação de quem mora comigo.

— Faz três anos que está planejando esse golpe, Maria?

— Não! — nega de maneira firme. — Não foi nenhum golpe, rapaz teimoso!

— Chame do que quiser, caralho! — esbravejo. — Cada detalhe que descubro me deixa mais enojado dessa história. Por isso tinha certeza que a moça não concordaria em me acompanhar, né? — Praticamente vomito as palavras, num misto de grito e lamento.

— Como já deve saber, a moça tem nome. Cecília.

— Aline, Janaina, Jussara, pouco me importa o nome dessa golpista. — Minha voz se eleva.

— Ei, ei, pode parar. — Eleva a voz também. — Admito que esteja bravo e queira me xingar de várias coisas. Mas a Cecília não tem nada com isso, ela é boa demais para receber qualquer tipo de acusação sua. Pense duas vezes e morda a língua antes de falar dela.

— Que bonitinho você defendendo a sua cúmplice. — Bato palmas de maneira debochada. — Agora só falta você falar que essa mulher é um anjo que Deus mandou para ajudar você a enfrentar a perda da sua filha.

O olhar da Maria pesa contra o meu, como se duas lanças saltassem dali e me atingissem direto no peito, me deixando desconcertado.

Desvio o olhar e preciso de alguns segundos para me acalmar. Só depois volto à discussão.

— Me sinto um idiota, com essa manipulação toda você ganhou os dias que precisava para confirmar essa gravidez e tentar mudar minha decisão. Mas não ache que isso vai me impedir de falar com essa moça. Nem que tenha que invadir seu apartamento, pode ter certeza, movo céus e terra, mas essa conversa vai acontecer.

— Em nenhum momento disse que não deixaria você conversar com

ela. Apenas disse que, enquanto estivesse nervoso, não daria o endereço dela para você.

— Não lembro qual foram as palavras que você usou, a intenção era não me deixar ter acesso ao endereço dela. O que fez foi um golpe de mestre, Maria! — digo com ironia.

— Já estou cansada de ser acusada por coisas que não fiz. Essa última semana foi terrível, estou cansada, esgotada, Jacson. Não quero mais discutir com você. Aconteceu. A gravidez existe e um aborto está descartado. Chega!

— Chega coisa nenhuma. Quem decide isso sou eu! Já decidi que não quero essa gravidez e quem diz “chega” sou eu!

— Jacson, esquece essa gravidez, você não precisa nem pensar mais nela. Eu vou criar e cuidar de tudo, pode ficar sossegado, não terá nenhuma responsabilidade. Nem o seu nome precisa dar. Não vou exigir pensão e nenhum tipo de atenção sua, pode continuar levando a sua vida sem se preocupar em mudar a sua rotina para agregar à criação dessa criança.

— Você acha que estou preocupado com a merda do dinheiro? Preocupado com mudar a minha rotina? — Passo as mãos pelo cabelo demonstrando nervosismo.

— Se não é isso, então é o quê?

— Que merda, Maria! Acha mesmo que estou preocupado comigo? — Agora são meus olhos que lhe lançam um olhar acusador. — Estou preocupado com essa criança! Quem vai sofrer mais com isso será ela! Você não entende que... que... Ah! Deixa quieto, você nunca entenderia mesmo.

— Me explique então, Jacson — fala me encarando.

— Não vou explicar nada. Não preciso, você não está carregando a criança. É uma mera coadjuvante nessa história. São meus motivos e não existe a necessidade de justificar e te convencer de nada, porque a decisão final é minha.

Maria desvia seu olhar para a porta, ao mesmo tempo em que uma voz forte e decidida soa nas minhas costas:

— Pode não precisar convencer a Sra. Maria, já que ela é uma mera coadjuvante, como você disse, mas terá que convencer a mim, já que sou quem está carregando seu filho.

Quando ouço essa voz, fico na dúvida se devo virar e encarar a sua dona.

Medo? Insegurança? Não sei ao certo o que sinto nesses breves segundos, mas só de saber que a poucos passos está a mulher que gera uma criança, meu filho, meu sangue gela nas veias e tenho um flash da Flávia acariciando a sua barriga de gestante.

— Ceci, não precisa se envolver nessa discussão — Maria fala olhando por cima de meu ombro, pois ela está parada em algum lugar nas minhas costas.

— Claro que preciso, Maria — a moça responde tranquilamente. — Afinal, tudo isso só está acontecendo porque eu tive essa ideia.

Essas palavras são suficientes para me tirar do breve instante de insegurança que estava atravessando.

— Desculpa — falo ao me virar na direção da porta. — Ideia sua?

Não levo um susto, nem caio de costas com a mulher parada ali. Para falar a verdade, nem sei o que estava esperando. A mulher parada na frente da porta é uma mulher normal. Com uma altura mediana, morena, cabelos um pouco abaixo do ombro, nem magra nem gorda. Nada exuberante, dona de uma beleza mediana, eu diria. Uma mulher normal que não receberia meu olhar duas vezes se a encontrasse por acaso.

A única coisa que chamou a minha atenção é que se trata da moça que encontrei há poucos dias quando vim à ONG, que trombou comigo no corredor e depois saiu correndo assustada.

— Bom dia, Sr. Jacson, antes de tudo, gostaria de me apresentar. Sou Cecília Ferraz, estagiária da ONG, e nesse momento, também a protagonista dessa história, porque sou a mulher que está carregando seu filho — fala com um toque de desdém que não faz nenhuma força para esconder.

— Bom dia, Sra. Cecília, estagiária da ONG e mulher que está carregando meu filho — respondo também de forma debochada. — Agora que as apresentações estão feitas, pode por obséquio responder a minha pergunta? Como essa maluquice toda pode ter sido sua ideia?! — Termino com a voz bastante alterada.

— Jacson, gritando não será a melhor maneira de conduzir essa conversa. — Maria intervém no meio da nossa troca de farpas.

— Melhor maneira? E existe a melhor maneira dessa golpista me explicar por que teve essa ideia genial de armar isso tudo para cima de mim?

— Cala boca, Jacson, já disse que não tem o direito de falar dessa maneira sobre a Cecília.

— Falo do jeitinho... — Sou interrompido por uma Cecília muito tranquila.

— Tia Maria, por favor, não precisa me defender. Sou perfeitamente capaz de aguentar um ou dois xingamentos do Sr. Jacson. Tenho certeza que depois que explicar as coisas, ele será capaz de entender tudo.

— Ah! Por favor, comece essas explicações então, estou ansioso para saber como foi planejar me fazer de idiota.

— Creio que este não seja o local ideal para essa conversa, Jacson. Esse é um assunto pessoal e não quero que todos da ONG fiquem sabendo o que está acontecendo.

— Que se dane se quer guardar segredo. Vamos resolver isso agora!

— Também concordo com a Maria, o melhor seria conversar em outro lugar.

— Ah, claro, onde seria o local mais apropriado? Quem sabe num bar

enquanto tomamos uma bebida e rimos dessa idiotice? Ou com seus advogados onde poderá negociar o valor que vai cobrar para aceitar realizar o aborto?

— Jacson! — Maria grita — Pelo amor de Deus! Pare de ofender a Cecília! Não conheço esse homem frio e amargo que se tornou!

— Nem um, nem outro, Sr. Jacson — Cecília fala serena, como se não tivesse visto a explosão da Maria. — Creio que o melhor lugar seria em casa...

— Na sua casa? Ou melhor dizendo, na casa da Maria? Porque até nisso descobri que estou sendo enganado.

— Na casa de nós duas, porque a Cecília mora comigo! — Maria interrompe quase gritando novamente. — Ceci, querida, isso não vai fazer bem para você e muito menos para o bebê, deixe que eu explico tudo para esse homem.

— Agora sou *esse homem*? — retruco bastante indignado.

— Um homem totalmente desconhecido para mim, pois de nada se parece com o menino que conheço! — fala entre os dentes.

— Não me importa o que pense ou deixe de pensar, quero apenas saber de uma vez a merda dessa história toda.

— Eu vou explicar tudo ao senhor. Por favor, Maria, deixe que eu converse com o Jacson sozinha, preferia também não fazer isso na ONG, mas vai ser impossível deixar isso para outro momento.

— Cecília...

— Maria, confia em mim, ok? Deixe que converse com ele sozinha. — Cecília caminha até a Maria e pega uma das suas mãos. Trocam um olhar de cumplicidade e, relutante, a Maria balança a cabeça.

— Se precisar, estou na sala de espera. — Cecília apenas balança a cabeça e solta a mão da Maria, saindo em seguida da sala, não sem antes me

lançar um olhar de advertência.

Cecília fecha a porta e por alguns segundos vejo o mesmo olhar assustado da última vez que nos vimos no corredor. Mas depois de respirar fundo, cruza seus braços ao redor do seu corpo e caminha para sentar numa cadeira, retomando novamente o controle de suas emoções.

— Se incomoda se sentarmos para conversar? — pergunta enquanto olha para o chão.

— Pouco me importa se vamos ficar de pé ou sentados, quero apenas uma explicação.

— Terá sua explicação — fala erguendo seu olhar.

Sinto uma vulnerabilidade vinda dela, uma sensação de que ela precisa de proteção contra meu ataque feroz. É difícil de explicar, mas me sinto muito culpado por minhas reações explosivas que tive desde que ela entrou na sala.

— Engraçado que ouvi tanto falar de você que agora parece mentira que estou na sua frente — fala com a voz baixa enquanto esboça um meio sorriso no rosto.

— Quem falou de mim?

— Dona Maria. Depois de conhecer tanto sobre você, imaginei esse encontro muitas vezes, mas nunca dessa maneira.

— Pensava em me encontrar?

— Claro que sim, afinal, você era a pessoa mais importante do mundo para a Flávia. Nada mais natural essa curiosidade de querer conhecer você depois de tudo.

— Não vejo o porquê dessa curiosidade de querer me conhecer apenas por ouvir a Maria falando de mim.

— Não foi apenas a Maria que me falou sobre você.

— Você conheceu a Flávia, então? — pergunto.

— Sim... Mas não da maneira convencional que pode estar pensando.

— Maneira convencional? Para mim ou conheceu ela ou não conheceu.

— Digamos que nunca estive fisicamente com a Flávia.

— Além de golpista, ainda é maluca, menina? Vai falar que agora está conversando com o espírito da Flávia?

— Não estou conversando com espírito nenhum, Jacson. Droga... você faz conclusões erradas de tudo que falo!

— Olha, até agora não fiz conclusão de nada. Simplesmente descobri que minha sogra e uma desconhecida armaram para cima de mim com algo muito sério: a vida de uma criança! Se coloque no meu lugar e voltamos a conversar sobre entender tudo errado.

— Se colocar no seu lugar? Cara, eu estaria, sinceramente, pulando de felicidade.

— Por ter sido engando?

— Não, por ter a oportunidade de ter nos meus braços um filho da pessoa que amo.

As palavras dela cravam no meu coração.

— Você não entende nada do que posso estar sentindo, Cecília. — Minha voz soa de maneira fria. — Creio que está mudando o foco da nossa conversa. Quero que explique isso que disse há pouco. Que você é a pessoa que idealizou esse plano.

— Não diria que idealizei um plano. A ideia dessa gestação foi, sim, minha. Porém, da forma que você fala, soa diferente da realidade.

— Olha, Cecília — falo passando as mãos no cabelo. — Vamos terminar logo com isso, ok? Esses últimos dias foram extremamente estressantes.

— Entendo e acredito que deve estar muito confuso, Jacson, mas se não tentar, pelo menos, se acalmar um pouco, vai tornar isso mais complicado do

que realmente é.

— Mais complicado? — Sento na cadeira e dou um sorriso irônico. — Difícil, viu?

A calma dessa mulher me transmite confiança e quando me dou conta estou falando.

— Vamos começar novamente. Dessa vez com mais paciência então, para que possamos ter uma conversa civilizada, concorda?

— Concordo, Jacson — sussurra.

— Cecília, sei que mora com minha sogra, trabalha aqui na ONG, conhece a Flávia e por algum motivo maluco teve a ideia de ser barriga de aluguel, uma coisa que nunca foi discutida comigo, o maior interessado nessa história. Pode, por gentileza, explicar isso? — Deixo as muralhas que ergui nos últimos dias ruírem, demonstrando minha vulnerabilidade.

— Jacson, para que entenda tudo isso, preciso explicar primeiro onde tudo começou.

— Explique, Cecília.

— Bem, tudo começou quando sua esposa faleceu.

— Como assim?

— Jacson, deixa eu explicar tudo. Depois, se tiver alguma pergunta, você faz e respondo. — Concordo com a cabeça.

— Minha vida encontrou a de vocês no dia que a Flávia faleceu. Foi assim que conheci a Maria. Ela estava destruída pelo falecimento da Flávia e do Duda. Estava passando por um momento difícil também. Uma apoiou a outra e, por esse motivo, foi natural, acabei indo morar com ela, provisoriamente. Só que fui ficando, ficando, e o que era provisório se tornou definitivo. — Me olha para verificar se estou acompanhando e volta a fitar o chão.

— Nesses quase quatro anos que moramos juntas, nos tornamos mais

que amigas. Foi através das coisas que a Maria me contou que conheci você, o Duda e a Flávia. O amor que você e a Flávia tinham um pelo outro era mágico. Vi fotos. Li diários antigos da Flávia, postagens em redes sociais. Posso falar que fiquei obcecada pela história de vida da Flávia. Sinto como se fosse uma grande amiga dela, apesar de nunca ter me encontrado com ela em vida. Quando comecei a trabalhar na ONG, como voluntária, essa conexão aumentou ainda mais. Não consigo explicar o que sinto pela Flávia, mas é uma dívida que não posso traduzir em palavras. Precisava fazer algo para retribuir o que ela fez na minha vida e na vida de tantas pessoas. Não era apenas um desejo, mas, sim, uma necessidade. Mas não sabia ao certo necessidade de quê. Sabia que minha amizade estava ajudando a sua mãe, mas não bastava, sentia que a Flávia queria algo mais de mim. — Vejo quando ela passa as mãos pela face como se estivesse secando algumas lágrimas.

— Era um peso, uma dor que martelava dentro do coração, como se o que precisasse fazer estivesse bem ali, na minha frente, mas eu não estivesse vendo. Um dia, estava assistindo televisão e vi algo sobre uma mulher que gerou a filha de sua irmã que tinha falecido. Falava que o grande sonho dessa mulher era ser mãe, que quando descobriu que estava com leucemia congelou os óvulos. Que alguns anos depois que ela tinha falecido, foi feita a fertilização dos óvulos e ela gerou a filha da irmã. Aquela reportagem não saía da minha cabeça. Dormia e acordava pensando nela. Comecei a pesquisar o assunto, ver se eu podia ser gestante e o que teria que ser feito.

Ela dá uma pausa e olha para mim. Seus olhos estão ainda levemente umedecidos por lágrimas.

— Só quando tive certeza que poderia me submeter a este procedimento sem nenhum risco para o bebê, expus minha ideia para a Maria. Num primeiro momento, ela ficou na dúvida. Depois de explicar os

meus motivos, o quanto era importante fazer algo pela Flávia, ela viu que seria uma coisa maravilhosa.

— Que motivos, Cecília? Não consigo entender como pode ser tão importante para você fazer algo para uma pessoa que sequer conhecia!

— Como disse, posso não conhecer a Flávia no sentido tradicional da palavra. Mas... o que ela fez por mim... é muito especial. Nunca serei capaz de retribuir.

— O que ela fez de tão especial assim por você?

— Ela me devolveu a vontade de viver... Tem certeza que nunca ouviu falar de mim, Jacson?

— Tenho. Não me lembro da Flávia ter falado sobre você.

— Já disse. Não a conheci em vida. Quem deve ter falado de mim para você foi a Maria.

— Não lembro. Nem sabia que tinha alguém morando com ela.

— Fui morar com ela há mais ou menos 4 anos, ainda devia estar internado no hospital quando me mudei para lá depois de receber a minha alta médica.

— Esteve internada? Foi assim que se conheceram?

— Sim e não.

— Ah, Cecília, não fala em código, explique tudo — meio falo, meio solto um suspiro.

— Bom, estive internada por alguns dias, depois que me submeti a uma cirurgia de transplante de órgão.

— Você... — Fico olhando para ela enquanto meu coração pula no peito.

— Sim. Eu tenho um pedaço da Flávia aqui comigo. Ou melhor, além do filho de você, também carrego outro pedaço dela.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

12

— Recebi o transplante de uma das córneas da Flávia e, acredite, isso mudou radicalmente minha vida, ou melhor, me devolveu ela, Jacson. Nunca serei capaz de demonstrar o quanto esse ato de amor mudou tudo para mim. Como disse, precisava, de alguma forma, retribuir esse gesto. Devolver a vontade de viver para você, que era a pessoa que ela mais amava, é a minha forma de retribuir o gesto de amor dela. Por isso quis gerar essa criança. Imaginei que ter um filho de vocês nos braços faria você sorrir novamente. Eu sei disso, a Maria sabe disso, basta que você abra seu coração para aceitar isso também.

— Isso é uma loucura! Como você se sentiu no direito de decidir sobre a minha vida? Ou melhor, sobre a vida da minha família! Porque isso não afeta apenas a mim, mas à Flávia e ao Duda também!

— Espera, não terminei ainda! O que aconteceu depois que dei essa ideia para a Maria não foi nada culpa nossa! Ela contatou a clínica e, pelo que ela me contou, vocês se desentenderam. Ninguém teve culpa desse mal-entendido.

— Claro que vocês tiveram culpa. Essa coisa toda é tão sem sentido que deviam ter previsto o potencial para a desgraça disso tudo.

— Desgraça, Jacson? Uma criança não é uma desgraça! — retruca um pouco exaltada.

— Que merda, não quis dizer da criança. Você não sabe de nada! — comento com tristeza.

— Então agora é a sua vez de me fazer entender. Compreendo que isso deve ter chocado você, mas não consigo acreditar que não tenha caído a sua ficha ainda! Um filho, Jacson, seu e da Flávia. Irmãozinho do Duda. Como essa criança pode te repugnar tanto?

— Droga, não é essa criança que me enoja. Não vou suportar isso, Cecília! E ter a oportunidade de tê-la nos meus braços, sozinho!

— Nunca estará sozinho, a Flávia est...

— Está MORTA! — esbravejo.

— Está morta fisicamente, mas sua memória, o seu amor vai continuar com você para sempre!

— Olha, menina, me desculpa, mas ela não está aqui comigo. Não sobrou nada dela. Só o que restou foi essa dor insuportável que me acompanha todos os dias. Sabe o que é acordar todo dia sentindo que falta um pedaço do seu coração? Como se sua vida não tivesse mais sentido? Perdi tudo na minha vida e não preciso de ninguém para me salvar do jeito que escolhi viver. Não QUERO e não PRECISO ser salvo — respondo derrotado.

É incrível como essa menina me desarma, poucas palavras dela e já estou abrindo meu coração feito um idiota.

— Quem está louco agora é você. Está desperdiçando a chance que recebeu. Como pode dizer que não sobrou nada dela? Meu Deus, olhe para os lados, veja a quantidade de vidas que a Flávia transformou e transforma a cada dia!

— Olhando para os lados, tudo que vejo são paredes de um prédio usado para ajudar pessoas que perderam partes de sua vida também. Durante muito tempo achei que isso era uma forma de nos retribuir, sei lá, justificar a morte deles. Mas quando estive aqui há alguns dias, vi esse lugar de forma diferente. Não posso negar que isso ajuda muita gente. Só que isso é feito mais pela minha sogra e pelas pessoas que trabalham aqui do que pela Flávia.

— Claro que não, esse lugar só existe por causa da Flávia e do Duda.

— Tudo bem. Concordo com você. Mesmo admitindo isso, não me faz sentir melhor, continuo achando que não restou nada dela aqui.

— Olha para mim! — Olho na sua direção. — Jacson, olha para mim de verdade, por favor.

Mesmo contrariado, fixo meu olhar nos olhos dela.

— Eu sou um milagre da Flávia...

— Cecília, não comece...

— Começo, sim. Sua morte foi uma fatalidade. Mas sua morte foi usada para ajudar muitas pessoas. O fato de estar carregando um filho de vocês é uma dádiva também. Tenho certeza de que onde ela estiver, contribuiu para que isso acontecesse, porque essa criança é algo que ela deixou para você.

— Admito que estar gerando um filho nosso é algo... grande. Mas achar que a Flávia tem algo a ver com isso é irreal. Não posso levar isso adiante. Não tenho estrutura psicológica de cuidar de um filho, não dessa forma que aconteceu. Quem saber se fosse em outro momento, algo planejado, sei lá, Cecília, nunca pensei de verdade nessa possibilidade. Mal conheço a sua história, mesmo entendendo até que deva ter um sentimento de gratidão pela Flávia, e peço desculpas pelas minhas palavras de antes novamente. No fundo, acho que foi uma sucessão de erros que levaram a esse momento. Mas não dá, não consigo. Não quero seguir com essa gravidez.

Paro alguns segundos para meditar no peso das minhas próximas palavras. Mesmo não conhecendo a Cecília, vejo que elas a machucam muito. Respiro fundo para terminar a conversa.

— Não quero essa criança, Cecília. Quero que me acompanhe para fora do Brasil, já procurei uma clínica especializada onde faremos o procedimento sem nenhum tipo de risco para você.

— Tem certeza disso? — Consigo enxergar a dor que minhas palavras causam nela.

— Tenho. Sei que isso deve ser ilegal, mesmo se feito fora do Brasil, por isso estou disposto a pagar pelo transtorno que isso possa te causar.

— Se, eu disse "SE" aceitasse fazer isso, jamais iria querer um centavo do seu dinheiro.

— Tudo bem, então apenas cubro todas as despesas. Você tem passaporte?

— Calma, Jacson, não concordei em acompanhar você.

— Cecília, seja racional. Quem tem que decidir isso sou eu. É a minha vida que vai ser radicalmente afetada por isso. Não quero travar uma batalha judicial. Vamos resolver isso entre a gente.

— Não, quem precisa ser racional é você. — Para de falar e balance a cabeça, visivelmente chateada. — Droga, não acredito que vou falar isso. Mas tudo bem, já que quer fazer esse aborto, então vamos fazer um acordo?

— Que tipo de acordo? — questiono desconfiado.

— Um acordo simples. Quero ter a chance de mostrar que a Flávia continua aqui com você. Deixe-me fazer isso, mostrar o legado de amor que ela deixou aqui na terra.

— Ah, Cecília, não preciso de nenhuma demonstração sentimental, não vou mudar minha opinião!

— Não tem nada a perder. Um mês. Peço apenas um mês.

— Um mês para me convencer a mudar de ideia?

— Um mês para mostrar que a Flávia queria que essa criança estivesse aqui. Se depois de um mês, você ainda mantiver essa decisão, vou com você para onde quiser e realizo o aborto.

Ergo uma sobancelha medindo o que ela acabou de falar. Um mês não é muito tempo, ainda é viável para a realização do aborto. Sei da minha

posição, nada do que ela ou a Maria falarem vai mudar a minha opinião. O que tenho a perder?

Tenho duas opções, ou concordo com a concessão de um mês para que ela faça sei lá o que está imaginando, ou compro uma briga judicial a qual, segundo o Marcos, terei muita chance de sair perdendo.

— Um mês?

— Exato, mas nesse um mês, vai fazer exatamente o que eu quiser. Se não mudar de ideia depois disso, acompanho você voluntariamente. Posso, inclusive, assinar um contrato com essas condições.

— Hum... Verifico o contrato depois com meu advogado, mas creio que não será necessário.

Sei que um acordo nesses termos seria inútil e inclusive, até um crime, Penso durante alguns segundos e não vejo outra saída senão aceitar conceder esse mês a ela.

— Tudo bem, então, temos um acordo, concedo um mês e nenhum dia a mais.

Estica a mão para pegar a minha.

— Sábia decisão, Jacson. Tem a minha palavra de que vou cumprir com nosso acordo.

Penso no ridículo dessa situação. Duas pessoas que, sem se conhecem, selam um acordo que vai decidir se uma criança nasce ou não.

— Posso fazer apenas uma pergunta? O que vai fazer nesse mês?

— Eu? Nada... — Dá de ombros. — Quem vai lhe mostrar algumas coisas é a Flávia.

— Queria saber como ela pode me mostrar alguma coisa sem estar aqui — sussurro.

— Através das coisas que deixou aqui — sussurra enquanto abre um fraco sorriso.

Caminha até a mesa e escreve alguma coisa num papel e depois me alcança.

— Amanhã, às sete e meia, espero você nesse endereço.

— Posso saber o porquê?

— Não, Sr. Jacson. — Solta uma pequena gargalhada. — Apenas compareça lá.

— Não pode simplesmente passar um endereço e esperar que eu vá até lá sem saber o motivo.

— Não criamos regras no nosso acordo. Por isso, posso! Até amanhã.
— Abre um sorriso tímido e sai da sala, sem olhar para mim.

Pressinto que esse mês será de muitas emoções.

13

Confirmo mais uma vez o endereço que a Cecília ontem anotou no papel para ver se não estou no lugar errado. Uma cafeteria? Às sete e meia?

Várias vezes durante a noite mudei de opinião sobre esse... esse... sei lá o nome que posso dar a isso, acordo? Vou chamar de *plano maluco dela para mudar minha ideia num mês*. Não entendo ainda por que concordei com isso. Ou melhor, entendo: estou sem outras opções no momento.

Terrivelmente irritado depois de outra noite sem dormir, respirando fundo para tentar me acalmar, entro no local, onde logo sou invadido pelo cheiro de café fresco. Olho para os lados e vejo a Cecília sentada num dos cantos segurando um vidro de adoçante nas mãos com um sorriso no rosto. Nem tento entender o que ela está fazendo e com poucos passos estou na sua mesa.

— Bom dia, Cecília.

— Bom dia, Jacson. — Larga o adoçante e ergue a cabeça quando ouve a minha voz.

— Pronto, estou aqui, pode começar a mostrar seja lá o que quer nesse local.

— Mostrar? — Dá de ombros. — Não quero mostrar nada daqui.

— Não quer me mostrar nada? — questiono sem disfarçar minha indignação.

— Calma, homem. — Dá um breve sorriso. — Senta aí, Jacson. Só te convidei para um café.

— Um café?

— Você está com algum problema que precisa ficar repetindo o final das minhas frases?

— Engraçadinha — respondo sarcástico enquanto me sento. — Apenas não entendo por que me fez vir até essa cafeteria.

— Porque ela é do lado da minha casa? Prefiro que você venha ao meu encontro, do que eu ao seu, isso me dá pelo menos uma meia hora a mais de sono — responde com sarcasmo também na voz. — Uni o útil ao agradável, pois não sei você, mas eu, sem café de manhã, não acordo direito.

— Eu também — resmungo em resposta, o que faz com que ela dê uma risadinha e depois esconda o rosto com a sua mão.

Fazemos nossos pedidos e, assim que a atendente deixa a mesa, começo a mexer no celular.

— Ei! Não te falaram que é falta de educação mexer no celular durante as refeições? — fala erguendo uma das sobrancelhas.

— Já. Mas você está vendo refeição aqui? Porque ainda não aprendi a comer vento — retruco rispidamente.

— *Eita* que hoje seu mau humor está a mil hein?

— Não estou mal-humorado, apenas não vejo motivo para fingirmos ser bons amigos e conversarmos durante essa "refeição". — Faço um gesto no ar como se colocasse aspas.

— Essa "refeição". — Ela imita meus gestos. — É considerada a mais importante do dia.

— Está bem sabichona, desculpa minha ignorância, não sabia que vossa excelência era nutricionista.

— Como você sabe disso? — responde cruzando as mãos na frente de seus seios.

— Opa, desculpa, não quis desmerecer sua profissão, não sabia que era

nutricionista.

— Quem disse que sou nutricionista?

— É ou não é? Agora não entendi nada! — respondo mais irritado do que quando cheguei.

Ela cai na gargalhada, dessa vez sem disfarçar com a mão na frente, ri com gosto, daquelas gargalhadas de doerem a barriga. Quando dou por mim, me rendo e acabo sorrindo da cena dela gargalhando com tanto gosto.

— Ah, Jacson, desculpa, mas não pude perder a oportunidade. Você é tão emburrado que não resisti à chance de te provocar. — Para de falar e respira profundamente, parando de vez o riso. — Viu como precisamos conversar durante essa refeição? Apesar de saber tudo sobre você, não sabe nada de mim. Pensei em começar esse nosso mês com uma conversa, para que pudéssemos nos apresentar da maneira correta — ela fala e gesticula freneticamente, como se as suas mãos estivessem interligadas com a sua boca. — Mas você já entrou aqui com cara de poucos amigos, muito irritado, que acabei me armando e retrucando da forma errada, sério, desculpa a brincadeira.

— Desculpada, Cecília. — Tenho que segurar o riso porque vê-la falando e gesticulando como louca é muito engraçado.

— Cecília, muito prazer — diz estendendo a mão na minha direção.

— Jacson, mas você já sabe disso. — Aperto sua mão brevemente.

Somos interrompidos pela atendente que traz o nosso pedido. Depois de deixar tudo sobre a mesa, ficamos sozinhos e ela retoma a conversa.

— Então, tem 29 anos, você é formado em Comércio Exterior e tem uma importadora, seu hobby preferido era correr, adora comida italiana, mas não dispensa um bom churrasco. Sua cor preferida é azul, torce pelo Palmeiras, é viciado em chocolate e o que mais gosta quando vai ao cinema é de comer a pipoca. Mas creio que muita coisa mudou nesses últimos anos,

quer me atualizar?

— Como você sabe de tudo isso sobre mim?

— Ah, uma coisinha que a Maria me contava aqui, mais outra que vi nas redes sociais da Flávia e suas, um pouco li nas coisas que a Maria tem na casa dela e assim foi, por isso tenho esse super dossiê sobre a sua vida.

— Nossa, nas redes sociais? Nem sabia que ainda tinha isso no ar depois de tanto tempo.

— Já ouviu aquela frase: *a internet não perdoa*? Pois é, não perdoa e não esquece.

Ficamos alguns instantes em silêncio, apenas comendo.

— Tenho 29 anos mesmo. Não terminei minha pós-graduação, tenho uma importadora que já está com três filiais no Brasil, não corro mais, meu passatempo preferido agora é beber. Não tenho comida preferida, ou melhor, tenho, são aquelas que podem ser aquecidas rapidamente no micro-ondas. Minha cor preferida é a da camisa que está na minha frente, nunca mais assisti futebol nem sei qual a última vez que fui ao cinema. — Fico encarando-a enquanto segura a xícara suspensa na sua frente.

— E chocolate? — ela pergunta ainda me olhando com as sobrancelhas franzidas.

— O que tem chocolate?

— Ainda é seu vício?

— Hum... Isso não mudou. Chocolate continua sendo meu ponto fraco — respondo.

— *Uobaaa!* — Faz um gesto de vibração no ar com o punho. — Pelo menos uma coisa que acertei.

Balanço a cabeça diante da moleca na minha frente e nem percebo quando as palavras escapam da minha boca.

— E você?

— Eu? Gosto de chocolate, mas não sou viciada. — Dá uma piscadinha divertida.

— Não apenas isso, né, o resto. Vai, me atualize. — Faço um gesto com a mão para que comece a falar.

— Bom, tenho 25 anos e não sou nutricionista, sou estudante de Pedagogia, falta pouco menos de um semestre para me formar. Então, não se preocupa, não sou sua rival.

— Minha rival? Não entendi — questiono.

— Não tenho uma importadora, então não sou sua concorrente, um motivo a menos na sua lista de *coisas para odiar na Cecília*.

— Nunca disse que odeio você, Cecília, o que temos infelizmente é...

— Eu sei, Jacson — interrompe minha fala. — Não leve as coisas tão ao pé da letra, isso foi uma brincadeira.

Fico sem jeito e faço apenas um gesto com a cabeça como se aceitasse seu pedido de desculpa.

— Meu hobby é ler, fui privada disso durante tanto tempo que hoje leio tudo que está na minha frente. Antes de você chegar, por exemplo, li o rótulo desse adoçante que está na mesa. Sabia que 3 gotas equivalem à doçura de uma colher de açúcar? — Pega o adoçante na mão e fala balançando ele, gesticulando bastante novamente. — Eu sei, deve estar pensando que sou louca. Mas tenho uma coisa para te contar. — Larga o adoçante e se debruça sobre a mesa, trazendo seu corpo mais perto do meu. Depois, coloca as mãos em forma de concha na frente da boca, como se fosse me contar um segredo — Eu sou louca mesmo — fala cochichando.

Depois senta normalmente na cadeira, pega sua xícara de café na mão e continua.

— Sou louca por cada novo dia, por cada manhã, por cada novo vislumbre do sol. Sou louca pelas cores de quando ele começa a se pôr no

horizonte, trazendo o cinza do crepúsculo, o brilho da lua, das estrelas. Louca pelo movimento do trânsito. Louca pelas crianças correndo. Louca pelo balanço do vento das folhas das árvores. Sou louca por tantas coisas... Resumindo, sou louca pela vida. Apaixonada por esse presente que recebo a cada manhã, que é um novo dia, inteirinho e em branco para usar da maneira que achar melhor. — Sua voz sai um pouco embargada, visivelmente emocionada. Mas mesmo emocionada, fala com um sorriso estampado no rosto, que consegue irradiar a verdade das palavras que ela está pronunciando.

— Olha, já estou fugindo do assunto. — Toma um gole do seu café, depois continua como se o último minuto nem tivesse existido. — Minha comida preferida, ou melhor, minha refeição preferida é o café da manhã. Odeio futebol; para falar a verdade, qualquer esporte. Xadrez é considerado um esporte? Se for, eu torço pelo xadrez, então. E cinema? Adoro! Ainda mais se for regado a pipoca! Pronto, apresentação concluída.

Lógico que falou tudo com a sua coreografia de mãos.

— Faltou coisa ainda.

— Não faltou nada. — Coloca as mãos na cintura e faz uma careta.

— Sua cor preferida.

— Opa, verdade. Minha cor preferida. — Para e faz cara de pensativa por alguns segundos. — Sabe, acho que não tenho uma cor preferida. Isso significa que não esqueci nada. Ponto para mim. — Passa a mão por cima da mesa e bate suavemente no meu ombro.

— Competitiva, hein?

— Ah, sou mesmo, não gosto de perder em nada. Se jogar par ou ímpar comigo mesma eu vou sempre vencer!

— Estou percebendo. — Dou um fraco sorriso.

—Meu Deus! Para tudo! — grita erguendo as duas mãos para o alto.

Largo o que estou comendo no prato e olho assustado para ela.

— O que foi? — pergunto olhando para os lados à procura de algum possível ladrão ou perigo perto da gente.

— Doeu? — Apoia as duas mãos sobre a mesa e fica me olhando com os olhos arregalados.

— O quê? — Será que ela acha que me queimei com o café?

— Sorrir. Doeu sorrir? — Continua me olhando de forma bem séria.

— Cecília — respondo enquanto a fito nos olhos. — Estou com medo.

— Por quê?

— É contagioso? — Agora ela que fica me olhando com as sobrancelhas franzidas sem entender nada. — Sua maluquice. É contagiosa?

Ela dá uma gargalhada sonora, que fica ressonando dentro da minha cabeça, e preciso admitir, seu riso é contagiante e acabo gargalhando junto com ela

Continuamos o café nesse clima ameno, e ela me arranca mais alguns sorrisos durante nossa conversa.

Para ser sincero, nenhuma vez lembrei-me do verdadeiro motivo do nosso encontro.

14

Quando terminamos o café, enquanto ela se despede da garçonete, pago a conta e logo saímos da cafeteria.

— Você veio de táxi?

— Uber, na verdade — respondo.

— Ok. Quero que vá comigo num lugar.

— Já chamo um Uber. — Tiro o celular do bolso para abrir o aplicativo e chamar o carro.

— Não de Uber, de ônibus. Só perguntei para ter certeza que não tinha vindo de carro.

— Mas de Uber é bem mais prático — retruco ainda mexendo no celular.

— De ônibus. — Faz um gesto com o ombro e sai caminhando na direção do ponto de ônibus.

— Dessa vez posso saber ao menos para onde estamos indo? — questiono enquanto a sigo pela calçada guardando o celular no bolso.

— Claro. Na casa do Seu Aguiar.

— Ok. E quem é o Seu Aguiar?

— Um amigo meu? — responde em tom de pergunta com aquele já conhecido sorrisinho no rosto.

Não tenho tempo de perguntar mais coisas, pois mal chegamos ao ponto e o ônibus já aparece. E adivinhe? Lotado.

Pagamos o cobrador e nos esprememos entre os passageiros. Não

lembro qual a última vez que peguei um ônibus, deve ter sido na faculdade há uns bons oito anos.

Depois de meia hora, sacolejando de um lado para outro, Cecília toca meu braço fazendo sinal que vamos descer na próxima parada.

— Nem pense em me colocar dentro de outro ônibus tão cedo — resmungo quando estou fora da lotação.

— Larga de ser reclamão, Jacson, não foi tão horrível assim, nem estava tão lotado.

— Nem quero imaginar um lotado, então!

— Resmungão, credo. Vem. — Engancha seu braço no meu e me puxa pela calçada. — Pare de reclamar. Vamos que estamos atrasados.

— Atrasados para o quê, propriamente dito?

— Para conhecer o Seu Aguiar, oras!

— Maluca... — sussurro um pouco alto demais e recebo uma cotovelada nas costelas.

— Ai! Maluca e agressiva ainda por cima — retruco, mas me afasto um pouco para me defender de um novo golpe.

Caminhamos uns cinco minutos e chegamos numa borracharia.

Assim que entramos, ela solta meu braço.

— Seu Aguiar, que saudade! — Caminha apressada na direção de um senhor de idade, vestido com roupas de trabalho.

— Saudade, menina, anda sumida! — fala envolvendo a Cecília num abraço apertado.

— Desculpa, Seu Aguiar, mas esse último ano na faculdade está me deixando sem tempo para nada.

— Eu sei, querida, não ligue para esse velho rabugento aqui. E olha para você, cada dia mais linda.

— Vixe, eu que tenho problema de visão e o senhor que não enxerga

direto? — fala em tom brincalhão.

— Enxergo muito bem, moça espertinha. — Aperta o nariz da Cecília num gesto de carinho. — Não que esteja reclamando de sua visita, mas está tudo bem? Achei você um pouco nervosa ontem no telefone e não entendi porque pediu para trazer as fotos.

— Tudo bem, sim, Aguiar. Queria apenas que você conhecesse um amigo meu. — Se vira na minha direção.

— Aguiar, esse é um amigo meu, o Jacson.

— Prazer, Jacson, sou o Aguiar. — Estende a mão na minha direção e nos cumprimentamos.

— O prazer é meu, Aguiar.

— Menina, você disse “Jacson”?

— Sim — Cecília responde mais com um gesto de cabeça do que com o som da sua voz.

— Ele é o nosso Jacson? — o homem pergunta um pouco assustado, ainda segurando minha mão.

— Sim, o próprio. — Dessa vez Cecília consegue responder um pouco mais alto.

— Oh! — O semblante do homem muda e passa a me olhar como se estivesse vendo uma aparição na sua frente.

— Jacson, o Seu Aguiar é... um dos transplantados da Flávia. — Solto a mão dele como se tivesse levado um choque.

— Sinto muito pela sua perda, Jacson. Flávia era uma menina única.

— Você a conheceu? — questiono com a voz fraca.

— Ah não, não. Conheço apenas a Maria, a mãe dela. Mas isso não impede que tenha a maior veneração por essa moça, devo muito a ela. Vem, vamos sentar para que possamos conversar melhor. — Faz um gesto em direção a umas cadeiras, perto de uma mesa no fundo da borracharia.

Sigo os dois de maneira automática, com as pernas meio moles, não pelo susto, mas... acho que por ter dois pedaços da Flávia perto de mim depois de quatro anos. Ou melhor... Três!

— O que você recebeu? — pergunto assim que todos estão sentados.

— Um rim — fala enquanto sobe a camiseta e mostra uma cicatriz na lateral do seu corpo. — Desenvolvi insuficiência renal e tentei todo tipo de tratamento possível, mas nada resolveu meu problema. Fiquei vários anos na lista de espera para receber um transplante. Quando meu quadro se agravou e tive que fazer hemodiálise três vezes por semana, praticamente me mudei para uma casa de apoio que a prefeitura de onde morava tem aqui na capital, junto com minha esposa, que largou o trabalho para cuidar de mim. — Pega um álbum de fotos de cima da mesa. — Olha como fiquei enquanto esperava o transplante. — Pego as fotos e vejo um homem muito diferente do que está na minha frente. Não apenas pelo porte físico, mas principalmente pelo semblante triste e derrotado que vejo nas fotos. — Era impossível trabalhar, fiquei muito debilitado e com minha esposa largando o trabalho também, o que recebia de auxílio-doença era insuficiente para nossas despesas, então minha filha, Jaina, que estava cursando faculdade, trancou e foi trabalhar para ajudar em casa. Não desejo o sofrimento que tive para ninguém. Ver toda minha família se sacrificando por mim foi terrível. Rezava para que Deus mandasse um doador compatível ou para que me levasse logo para terminar o sofrimento da minha família de uma vez. Quando recebi a notícia do transplante, peço desculpas ao senhor, mas nem pensei no sofrimento das pessoas que tinham perdido aquela alma caridosa que me devolveria a vida. Meus primeiros pensamentos foram que meu sofrimento acabaria. — Pega o álbum da minha mão e passa algumas fotos para frente.

— Essas fotos aqui são depois do transplante, do meu período de recuperação. Só depois de passado uns dias da cirurgia, fiquei curioso em

saber quem era o doador. Foi nessa época que a Maria me procurou, ou melhor, procurou a minha família. Descobriu o quanto estávamos afundados em contas e que a Jaina tinha abandonado a faculdade. Ela se ofereceu para nos ajudar a organizar a nossa vida. E foi assim que parei aqui na capital de vez. Graças a Maria, consegui abrir essa pequena borracharia e minha senhora trabalha de doméstica na casa de uma das suas amigas. Dona Maria conseguiu uma bolsa de estudos para Jaina terminar a faculdade. Olha aqui, essa foto tiramos na formatura dela faz dois anos. — Vejo uma foto de uma jovem vestida de beca, com Seu Aguiar, uma senhora que deve ser sua esposa e Dona Maria.

— Posso dizer que a Flávia não salvou apenas a minha vida, ela interferiu em cada coisinha, facilitando que tudo entrasse nos trilhos novamente. Todos aqueles anos de amargura e sofrimento ficaram no passado. Lógico que tomo os cuidados necessários, mas consigo levar uma vida quase normal. E o mais importante: minha família está feliz.

Fico segurando as fotos na minha mão sem conseguir levantar meus olhos para encarar o Aguiar.

— A sua Flávia foi um anjo na minha vida, Sr. Jacson.

— Ela é um anjo... — sussurro.

— Tenho certeza que ela está muito feliz pelo trabalho que está realizando na ONG.

— Não faço nada na ONG, aquilo só existe graças a minha sogra.

— Não é o que a Dona Maria diz, pois sem a sua ajuda financeira, nada poderia ser feito por lá — Cecília fala, e só então lembro que ela também está no ambiente.

— Temos divergências de opinião com relação a isso — respondo com a voz baixa.

— Se soubessem que o senhor estava vindo, minha filha e minha

esposa estariam aqui para te agradecer também.

— Não precisa me agradecer por nada, não fiz nada por vocês, se tiverem que agradecer a alguém, seria a Flávia.

— Claro que preciso agradecer, pois o senhor autorizou o transplante.
— Fecho meus olhos e puxo a respiração, pois sei que, se dependesse de mim, esse transplante não teria sido autorizado.

— Bom, acho que vamos, né, Cecília? — Largo as fotos sobre a cadeira e levanto apressado.

— Sim — Cecília sussurra.

— Obrigado pela visita, filha, ainda estou esperando você para o almoço que combinamos.

— Pode deixar que assim que me organizar com as coisas da faculdade, apareço um final de semana para almoçar com vocês. — Abraça e depois dá um beijo na face do Aguiar.

— Prazer em conhecê-lo, Aguiar. — Estendo a mão para lhe dar um aperto.

— Ah rapaz, vem aqui. — Nem consigo piscar e sou abraçado pelo Aguiar.

Seria estranho se falasse que esse abraço me deixou com um nó no estômago? Mesmo não querendo, senti como se todo meu corpo estivesse em conexão com o corpo daquele homem na minha frente. Não pense que foi algo sexual, porque não foi nada disso! Foi como se uma descarga elétrica saísse de seu corpo e percorresse cada centímetro do meu, fazendo meu coração bater acelerado.

— Você também sentiu isso, né? — ele fala junto ao meu ouvido e não consigo responder, tamanha é a emoção que estou sentindo. — Sinto seu coração cheio de tristeza, filho. Muitas coisas que acontecem na vida são inexplicáveis, só Deus sabe o motivo, não cabe a nós questionarmos o

porquê, mas para quê as coisas acontecem dessa maneira. — Se afasta um pouco e continua falando com seus olhos fixos nos meus. — O pedaço dela que tenho em mim continua te amando e isso faz com que eu te ame também e me preocupe com você. Por isso, filho, sei que ela está sofrendo com a sua recusa em aceitar o que aconteceu. Você precisa acalmar seu coração...

— Vamos, Cecília. — Me solto do seu abraço e viro as costas correndo para fora dali, para longe daquelas palavras que estavam se infiltrando na muralha que construí para me afastar das pessoas e estavam quase conseguindo tocar dentro do meu coração amargurado.

Não quero e nunca aceitarei a morte da Flávia e do Duda. Nunca!

Caminho pela calçada e logo ouço passos apressados nas minhas costas.

— Ei, espera, Jacson! — Cecília dá uma corridinha para me alcançar.

— Bela encenação do Seu Aguiar, fez certinho do jeito que você deve ter pedido. Quando falar com ele novamente, diga que ele quase me emocionou.

— Não pedi nada ao Seu Aguiar. Ou melhor, pedi apenas que trouxesse as fotos que mostrou. O que ele disse foi de coração mesmo.

— Que mané coração. — Continuo andando apressado.

— Pode diminuir o seu ritmo? Não consigo acompanhar você assim.

Paro bruscamente e coloco as mãos nas minhas coxas, flexionando um pouco meu corpo.

— Ok, Cecília, vou desacelerar. Admito que fui ingênuo em não sentir esse golpe de mestre vindo. Sessão tortura de hoje encerrada? — pergunto apertando os olhos.

— Não, ainda não. Vamos, o ponto é do outro lado.

— Nem pensar que entro num ônibus novamente.

— Vai entrar, sim.

— Cecília, deixa de ser teimosa, vou aonde quer, mas ao menos me deixe escolher a forma.

— Negativo, isso não é uma negociação. — Anda para o ponto e desisto de insistir. Não entendo o porquê dessa sua necessidade de andar de ônibus se de Uber seria bem mais rápido.

15

Ela não puxa assunto, respeita meu momento de reflexão. Entramos no ônibus ainda sem conversar. As palavras do Aguiar ficam se repetindo mais e mais na minha cabeça até chegarmos à próxima parada.

Noto que descemos na frente de um hospital e fico pensando no que ela vai me mostrar agora.

Ela segue sem vacilar, como se já tivesse vindo várias vezes aqui e conhecesse bem o lugar.

— Olá, Marta, tudo bem? — fala para uma moça que encontra na recepção.

— Oi, querida. — Se cumprimentam com um beijo. — Não estava esperando você hoje, não é seu dia.

— Sim, eu sei. Mas posso entrar? Trouxe um amigo meu para conhecer o lugar.

— Ah sim, sem problema. Sabe que sempre tem espaço para mais algum voluntário, né. Sabe o caminho, fique à vontade.

— Obrigada, Marta. — Faz um gesto com a cabeça para que eu a siga. Passamos por um corredor e tenho medo de perguntar aonde ela está me levando agora.

— Lave as mãos e depois coloque essas luvas. — Mostra uma caixa de luvas cirúrgicas em cima de uma bancada.

Quando estamos prontos, me leva até uma sala no final do corredor que só então percebo se tratar de um local que, suponho pelo meu conhecimento

escasso, serve para realizar hemodiálise. Fico olhando para todos os lados, vejo pessoas de todas as idades e sexos com tubos ligados à máquina de hemodiálise.

Cecília desliza de um paciente para outro, como se conhecesse todos que estão aqui. Não consigo ouvir o que ela fala, mas percebo que distribui sorrisos e apertos de mão.

O que ela está fazendo aqui? Ou melhor, o que eu estou fazendo aqui? Como se estivesse ouvindo meu questionamento, Cecília se materializa do meu lado.

— Você pode me ajudar? — pergunta com a voz suave.

— Não sou enfermeiro nem médico — respondo com a minha rispidez característica.

— Também não sou profissional da área de saúde e isso não me impede de ajudá-los. Vem, vou mostrar o que faço quando venho aqui.

Caminha até o canto da sala, onde tem uma pequena mesa com uma jarra de água, uma bandeja com sanduíches, um pote de biscoitos, alguns livros e também jogos de dominó e tabuleiro.

— Esse projeto tem o objetivo de ajudar os pacientes durante as sessões de hemodiálise. Sou voluntária algumas vezes por mês e meu trabalho se resume a oferecer alimentos, ler, jogar ou simplesmente conversar com os pacientes enquanto estão ligados às máquinas. Você é voluntário hoje, pode começar oferecendo água para os pacientes. — Coloca uma jarra numa das minhas mãos e na outra um monte de copos descartáveis, depois pega um livro, me dá as costas e segue em direção a um dos pacientes, sentando do lado dele.

Fico um pouco perdido, mas logo começo a oferecer água aos pacientes e acompanhantes, que me recebem sempre com sorrisos. Fico envergonhado, pois quem teria motivo para estar mal-humorado aqui são eles, que estão

passando pelo procedimento, não eu, que estou saudável. Percebo o quanto estão sofrendo, mas mesmo assim, não deixam de sorrir e agradecer a atenção que estamos dando para eles. Aos poucos, vou relaxando meu semblante e ficando mais tranquilo.

Depois de algumas horas, alguns pacientes já deixaram a sala e outros tomaram seus lugares. Conversei com vários e a grande maioria não tem doador compatível na família, por isso todos, sem distinção, oram e pedem a Deus para que um doador compatível apareça logo.

Quando Cecília diz que nosso turno terminou, sinto uma pontadinha de orgulho pelo que fiz nessa manhã. Foi algo tão pequeno, mas que fez tanta diferença para essas pessoas.

— Antes de irmos embora, quero que conheça uma pessoa, que foi a idealizadora desse projeto. — Me pega pela mão e nos guia de volta à recepção, onde uma moça está sentada, levantando assim que nos vê vindo pelo corredor.

— Cecília. — As duas moças trocam um abraço apertado.

— Oi, querida. — Cecília ainda tem uma das mãos sobre o ombro da moça quando se vira para minha direção. — Esse é um amigo meu que quero que conheça.

— Jaina, muito prazer. — Estende a mão para me cumprimentar.

— Jacson, prazer é meu. — Aperto sua mão estendida.

— Jaina é filha do Seu Aguiar — Cecília explica. — Ela é a idealizadora do projeto que ajuda os pacientes que estão fazendo hemodiálise.

— Meu pai ficou mais de um ano vindo aqui três vezes por semana. Não pude estar com ele, porque precisava trabalhar. Muitas vezes, ele me falava que ficava sozinho, sem falar com ninguém durante as 4 horas que ficava filtrando o sangue, ligado à máquina.

— Faz um pouco mais de dois anos que o projeto está em andamento.

— Dessa vez quem explica é a Cecília.

— Na verdade, esse foi meu projeto de TCC, sou formada em Serviço Social. No início, éramos em poucos voluntários, mas hoje somos mais de 50 pessoas que se revezam no atendimento.

— Parabéns pelo projeto — falo realmente emocionado pela iniciativa da moça. — Posso ajudar financeiramente em alguma coisa?

— Não temos nenhum tipo de gasto, cada voluntário traz o lanche no seu turno. Mas se quiser, pode doar alguns livros e jogos, os que temos hoje são frutos de doações.

— Nossa maior dificuldade é com as crianças, se quiser doar alguns livros de colorir e lápis de cor, ou alguns livros infantis, ajudaria muito — Cecília complementa.

— Verdade, as crianças são a parte mais complicada do projeto. Está convidado para vir aqui se quiser, mas elas são atendidas em separado, sempre no período da tarde.

— Não moro em Curitiba, mas agradeço o convite, vou providenciar para que a doação chegue às suas mãos.

— Jaina, Jacson mora em São Paulo, é o principal patrocinador da ONG da Maria, ele era... é o marido da Flávia — Cecília explica para Jaina.

— Ai Jesus! Desculpa, não reconheci você pelo nome. — Me dá um abraço apertado. — Não tenho como expressar meus sentimentos pela perda da Flávia e de seu filho, pelo pouco que conheço da história de vocês, sei que ela era uma mulher muito especial.

— Sim, ela é especial, muito especial — falo afastando um pouco seus braços.

— Sei que a sua dor deve ser imensa, saiba que sinto muito por sua perda.

— Obrigado? — respondo com um pouco de ironia. — Mas se não

fosse minha perda, seu pai não teria recebido o rim da minha esposa, e talvez, ainda fosse um dos pacientes desse local.

— Talvez sim, talvez não. Nunca saberemos. — Dá de ombros sem se afetar pelo meu ataque. — O que posso afirmar com certeza é que a Flávia salvou a vida do meu pai. Isso e todo apoio que recebemos da Maria mudaram a vida de nossa família. Não me refiro ao apoio financeiro, porque fiz questão de devolver tudo para a Maria, mas o carinho, a amizade que cresceu nas nossas vidas, um elo que nada poderá apagar. — Faço um aceno breve com a cabeça enquanto esboço um sorriso tímido.

— Peço desculpa por interromper essa conversa, mas preciso ir. Meu horário de almoço está quase no fim, entro às duas no trabalho. — Só agora percebo que horas são, estava tão entretido que nem senti que o horário de almoço já tinha passado.

— Prazer em conhecê-la, Jaina, farei a doação dos livros, mas se um dia precisar de dinheiro para o projeto, por favor, peça a Maria que entre em contato comigo, ok?

— Claro. Em nome da REFLAPIR agradeço de coração.

— REFLAPIR?

— Rede Flávia de Apoio a Pacientes com Insuficiência Renal.

— Rede Flávia? — sussurro.

— Sim, essa foi minha forma de retribuir o que ela fez por meu pai. Seu exemplo de amor está ajudando muitas vidas. Sei que não é consolo, mas sua memória está seguindo aqui, fique orgulhoso disso.

Dessa vez não consigo sequer fazer um simples aceno com a cabeça. Ela se despede da Cecília, depois faz um tchau e vai embora.

— Bom... — Cecília fala enquanto torce as mãos na lateral do corpo. — Acho que agora aceito aquele Uber que queria pedir antes, também estou atrasada para o trabalho, tenho que entrar às duas, só consegui dispensa para

o período da manhã.

— Mas você não almoçou ainda — falo ainda meio perdido.

— Não se preocupe, faço um lanche quando chegar à ONG.

— Vai à ONG ainda hoje?

— Esqueceu que trabalho lá? Sou estagiária, lembra?

—Não, só... Deixe para lá. — Tiro o celular do bolso e chamo um Uber enquanto saímos do hospital.

Deixo-a na ONG e sigo para meu hotel, remoendo as emoções e revelações do dia.

Quanta coisa a Maria estava fazendo em nome da Flávia, enquanto eu simplesmente me afundava cada vez mais na depressão.

Resolvo tomar um banho antes de sair do hotel para fazer um lanche.

Quando saio do banho, vejo meu celular brilhando com o recebimento de uma mensagem.

“Amanhã passe na ONG às 12 horas e leve uma mochila com o básico, vamos fazer uma breve viagem até Ponta Grossa e voltar depois de amanhã à tarde.”

O que ela vai me mostrar agora? Curioso para o próximo passo do plano dessa menina meio (ou totalmente) maluca.

16

Quando chego ao hotel, já são quase duas horas da manhã. Bebi, achei uma mulher para aliviar minha frustração, bebi mais um pouco e agora estou aqui, prestes a acordar a única pessoa que me ouve medir as palavras.

— Jac? — A voz da Nat soa abafada do outro lado do telefone. — Aconteceu alguma coisa?

— Quer saber se aconteceu *mais* alguma coisa, né? — um Jacson muito nervoso responde sua pergunta.

— Que houve, querido? Para estar ligando essa hora, sei que aconteceu alguma coisa. — Ouço barulho de fricção de roupas e sei que ela está saindo do quarto para não acordar o Marcos.

— O Marcos está aí?

— Não, eu estou aqui. Estou dormindo na casa dele.

— Esse casamento aí tem que sair logo, não sei por que insistem em ter duas casas.

— Não ligo às duas da manhã para dar *pitaco* na minha vida pessoal, Jacson.

— Estou ferrado, Nat — murmuro me jogando na cama.

— Por quê, Jacson?

— Porque não sei o que estou fazendo aqui em Curitiba.

— Está tentando resolver essa situação toda.

— Me fale, então, você que é tão ajuizada, por que dei essa chance maluca para essa menina?

— Porque mesmo não querendo assumir, está na dúvida sobre o que deve fazer?

— Está me perguntando isso?

— Talvez.

— Nossa, ligo para você para ajudar e, ao invés disso, fica me enchendo de perguntas e dúvidas.

Ela fica em silêncio do outro lado do telefone, já me conhece, sabe que liguei mais para desabafar do que pedir a sua opinião.

— Nat, estou confuso — admito com a voz embargada. — Essas duas semanas mexeram demais comigo. Estava levando uma vida de merda, mas estava levando. Agora, não consigo passar mais de meia hora sem que a imagem deles volte para a minha cabeça. Quero esquecer essa dor, mas ao mesmo tempo, preciso dela para continuar vivendo. Esquecer essa dor é como se... aceitasse o que aconteceu. Não consigo, Nat!

— Querido... — Sinto o carinho escorrendo pela linha telefônica.

— Tenho medo de... começar a cogitar... sabe...

— Deixar essa gravidez continuar?

— Se me permitir começar sequer a pensar nisso, Nat, vou ser um filho da puta muito grande.

— Por que pensa isso, Jac?

— Porque... vou ser egoísta. Como posso continuar...

— Jac, precisa continuar. Já disse várias vezes, a Flávia ia querer que continuasse. Você era a vida dela. Fez dela a mulher mais feliz e realizada do mundo. Ficaram juntos pelo tempo que Deus permitiu, mas agora acabou e precisa aceitar e prosseguir.

— Se não tivesse insistido em ir naquela sorve...

— Não, Jac. Não existe “se” nesse caso. Aconteceu. Um acidente. O nome já diz: acidente! Não poderia prever o que aconteceria. Já tivemos essa

conversa tantas vezes, tem que deixar a culpa ir embora.

— Não posso, Nat. É mais forte que eu. Não tenho vontade de viver, às vezes, penso em acabar com essa dor de uma vez.

— Nem pense nisso. Se repetir isso mais uma vez, entro num avião agora mesmo e encho sua cara de bolacha!

— Sei que só não faço isso por egoísmo. Vai contra tudo que o meu anjo confiava. Flávia acreditava que quem tira sua vida, não vai para o céu. E tenho certeza que, se existe um céu, é para lá que eles foram. Sou tão egoísta que quero a oportunidade de encontrar eles outra vez. Então, só por causa dessa esperança, não tiro minha vida. — Sinto as lágrimas rolando silenciosas do meu rosto.

— Sabe, Nat, tantas portas que fechei durante anos se abriram nessa última semana. Fazia tanto tempo que não permitia me lembrar deles. Realmente lembrar sabe? Do sorriso, das brincadeiras, de quando o Duda estava na barriga da Flávia, do Duda me beijando com aquela boca toda suja de pirulito. Do seu cheirinho, dos beijos da Flávia, das nossas noites de amor. Como aceitar que isso acabou? Como? Esse vazio aqui dentro dói tanto, Nat... Por que isso não passa? Por que não diminui?

— Oh meu amigo, queria tanto estar do seu lado agora e te abraçar. Nunca se permitiu falar abertamente sobre a perda deles, mas isso é preciso.

— Nunca mais vou vê-los, Nat. Nunca. — Agora, além das lágrimas, soluços também escapam da minha garganta. — Queria voltar no tempo, mudar de lugar com eles. Sei que a Flávia lidaria com minha perda de uma maneira diferente.

— Nisso tenho que concordar com você. Conhecendo minha amiga, ela agradeceria pela oportunidade de ter conhecido o verdadeiro amor da sua vida. Agradeceria pelo tempo que Deus concedeu ao lado de vocês. Sofreria, sim. Muito. Mas não estaria destruindo cada oportunidade de ser feliz como

você está fazendo.

— Mas quem garante que essa criança vai me fazer feliz?

— Não estou apenas falando dessa criança, Jac. Quando se permitiu verdadeiramente tentar alguma coisa nesses quatro anos?

— Tipo ir assistir o Palmeiras ou comer pipoca no cinema? — Lembro-me da minha conversa com a Cecília e, mesmo em meio às lágrimas, um sorriso brota nos meus lábios.

— Isso também. Mas quando se permitiu, por exemplo, sair com seus amigos para conversar? Ou quando se aproximou de uma mulher sem ser para levá-la para cama?

— Conversar sobre o quê? Sobre como a vida deles é maravilhosa e a minha é uma merda? E mulher, Nat, fala sério. Para que perder horas com conversa fiada, se o que quero é apenas sexo? Prefiro pagar e não ter que ficar fingindo gostar da companhia de alguém.

— Se não te conhecesse muito bem, acreditaria que é esse homem frio que tenta aparentar.

— Amanhã vou odiar o fato de ter ligado para você, mas, como terei a desculpa de que estava bêbado, vou ser sincero. Odeio esse homem frio que me tornei.

— Você não se tornou esse homem frio. Mesmo que queira me convencer disso. Sei que está sofrendo, Jac. Só que também sei que já se passaram quatro anos, querido, precisa virar a página. Nunca vai superar isso, nem nunca vai deixar de amá-los. Precisa apenas deixar a dor passar. Colocar um ponto e vírgula nessa sua história e continuar a escrevê-la. Ver que está vivo, Jac.

— Não estou vivo, Nat.

— Está sim. Teu coração, mesmo com toda dor que carrega, está batendo no seu peito. Não podemos mudar o passado, nem somos donos do

futuro, Jacson, tudo que nos é permitido fazer é viver o nosso presente, que como o nome já diz: é um presente. Não precisa decidir hoje ou amanhã, viva esse mês com o coração aberto.

— Nat, não posso. Um dia apenas e ela já conseguiu fazer com que dúvidas surgissem no meu coração, estou confuso e, quanto mais penso, menos certeza tenho sobre o que fazer.

— Que bom que está pensando nisso, Jac. Não é uma coisa simples de decidir. Não pode ser apenas razão, precisa deixar que seu coração participe dessa decisão também.

— Não posso nem pensar em deixar essa gravidez seguir, Nat.

— Por que, Jac?

— Porque se perder essa criança também... se prometer algo que não posso cumprir depois... Nem a esperança de encontrar a Flávia e o Duda um dia vai me impedir de tirar minha vida — sussurro.

— Jac, querido. Não pode mudar o que aconteceu naquele acidente, mas se pudesse escolher ter vivido esses anos do lado da Flávia e do Duda, o que iria escolher: ter esses momentos e essas doces lembranças ou não ter nada?

Ouçó apenas a respiração dela do outro lado da linha.

— Escolheria as lembranças...

— Sei que escolheria as lembranças, porque você os ama. Com essa criança será a mesma coisa. Vai amá-la com toda força da sua alma e cada dia será uma nova lembrança, um novo momento de felicidade que guardará para sempre dentro do seu coração. Se permita viver o que Deus está colocando na sua frente. Viva o hoje, pois o futuro só a Ele pertence.

— Não sei o que fazer, amiga. — Volto a soluçar. — Estou com medo, muito apavorado.

— Vou pegar um avião e daqui a pouco estou aí em Curitiba, não posso

ver você sofrendo desse jeito e não estar do seu lado.

— Nada disso, Nat! Isso é algo que tenho que decidir sozinho. As consequências dos meus atos serão só minhas, ninguém vai carregar culpa por nada, basta a que carrego já.

— Mas, Jac...

— Não, Nat. Fica aí em São Paulo, preciso de você para cuidar da empresa.

— Tudo bem. Mas me promete uma coisa?

— O quê?

— Promete que vai acompanhar essa moça de coração aberto?

— Mesmo com o coração fechado, o que vi num dia já me destruiu. Flávia continua fazendo coisas lindas, Nat, não sei se suporto mais revelações como as de ontem.

— Querido, tem muita coisa que você nunca se permitiu ver. Não conheço essa tal de Cecília, mas alguma coisa me diz que deve confiar nela. Sinto que... de alguma forma, Flávia quer te mostrar alguma coisa e está usando essa moça para isso.

— Vocês e essas suas teorias malucas.

— Por que vocês?

— Porque a Cecília disse que vai me mostrar que a Flávia ainda está aqui e que essa criança é tipo um presente dela para eu voltar a viver.

— Nossa! Gostei ainda mais dessa menina. — Ouço uma risadinha abafada do outro lado. — E você? O que acha?

— O que eu acho? Acho que estou ficando louco.

— Ué, mais louco?

— É. Mais louco, engraçadinha.

— Não podia perder a piada. Mas por que acha isso?

— Cheguei aqui transtornado, querendo matar a minha sogra e acabar

com tudo o mais rápido possível. Poucas palavras sentimentais, um dia com uma desconhecida e começam a surgir dúvidas. Não posso explicar o que está acontecendo. Fazia muito tempo que não me sentia tão à vontade na presença de alguém. É como se, quando estou do lado da Cecília, a dor diminuísse.

— Ai meu Deus! Sério?

— Calma, Nat, não disse que estou apaixonado, muito menos que quero arrancar a roupa dela e fazer sexo selvagem.

— Credo! Não foi isso que disse, seu grosso. — Ouço aquela voz de mãe repreendendo o filho que a Nat usa comigo e sei que passei dos limites.

— Sério. Só me sinto bem do lado dela. Consigo, sei lá, ser como sou com você e com o Marcos.

— Isso é bom, querido.

— Não sei se é tão bom assim. Isso me assusta, não sei mais como ser um amigo, Nat.

— Sabe, sim. É o melhor amigo que posso ter. Quem ligaria às duas da manhã, atrapalharia meu sono, apenas para chorar as pitangas e falar de sexo selvagem? — Solta uma risada gostosa.

— E bêbado ainda por cima! Viu? Sou um péssimo amigo.

— É o melhor amigo do mundo e eu te amo.

— Também te amo, Nat. Vou deixar você dormir agora.

— Não antes de prometer que vai acompanhar a Cecília de coração aberto.

— Pior, Nat, que mesmo sem pedir isso, já estava agindo assim.

— Fico feliz por você, amigo. Boa noite, Jac. Ah, só uma coisa: você nem está tão bêbado assim.

— Estou, sim. Caindo de bêbado e amanhã não vou lembrar dessa nossa conversa constrangedora.

— Que conversa? Quem está falando? — fala com o esboço de um

sorriso na voz.

— Boa noite, desconhecida.

— Boa noite, desconhecido.

Jogo o telefone no criado-mudo e, por incrível que pareça, adormeço em poucos minutos.

“Cecília: Esqueci-me de perguntar, você vai dirigindo o carro? Caso contrário teremos que ir de ônibus.”

Acordo com essa mensagem vibrando no meu celular. Mesmo tendo dormido poucas horas, estou mais descansado do que estive há muito tempo.

Meio dormindo ainda, digito a resposta e clico em enviar.

“Eu: Claro que vou dirigindo, só, por favor, não me diga que tem um Fusca.”

Entro embaixo do chuveiro para acordar de vez e tirar qualquer vestígio da farra da noite passada. Enquanto estou no banho, lembro-me da ligação da madrugada que fiz para Nat. Ela tinha razão, nem estava tão bêbado assim, pois me lembro de tudo, principalmente da minha promessa. Coração aberto! Quando saio do quarto, vejo que Cecília já respondeu.

“Cecília: Um fusca não, mas se tivesse um carro, pode ter certeza que seria um, e azul ainda por cima! Vamos com o carro da Maria, pedi emprestado.”

“Eu: Ufa, menos mal que não tem carro então. A viagem seria um pouco desconfortável num Fusca. Chego às 12 horas.”

Isso que falo quando digo que me sinto bem do seu lado. Estou tão confortável que consigo brincar sem soar forçado.

Termino de me arrumar e vejo que são quase 10h30min da manhã.

Depois de fazer uma mochila com algumas roupas e os produtos de higiene pessoal para levar juntos, ligo para a empresa para ver se está tudo em ordem. Nat, como prometido, não faz qualquer menção sobre o telefonema de ontem. Infelizmente, me comunica que tem alguns assuntos que só eu poderei resolver, e falo que depois de voltar dessa viagem, volto para casa para resolvê-los.

Faço um lanche na cafeteria perto do hotel e sigo para a ONG. De Uber, claro. Nada de ônibus.

Quando desço na frente da ONG, sinto um frio no estômago olhando para a fachada, pensando no que vou descobrir nesses próximos dias.

Respiro fundo e entro, decidido a cumprir minha promessa. Coração aberto, Jacson. Deixe-o também participar dessa decisão.

17

Entrei na ONG para encontrar a Cecília e menos de cinco minutos depois já estávamos dentro do carro, seguindo em direção a Ponta Grossa.

Mal cumprimentei a minha sogra, o clima entre nós está tão pesado que daria para cortar o ar a nossa volta. Eu estou irritado com o que ela fez, ela se sentindo vítima pela minha reação, então o melhor é mantermos uma distância durante esse mês, não quero ainda mais preocupação e estresse em cima de meus ombros.

Lógico que mesmo não nos falando, recebo um olhar de repreensão quando ela fala para Cecília se cuidar. O que ela pensa? Que vou sequestrar a Cecília? Amordaçá-la e obrigar a fazer um aborto? Precisei usar de todo meu autocontrole para não explodir e causar mais uma cena na ONG.

— Posso ligar o rádio? — Depois que estamos na estrada há alguns minutos, a pergunta da Cecília interrompe meus pensamentos.

— Sim, claro. — Abre um leve sorriso e começa a procurar alguma coisa dentro da bolsa.

— Aqui! — exclama vitoriosa. — Meu *pendrive* com música de viagem. — Balança algo entre os dedos.

Depois de ligar e configurar o aparelho, os primeiros acordes de violão soam no alto-falante e...

— Que isso?

— Música! — exclama empolgada. — Sertanejo universitário.

— Música? Senhor. É isso que está tocando nas rádios ultimamente?

Pelo jeito não estou perdendo nada. — Balanço a cabeça e posso jurar que ela revirou os olhos.

— Quem é esse tal de Jorge? — pergunto depois de algumas estrofes da música.

— O Jorge, oras, da dupla Jorge e Mateus! — afirma bastante empolgada.

— Nunca ouvi essa dupla.

— Mas não são eles que estão cantando, é o Thiago Brava e o Jorge.

— Mas a dupla não é Jorge e Mateus?

— É, mas é uma participação especial. — Solta uma gargalhada com a confusão que estou fazendo.

— Adora essa parte, é o refrão! — Com o canto do olho, vejo que ela finge segurar um microfone e começa a acompanhar o refrão, meio que dançando meio que pulando sentada. Mesmo dirigindo, é impossível não olhar para ela e se deliciar com a leveza da cena.

— Está rindo do quê? — pergunta parando de cantar e colocando as mãos na cintura.

— De sua felicidade. Mesmo tentando cantar essa música horrível, você consegue ser feliz, isso me dá inveja.

— Primeiro, essa música não é ruim! Segundo, como assim tentando? Sou uma ótima cantora. E terceiro, por que não seria feliz? Olha ao seu redor! Esse mundo é lindo — fala enumerando cada item com seus dedos, abrindo um sorriso cativante no final.

Olho de soslaio e vejo que ela está me olhando como se esperasse um pedido de desculpa.

— Se está esperando um pedido de desculpa, vai cansar, porque essa música é horrível! Passa aí para ver as outras que tem nesse seu *pendrive* de viagem.

Com biquinho de brava, passa para a próxima música e outra melodia sertaneja toca no carro.

— Senhor, que dor de corno desse cantor!

— Meu Deus, teu gosto musical é péssimo, vai dizer que não conhece também essa dupla?

— Sinceramente, nunca ouvi.

— Marcos e Belutti! Sério, decepcionada com seu gosto musical. — Passa para a próxima música. — Ah, essa você precisa conhecer, está tocando em todo lugar. — Fico alguns momentos ouvindo a música, tentando puxar na memória se já ouvi.

— E aí? — ela me pergunta na expectativa.

— Ahh, verdade!

— Verdade o quê? Já ouviu essa?

— Não. — Dou de ombros. — É porque confirmei: seu gosto musical é realmente horrível! Só ouvi música que o cara está sofrendo, que foi traído, credo, dor de corno daquela, Ceci! — Brinco estalando a língua.

— Mas tenho músicas que a mulher sofre também, deixa eu achar a pasta aqui das Rainhas da Sofrência.

— Rainhas da Sofrência? — Arregalo os olhos — Não sei por que, mas pelo nome dessa tal banda aí, acho que vou gostar ainda menos dessa pasta.

Continuamos a curta viagem nesse clima de brincadeira, com a Cecília me apresentando as duplas e os cantores dos quais nunca tinha ouvido falar. No final da "sessão tortura", algumas letras me arrancaram gargalhadas.

— Aonde agora, Cecília? — pergunto quando o GPS indica que chegamos a Ponta Grossa.

— Queria tomar um café antes de seguirmos para nosso destino, pode ser? — Sinto que o clima descontraído da viagem sumiu.

— Sim, claro — afirmo. Poucos minutos depois, estamos numa

pequena cafeteria e sentamos à mesa com nossas xícaras de café.

— Jacson, preciso pedir um enorme favor e você não pode se negar a fazer o que vou pedir — diz sem tirar seu olhar da xícara que está na sua frente.

— Preciso ter medo? — pergunto erguendo a sobrancelha.

— Não. Acho que não — afirma com o tom leve, mas sem conseguir disfarçar a apreensão em sua voz. — Vamos na casa de um amigo muito especial. Tadeu. Ele tem uma história muito bonita, mas também muito triste. Peço que independente do que sinta quando estiver com ele, não seja grosso, nem deixe qualquer sentimento negativo ser notado.

— Não sei por que prometer isso vai me colocar em maus lençóis. — Respiro fundo, mas balanço a cabeça em concordância.

— Promete, Jacson? — Insiste com a voz nervosa.

— Prometo, Cecília, não sou nenhum mal-educado.

— Temos controvérsias sobre esse assunto. — Solta uma pequena gargalhada, ainda um pouco nervosa.

— Só quero saber de uma coisa: a pessoa que vamos conhecer agora recebeu qual órgão da Flávia? — pergunto apressado.

— Nenhum.

— Achei que... — Deixo a interrogação no ar.

— Em nenhum momento disse que te apresentaria a todos os receptores da Flávia, nem conheço todos eles, na verdade. Hoje vamos conhecer o Tadeu, um amigo especial, que, creio, será muito bom que o conheça também.

Não gosto de como soam as palavras "amigo especial" quando ditas por ela. Será um amigo mesmo? Um ex-namorado? Sinto um soco no estômago quando penso que pode ser um namorado atual. NÃO! Repreendo-me em pensamentos, pouco me importa se essa menina tem namorado, marido ou até

um amante! Devo ser muito transparente em meus pensamentos, pois logo ela continua.

— Vamos antes que comece a sair fumacinha da sua cabeça com as suas suposições.

18

Dessa vez, fazemos o caminho que o GPS nos guia em completo silêncio, em direção a um bairro do interior do município.

— É aqui. Seja educado, tudo bem?

— Educado? Estou preocupado com essa sua insistência com minha educação. Vou conhecer algum diplomata por acaso? — questiono contrariado.

— Não, claro que não. Mas... Ah! Vai entender. — Abre a porta e sai andando em direção à entrada de uma casa simples. Ela não tem nem tempo de chegar quando um menino vem correndo de lá de dentro e se joga nos seus braços.

— Ceci, que saudade! — o menino exclama bastante emocionado. Ou melhor, o rapaz, que percebo que deve ter entre 15 e 16 anos.

Não pude deixar de notar o leve coxear do rapaz enquanto corria.

— Eu também estava com muita saudade, Tadeu! — Ficam num abraço apertado durante vários segundos, sem falar nada, apenas curtindo a proximidade um do outro.

Sinto um alívio no peito quando concluo que esse é o amigo especial.

— Cuidado, Tadeu, vai derrubar a Ceci assim. — Uma senhora sai de dentro de casa.

— Pode deixar, Dona Sandra, estou bem — Cecília fala afastando o menino, mas sem se soltar do seu abraço. — Você está cada vez maior, Tadeu!

— E mais forte! Estou fazendo tudo que a Doutora Marta manda e melhorei minhas notas na escola, pode perguntar para a vó.

— Que ótimo, Tadeu, fico muito feliz. Já vou encomendar seu presente, então.

— Oba!

— Mas só depois que sair o boletim com as notas finais, nem se empolgue muito.

— Tudo bem. Mas dois meses passam rapidinho.

— Passam, sim, quando vir já terminou — Cecília fala e só agora solta o menino do seu abraço.

— Não vejo a hora de ganhar esse jogo de Xbox!

— Olha, Cecília, estou quase pedindo para que dê logo esse jogo para esse menino, pelo menos fica dentro de casa jogando, acredita que agora resolveu achar uma namorada?

— Você está namorando, Tadeu? — Cecília questiona toda empolgada.

— Nem dê bola para o que a vó fala, é só uma amiga. — Dá uma leve cotovelada nas costelas da Cecília, piscando e abrindo um meio sorriso. — Depois envio uma mensagem para você.

Os dois trocam um olhar de cumplicidade comovente.

— Tudo bem, Dona Sandra? — Se vira para a mulher, dando-lhe um abraço e um beijo.

— Tudo sim, Ceci querida. Venha, vamos sair desse sol e conversar lá dentro, fiz um café com o bolo de banana que você tanto gosta.

— Acredita que a vó não me deixou comer nem um pedaço do bolo sem você?

— Fica quieto, menino — a senhora repreende o adolescente.

— Mas é verdade! — responde o menino bastante contrariado.

— Desculpa, Ceci, esse menino quase me mata de vergonha.

— Sou de casa, Sandra, nem se preocupa. Sei o quanto esse rapaz aqui pode ser terrível.

— Dona Sandra, Tadeu, quero apresentar um amigo meu, o Jacson.

— Amigo? Sei não — Tadeu fala com ar desconfiado, me analisando da cabeça aos pés. — Muito bonitão para ser só um amigo.

— Amigo, Tadeu. — O rosto da Cecília fica vermelho e preciso segurar uma gargalhada. — Jacson é uma das pessoas que fundou a ONG lá de Curitiba.

— Muito prazer, Sr. Jacson, sua ONG foi muito importante na recuperação do Tadeu. — Dona Sandra estende a mão me cumprimentando.

Fito Cecília, mas ela desvia o olhar quando nossos olhos se encontram.

— O prazer é todo meu, Sra. Sandra, mas a ONG não é minha, sou apenas um dos apoiadores do projeto, ou melhor, minha empresa é.

— Jacson era... o pai do Eduardo.

Um silêncio pesado cai entre a gente e vejo a mulher engolir em seco, como se não soubesse como continuar a conversa.

Sou surpreendido com um baque no meu corpo e quando olho para baixo, vejo que o Tadeu está agarrado com as mãos na minha cintura e a cabeça apoiada no meu peito.

— Sinto muito por sua perda, Jacson. Sei como é difícil ficar... sozinho — Tadeu fala bastante emocionado.

Num primeiro momento, fico estático, congelado com o choque daquele abraço, como se suas palavras pesassem toneladas sobre os meus ombros. Depois, em câmera lenta, passo meus braços ao redor dos ombros do menino. Entrego-me ao poder daquele afago e na força que um simples gesto consegue me passar.

— Não sei o que aconteceu, Tadeu, mas você não está sozinho. — Sinto agulhas queimando conforme as palavras saem da minha garganta.

Ouvi tantas vezes essa mesma frase vinda de outras pessoas, mas nunca aceitei o que ela representa. Como posso acreditar que Tadeu, que não passa de um menino, vai aceitar o consolo que quero passar com elas?

— Eu sei que não estou. — Ele me surpreende falando. — Mas quando aconteceu o acidente, achei que estivesse. Doeu muito até aceitar que não somos perfeitos. Que o peso das nossas decisões erradas tem que ser aceito, mas que não pode determinar o nosso futuro. Temos que usar nossos erros para trilhar um caminho de arrependimento e usar as falhas como incentivos para menos erros no futuro.

Oi? Ouvi isso mesmo? Tem certeza que é um adolescente que está falando? Sabendo o quanto estava emocionado, a Cecília vem em meu socorro.

— Tadeu, o que acha de entrarmos para comer o bolo de banana, como sua vó falou, daí você pode conversar com mais calma com o Jacson, o que acha?

— Acho uma ótima ideia, o bolo da minha vó Sandra consegue deixar qualquer um feliz. — Solta minha cintura do abraço e coloca as mãos no meu ombro, me guiando para dentro de casa.

— Dona Sandra, quantas vezes preciso falar que não é necessário tudo isso quando venho visitar vocês? — Cecília fala assim que nos sentamos à mesa.

— E quantas vezes preciso falar que sou descendente de italiano e, para nós, comida farta é sinônimo de felicidade? — Cecília apenas balança a cabeça e esboça um sorriso. Ela fica tão linda sorrindo, meu peito fica leve, fazendo com que demore uns segundo a mais fitando seu rosto.

— O Jacson mora onde? — Tadeu interrompe meus devaneios, fitando Cecília com olhinhos curiosos.

— Moro em São Paulo, Tadeu — eu mesmo respondo sua pergunta.

— Mas como conhece a Tia Ceci se ela mora em Curitiba? — Lança um olhar curioso entre a Cecília e eu. — Acho que são mais que amigos, são amigos que beijam na boca.

— Afonso Tadeu! Olha os modos — Dona Sandra ralha com ele.

— Vixe, nome completo, agora o castigo vai ser grande — resmunga.

— Não se preocupe, Senhora Sandra, não estou ofendida com a pergunta. — Cecília vai em auxílio ao menino. — Mas sanando sua curiosidade de uma vez, não somos amigos que beijam na boca. Conheço o Jacson da ONG e também porque moro com a mãe da Flávia, a mãe do Duda, que era esposa dele.

— Ah! Isso explica as coisas. Um pouco — termina a frase me olhando por cima do copo de suco e me dá uma piscadinha marota.

Quase me engasgo com o café que estou tomando. Esse menino é uma figura.

— Então, Tadeu, além de ver você, te encher de abraço e comer a comida maravilhosa da Dona Sandra, também vim aqui porque queria que você contasse para o Jacson um pouco da sua história com a ONG. Estamos num projeto e o Jacson precisa da sua ajuda para entender algumas coisas, mas só se você estiver confortável e quiser contar. É um pedido, Tadeu, não uma ordem. — Estende a mão e aperta o ombro do rapaz.

— Não dói mais, tanto... Conversar sobre isso, Tia Ceci. Sei que se está pedindo, é algo realmente importante. E, se isso pode de alguma forma ajudar um amigo seu, eu conto.

— Você é um menino muito especial — Cecília fala e se debruça para perto do Tadeu e dá um beijo na sua testa.

— O amigo que ganha beijos hoje sou eu — Tadeu fala baixo, para que sua avó não escute, dando uma piscadinha para mim e mais uma vez, preciso segurar a vontade de rir

— Bom, vou contar o que me sinto confortável. Não sei exatamente o que querem saber, mas depois está autorizada para contar o que for necessário para ele, Cecília. — Toma um gole do seu suco antes de continuar. — Eu cheguei à ONG há pouco mais de um ano, com dificuldade de aceitar a consequência dos meus atos. A vovó tinha saído aqui de Ponta Grossa para cuidar de mim, mas eu não estava muito feliz em ficar com ela.

— Recebi uma ligação que tinha ocorrido um acidente, minha filha e meu neto estavam internados no hospital — Dona Sandra explica para preencher o vazio da história que o neto conta. — Cheguei à capital e... infelizmente, Tadeu foi o único a resistir. Ele ficou com alguns machucados físicos, mas o maior dano era psicológico mesmo.

— Estava muito triste e a vó Sandra fazia de tudo para me ajudar, mas eu não queria morar com ela e vivia dizendo que odiava ela, que odiava minha vida e queria morrer. Mas isso mudou, hoje eu amo a minha vovó, ou melhor, eu já amava, só não sabia expressar isso. — O menino olha para Dona Sandra que fica visivelmente emocionada com as palavras do neto.

— Foi um período difícil, querido, já passou. A vovó também ama você.

— Foi assim que cheguei à ONG: quebrado. Não só fisicamente, mas psicologicamente também. Tinha outras crianças que também participavam das sessões comigo. Mas, vou ser sincero, no início eu não gostava de lá. Até que um dia, estava muito triste, briguei com a vovó para ficar em casa, mas ela não deixou e me obrigou a ir à ONG. Nesse dia, eu conheci a Fernanda e a Ceci e tudo mudou dentro do meu coração. — Dá um sorriso meigo para a Cecília.

— Não foi o fato de ser eu naquele dia, Tadeu, foi a mensagem que trabalhamos que ajudou você.

— Pode até ser, mas vocês duas abordaram tudo de uma forma

diferente, não sei explicar. Naquele dia comecei a ver tudo que aconteceu de outra forma.

— Foi um divisor de águas mesmo. Tão impactante que até eu passei a ver o acidente de outra forma.

— O que vocês fizeram de diferente naquele dia? — questiono curioso.

— Bom... Nada de especial, na verdade. A Fernanda é psicóloga. Trabalhava de voluntária na ONG e pediu meu auxílio para aplicar um círculo de construção de paz, um método de resolução de conflitos um pouco diferente, pois tinha feito o curso junto com ela. Entrei na sala sem conhecer as crianças que participariam naquele dia. Creio que além do Tadeu, tinha mais umas 3 ou 4 crianças participando, junto com seus responsáveis.

— Lembro bem aquele dia, porque quando a Fernanda começou a explicar tudo, fiquei com vontade de sair correndo. Mas quando olhei para o lado, vi minha vó olhando tão concentrada para aquelas moças que resolvi dar uma chance e ouvir o que elas tinham para falar. Dei uma chance e acabei ficando, e quando vi, tinha participado de todo o encontro.

— Mas o que aconteceu de tão especial nesse encontro? — Continuo intrigado com a explicação.

— Nada. Eu apenas chorei — fala com a maior naturalidade. — Chorei e fui abraçado. — Olho para Cecília de forma questionadora, mas ela apenas faz um gesto com a cabeça para que aguarde.

— Nesse dia, a Fernanda e a Ceci tinham preparado um encontro sobre como lidar com nossos problemas e pediu para cada um escrever numa folha de papel qual era o nosso maior problema naquele momento. Eu e a vovó éramos uns dos últimos a falar. Quando chegou a vez da minha vó, tinha certeza que ela diria que o maior problema da vida dela era eu, porque, sério, eu era um enorme problema naquela época. Mas ao invés disso, ela disse que o maior problema dela era o medo de me perder. Começou a falar o quanto

eu era especial na vida dela, que ver meu sofrimento sem saber como me ajudar estava acabando com ela. Que daria tudo no mundo para conseguir penetrar meu coração e arrancar a dor que tinha lá dentro. Aquilo mexeu tanto comigo, mas tanto, que comecei a chorar no mesmo momento. Não apenas pelo que tinha ouvido, mas também por vergonha. Porque tinha escrito que meu maior problema era a minha vó, sua superproteção e mania de achar que eu precisava dela. Quando chegou a minha vez de falar, eu não conseguia, apenas levantei do meu lugar, abracei minha vó e chorei nos seus braços, talvez como nunca tenha chorado antes. Percebi que a dor que sentia era a mesma que a dela. Que nós eramos tudo que tinha restado. Lógico que não foi apenas esse encontro que ajudou. Mas esse foi o primeiro, depois dele, foram mais 6 meses participando das sessões de grupo junto com minha avó. Quando minha vó disse que estava pensando em voltar para Ponta Grossa, achei muito bom, pois seria a chance de continuar.

— Sim... recomeçar — falei bastante emocionado pelas palavras do Tadeu.

— Não, Jacson, continuar mesmo. Os anos que vivi com minha mãe não precisavam ser apagados da minha vida. Não precisava recomeçar, mas, sim, apenas continuar de onde tinha parado. Sei que fisicamente ela não está comigo. Mas vai permanecer para sempre aqui, dentro do meu coração. — Bate o punho no peito.

Sou impactado pela força das palavras e a expressão em seu rosto. O que você fala depois de uma lição de vida assim?

Sinto que essa não é toda história, que tem mais, porém, terei que aguardar a Cecília contar o resto, pois ele não relata mais nada.

Durante todo o resto da refeição, fiquei com a sensação de ter levado um soco no estômago, realmente tocado pelas palavras do Tadeu.

Quando se despede, Cecília promete ligar e voltar assim que possível.

Também me despeço carinhosamente deles e saio dirigindo, sem saber ao certo como lidar com a história desse menino.

19

Enquanto dirijo pela cidade, algo aperta no meio peito, pois tenho certeza que a história desse menino é muito mais profunda do que imagino. Inconscientemente, me vejo segurando a mão da Cecília entre a minha, repousando-as entre o banco, por cima do câmbio automático do veículo.

— Pode retornar e parar nessa praça um pouco? — Cecília pergunta com a voz bem tranquila.

Estaciono o carro sem falar nada, permanecendo segurando o volante com uma das mãos e a sua com a outra, olhando para frente, mesmo depois que o veículo já está desligado.

Cecília puxa delicadamente sua mão, abre a porta e sai do carro, caminhando tranquila até um banco embaixo de uma árvore e fica olhando as crianças que brincam no parque.

Ela não fala para ir até ela, mas sinto que tem mais alguma coisa na história desse menino que precisa ser esclarecida e ela quer que eu a siga até lá.

Caminho e sento do seu lado, com as mãos apoiadas no banco da praça.

— Tadeu falou que perdeu a mãe num acidente de trânsito. Mas o que não disse, é que o pai cometeu o acidente que tirou a vida dela.

— Como assim?

— Ele provocou o acidente. Tadeu tinha 14 anos quando tudo aconteceu. Os pais estavam divorciados, mas era um término muito tumultuado, pois o pai não aceitava o fim do relacionamento. Como tantas

outras vezes, quando o pai bebia, ele acabava indo até a casa, discutiam e ele agredia sua mãe. Tadeu tentava impedir, mas seu pai era muito mais forte que ele, e a mãe se negava a prestar queixa. Claro, tudo só foi piorando até culminar no que aconteceu. No dia do acidente, ao ser agredida, ela caiu e bateu a cabeça numa mesinha da sala. Tadeu ficou desesperado, porque tinha cortado e saía muito sangue. Claro que o pai também ficou apavorado. Carregou a mãe, colocou dentro do carro. O Tadeu foi junto, não sei ao certo se o pai pediu ou se ele foi porque quis. Tudo que sei, pelo relato do Tadeu mesmo, é que o pai dirigiu até a BR e jogou o carro de uma ribanceira.

— Meu Deus, por quê? — questiono de forma vacilante.

— Medo, talvez. Tadeu se culpa, porque diz que berrava dentro do carro que ele tinha matado sua mãe, que ia denunciar ele para a polícia, diz que foi isso, o medo, que fez ele tentar matar a todos. Tadeu disse numa das sessões que o pai, antes de jogar o carro, disse que não seria preso por ter matado uma vagabunda. Que na próxima vez que se encontrassem, estariam juntos no inferno.

— Que monstro. Cadê esse homem? — questiono com os dentes cerrados.

— Morto. Também morreu no acidente. Só que o Tadeu simplesmente apagou ele da sua vida. É como se ele não tivesse existido.

— Se esse cara não estivesse morto, eu iria atrás dele e mataria. Como pode fazer isso ao próprio filho? — pergunto transtornado pelo ódio.

Dessa vez, quem pega na minha mão é ela. Fica apertando nossos dedos para me transmitir calma enquanto continua a relatar o resto da história.

— Quando Tadeu chegou à ONG, fazia pouco mais de 6 meses que tinha perdido os pais naquele acidente. Dona Sandra já tinha tentado muitas coisas, psicólogo, terapia de grupo, conversar, castigo, tudo que pode

imaginar. Estava apavorada, pois o menino falava em se matar, acabar com a sua vida. Nutria um ódio tão grande da vida, se fechando e não deixando ninguém entrar. O caso era tão grave que Dona Sandra precisou de atendimento tanto quanto o Tadeu.

— Imagino como ela devia estar sobrecarregada, perder a filha e ver o neto fragilizado dessa forma.

— Sim. A mãe do Tadeu era filha única, e o marido da Dona Sandra morreu há uns 5 anos vítima de um câncer. Então eles só tinham um ao outro. Tadeu se fechando, estava sendo demais para a Sandra lidar. Ela procurou a ONG desesperada. Ambos começaram a participar das sessões de terapia. Mas, enquanto a Sandra se dedicava de corpo e alma, Tadeu só se fechava mais e mais, deprimido e com pensamentos suicidas.

Fico ouvindo o relato, imaginando a angústia que ele devia estar sentindo. Por isso ele disse que sabia como doía estar sozinho. A mesma dor que eu senti, ele sentiu.

— Não sei o que a psicóloga Neiva descobriu nas sessões individuais, só sei que conversou com a Fernanda, que era a outra psicóloga da ONG para mudar a forma da terapia do Tadeu. Foi quando a Fernanda decidiu fazer essa terapia, colocando a vó e o menino juntos. Tudo que o menino precisava era saber que sua vó o amava do jeito que ele era. Mas, principalmente, que não o culpava pelo que tinha acontecido. Mesmo que tivesse dito isso diversas vezes, ele ouvia, mas não deixava entrar no seu coração. Nada foi planejado, o que aconteceu naquele dia foi apenas, sei lá, uma coincidência? Não posso dizer. Mas a ONG salvou esse menino. Não a vida dele, mas o emocional dele. Deu uma nova perspectiva de futuro. Nas sessões, ele não apenas ouviu o que sua avó tinha para falar, mas se permitiu assimilar as palavras e isso auxiliou o Tadeu a dar um passo de cada vez, saindo da depressão em que se encontrava.

— Como vocês sabiam o que ele precisava? — Estou estarecido pela história.

— Não sabíamos, Jacson, quase nunca sabemos o que se passa no coração das crianças que chegam à ONG. Cada caso é único, só podemos torcer para conseguir descobrir logo e minimizar a dor desses anjinhos.

— E quando vocês não conseguem? — pergunto realmente preocupado. — Sei muito bem como é carregar uma dor o tempo todo dentro do peito, às vezes é difícil até respirar.

— Nesses casos, paramos para ajudar a consertar a bicicleta — responde com tristeza estampada na voz.

— O que consertar uma bicicleta tem a ver com isso, Cecília? — pergunto pesaroso.

— Tudo. — Abre um sorriso triste. — Você nem ao menos abre os informativos da ONG. — Cecília não pergunta, mas, sim, afirma e simplesmente dou de ombros, porque ela está certa, não abro mesmo nenhum e-mail da ONG.

— Um dos informativos que a ONG envia regularmente para funcionários e voluntários narrava a história de uma menina que saiu para brincar com os amigos e acabou se atrasando muito para voltar para casa. Quando chegou, sua mãe tentava acalmar o pai que estava nervoso pelo atraso e nem queria deixar a menina se explicar antes de castigá-la pelo atraso. Com muito custo, depois da mãe muito insistir, o pai permitiu que a menina explicasse o que tinha acontecido. A menina falou que tinha parado para ajudar sua amiga, porque ela tinha levado um tombo e sua bicicleta tinha se quebrado. O pai foi logo gritando e questionando por que ela tinha parado para ajudar a arrumar a bicicleta se não sabia fazer isso. A menina respondeu que não tinha parado para ajudar a arrumar a bicicleta, mas sim, para ajudá-la a chorar. — Para e fita meus olhos. Fico petrificado com a intensidade do seu

olhar. Respira fundo e sem desviar continua: — Nem todos sabem consertar bicicletas, Jacson. Quando a vida dos nossos amigos cai e quebra, talvez poucas vezes tenhamos a capacidade de consertá-la. Mas como a menina, nós podemos parar para ajudá-los a chorar. E, se isso for o melhor que nós podemos fazer, isso já será muito. Por isso, muitas vezes, como no caso do Tadeu, nós apenas sentamos e choramos juntos.

Toda capacidade que tinha de falar alguma coisa foi roubada de mim. Não sei quanto tempo ficamos ali, sentados, no meio de uma praça, ouvindo os carros que iam e vinham. Vento soprando. Crianças correndo. Mundo girando, mas nós dois sentados, numa praça, simplesmente parados, com o olhar fixo um no outro, enquanto sentimentos borbulhavam dentro do meu coração.

As sensações brotam no meu peito e tenho medo de falar, pois não sei se consigo controlar a dor que estaria estampada nas palavras que sairiam da minha boca.

— Jacson — Cecília fala depois de muito tempo. — A recuperação do Tadeu é um fruto do amor que a Flávia e o Duda deixaram aqui. Espero que, assim como eu, você consiga enxergar isso.

Termina de falar, desvia seu olhar e solta sua mão. Já está andando em direção ao carro, quando se volta e fala:

— Não sei como te ajudar a diminuir essa dor que disse que sente que te impede até de respirar. Mas saiba que estou aqui para chorar junto com você, sempre que precisar. — Continua andando, me deixando novamente com a opção de segui-la ou não.

Quando chega ao carro, se encosta do lado da porta e fica com o olhar perdido no horizonte.

Nem penso, mas quando dou por mim, estou parado na sua frente. Num impulso, passo meus braços ao redor dela e a puxo para um abraço apertado,

descansando seu rosto no meu peito.

— Obrigado — falo sussurrando contra seus cabelos. — Mas passei da fase de precisar que alguém seque as minhas lágrimas.

— Não vou secar nenhuma lágrima, Jacson — responde e sua voz sai abafada por seu rosto estar enterrado no meu peito. — Porque estarei ocupada derramando as minhas. — E mais uma vez, ela me rouba a capacidade de formular palavras coerentes.

Ficamos mais alguns minutos abraçados, até que a solto delicadamente.

— Para onde agora, Ceci? — Toco seu rosto com meu dedo, numa carícia suave.

— Chega por hoje, o dia já foi de grandes emoções. — Abre um sorriso trêmulo. — Se não tiver problema, podemos ficar num hotel e amanhã, quando voltarmos a Curitiba, passamos em Campo Largo para conhecer a Liane, mais uma pessoa que conheci através da ONG.

Faço apenas um gesto afirmativo com a cabeça, sabendo que a cada pessoa que conheço mais me surpreendo com as coisas que a Flávia e o Duda fazem sem estar aqui. Cada novo detalhe me deixa mais confuso e assustado, pois, não sei lidar com esses novos sentimentos ressurgindo dentro de mim.

— Cecília, quero... Ou melhor, preciso perguntar uma coisa.

— O que, Jacson?

— O que você está fazendo? — pergunto novamente mergulhando na segurança dos seus olhos, sentindo um calor se espalhar por todo meu corpo.

— Não entendi sua pergunta, Jacson — diz com sinceridade.

— Seu plano, o que ele é, na verdade? Sabe que está me deixando confuso com tudo isso, né? — Baixo a guarda, ficando totalmente vulnerável na sua frente. — Acho incrível como, todas as vezes que saímos, você nunca tentou argumentar sobre essa gravidez, mudar minha opinião, mas mesmo assim, está conseguindo. Sei lá, acender a luz da dúvida dentro de mim. Por

que não toca no assunto da gravidez?

— Porque não quero persuadir sua decisão, quero que realmente se convença de que essa é a coisa certa a fazer. Minha intenção nunca foi deixá-lo confuso, mas sim, permitir que essa gravidez tenha realmente uma chance — sussurra baixinho.

— Se fosse tão simples assim. Você não entende, Ceci. — Também sussurrando, encosto minha testa na dela.

— Quero entender, Jacson, me explica. — Estamos tão concentrados nesse momento, como se não existisse nada, apenas nós dois trocando confidências no meio dessa praça.

O som de crianças correndo por perto interrompe nosso momento, nos puxando de volta para a realidade a nossa volta. Abro os olhos e afasto um pouco nossas testas.

— Você não entenderia como funciona a escuridão em mim, doce Cecília — digo com tristeza, depois abro um sorriso triste, deponho um suave beijo no seu rosto e me desvencilho do seu abraço.

Entro no carro sem olhar novamente para sua direção, mas uma pergunta fica martelando dentro do meu peito: por que estou deixando essa mulher derrubar as muralhas e penetrar nesse negro, perturbado e confuso coração?

20

Seguimos para um hotel da cidade, subindo cada um para seu quarto, combinando de descer dali a algumas horas para jantarmos, cada um lidando com a sobrecarga de sensações da tarde.

Quando nos encontramos para jantar, estamos ainda um pouco abalados e sem muitas palavras, optamos por comer algo simples perto do hotel mesmo.

Depois de jantarmos, Cecília quis sentar um pouco no *deck* da piscina e acabei a acompanhando, não por educação, mas porque realmente gosto da sua companhia e queria restaurar o clima leve entre nós.

Agora, Cecília está há vários minutos com os braços apoiados na lateral do seu corpo, com os olhos fechados e balançando os pés dentro da piscina. Olhando ela assim, parece uma menina e não a mulher forte e ao mesmo tempo delicada que estou descobrindo.

— Sei bem pouco sobre sua história. — Quebro o silêncio que se instalou. — Não pretende me contar nada sobre sua vida?

— Na verdade, pretendo. — Dá de ombros. — Mas não agora. Creio que precisa primeiro me conhecer, para não achar que estou vitimando e transformando minha vida numa novela mexicana para que tenha pena de mim. — Esboça um sorriso triste.

— É tão triste assim?

— Não que seja triste, mas digamos que é uma história com mais baixos do que altos. Prometo que, na hora certa, conto todos os detalhes para

você.

— Posso saber o básico pelo menos? — questiono realmente curioso para saber um pouco mais sobre ela.

— Claro. Meu nome é Cecília, tenho 25 anos, estou cursando Pedagogia, nasci no interior do Paraná e mudei para Curitiba faz quase 6 anos, para estudar. Infelizmente, nada saiu como planejado e acabei trancando a faculdade e só retornei há três anos por causa da Maria. Me formo daqui a alguns meses. Como sabe, trabalho na ONG e moro com a Dona Maria. Não dirijo e só por isso não tenho um Fusca. — Solto uma risada abafada. — Não tenho irmãos. Meus pais ainda moram no interior do Paraná, são agricultores e os vejo pelo menos duas vezes por ano. Não tenho filhos e sou solteira. E é isso, um resumo da minha vida nada espetacular. Suficiente para diminuir sua curiosidade?

— É suficiente, por ora. — Deixo a frase suspensa no ar. — Não tem ninguém especial na sua vida?

— Tenho a Maria, a considero minha irmã mais velha.

— Não esse tipo de especial. — Fico bastante sem jeito de insistir na pergunta, mas a curiosidade é maior.

— Seria meio difícil ter um namorado e carregar o filho de outro, né? — responde com ar de deboche.

— Posso fazer uma pergunta pessoal? — Faço de conta que não fiz a pergunta passada.

— Mais pessoal? Pode, mas saiba que talvez não responda — fala tranquilamente.

— Por que Pedagogia?

— Por quê? — Percebo o alívio na sua voz. Depois da pergunta anterior, ela esperava algo mais grave. — Se responder a sua pergunta, contarei mais detalhes da minha história, mas vamos lá. Escolhi Pedagogia

para não acontecer com outra criança a mesma coisa que aconteceu comigo. Um diagnóstico errado que afetou todo meu desempenho escolar e poderia ter afetado, ou melhor, ter afetado ainda mais a minha vida, não fosse uma pedagoga, a Sra. Simone, que percebeu que eu não tinha dificuldade de aprendizado, tampouco era preguiçosa como alguns professores sugeriram. Foi ela quem percebeu que tinha algo mais com minha visão do que uma simples dificuldade de enxergar. — Depois para de falar, abaixa sua cabeça e fixa seu olhar na água. — Escolhi Pedagogia por ser o início. A profissão responsável por dar um norte para as crianças. Quero, depois de formada, me especializar em Educação Especial. Crianças diferentes começam muito cedo a lidar com esse mundo maluco que nos cerca. Essa adaptação, na maioria das vezes, é cruel. — Ela tenta controlar, mas percebo o desconforto em falar disso.

— Desculpa, não sabia que esse assunto te deixava desconfortável. — Coloco uma mecha de cabelo atrás de sua orelha.

Meus dedos tocam suavemente a lateral do seu rosto, não numa carícia, mas como um toque de conforto. Ela olha na minha direção e encosta o queixo no seu ombro, fazendo um gesto que soa como um “não se preocupe”.

— Pelo pouco que vi, seu propósito de vida é ajudar pessoas — falo fixando meu olhar no seu rosto.

— Talvez... — responde pensativa.

— Por que talvez?

— Não encaro apenas como ajudar pessoas. Encaro como guiar, auxiliar na sua formação. Tenho certeza que você lembra o nome da sua primeira professora, mas dificilmente lembra o nome de todos os seus professores da faculdade. Sabe por quê? Porque os professores do ensino básico são os que mais nos marcam. Uma boa base faz a diferença numa construção. Encaro que com a educação é a mesma coisa. Uma base sólida

será o alicerce para um aprendizado de sucesso.

— Nunca tinha parado para pensar nisso. — Só agora percebo que ainda estamos nos encarando, enquanto continuo tocando seu rosto suavemente. Afasto minha mão e desvio meu olhar para a água.

— Neli — digo depois de alguns instantes em silêncio — era o nome da minha primeira professora.

Não preciso olhar para ela para saber que está sorrindo.

Olho para sua mão apoiada no chão e sinto uma vontade inexplicável de tocá-la outra vez. Não sei bem o que estou fazendo, mas sem pensar, deslizo minha mão para perto da dela e entrelaço meus dedos nos seus. Ela primeiro olha para nossas mãos, depois ergue seu olhar até que encontre o meu, fechando seus dedos ao redor dos meus, fazendo meu coração disparar no meu peito.

— Você me faz bem — sussurro quase sem querer. Ela apenas me olha e sorri. — É uma sensação de... tranquilidade. Você consegue fazer o monstro da dor que carrego dentro de mim dormir por alguns instantes.

— Isso é bom. Fico feliz de saber que a amizade que estamos construindo, de alguma maneira, está te trazendo *tranquilidade* — fala meigamente, fazendo uma vontade de abraçá-la crescer no meu peito.

— Espero que depois de... você sabe — resmungo bastante sem jeito — resolvermos essa pendência entre nós, independente da minha decisão, possamos, sabe... continuar sendo amigos.

— Adoraria mentir e dizer que sim, Jacson, que, independente do que decidir, tudo vai ficar bem. Mas não posso. Talvez sua decisão seja forte demais para eu aceitar numa boa, sem deixar que afete esse sentimento de amizade que está crescendo entre nós.

— Se optar... por um aborto, não vai conseguir ser minha amiga, isso?

— Não é isso. Se optar por deixar o medo tirar a oportunidade de ser

feliz, não vou conseguir conviver com sua covardia — fala de maneira decisiva.

— Então, serei um covarde? — questiono bastante chateado.

— Quer minha opinião de verdade?

— Nunca pedi menos que isso — resmungo de volta.

— Se optar por um aborto, em minha opinião, não será apenas um covarde, mas tirará a vida de uma pessoa. Acredito que a vida começa no momento da concepção.

— Não acredito nisso. Na verdade, acredito que a vida começa no momento do nascimento, antes disso, é apenas um feto — respondo de maneira grosseira.

— Então me diga, quando uma mãe e um pai conversam com a criança na barriga, eles estão falando para um feto? A criança não sente nada porque não existe nenhum sentimento envolvido nesse ato?

— Não foi isso que quis dizer, porque é claro que a criança sente.

— Mas você disse que é apenas um feto, que a vida só começa na hora do nascimento. Se for isso, como o feto pode demonstrar sentimentos antes do seu nascimento? — questiona com um ar de fragilidade.

— Não sei, Ceci. Poxa. Não me confunda mais, por favor — suplico angustiado.

— Não quero deixar você angustiado e, por sinal, quem tocou nesse assunto foi você. — Solta sua mão para passar nos seus cabelos, fazendo um coque frouxo, deixando ele suspenso na sua nuca.

— A Flávia também pensava como você — falo num fio de voz. — Ela nunca aprovaria um aborto, você sabe disso — cuspo as palavras e, assim que falo, é como se admitir essa verdade tirasse um peso do meu peito.

— Sim, eu sei disso.

— Queria tanto que ela estivesse aqui para falar o que devo fazer. —

Passo as mãos no rosto, depois as deslizo levemente pelos meus cabelos.

— Infelizmente, ela não está aqui — Cecília murmura.

— Estou com tanto medo, Cecília. Diga-me você, qual a decisão certa a tomar? — Exalo forte, demonstrando como estou apreensivo.

Espero durante vários segundos na esperança de que ela responda, que fale uma das suas pérolas reflexivas, mas ao invés disso, ela apoia os cotovelos um pouco atrás do seu corpo e deita ainda mais, de maneira que fique olhando as estrelas.

— Você não vai falar nada?

— Sabe quantos milhões de estrelas tem no universo, Jacson? — pergunta de maneira despreocupada.

— Cecília, fiz uma pergunta para você, não quero saber das estrelas...

— Sabe? — Ela interrompe minha fala.

— Nem noção. Cinco milhões? — respondo sem vontade.

— Eu também não sei, Jacson. — Olha para mim antes de continuar.
— Podemos até estimar uma quantidade aproximada de estrelas, mas nunca teremos certeza de que esse número está correto. E na nossa vida, também acontece isso. Assim como não sabemos a quantidade exata de estrelas, não sabemos a resposta para as perguntas do mundo. “Nunca” é uma palavra muito forte, mas no caso de nossas escolhas, nunca teremos certeza de que o caminho que escolhermos é o certo, até que realmente o trilhemos — responde com seu jeito todo tranquilo de falar.

— Tem certeza que escolheu a profissão certa? Sinceramente, acho que Filosofia é a sua cara. Tem cada pensamento profundo, cada teoria filosófica, que me arrepio todo quando ouço. — Mostro meus braços como se estivesse arrepiado.

Ela ergue um braço e dá um leve soco no meu ombro, num gesto de amizade.

— Prefiro minhas crianças — retruca de forma divertida.

Olhando para ela, tão relaxada, com as pernas dentro da água, quase deitada sobre seus braços, sem se preocupar com nada do que as pessoas podem pensar, percebo que ela me desperta sensações que há muito tempo não sentia e o medo cresce ainda mais dentro de mim.

— Como você consegue ser feliz mesmo passando por uma situação como essa que estamos vivendo?

— Felicidade tem mais a ver com mais como seu estado de espírito do que com um sentimento. Os problemas são passageiros, porque, no final, não importa se gostamos ou não, eles se resolvem. Não quero e não vou deixar que nada atrapalhe minha felicidade. Posso estar preocupada, apreensiva e até um pouco ansiosa, mas isso não impede que eu seja feliz, que ame a vida e queira viver cada dia ao extremo.

— Já fui como você, essa pessoa alegre, positiva, que buscava sua felicidade acima de tudo. Mas... Depois do acidente, foi como se uma chama tivesse se apagado e minha vontade de viver tivesse, simplesmente, ido embora. Tudo perdeu o sentido.

— Você se fechou para o mundo, Jacson, precisa olhar para as coisas que te cercam e aceitar que não pode mudar o passado.

— Eu sei que não posso, Ceci. — Fecho os olhos tentando segurar as emoções dentro de mim. — Mas queria tanto uma chance de ter eles novamente comigo, nem que fosse apenas para dar um último abraço.

— Nunca terá essa chance. A chance mais real de ter eles aqui com você... — Sua voz tem um toque de ansiedade. Nossos olhos se encontram e fico paralisado, enquanto ela sussurra as próximas palavras: — é essa criança, Jac...

Como se estivesse em câmera lenta, ela segura minha mão e coloca sobre sua barriga que, lógico, ainda não tem nenhum sinal da gravidez, mas

isso não impede a explosão de emoção dentro de mim assim que meus dedos a tocam.

Sinto como se uma coceira penetrasse meus dedos e percorresse meu corpo, até chegar ao meu coração, despejando uma descarga elétrica e fazendo-o dar uma cambalhota no peito, me conectando com aquele feijãozinho crescendo ali dentro.

Prendo a respiração quando milhares de imagens minhas, fazendo exatamente isso com a Flávia, invadem minha memória e não consigo segurar uma lágrima que desliza pelo meu rosto.

Retiro minha mão com uma velocidade sobrenatural, assustando a Cecília que se encolhe levemente, sentando e segurando seus joelhos contra seu peito.

— Desculpa, Jacson, eu não queria...

— Está tarde. — Levanto num pulo. — Nos vemos amanhã no café.

Não deixo Cecília falar nada, tampouco viro a cabeça para ver se ela se recuperou do susto. Praticamente corro para longe da área da piscina, em direção do bar mais próximo, na tentativa de abafar a força dos pensamentos e das emoções dentro de mim, mas principalmente, para esfriar o calor que ainda sinto queimar os meus dedos.

Preciso me acalmar, pois, no momento, o sangue corre acelerado nas minhas veias e mal estou conseguindo controlar meus impulsos. Tocar a barriga da Cecília começou um incêndio no meu coração e tenho certeza que sairei queimado.

21

Somente a bebida não foi capaz de calar a dor martelando no meu peito nessa noite, muito menos apagar a sensação de poucos momentos na piscina, fazendo uma culpa gigantesca brotar na minha cabeça. Por isso, precisava de uma boa dose de sexo para controlar meus impulsos e nublar meus pensamentos.

Depois de várias doses de bebida na cabeça, estou no elevador, carregando uma moça que encontrei no bar para meu quarto de hotel. Nem penso enquanto praticamente transamos no percurso. Quando o elevador chega ao meu andar e as portas abrem, recuo de costas para sair, ainda beijando a moça que está com as pernas envolvidas na minha cintura.

Tropeço em alguém logo atrás de mim e não me dou ao trabalho de pedir desculpas, apenas abro passagem. Mas a respiração acelerada da pessoa passando ao meu lado me faz desviar meu olhar.

Quando percebo que é a Cecília, vejo também o olhar de desprezo que me lança, misturado com seu semblante triste. Empurro a mulher dos meus braços e caminho em sua direção.

— Cecília...

— Oi, Jacson. Eu... vou à recepção pegar água, a geladeira do quarto está desabastecida — fala sem conseguir disfarçar o constrangimento.

As portas do elevador começam a se fechar, mas coloco minha mão para mantê-las abertas.

— Cecília, desculpa, não precisava ter visto isso.

— Isso o quê, Jacson? Você beijando uma mulher? — fala baixo, mas, mesmo assim, a mulher que estava comigo ouve e questiona.

— Você é casado? — Só agora percebo como sua voz é irritante.

— Não, a Cecília é só uma amiga — retruco, sem desviar meus olhos da Cecília.

— Somos apenas amigos, moça — Cecília complementa minha fala. — Jacson, pegue sua acompanhante e continue o que estavam fazendo no seu quarto. — Aperta o botão para fechar as portas.

— Por favor, Cecília, não vai embora, vamos conversar. — Praticamente imploro enquanto mantenho a mão na porta do elevador.

— Só vou à recepção pegar água.

— Desculpa, Cecília, não queria magoar você. — Não sei por que ver a dor no seu rosto está doendo tanto dentro de mim.

— Jacson, por favor. Não estou magoada, estou apenas cansada. Deixe o elevador descer. Vou pegar água e subir para dormir. Continue com seus planos para a noite e amanhã nos encontramos no café.

Dessa vez, quando as portas do elevador começam a se fechar, apenas fixo meu olhar no seu e mesmo contrariado não impeço que o elevador desça.

— Droga — sussurro. Não sei explicar, mas o fato dela ter presenciado essa cena me deixa bastante chateado.

— Tem certeza que não é casado? — A mulher do meu lado pergunta outra vez.

— Desculpa... Mônica? — falo vacilante, pois não lembro o nome dela.

— Nem perto, bonitão — diz chateada.

— Olha. — Respiro forte pelo nariz. — Desculpa por isso, mas... perdi o clima. — Tiro a carteira do bolso e alcanço algumas notas na sua direção. — Creio que aqui tenha dinheiro suficiente para o táxi. — Aperto o botão chamando o elevador para ela.

— Mesmo que você ainda estivesse no clima, quem não queria mais sou eu. Seja lá quem for essa mulher, só um cego não notaria como ela mexe com você. — Ergue as sobrancelhas como se estivesse me dando uma bronca.

Não trocamos mais nenhuma palavra até que o elevador chegue.

— A propósito, você não tinha perguntado, mas é Renata — fala e dá uma piscadinha, antes de entrar no elevador e as portas se fecharem.

Respiro profundamente e caminho pelo corredor, sentando com as costas apoiadas na porta do quarto da Cecília, pois pretendo conversar com ela ainda esta noite.

Cerca de 10 minutos depois, ela sai do elevador segurando uma garrafa de água.

Quando me vê sentado na frente de sua porta, exala fortemente e vem caminhando vacilante na minha direção.

— Cecília, desculpa novamente pelo que viu — falo enquanto me levanto do chão.

— Jacson, vou repetir, você não me deve desculpas.

— Devo, sim, afinal, estamos juntos nessa viagem, o que fiz foi agressivo e uma falta de respeito com você.

— Jacson, sua vida sexual não me diz respeito. — Dessa vez consigo captar não mágoa, mas sim uma pontada de indiferença.

— Então me presenciar quase transando com aquela mulher não deixou você desconfortável? — retruco sem disfarçar a raiva que estou sentindo pelo seu pouco caso.

— Não disse que não fiquei desconfortável, só que não me deve desculpas.

— Estava muito irritado e precisava, sabe... desestressar.

— Se quer transar com qualquer uma que encontra por aí e ter uma

vida sexual sem sentido, porque acha que isso resolve seus problemas, o problema é todo seu — retruca deixando transparecer uma pontada de raiva.

— Só falta falar que não transa para relaxar quando está estressada.

Um vermelho vivo invade as maçãs do rosto e ela bufa bastante exaltada.

— Ah! Por favor, só falta agora me falar que é virgem!

— Claro que não, seu idiota! — grita comigo. — Mas minha vida sexual não diz respeito a você!

— Pode até não ser virgem, mas pela sua reação, nunca deve ter realmente usado o sexo para desestressar! — falo alto, deixando a raiva dominar meus sentidos.

— Jacson. — Respira fundo e volta a falar depois que está mais calma. — Sai da frente da minha porta, quero entrar antes que perca minha paciência e acabe falando aquilo que não quero e depois acabe me arrependendo.

— Ah! — Bato palmas de forma teatral. — Até que enfim a senhora perfeitinha demonstra que também tem defeitos. — Solto uma gargalhada e, encorajado pela raiva e pela bebida que corre nas minhas veias, dou um passo na sua direção. — Tudo isso é culpa sua. Se não tivesse puxado minha mão para tocar em você, não teria bebido para relaxar e muito menos trazido essa mulher aqui.

— Pelo amor de Deus, é minha culpa você ser um babaca agora? — Irritada, coloca as duas mãos na cintura.

— Eu sou um babaca por querer afogar minha dor em bebida e sexo?

— É. Um enorme babaca! — grita de volta.

— Ah, claro! Quem sabe o correto seria ter ligado uma música de relaxamento e ter feito uma sessão de ioga.

— Faça a terapia que bem entender, só saia do meu caminho!

— Pois saiba que sexo é a melhor terapia do mundo!

— Sai da minha frente, Jacson, AGORA!

— Ou o quê, senhora perfeitinha? — pergunto de maneira irônica.

— Ou... ou... AHHH! Você me deixa estressada!

— Está estressada, então? — Ergo a sobrancelha.

— Estou, Jacson. — Bufa e ergue as mãos para cima num gesto de rendição. — Satisfeito agora? Você conseguiu me deixar muito irritada e estressada.

— Sabe o que é bom para diminuir estresse? Sexo... — Não dou tempo de ela reagir antes de minha boca tocar a sua. Por alguns segundos, sinto todo o corpo dela amolecer ao contato de nossas bocas e meu único desejo é que ela se entregue a este beijo. Quando puxo mais seu corpo contra o meu, um gemido escapa de seus lábios e me sinto sendo inundado por um desejo brutal. Minha língua força espaço para abrir sua boca e, quando penso que ela vai se render completamente, o que recebo é um empurrão que quebra nosso contato e nos puxa de volta para a realidade.

Cecília coloca sua mão na boca e fica me olhando, em choque, paralisada. Admito que até eu fiquei surpreso com o meu gesto. Por que fui beijar essa moça?!

Quando vou abrir a boca para formular um pedido de desculpa, a mão da Cecília já está estalando, desferindo um belo e merecido tapa na minha cara.

— Prefiro atribuir toda idiotice que disse e essa besteira que fez à bebida que consumiu e ao estresse que está sofrendo nos últimos dias. Mas saiba que não sou como as mulheres que leva para cama e usa para abafar sua raiva. Dessa vez, vou perdoar você e fingir que esse momento nunca aconteceu. Mas se faltar com respeito comigo mais uma única vez, saiba que abandono nosso trato e nunca mais olho na sua cara. Pode ter certeza que nosso próximo encontro será numa audiência no tribunal, a qual farei questão

de atrasar o máximo que conseguir. — Me empurra para o lado, coloca a chave destrancando a porta e depois entra batendo-a nas suas costas.

Só quando o baque soa, viro para a porta, encostando a testa e voltando a respirar.

Beije a Cecília como uma forma de punição, só que o que esse beijo despertou em mim me confundiu e tirou completamente meu chão.

— Que porra foi essa que acabou de acontecer aqui? — sussurro contra a porta fechada na minha frente.

22

Desci para o café da manhã ainda mortificado pelo que tinha acontecido na noite anterior, sem conseguir entender o motivo de ter feito algo tão estúpido e impulsivo.

Minha vontade era voltar para São Paulo, obrigar a Cecília a concordar com a realização do aborto e apagar esse último mês da minha vida. Mas sabia que não conseguiria fazer isso. Seria impossível fingir que nada tinha acontecido, que essa avalanche de sentimentos não tinha passado pela minha vida.

Não bastasse a certeza de que realizar esse aborto iria contra todos os princípios da Flávia, ainda me martelava a certeza de que seria também uma traição a Cecília. Apenas a possibilidade de chateá-la e decepcioná-la incomodava e atormentava muito meu já confuso coração, pois não estava preparado para tirá-la da minha vida. Não entendia como esse sentimento tão forte de proteção em relação a ela tinha surgido.

E admitir que ferir a Cecília era o incômodo maior nesse momento era um problema com o qual eu não estava preparado para lidar.

Pensei em ligar para Nat, contar o que estava acontecendo, principalmente sobre os sentimentos que estavam surgindo, mas logo desisti. Tenho a impressão que seria uma traição à Flávia falar dos meus sentimentos por outra mulher com sua melhor amiga. Mesmo que essa mulher fosse, no caso, minha melhor amiga também. Cogitei ligar para o Marcos, mas também desisti, sei qual seria o conselho dele: leve para cama logo de uma vez! Tudo

para ele se resumia a sexo.

Para falar a verdade, se fosse qualquer outra mulher, também pensaria assim. Mas, no breve beijo de ontem, sei que não seria apenas sexo. Isso me assustava, porque desde a morte de Flávia nunca me passou pela cabeça querer algo além de uma noite de prazer com qualquer mulher. Lógico que me preocupava com as necessidades de todas que levava para cama, mas tudo se resumia a dar e receber prazer. Com a Cecília, nem tinha realmente a beijado e já pensava em todas as implicações disso, no medo de magoá-la, de afastá-la de mim.

— Você é um idiota, Jacson — repreendo-me mentalmente. Não houve nenhum sinal da parte dela de que esse beijo tenha significado algo, ou melhor, houve um belo tapa na cara para provar que a possibilidade de rolar algo entre nós dois é uma maluquice.

Respiro profundamente para afastar esses pensamentos de minha cabeça. Quando chego ao refeitório, avisto-a sentada numa mesa de canto. Sirvo meu prato com alguns alimentos e sento-me à mesa com ela.

— Bom dia — cumprimento-a envergonhado.

— Bom dia, Jacson — responde de forma educada.

Não posso impedir que uma onda de desejo percorra meu corpo ao som de sua meiga voz. Fito seu rosto na tentativa de desvendar seu humor, quando percebo que um dos seus olhos está bem vermelho.

— Cecília, seu olho. — Ergo meu dedo na sua direção.

— Não se preocupe, cocei o olho durante a noite e acabou irritando ele um pouco. Já coloquei os medicamentos, logo esse vermelhão some e tudo volta ao normal.

— Mesmo com o transplante, você ainda usa lentes? — Minha voz demonstra preocupação.

— Esse é o outro olho, Jacson, o transplante foi realizado apenas em

uma das vistas — explica sem conseguir fitar meu rosto.

— Não entendo nada desse procedimento de transplante, Ceci. Por que ficou irritada assim? — Mesmo ela tendo dito que coçou seus olhos e estão inchados, fico imaginando se chorou depois de nossa discussão e isso seria o motivo dessa irritação e vermelhidão.

— Não teria como entender mesmo, Jacson. Isso não é um assunto muito interessante de ser pesquisado. — Dá de ombros. — Fiz o transplante apenas numa das córneas, a mais afetada, na verdade, onde tinha apenas 5% da visão mesmo com o uso da lente. Nesse olho. — Mostra o olho irritado. — Com o uso dessa lente que uso hoje, consigo ter mais ou menos 20% da visão. Pelos últimos exames, a perda da visão estagnou. Se esse quadro continuar, vou fazer uma cirurgia assim que a gravi... — Faz uma pausa e desvia o olhar. — Assim que terminar a faculdade. Com a cirurgia, tenho uma chance muito grande de conseguir recuperar mais ainda a qualidade de visão desse olho. Não vou ficar curada, mas vou recuperar quase totalmente a visão.

— Você corre o risco de ficar cega? — questiono no impulso.

— Já corri esse risco. Hoje, graças ao tratamento e ao transplante, tenho mais de 70% da visão, o que é uma vitória.

— O que você tem, Cecília? Quer dizer, por que precisou do transplante?

— Jacson, disse que contarei a minha história no momento certo. — Suspira profundamente e toma um gole do seu café.

— Não estou pedindo a sua história, Ceci, apenas fiquei curioso vendo seu olho dessa forma, quero saber qual é o seu problema.

— Ceratocone — responde depois de alguns instantes. — Basicamente, a doença afeta a espessura da córnea e provoca a perda gradativa da visão, mas isso apenas se não for tratada da forma correta, o que foi o meu caso.

Meu diagnóstico foi tardio. O resto vai conhecer quando achar que é o momento certo.

— Não seria bom ir ao médico verificar essa irritação? — pergunto preocupado.

— Não é necessário. Tenho sempre toda medicação necessária para quando isso ocorre. Já coloquei os medicamentos e hoje à noite já estará melhor. A única coisa ruim é que fico sem a lente, o que limita um pouco minha visão.

— Você não enxerga?

— Não é isso. — Dá um sorriso como se achasse minha pergunta engraçada. — Sei que é difícil de entender. Imagina que um dos seus olhos está fechado, ou melhor, quase fechado, e outro normal. É assim que enxergo sem a lente.

Fico olhando seus olhos e, quando dou por mim, a frase já pulou dos meus lábios.

— Sempre achei que o transplante de córnea mudasse a cor dos olhos. Os olhos da Flávia eram castanhos esverdeados, os seus são castanhos claros, parecem ter a cor de mel. — Nossos olhares se encontram e ficamos nos encarando por alguns instantes

— Muita gente pensa isso. — Desvia o olhar para a comida no seu prato. — Córnea é apenas uma membrana transparente, para entender melhor. Por isso, o transplante não muda a cor dos olhos.

— Olhando seus olhos, não consigo ver nada de diferente neles. — Espero que ela volte a me encarar, mas isso não acontece.

— Se olhar de perto, consegue ver algumas cicatrizes dos pontos. Logo que fiz a cirurgia era mais visível, mas com o passar dos anos, como qualquer outra cicatriz, foi sumindo e ficou quase imperceptível.

Terminamos o café. Subimos cada um para pegar suas coisas e estamos

retornando a Curitiba.

Constato que, mesmo não tocando no assunto da noite passada, os dois foram mexidos pelo que aconteceu, o que deixou o clima entre nós dois muito diferente.

Já dentro do carro, sinto um incômodo tão grande que se torna físico, causando um aperto nas minhas costelas, o que dificulta minha respiração. Preciso restaurar a leveza que existe entre nós, mas não sei como.

— Seu *pen drive* de viagem, não vai colocar? — Tento fazer minha voz soar divertida.

— Não — responde de forma despreocupada. — Pode apenas ligar o rádio em alguma estação.

— Ok. — Não insisto e ligo o rádio deixando na primeira estação que sintoniza.

Tirando um ou outro comentário esporádico, a viagem é feita quase em silêncio. Quando chegamos ao endereço que ela passou, um prédio residencial na região central de Campo Largo, são pouco mais de onze horas.

Depois de nos anunciarmos para o porteiro, ele libera nosso acesso para subirmos ao apartamento da moça que nos espera. Dessa vez não recebo advertências para me comportar, tampouco brincadeiras sobre quem vou conhecer.

Cecília toca a campainha e uma mulher abre a porta.

— Oi, Liane.

— Oi, Cecília, tudo bem? — Se cumprimentam com um abraço e um beijo na face.

— Tudo, sim, e você?

— É... Levando. — Dá de ombros com um sorriso triste.

— Adaptada à nova cidade? — Cecília questiona enquanto ainda segura a mulher num abraço.

— Sim, gostei muito daqui — responde depois de sair do abraço e guiar a Cecília até o sofá. Um pouco sem jeito, acabo seguindo as duas. — Desculpa, você deve ser o cara que a Cecília comentou comigo. — Estende a mão para me cumprimentar.

— Jacson. — Aperto a sua mão e faço um aceno com a cabeça.

— Por favor, sentem.

— Cadê a Aninha? — Cecília olha para os lados procurando a menina.

— Ah! Está lá no quarto brincando no computador, esquecem do mundo quando estão mexendo nessas tecnologias. Ela está super bem, se adaptou melhor ainda à cidade. E você, Cecília, como está?

— Estou bem, Liane. Todos estão sentindo sua falta na faculdade.

— Também sinto, Cecília, mas essa mudança foi muito importante para mim, precisava deixar, sabe, tudo para trás, tentar recomeçar.

— Eu sei disso. — Cecília pega a mão da moça entre as suas. — Apesar de sentir sua falta, apoio sua decisão. Liane é professora universitária, dava aula na minha faculdade. Mudou para cá há uns 4 meses, mais ou menos, né, Liane?

— Quase 6 meses, Cecília — responde sorrindo. — Tempo passa muito rápido.

— Nossa, o tempo voa. Liane está dando aula aqui, numa outra faculdade — fala toda sorridente.

— Na verdade, dou aula de manhã numa escola de ensino médio e à noite numa faculdade — complementa. — Essa foi outra mudança que adorei, Cecília, trouxe novidade e desafios para minha rotina.

— Liane, desculpa ser direta, mas estou com bastante trabalho da faculdade e preciso voltar logo para casa. Como falei no telefone, Jacson está fazendo uma pesquisa sobre a ONG e as pessoas que passaram por lá. Se puder contar um pouco de como foi sua experiência lá, seria de grande ajuda.

— Não tem muito a contar. — Coloca as mãos no colo, as esfregando num gesto nervoso. — Basicamente, conheci a ONG por causa da Cecília.

— Teria como contar o que te levou à ONG? — Cecília pergunta receosa.

— Claro. — Faz um gesto com as mãos no ar. Depois suspira profundamente e começa: — Era casada, tinha uma filha e estava esperando outra criança, estava no quarto mês de gravidez. Jantamos na casa dos meus pais e, como o Pedro, meu marido, tinha bebido alguns copos de vinho, eu estava dirigindo. Não me pergunte o porquê ou o que aconteceu, só sei que não respeitei uma preferencial e acabei provocando um acidente. O carro colidiu com um caminhão, que se chocou no lado do passageiro, meu marido teve traumatismo craniano, além de diversas fraturas pelo corpo. Passou por cirurgias, mas não sobreviveu. Minha filha que estava na cadeirinha não sofreu ferimentos. Eu estava com o cinto, o que salvou a minha vida, mas não impediu de causar alguns danos. Entre eles, e talvez o maior, a perda da criança que eu estava esperando. O passageiro do outro veículo se machucou bastante, mas graças a Deus, se recuperou do acidente. Fiquei afastada durante alguns meses da faculdade, mas quando voltei estava ainda muito abalada. Foi quando a Cecília falou da ONG. Fui a diversos encontros, levei a Aninha em alguns e foi ótimo para ambas. Ajudou muito saber que, assim como eu, mais pessoas estavam tentando recomeçar. O grande problema é que eu não buscava recomeço, mas, sim, perdão. Ajudou, não posso negar, mas não foi o suficiente, vivia no passado, mergulhada nas nossas lembranças, naquela sensação de que o Pedro entraria pela porta a qualquer momento, me tomaria nos braços e descobriria que tudo não passou de um pesadelo. Foi quando notei que essa esperança estava me matando, literalmente drenando o resto de forças que tinha. Vi que ficar em Curitiba, seguir com a mesma vida naquele local, no meio de tantas lembranças, não

seria possível. A casa, o trabalho, os sonhos, aquilo tudo foi pensado, construído para ser dividido com o Pedro e com meus filhos, e eu, num momento de... insanidade, acabei com tudo e nunca vou me perdoar por isso. Mas, tinha a Aninha que dependia de mim e precisava arranjar forças para continuar. Ela foi a mola propulsora dessa mudança. Por isso resolvi vir para Campo Largo, começar do zero. Construir novos sonhos, novas lembranças, um novo futuro. — Seca uma lágrima que escorreu silenciosa por sua face.

— E está dando certo? — questiono quando vejo que ela aparentemente terminou o seu relato.

— Depende do que considera certo. — Olha triste em minha direção. — Se estou conseguindo cuidar da minha filha, dar um lar amoroso, construir uma nova história? Então, sim, essa mudança ajudou muito. Agora, se quer saber se a mudança conseguiu apagar a dor, a culpa que carrego dentro de mim a ponto de me perdoar? Então a resposta é não. Nunca vou conseguir me libertar da culpa por provocar o acidente que matou o amor da minha vida e o filho que estava esperando. — Termina visivelmente emocionada.

— Mas foi um acidente, você não quis provocar a colisão, Liane. — Cecília toca os ombros da amiga numa tentativa de consolo.

— Eu sei disso, mas entre saber e aceitar existe um grande abismo. Vivo com a sensação de que cinco segundos mudariam o rumo da minha vida. Sempre dirigi com tanto cuidado, nunca provoquei nenhum desliz no trânsito, e no meu primeiro momento de bobeira, causei um acidente fatal que acaba com minha vida e das pessoas que mais amo.

— Todos estão suscetíveis a erros, Liane. — Nossos olhos se encontram e ela abre um sorriso triste.

— Engraçado que sei disso! Mas não consigo aceitar. Erro é você salgar demais a comida ou deixar um copo cair enquanto lava a louça. O que eu fiz foi... uma estupidez sem tamanho. Quem sabe um dia aconteça algo

que seja forte o suficiente para me puxar desse mar de dor que vivo e passe a encarar isso como um erro. Por enquanto, vou camuflando minha dor, vivendo um dia de cada vez. Pela Aninha, minha filha, porque ela precisa de mim e do meu amor para continuar. E graças a Deus, ela está superando tudo e voltando a sorrir. Essa é a única esperança que vejo no meio desse inferno que se transformou minha vida.

— O que você está esperando? — questiono.

— Não sei o que espero. — Novamente movimentava suas mãos no ar. — Talvez, acordar e sair de dentro desse pesadelo? Mas como isso não é possível, então, espero por algo que não posso nominar, um milagre, talvez? — Uma lágrima volta a escorrer pelo seu rosto. — Um milagre forte o suficiente para desencadear o perdão...

— Não pensou em voltar para a ONG ou talvez procurar ajuda aqui em Campo Largo? — pergunto tentando disfarçar a pena na minha voz, diante daquela mulher destruída.

— Sinceramente, ninguém pode me ajudar. Daqui para frente, é comigo. Palavras, consolo, nada vai mudar o que aconteceu. Tudo que preciso é perdão, e isso é impossível agora, descobri que não encontro em lugar nenhum, pois, é algo que somente eu posso libertar.

Ficamos mais alguns minutos conversando, depois nos despedimos e voltamos ao nosso carro.

Quando sento no banco, cerro as mãos no volante e apoio minha cabeça. Sinto-me fraco, como se os minutos que passei dentro do prédio tivessem roubado minha energia e me inundado com a dor que senti escorrendo da Liane, preenchendo cada pedaço do meu ser.

— Por que me trouxe aqui, Cecília? — pergunto ainda com a cabeça entre as mãos.

— Você precisava saber, ou melhor, ver, que nem sempre é possível

ajudar todas as pessoas. Algumas vezes, a dor que a pessoa carrega é tão grande que nada que façamos é forte o suficiente para penetrar na muralha que constrói ao redor do seu coração. — Sua voz é tão suave que sinto cada palavra como uma carícia contra minha pele.

— Essa mulher está acabada, Cecília, ela tem o quê? 35 anos? — Olho na sua direção.

— Na verdade, ela tem 28 anos, Jacson.

— Meu Deus, ela está tão deprimida que parece ter muito mais que isso, como se o peso que carrega nas costas fosse um fardo pesado demais para ser carregado.

— E acredite, a Liane está muito melhor depois que mudou para cá e está tentando recomeçar. Talvez ela não tenha percebido, mas o milagre dela já chegou.

— Essa mudança foi o milagre dela? — É mais uma afirmação do que uma pergunta. Franzo a testa no aguardo da resposta da Cecília.

— Não. O milagre dela é o amor que ela sente pela Aninha. A Liane só está tentando pela força que retira do amor que tem por essa menina.

Encosto novamente a testa no volante, puxando a respiração várias vezes.

— Ela precisa de ajuda, Liane! — falo exaltado.

— Já tentei, ou melhor, muitos tentaram. A única coisa que podemos fazer agora é apoiá-la, demonstrar nossa amizade. O resto, infelizmente, é com ela.

— Não devia ter me trazido aqui, Cecilia — resmungo.

— Sim, devia. — Ouço ela se mexendo no banco ao lado.

— Mas está mostrando coisas belas e transformações emocionantes que a ONG e a Flávia fizeram na vida das pessoas. Daí, de repente, me traz aqui, para conhecer uma mulher tão ou mais quebrada que eu e que me faz

repensar tudo que vi até aqui! — desabafo.

— O que sentiu quando viu essa mulher, Jacson? — me questiona enquanto cruza os braços sobre seu peito.

— Agonia, angústia, um enorme desconforto. — Respiro fundo. — Desespero e um sentimento de impotência. Ver a dor que essa moça carrega estampada nos seus olhos é... torturante. Cresce uma vontade de ajudar, de achar uma forma de arrancar a sombra de desespero que existe ao redor dela.

— Engraçado — sussurra.

— O que é engraçado? — Nossos olhos se encontram.

— É exatamente isso que sinto quando olho para você e vejo a dor estampada nos seus olhos. Desespero. — Ela faz uma pausa. — Um sentimento de impotência. — Faz outra pausa. — E uma vontade enorme de arrancar sua dor.

Abro aos lábios para retrucar, mas as palavras simplesmente somem da minha boca, ao mesmo tempo em que um calor percorre meu corpo e o peso de suas palavras penetra no meu coração.

Volto meu olhar para frente e fico alguns segundos pensando no que devo falar.

Cecília não pronuncia nada e o único barulho dentro do carro é o som das nossas respirações.

23

Como nenhum dos dois fala mais nada, acabo ligando o carro e prosseguindo a viagem, cada qual perdido com seus próprios medos.

Volta e meia, olho na direção dela, que contempla a paisagem fora da janela, tão imóvel no lugar que penso que talvez tenha até dormido. Depois de algumas olhadas, percebo que ela ergue a mão e coça seu rosto e chego à conclusão de que ela provavelmente está me deixando pensar nas suas palavras.

Chegamos a Curitiba em meio a uma suave garoa. Nem pergunto onde quer ficar, já sigo direto para o apartamento da minha ex-sogra que, afinal, é onde ela mora. Mesmo que precise ir a outro lugar, primeiro terá que deixar suas coisas em casa.

Depois de estacionar na sua vaga na garagem, ela praticamente salta do carro e para perto do porta-malas para pegar sua mochila.

Tento fazer tudo de forma lenta, pois mesmo com todos os quilômetros percorridos, ainda não sei o que dizer. Tiro as malas e depois estendo a chave para ela, que pega e caminha em silêncio na minha frente até o elevador. Entramos e quando o elevador abre as portas no térreo, tenho a impressão de que ela vai continuar e subir direto para seu andar, mas ela desce comigo quando o elevador para no térreo, para se despedir.

— Então, obrigada por ter me acompanhado na visita aos meus amigos.
— Ela começa bastante sem jeito.

— Cecília, eu queria... pedir desculpas mais uma vez pelo que

aconteceu ontem. — Não suporto e acabo tocando no assunto

— Não, Jacson. — Me interrompe de forma decidida. — Disse que esqueceria o que aconteceu e foi exatamente isso que fiz. Por isso, não toque mais no assunto.

— Mas eu preciso que você saiba. Me arrependo da forma que tudo aconteceu, mas não do que aconteceu.

— Jacson, não...

— Cecília, por favor, me deixe falar. Fui um idiota ontem à noite. Tocar a sua barriga... desencadeou algo muito forte dentro de mim. Agi como um tolo, admito. Não que te beijar tenha sido um erro, mas naquele momento, como um impulso, foi errado. Você consegue me perdoar?

— Já disse que o melhor é esquecer isso, Jacson.

— Não, Ceci, não posso falar que vou esquecer esse beijo, pois, depois de muitos anos, foi a primeira vez que senti meu coração bater novamente. Sinto ainda o gosto dos seus lábios, o toque da sua pele contra minhas mãos, o calor da sua respiração contra minha boca. Por isso não posso esquecer, quero apenas que me perdoe por ter feito isso no momento errado.

— Jacson, tudo que não precisamos é complicar ainda mais o nosso relacionamento. Não é correto nos envolver dessa forma. Se quiser o meu perdão, saiba que o tem. Mas agora, por favor, não toque mais nesse assunto. — A expressão do seu rosto é de confusão e sofrimento e, só por isso, resolvo por ora acatar o seu pedido.

— Ok. — Cerro as mãos do lado do meu corpo, como um garoto levando bronca. — Eu... preciso voltar a São Paulo para resolver uns problemas na empresa.

— Sem problema. Essa semana tenho prova na faculdade e não posso sair com você. Mando uma mensagem assim que conversar com as pessoas que quero que conheça. Talvez seja preciso viajar para outra cidade, daí nos

encontramos lá.

— Claro, sem problema.

— Jacson, caso queria mudar de ideia sobre nosso acordo... vou entender. — Consigo ver a força que é necessária para ela dizer isso.

— Não vou mudar, fizemos um trato e vamos seguir com ele até o final — digo decidido e Cecília apenas balança discretamente a cabeça.

— Vou subir, estou um pouco cansada. — Segura a alça da mochila nas suas costas.

— Preciso ir também, quero ver se consigo pegar o avião das 18 horas.

— Ok. Tchau, então, se cuida.

— Se cuida também. — Me aproximo um pouco vacilante, seguro seus ombros e dou um beijo na sua testa.

Quando me afasto um pouco, seus olhos encontram os meus. Inconscientemente, meu olhar desliza para sua boca e minhas mãos apertam mais ainda nos seus ombros, pois tenho que me segurar para não puxar seu corpo de encontro ao meu. A memória daquele beijo roubado invade minha mente e uma vontade de errar outra vez martela com força na minha cabeça. Mas mal tenho tempo de relembrar, pois Cecília recua um passo e se solta do meu toque, trazendo os dois de volta à realidade.

Faz um gesto de despedida com a mão e me dá as costas, chamando logo em seguida o elevador. Eu fico parado, só a observando enquanto ela o espera chegar.

Ela olha por sobre o ombro e dá um sorriso tímido. Estou parecendo um garoto inexperiente, a simples visão do sorriso dela faz pensamentos estranhos e inapropriados surgirem na minha mente.

O elevador chega, ela entra e fica de costas para mim. Quando as portas começam a deslizar, ela vira rapidamente e coloca o pé para que abram.

— Pre-preciso falar apenas u-uma coisa antes de você-cê ir embora,

Jacson — fala de uma forma bastante insegura, chegando a gaguejar em alguns pontos. — Pense em tudo que viveu nesses dias, em todas as coisas que viu e principalmente... na decisão que precisa tomar. Seu milagre... pode... ser essa criança.

Não consigo responder, apenas olho na sua direção e dessa vez as portas deslizam fechadas, levando ela para longe de mim. Assim que ela some do meu olhar, sinto imediatamente a falta do seu calor que irradia. É como se a simples presença dela fosse capaz de iluminar o ambiente.

— Não, Cecília, você está enganada. Meu milagre não é essa criança... — murmuro depois que o elevador começa a subir.

Quero correr pelas escadas e tomar ela nos meus braços, entrelaçar nossos corpos até que uma parte dela fique impregnada em mim. Pois, só assim, sinto que posso respirar novamente, calar as vozes que gritam na minha cabeça.

Mas apesar de querer agir impulsivamente, não posso e não devo fazer isso. Tenho que ir a São Paulo, me afastar, entender esses sentimentos gritando dentro de mim, organizar minha mente e decidir os próximos passos com cautela.

Tenho certeza de uma coisa: o Jacson que chegou a Curitiba não é o mesmo que volta a São Paulo. Foram quinze dias que mudaram minha vida para sempre.

Naquele corredor, uma certeza envolveu meu coração. Algo que era difícil de admitir, mas impossível de calar.

Saio do prédio e chamo um Uber para me levar ao hotel que estou hospedado.

Quando ele chega, lanço um último olhar em direção ao andar onde sei que é o apartamento da Cecília.

— Meu milagre não é essa criança. Mas ele chegou, sim, Cecília, só

preciso saber como receber na minha vida... — Sopro as palavras ao vento suave de Curitiba, enquanto uma garoa fina nubla a cidade e se confunde com as lágrimas que agora embaçam minha visão. — Meu milagre é você, Ceci...

24

— Não queria conversar sobre meus sentimentos com você, mas não tenho mais ninguém em quem confie e, acredito, precisava desabafar — Falo com a respiração acelerada.

— Espera, pode repetir, por favor? — Natalia não consegue disfarçar o semblante chocado.

—A Cecília mexeu comigo, estou confuso e não sei quais são os meus sentimentos em relação a ela! — falo lançando as mãos para o ar em sinal de rendição. — Fui para Curitiba com um problema e voltei com dois. Depois de muito tempo, quero ficar ao lado de uma mulher para algo mais do que sexo!

— Meu Deus! — Nat se joga na cadeira. — É uma pegadinha? Porque se for, já aviso que não tem graça nenhuma. — Aperta as mãos na lateral da cadeira com tanta força que, mesmo à distância, consigo ver que as juntas dos seus dedos estão esbranquiçadas.

— Não é pegadinha, Nat — respondo balançando a cabeça. — Nem consigo explicar o que está acontecendo, só que esses últimos dias mudaram alguma coisa dentro de mim, sei lá, Nat, estou confuso.

— Quando falou comigo, a menos de uma semana, disse que estava confuso, mas achei que era por causa da gravidez! Nunca poderia imaginei que o motivo dessa confusão era uma mulher, e muito menos, por causa dos seus sentimentos em relação a ela. — Me olha com os olhos arregalados.

— No início, também pensei que minha confusão era pela gravidez. Na verdade, esse também é um dos motivos. Só que não posso me enganar, o que sinto pela Cecília está complicando mais a minha tomada de decisão. Não sei se o fato de saber que ela... está... carregando um filho meu — pronuncio as

palavras com certa dificuldade. — faz essa necessidade de proteção, de manter ela perto martelar tão forte dentro de mim. Não quero tomar nenhuma decisão precipitada que faça com que ela se afaste. Primeiro preciso decifrar o que realmente sinto.

— Chocada — afirma sem disfarçar como está abalada.

— Pensei que ficaria feliz, não decepcionada desse jeito.

— Não estou decepcionada, longe disso, Jacson! Estou simplesmente embasbacada! Admito que tenha perdido completamente a esperança de você, um dia, ser tocado emocionalmente por outra pessoa.

— Foi muito mais do que apenas tocado, Nat, fui atropelado emocionalmente por essa história da gravidez e pela Cecília.

— Como ela é? Deve ser linda, para ter mexido assim com você. — Se debruça um pouco sobre a mesa, sustentando seu rosto com as mãos.

— Ela é linda, sim. — Suspiro profundamente. — Muito mais por dentro do que por fora. Ela tem uma... entrega pelo próximo, que toca lá dentro, no fundo da sua alma. É impossível ficar perto dela e não ser tocado por sua doçura e ao mesmo tempo pela força da sua personalidade! Ela é doce e brutalmente verdadeira.

— Ela lembra a Flávia? Desculpa perguntar, Jacson, mas se ela for isso, pode explicar sua confusão.

— Se ela fosse parecida, suas suspeitas teriam fundamento. Mas ela é totalmente o oposto, Nat. Nem fisicamente, nem no temperamento, nada lembra a Flávia.

— Nossa. Surpreendente. Isso me deixa muito, mas muito feliz mesmo, Jacson. Mesmo que essa moça tivesse despertado a sua raiva, já seria alguma coisa — Nat comenta entre sorrisos.

— Porque, amigo, desculpa se vou tocar numa ferida, mas nenhuma mulher estava despertando nada em você, além de desejo, e... tenho quase

certeza de que, quando estavam na cama, fantasiava que era outra pessoa com você. — O Marcos, que estava encostado perto da porta apenas olhando, se intromete na conversa.

— Ah! Cala boca, Marcos, olha a Nat aqui, cara.

— Até parece que a Nat não sabe que você transa, Jacson.

— Cala a boca, Marcos! — Nat e eu gritamos juntos.

— E agora, o que vai fazer? — Nat pergunta enquanto ainda fuzila o Marcos com o olhar.

— Não sei, Nat. Primeiro resolver todos esses problemas pendentes na empresa e aproveitar para esfriar a cabeça. Depois, deixar a distância fazer seu papel e clarear minhas ideias.

— Eu acho que essa distância é desnecessária, devia levar logo essa menina para cama, lá, com certeza, seus sentimentos ficariam definidos — Marcos fala entusiasmado.

— Ai, Marcos, juro que às vezes não sei o que tenho na cabeça de namorar com você. — Nat o repreende.

— Não é bem o que você tem na cabeça que faz o relacionamento continuar, mas algo que tenho no meio das pernas. — Dá uma piscadinha marota para Nat.

— Nossa, Marcos, cala boca. — Nat joga um bloco de anotação na sua direção.

— Ué! É verdade. Se ele transar com a menina e ainda quiser uma segunda vez, é porque seus sentimentos são verdadeiros.

— Foi assim que descobriu que seus sentimentos por mim eram mais do que desejo sexual? — Levanta da cadeira e cruza as mãos na cintura.

— Nat, querida, com você foi diferente, sabe que nunca tive dúvida de que você fosse a mulher da minha vida. — Nat começa a esboçar um sorriso. — Principalmente, depois que fomos para cama e descobri que tinha ganhado

na loteria, porque tive o melhor sexo do mundo! Não deixaria você e essa coisinha gostosa escaparem de mim, bonequinha.

— Quer dizer que tudo se resume a sexo? — Nat diz, bufando de raiva. Preciso me segurar para não cair na gargalhada com a cena.

— Vem aqui, minha bonequinha. — Marcos anda apressado na sua direção, depois a toma nos braços e sussurra alguma coisa no seu ouvido, o que deixa a Nat mais vermelha que um tomate.

— Marcos! — Dá um soco nas suas costas e não consegue disfarçar sua vergonha.

— Ei, vocês dois, será que podem deixar o sexo para outra hora? A Nat ainda está em horário de serviço. E lamento informar, seu chefe não tolera demonstrações de afeto na hora do trabalho. — Cruzo os braços fingindo cara de repreensão.

— Desculpa, chefinho. — Dá um selinho no Marcos e depois se solta do abraço.

— Voltando ao assunto “garota surpreendente”, por que não leva ela logo para cama? — Marcos ainda arrisca fazer a pergunta, mesmo recebendo um soco no peito da Nat.

— Por um motivo simples, Marcos. Cecília não demonstrou em nenhum momento que essa é a vontade dela!

— Mas você mesmo disse que ela correspondeu ao seu beijo!

— Por míseros segundos! — Balanço a cabeça. — Não, cara, dessa vez, sexo só vai complicar mais o que já está suficientemente bagunçado.

— Quando vai ver ela novamente? — Nat pergunta mudando o foco da conversa.

— Não sei. Cecília disse que precisa de alguns dias para organizar algumas coisas. Amanhã ou depois envio uma mensagem para saber ao certo.

— Sei... Amanhã ou depois. Posso apostar que não passa de hoje à

noite. — Dá uma gargalhada e sai da sala puxando o Marcos pelo braço.

— Cê tá ferrado, amigo. Boa sorte com seus pensamentos. — Marcos acena com a cabeça e segue a Nat.

Viro a cadeira para o computador e fico por alguns segundos apenas olhando para a tela. Acabo desistindo de checar meus e-mails, abro a primeira gaveta da mesa, de onde tiro um porta-retratos, com uma foto minha e da Flávia com Duda, tirada poucos dias antes do acidente.

Na fotografia, uma Flávia e um Duda muito alegres olham para mim. Sempre que a vejo, uma pontada de dor atravessa meu peito e, automaticamente, sinto vontade de chorar.

Passo os dedos sobre a imagem dos dois e deixo as emoções aflorarem no meu peito. Já olhei essa foto milhares de vezes, mas hoje, noto algo diferente nela. Eu! Nessa foto, vejo um Jacson sorridente, leve, algo que não sou mais. Sinto saudade desse homem, tão feliz e motivado. Apaixonado pela vida, pois ele tinha todos os motivos do mundo para ser feliz. Hoje me sinto sozinho, sem motivos para continuar vivendo por viver. Nada parece ser bom ou me dá alegria. Acordo de manhã e não tenho impulsos para levantar da cama.

Não posso evitar pensar que talvez essa gravidez me dê força para sair dessa solidão, preencher esse vazio tão grande que se tornou minha vida. Segurando a foto dos meus dois amores, é como se fosse errado sequer imaginar deixar alguma coisa penetrar na minha vida e nublar as lembranças de nós três, diminuir o aperto que trago no peito.

Mas involuntariamente, penso que pode ser isso que eles querem. Diminuir a minha dor. Ao mesmo tempo em que penso que pode ser verdade, parece uma traição, uma quebra de promessa essa centelha de esperança.

— Ah meus amores! Estou tão confuso, queria tanto vocês aqui comigo. — Fecho os olhos e coloco a fotografia contra meu peito. — Se

vocês estão olhando por mim aí de cima, me mostrem qual caminho devo seguir, me ajudem a tomar a decisão correta.

Abro os olhos e, depois de fitar a foto por mais alguns momentos, deposito um beijo e volto a colocá-la dentro da gaveta.

Meu celular vibra com uma mensagem recebida, fazendo meu coração acelerar no peito. Meu primeiro pensamento é que se trata de uma mensagem da Cecília. Quando leio, vejo que é apenas um amigo.

Não vou mandar nada para ela. Preciso de tempo. Preciso organizar meus pensamentos. Vou ser forte. *Não vou mandar nenhuma mensagem para ela.* Repito isso como um mantra, diversas vezes durante o dia, mas, quando chego em casa, estou com o telefone nas mãos, a janela de conversa dela aberta, enviando uma pergunta.

— Oi, Cecília, tudo bem?

Fico deitado na cama, olhando a tela do celular, esperando que ela visualize a mensagem. Só agora percebo que depois de muito tempo não precisei passar no bar antes de vir para casa, minha dose diária para alívio das minhas dores seria transmitida através de um telefone celular.

Não quero bebidas, sexo casual ou qualquer outra porcaria que posso encontrar na rua. Minha necessidade é falar com ela. Meu corpo e minha mente gritam por ela.

Quando dois risquinhos azuis aparecem do lado da mensagem, abro um sorriso como se fosse um menino que acaba de ganhar um doce e a aguardo digitar a resposta.

Cecília: Tudo bem, sim, e com você, Jacson? Muito trabalho te esperando na empresa?

Jacson: Tudo bem também. O trabalho de sempre, mas acumulado por 20 dias de ausência.

Cecília: Espero que consiga colocar tudo em ordem rápido.

Jacson: Sim, minha secretária é muito eficiente, ficou apenas a revisão de alguns contratos e documentos que preciso dar a palavra final, em poucos dias coloco tudo em ordem.

Cecília: Que bom.

Jacson: Já sabe quando serão as próximas visitas?

Cecília: Na verdade, conversei com duas pessoas que são receptoras dos órgãos da Flávia, mas infelizmente, nem todos querem nos receber agora. Uma delas ficou de avisar nos próximos dias qual o melhor momento para nos encontrarmos.

Jacson: Essa pessoa que não quer nos receber, qual órgão recebeu?

Cecília: Pulmão. É um homem. Quem sabe um dia ele mude de ideia e possa conhecê-lo.

Jacson: Tomara. E a outra pessoa?

Cecília: Receptora do coração.

Jacson: Conhece todos os doadores?

Cecília: Não, apenas mais esses dois. Na realidade, quem conheceu ele foi a Maria, eu sou apenas uma metida no meio dessa história. Rs.

Continuamos a conversar por mais alguns minutos. Nem vejo o tempo passar e, quando dou por mim, estamos nos despedindo com a promessa de conversarmos novamente na próxima noite.

25

Cecília

Quando cheguei em casa no domingo, depois de apenas dois dias fora, a sensação que tive foi de que se passaram anos. Saí daqui certa de que conseguiria mudar o pensamento do Jacson, retornei derrotada, querendo mudar os meus pensamentos e sentimentos.

Mesmo que tivesse ouvido falar do Jacson durante os quase quatro anos que conheço a Maria, e admito, estivesse um pouco apaixonada pelo Jacson que ele era com a Flávia, sabia qual era o meu papel nesse procedimento e como deveria me portar. Nunca imaginei qualquer tipo de sentimento amoroso consumado entre nós. Tanto que, antes de seguir com os planos dessa inseminação, fiz várias sessões com psicólogo, em busca de identificar se o que sentia pelo Jacson era um tipo de paixão platônica. Preparei-me, li vários livros, assisti vários documentários e depoimentos de outras mulheres que serviram de barriga de aluguel em procedimentos assim. Quase desisti. Mas daí, tive um sonho que me convenceu que precisava fazer isso. Tinha certeza de que meus sentimentos eram apenas admiração pelo amor do casal. Sentia-me apta para realizar o procedimento e tinha certeza de que saberia lidar com essa situação e com os sentimentos que isso despertaria em mim.

Por isso, não consigo entender como em apenas alguns encontros com o Jacson, tudo mudou. Meus planos ruíram e me sinto tão fraca, fora de mim e desestabilizada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Gerar o bebê da Flávia é o certo. Trazer o Jacson de volta à vida é meu objetivo. Quero e preciso fazer isso para o grande amor da vida da pessoa que me devolveu a capacidade de viver, de ser alguém e lutar pelos meus sonhos.

Estou ciente da minha posição na vida dele e que sou apenas a barriga, a mulher que vai trazer o filho dele ao mundo, isso, claro, se ele deixar que a gestação prossiga até o final. Só que entre saber e sentir existe uma grande diferença. Mesmo toda minha preparação não impediu que um laço invisível crescesse entre nós.

Quando ele tocou minha barriga e ficou apavorado ou quando me beijou no corredor do hotel e até mesmo quando falou dos seus sentimentos no domingo, as fronteiras do certo e do errado se confundiram na minha cabeça. Tenho vontade de esquecer a prudência e me jogar nos seus braços, ou melhor, nos braços daquele Jacson apaixonado pela vida, do qual ouvi tantas histórias.

Não posso deixar isso acontecer. Mesmo assim, subir ontem fingindo indiferença foi torturante. Entrar no apartamento e me deparar com a Maria toda esperançosa de que meu plano desse certo, e ter que, de alguma forma, mentir e dizer que tudo está dentro do combinado, acabou comigo.

Primeiro, porque Maria foi uma mãe para mim. Devo muito ao gesto de amor da Flávia, mas devo muito também para essa mulher maravilhosa que foi colocada na minha vida.

Não posso nem pensar em fazer algo que possa atrapalhar a decisão do Jacson. Envolver-nos emocionalmente, ou mesmo apenas sexualmente, pode ser o estopim que ele precisa para não lidar com essa gravidez e me tirar da sua vida, ou melhor, nos tirar da sua vida.

Jacson está ferido, machucado, assustado, perdido. Ele precisa ver a beleza do mundo. Precisa aceitar que sua vida continua e que não acabou no dia daquele acidente. Preciso mostrar a ele que existe muita coisa deixada

pela Flávia aqui. Que a maior de todas foi o amor que existia entre os dois, que se resume agora nessa criança que cresce dentro de mim.

Saber que carrego o fruto de um amor tão lindo e que ele está cogitando não deixar que ele cresça faz meu coração se desintegrar no meu peito.

Por isso é tão importante que consiga controlar esse turbilhão de sentimentos dentro de mim. Passar a noite de ontem e o dia de hoje sem mandar nenhuma mensagem para ele foi torturante, mas sei que é necessário. Não posso retroceder nas conquistas que tive até aqui. Devo isso à Flávia e a essa criança que optei por trazer ao mundo. Esse pequeno coraçãozinho que cresce dentro de mim deve ser minha maior preocupação nesse momento.

Passei pelo dia todo sem quase tocar no celular para não correr o risco de mandar nenhuma mensagem. Quando meu celular recebe uma notificação do Jacson, fico bastante receosa, mas deixo a curiosidade vencer e abro a janela.

Jacson: Oi, Cecília, tudo bem?

Se está tudo bem? Minha vontade é responder: NÃO! Tudo está péssimo, não consigo parar de pensar em você, quero pegar um avião e me aconchegar nos seus braços e romper de vez com a barreira da ética. Mas lógico, não é isso que respondo.

Continuamos a conversar por mais alguns minutos. É tão gostoso ter um diálogo com ele de maneira tão leve, retomando aquele ar de cumplicidade.

Quando me despeço dele, sabendo que amanhã vamos conversar novamente, não posso mentir, metade de mim é esperança de que o Jacson esteja com pensamentos em relação à criança, a outra metade é de que ele esteja pensando em mim, e, só por isso, sinto meu coração pular acelerado.

— Ah! Coração, dá para colaborar? — questiono rindo alto.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

26

Jacson

No sábado à noite, recebi uma mensagem da Cecília perguntando se podia conhecer uma pessoa na quinta-feira. Não seria necessário que eu viajasse, ela viria até São Paulo e o encontro seria aqui mesmo. Combinamos tudo e fiquei de apanhá-la no aeroporto de manhã.

Nosso reencontro me deixou um pouco apreensivo, pois não sabia como Cecília reagiria depois da nossa despedida no seu prédio e de todos os dias longe fisicamente um do outro. Mesmo que nossas mensagens tenham sido tranquilas, ao vivo, de frente um para o outro, as coisas sempre são diferentes.

Mas como sempre, Cecília me surpreendeu com sua maturidade e o mesmo tom leve das mensagens se fez presente.

— Então, quem vamos conhecer hoje? — questiono quando estamos sentados num restaurante almoçando.

— Bom... Sobre isso. Na verdade, talvez não queira conhecer essa pessoa, Jacson — explica tentando soar indiferente.

— Por que não vou querer, Cecília?

— É que... — Esfrega suas mãos num tique nervoso. — Essa visita é um pouco ousada, para ser sincera.

— Ousada em que sentido? — Começo a me preocupar pelo pavor que vejo surgir em seu rosto.

— Deixa eu explicar primeiro tudo, depois, se não quiser, vou entender

sua posição. — Continua esfregando suas mãos de maneira agitada.

— Jesus, mulher! Está me assustando.

— Calma, Jacson — sussurra. — Nesses anos todos, você, sabe... nunca se questionou sobre... — Faz uma pausa e ergue seu olhar para encontrar o meu sem coragem de continuar.

— Sobre? — pergunto erguendo uma sobrancelha.

— Hum... — Desvia seu olhar novamente para as mãos que aperta em cima da mesa. — Sabe, o outro carro. — Sua voz termina num miado.

— Sobre o outro carro? Do acidente? — Arregalo os olhos quando percebo o que ela está tentando fazer. — O que está pretendendo? Apresentar-me ao motorista do outro carro? — Praticamente grito enquanto ela se encolhe na sua cadeira.

— Você está louca se pensa que vou fazer isso! — Respiro profundamente quando uma verdade me atinge. — Mesmo porque, isso seria impossível, já que o desgraçado também morreu naquele maldito acidente!

— Eu sei, Jacson — afirma de forma vacilante.

— Agora só falta me falar que devo ir ao cemitério depositar flores no túmulo daquele canalha! — A raiva me domina. Sei que estou sendo agressivo, mas não consigo me controlar.

— Nunca pediria isso, Jacson — retruca um pouco chateada. — Mas você sabia que existiam outras pessoas dentro do carro naquele dia?

Me assusto com a pergunta.

— Eu... Outras pessoas? — Balanço a cabeça desorientado. — Nunca parei para pensar sobre isso.

— Você precisa admitir que nunca parou para pesquisar sobre quase nada relacionado ao acidente — diz com sinceridade. — Sempre teve seu advogado ou secretária tratando tudo para você. Por um lado, isso foi ótimo, mas por outro...

— Estou sendo recriminado por isso? — retruco na defensiva.

— Oh não! Claro que não, Jacson. — Respira fundo antes de continuar.
— Admito que esteja bem nervosa por tocar nesse assunto com você. Se me ataca, eu me defendo. Perdoe-me. A forma como lida com seus problemas não me diz respeito — fala com bastante sinceridade, mas sem me fitar nos olhos.

Seu corpo está tenso na cadeira e isso amolece meu coração. Seja lá o que ela está planejando, sei que não é para meu mal. Com esse pensamento em mente, desarmo meu mecanismo de defesa.

— Cecília, olha para mim. — Ela ergue seu olhar, mas não encontra meus olhos. — Ei! — Alcanço sua mão sobre a mesa e dou um leve aperto.
— Olha para mim, por favor. — Peço dessa vez com mais tranquilidade.

— Desculpa, Jacson, de verdade — fala agora com seu olhar cravado no meu.

— Eu que devo um pedido de desculpas pela minha reação. Até aqui, em todas as vezes que me levou para conhecer alguém, tinha um objetivo em mente. Você veio de Curitiba com um propósito e não garanto que vou fazer sua vontade, mas, pelo menos, vou deixar que explique o real motivo dessa visita.

Ela exala aliviada por minhas palavras, entrelaçando seus dedos nos meus os apertando suavemente.

— Talvez, de todas as visitas que você acompanhou, esta seja a mais difícil. Porque não tem nada diretamente ligado à Flávia, ao Duda ou a você. Mas ao mesmo tempo, tem tudo a ver. Dessa vez, vou às cegas nesse encontro. Não conheço a pessoa que vamos conhecer. Mas, assim como você, ela teve sua vida totalmente alterada no dia daquele acidente.

— Quem vamos conhecer? — questiono prendendo minha respiração.

— Não estou te recriminando, Jacson. Mas precisa admitir que evitou

pensar ou lidar com qualquer problema relacionado com esse acidente. Por ter outras pessoas cuidando das coisas que preferia evitar, não teve contato com outra grande vítima daquele dia.

— Grande vítima? Aquele acidente teve três vítimas fatais, sendo que duas eram as pessoas que mais amei na vida! Eles, sim, foram as grandes vítimas daquele dia.

— Sim, concordo. Mas você, mais do que ninguém, sabe que a morte nem sempre é o pior dos tormentos. Não sabe, Jacson? — Bile sobe até minha garganta pelo tom de reprovação na sua voz. — Sua perda foi trágica, mas pelo pouco que sei, essa mulher também perdeu muito com esse acidente.

— Nossa — falo depois de alguns segundos em silêncio. — Me diga como ela pode ter perdido mais do que eu?

— Não sei ao certo. Creio que pelo fato de ficar muito tempo no hospital depois do acidente, deve simplesmente ter passado despercebido pela história dessa mulher.

— Maneira suave de falar que estava tão ocupado com minha dor que me esqueci de pensar em qualquer outra coisa — resmungo.

— Não queria ser direta, mas também foi isso. — Abro a boca para falar, mas ela ergue uma mão me impedindo. — Calma, novamente falo, não estou te recriminando. — Abre um sorriso tímido, que admito, me desarma. — Só que, Jacson, aquele acidente não mudou radicalmente apenas a sua vida. Mudou também a vida da Ana Paula, a moça que gostaria que conhecêssemos hoje.

— Não sei, Cecília. Você nem conhece essa mulher, como isso vai trazer algum benefício para minha decisão?

— Não conheço, Jacson. Só que algo aqui dentro diz que precisamos conhecer essa moça. E, se tem uma coisa que costumo ouvir, é meu coração.

Penso por alguns momentos, enquanto ela toma seu suco, tentando demonstrar naturalidade. Mas não passa despercebida a forma que suas mãos estão tremendo, nem que sua respiração está levemente acelerada e muito menos como ela desvia seu olhar do meu, o que já notei, sempre faz quando quer esconder seus sentimentos.

— Uma pergunta apenas, Cecília. Você sabe alguma coisa sobre essa mulher que não está me contando, né? — Minha pergunta a deixa toda paralisada no lugar.

— Sei, Jacson — sussurra. — Não gostaria de conversar sobre isso com você, porque... porque... Não sei, apenas não gostaria. Prefiro que ela mesma conte tudo.

— Se eu não for, você vai sozinha, correto? — Não é um questionamento, é mais uma colocação.

— Correto, Jacson. Sempre quis conhecer essa mulher. Talvez você não entenda, mas aquele acidente mudou a vida de muitas pessoas. Algumas, como a minha, foram tiradas do inferno. Outras, como a sua, foram levadas para lá.

— E a vida dessa mulher foi tirada ou levada? — Prendo a respiração na expectativa da sua resposta.

— Não sei, Jacson, isso que me trouxe até aqui e vou descobrir hoje.

— Vamos descobrir, porque estou te acompanhando nessa nova aventura, companheira — digo de forma descontraída, na tentativa de amenizar o clima de tensão ao qual estamos envoltos.

— Será um prazer ter sua companhia nessa aventura, parceiro. — Dá de ombros abrindo um sorriso lindo.

Toda vez que ela sorri assim, tão verdadeira, com tanta espontaneidade, eu me esqueço do quanto nossa relação é complicada e minha única vontade é puxar essa mulher nos meus braços, enchê-la de beijos e fazer com que

todos os outros sorrisos sejam só meus.

Mas não posso, ainda não posso. Preciso primeiro decifrar meus sentimentos. E esses sorrisos só me levam para mais perto dessa solução.

27

Chegamos a uma casa na periferia de São Paulo. No endereço, somos recebidos pela mãe da Ana Paula, que nos leva para a sala, onde uma moça morena, na casa dos 35 anos, nos espera sentada no sofá.

— Ana Paula? — Cecília se aproxima de forma tímida.

— Sim, e você deve ser a Cecília, a moça que falou comigo pelo telefone. — Estende a mão para cumprimentar a Cecília, que se abaixa e dá um abraço simples na moça.

— Você é o Jacson? — Ana pergunta com um leve tremor na voz.

— Isso, prazer, Ana. — Estendo a mão, bastante desajeitado e a cumprimentando, enquanto ela permanece sentada no sofá.

— Por favor, sentem.

— Sou Luiza, mãe da Ana, muito prazer em conhecer vocês. Gostariam de alguma coisa para beber? Uma água ou talvez um café? — questiona.

— Uma água, por favor — Cecília responde.

Minha vontade é dizer que quero algo mais forte, mas seria no mínimo indelicado, por isso faço apenas um gesto negativo com a cabeça em direção à senhora, que logo sai da sala.

É inevitável que todos estejam desconfortáveis pela situação. Somos desconhecidos que vão tocar num assunto delicado, que mudou a vida de todos que estão nessa sala.

— Bom... — Cecília esfrega as mãos nas suas coxas. — Obrigado por aceitar nos receber, Ana.

— Imagina, sem problema. Admito que sempre pensei que esse momento chegaria. — Olha na minha direção e fico desconfortável, sem saber o que falar.

— Sei que vai parecer ridícula minha pergunta, mas como você está, Jacson? — pergunta de forma tranquila.

— Hum... Dentro do possível, estou bem. — Coço a cabeça sem saber o que falar em seguida. — E você?

— Eu? Seria uma grande mentira se falasse que estou bem. Mas, estou melhor.

— Melhor de quê? Desculpa, mas não sei nada da sua história.

— Foi o que a Cecília disse. Não se preocupe, entendo e até aceito que não queira saber nada. Eu sei porque, bom... porque tive que saber, né? — Abre um sorriso triste.

— Tenho certeza que esse dia será doloroso, mas preciso, ou melhor, eu e o Jacson precisamos falar sobre o acidente.

— Por mais dolorido que seja, concordei com essa visita porque também preciso dessa conversa. Pelo que me contou, somos três pessoas que tiveram a vida totalmente mudada pelo que aconteceu naquele dia. Essa conversa vai fechar um ciclo. Espero, sinceramente, que ela possa abrir um novo, não apenas na minha, mas na vida de nós três. — Sinto muita emoção nas suas palavras.

A carga de emoção na sala é tão grande que nem ouço quando a mãe da Ana retorna à sala, só vejo quando está se sentando ao lado dela no sofá.

— Mãe, eu prefiro que você nos deixe sozinhos.

— Mas, Ana, você pode precisar...

— Não, mãe. Prefiro, por favor. — Lança um olhar decidido. Poucos segundos depois a mulher levanta-se do sofá e estamos novamente sozinhos na sala.

— Como será essa conversa? — Quebro o silêncio desconfortável.

— Acho que cada um deve falar sobre a sua visão do acidente, como ele mudou a sua vida — Cecília fala de maneira calma. — Jacson, pode começar?

Sei que falar disso vai me machucar muito, mas respiro fundo, derrubo as barreiras que me impedem de pensar naquele dia e começo a falar.

— Estava casado há alguns anos com uma mulher que conheci quando era criança e tinha um filho lindo, com um ano e meio. Eles eram a minha vida, o motivo pelo qual acordava todas as manhãs. Aqueles dois eram simplesmente tudo para mim. — Respiro profundamente e fecho os olhos tentando segurar as lágrimas. — Eles ainda são tudo para mim. — Fico alguns momentos em silêncio de olhos fechados controlando minhas lágrimas. Depois, sem abri-los, continuo. — Quando o Duda nasceu, eu... me perdi um pouco. Aquele menino tinha me enrolado ao redor do seu dedinho mindinho. Existia um Jacson que todos conheciam, e o Jacson Pai. Coloquei meu filho na frente de qualquer necessidade, até antes da Flávia. Tudo era o Duda, seu bem-estar, sua felicidade, suas necessidades. Era Duda, Duda, Duda. No dia do acidente, a Flávia não queria sair de casa. Mas, como o Duda estava com os dentes nascendo, bastante irritado, levaria ele sozinho na sorveteria. Não tivemos uma briga, mas a Flávia disse que novamente estava fazendo aquela coisa de pai super protetor, e mesmo contrariada, acabou cedendo e nos acompanhou. — Abro os olhos e encontro as duas mulheres me fitando de forma séria.

— Se fechar os olhos, ainda sinto aquela sensação de milésimos de segundos antes do impacto. Foi tão rápido. Tudo estava normal dentro do carro. Flávia sorrindo. Duda entretido com seus brinquedos na sua cadeirinha. Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis. Sete. Oito. Nove. Dez. — Conto devagar enumerando cada número nos dedos. — Esse foi o tempo que durou

tudo. O que mudou tudo. Não me lembro do carro vindo em nossa direção. Lembro apenas de um flash de luz, em seguida o impacto, o carro capotando e depois... depois... — Bloqueio a memória das próximas lembranças. — Dez segundos que transformaram a minha vida perfeita no pior dos meus pesadelos. Perdi tudo naquele acidente. Meus amores. Minha motivação, o brilho, a alegria e a razão da minha vida. Os dias são vazios, frios, escuros. Eu não vivo mais, apenas sobrevivo nessa escuridão, porque não consigo conviver com o vazio que eles deixaram dentro de mim. — Acabo meu relato sem conseguir fitar a Cecília. Pois minha vontade é falar: até poucos dias, quando uma luz começou a brilhar e preencher cada cantinho da minha escuridão.

— Estava casada há 8 anos — Ana Paula começa a falar depois de alguns momentos de silêncio. — Trabalhava num escritório de contabilidade e meu marido era vendedor numa loja de carros. Não tínhamos filhos, queria primeiro ter estabilidade financeira, um apartamento, tudo sem dívidas. Por isso, fomos adiando o momento. No dia do acidente. — Dá uma pausa e olha na minha direção e sei que não vou gostar do que ela vai falar em seguida. — Saímos para festejar uma conquista nossa, o pagamento da última parcela do nosso carro. Sei que é ridículo, mas para nós era uma grande conquista, o último passo antes de... aumentar a nossa família. Aquele dia era um momento especial para nós, afinal, não é todo dia que você decide que vai ser mãe e pai. Quando estávamos voltando para casa, Fernando estava alcoolizado. Cheguei a falar uma ou duas vezes para que ele me deixasse levar o carro. Mas como também tinha bebido, parei de insistir, porque o trajeto era relativamente perto, o que poderia dar errado em percorrer poucas quadras? Mas, infelizmente, deu tudo errado! Não sei falar exatamente como tudo se desenrolou. Num momento estava sentada no carro, no outro estava gritando para o Fernando que o sinal estava vermelho, no próximo, o impacto

e o carro sendo jogado contra o poste e depois caindo na canaleta de água com as rodas para cima e tudo ficando escuro. Acordei no hospital, depois de uma semana em coma, para saber que meu marido tinha morrido junto com mais duas pessoas em decorrência do acidente.

Quero berrar, chamá-la de irresponsável, dizer que o acidente é culpa dela, que ela matou minha família, mas algo nela, na sua expressão, trava minhas palavras.

— Perder meu marido foi um choque, ainda mais sabendo que, junto com ele, mais duas pessoas tinham falecido. Não existe um dia que não sinta remorso pelo que aconteceu. Se eu não tivesse chamado ele para comemorar. Se tivéssemos ido de ônibus, vindo direto para casa, hoje ele estaria aqui. Se não tivesse feito tantos planos, fosse apenas desorganizada e engravidasse mesmo cheia de contas. Mas então penso: será que ele estaria aqui mesmo? São tantos “se”, tantos questionamentos. Quem me garante que ele não teria se envolvido no acidente de qualquer maneira?! Se estivesse escrito, aconteceria! São respostas que nunca terei.

— Mas a probabilidade de acontecer um acidente se ele não estivesse alcoolizado seria muito menor! — esbravejo.

— Sim. Realmente. Da mesma forma que seria muito menor se você tivesse ficado em casa e não ido a sorveteria — fala me olhando de maneira profunda. — Nunca saberemos qual teria sido o destino, Jacson! Nunca!

Ela aguarda pela minha resposta. Como mantenho o silêncio, ela continua.

— Mas o acidente não foi a verdadeira tragédia na minha vida. Meu verdadeiro inferno pessoal começou quando acordei naquele hospital. A culpa me sufocava. Eu acordava e dormia sob os efeitos dos remédios, sem aceitar o que estava acontecendo. Quando me recuperei o bastante e os remédios diminuíram, foi que descobri como aquele acidente realmente

mudou minha vida. Não foi apenas meu marido que perdi naquele dia, mas perdi um pedaço de mim também. Um dos danos sofridos por mim no acidente foi uma fratura na coluna, que fez com que perdesse o movimento das pernas. — Só então entendo o porquê de ela não ter levantado do sofá para nos cumprimentar. Noto a forma que está sentada na poltrona, apoiada com os braços na lateral e as pernas estagnadas na sua frente.

— Por favor, Jacson, tire esse olhar de pena de seus olhos. No fundo deve estar feliz e pensando: Deus é justo! Não tirou a vida dela, mas deixou aleijada para sofrer todo dia lembrando o que ela fez!

— Não pensei isso! — respondo áspero.

— O acidente mudou muito mais coisas na minha vida. Perdi meu marido, o movimento das minhas pernas, logo depois a carreira que tinha. Porque mesmo que não tivesse afetado minha capacidade intelectual, era impossível me deslocar sozinha até o local de trabalho, subir até o segundo andar de um prédio que não tinha elevador, num estabelecimento que não era adaptado aos portadores de necessidades especiais. Subir todo dia sendo carregada por um colega de trabalho diferente, precisando de ajuda para coisas básicas, como pegar água, buscar comida, abrir a porta do banheiro, foi minando minha dignidade, até que arranjam uma desculpa qualquer e perdi meu emprego. Estou aposentada, recebendo pouco mais de um salário mínimo, vivendo de favor na casa da minha mãe. Pode pensar “mas por que não fica na sua casa?”, por dois motivos. Primeiro: existem coisas que não sabia como fazer sozinha no início e precisava de ajuda na fase de transição. Segundo: porque perdi minha casa.

— Como perdeu sua casa?

— Comprei minha casa de um terceiro e assumi o financiamento, nesses contratos de gavetas que existe de monte por aí. Por isso, quando sofri o acidente, não pude acionar o seguro, porque a casa não estava no meu

nome. Então, quando perdi o emprego, não consegui mais pagar o valor da prestação. Por isso ela foi para leilão, o que recebi mal cobriu a minha dívida com o banco. — Lágrimas escorrem de seus olhos e Cecília levanta e senta no encosto do sofá, abraçando seu corpo.

— Me perdoa, Ana Paula, não sabia que seria tão difícil para você falar sobre o que aconteceu.

— Não se desculpe, Cecília. Já foi mais difícil. Até que eu pudesse me perdoar, aceitar os planos de Deus, parar de perguntar o porquê, foi difícil, não posso negar. Mas hoje, talvez, eu consiga entender melhor tudo que aconteceu. Parei de questionar a decisão de Deus e me concentrei em viver cada dia como um presente, buscando o propósito de Deus na minha vida. — Seca as lágrimas e abre um sorriso. — Devo estar parecendo uma fanática religiosa, mas não é isso. Perdi tudo. Poderia ter morrido naquele acidente. Perdi o que mais amava e Deus me manteve aqui. Existia um propósito para isso. Precisei perder tudo para enxergar que o que mais importava nunca poderia ser tirado de mim.

— E o que era isso? — Cecília pergunta.

— O amor de Deus por mim. Conseguia sentir, nos meus piores momentos, Ele sempre do meu lado. Isso me aproximou de Deus. Fez com que encontrasse minha espiritualidade, de uma forma que talvez nunca teria acontecido sem a minha perda. Hoje, se me perguntar se gosto do que aconteceu comigo, claro que a resposta é não. Mas se me perguntar se aceito, a resposta é sim.

Suas palavras são um chicote na minha alma. Queria poder sentir prazer com a sua dor, dizer que isso que aconteceu com ela é justo, que todo esse sofrimento é mais do que merecido. Não é isso que sinto. Suas palavras tocam fundo dentro de mim, naquele lugar secreto, e ao invés de prazer, o que sinto é comoção, um sentimento de companheirismo, pois a dor que

pulsa dentro dela também pulsa dentro de mim.

Quando estou quase levantando para confortá-la, ela seca as lágrimas e se solta do abraço da Cecília.

— Sua vez, menina Cecília, conte como esse acidente mudou sua vida.
— Ergue a cabeça e esboça um leve sorriso para Cecília, que respira fundo, depois volta para o lugar que estava há poucos minutos no sofá.

— O acidente mudou minha vida, mas diferente de vocês, foi para melhor. — Nossos olhares se fitam e sei que chegou o momento, quando ela vai contar tudo e vou conhecer sua história.

— Nasci e cresci no interior do estado do Paraná. Meus pais eram agricultores, muito humildes. Não o culpo pelo que aconteceu comigo, foi uma sucessão de erros de várias pessoas que culminaram no agravamento do meu quadro clínico. Como morávamos no interior, cursei o ensino fundamental numa escola pequena, com turmas mistas, onde uma única professora atendia a todos os alunos. Quando passei para o 5º ano, comecei a estudar numa escola maior, no centro da cidade. Nessa escola, comecei a reclamar de dificuldades de enxergar. Primeiro, mudaram meu lugar para frente, mas a dificuldade não diminuiu. Minha mãe me levou num posto de saúde, que me encaminhou para um oftalmologista. Depois de alguns meses na espera, consegui a tão sonhada consulta. Foi receitado o uso de óculos. Ajudou bastante no início, mas logo já não surtia efeito. Tinha muita dificuldade mesmo e isso começou a atrapalhar meu rendimento escolar, sendo que acabei reprovando algumas vezes.

“No ano seguinte, parece que estava ainda pior. Para ajudar, os alunos começaram a pegar no meu pé porque não conseguia copiar coisas simples do quadro e às vezes nem sequer ler com o livro na minha frente. Quando eles mexiam comigo, eu baixava a cabeça na carteira e chorava o resto da aula. Os professores começaram a reclamar do meu comportamento. Algumas vezes,

eu me desligava e, mesmo que me chamassem diversas vezes, não levantava a cabeça e ficava o resto da aula assim, num mundo só meu, como uma defesa contra as provocações e humilhações que sentia. A pedagoga conversou comigo, deu a entender que devia me esforçar mais e parar de inventar desculpas, que o que tinha era preguiça de pensar. Como eu sabia que não era fingimento, comecei a enganar meus pais e parei de ir à escola. Saía de casa, mas ao invés de ir para a aula, ficava no centro da cidade perambulando. Quando meus pais descobriram, já tinha perdido mais um ano, por isso, pararam de me mandar e fiquei em casa, trabalhando com eles na roça. Fiquei um ano afastada da escola e só voltei depois que o Conselho Tutelar veio atrás e me obrigou.

“Na volta, era outra pedagoga quem estava trabalhando na escola. Como era repetente e desistente, já no início ela ficou me observando e percebeu que tinha algo errado. Conversou comigo, expliquei sobre minha dificuldade de enxergar. Ela chamou minha mãe e sugeriu que procurasse novamente o médico. Minha mãe relutou no início, pois disse que já usava óculos e que não tinha resolvido. Depois que a pedagoga explicou que poderia ser algo mais do que simplesmente o uso dos óculos, falou que ela acreditava em mim, e foi somente então que minha mãe voltou ao posto e pediu nova avaliação médica com outro profissional. Ali começava nossa saga por atendimento especializado. Voltamos para o mesmo profissional, como minha mãe era muito simples, explicou ao médico que ele tinha receitado óculos errados. Nem preciso dizer que saímos de lá literalmente esculachadas. Quando a pedagoga descobriu isso, ela me levou em um médico particular por conta própria. Ele que descobriu que eu tinha uma doença chamada Ceratocone e não simplesmente necessidade de usar óculos. Essa mesma pedagoga ajudou a realizar todo o encaminhamento para tratamento no SUS. Mas infelizmente, meu caso estava muito adiantado e o

tratamento não surtiu o efeito como esperado. Usava uma espécie de lente rígida, com ela conseguia ter 20% de visão e isso me possibilitava, mesmo que de maneira precária, seguir com a vida.

“Consegui me formar no ensino médio e passei na faculdade de pedagogia em Curitiba, que era meu sonho. Consegui uma vaga de empregada na casa de uma família, onde podia dormir no emprego. Então eu trabalhava durante o dia e estudava à noite . Estava tão feliz, e pela primeira vez depois de anos de sofrimento, mesmo com minhas limitações, conseguia levar uma vida quase normal. Foi quando notei uma piora na minha visão. Primeiro, pensei ser algum problema na lente, por isso marquei consulta médica. Na consulta, o oftalmologista me deu a pior notícia que poderia ter. A doença tinha evoluído muito e não existia nada mais a fazer, a única solução era um transplante de córnea. Num primeiro momento, fiquei desesperada, principalmente porque o médico disse que seria um declínio rápido na perda de visão dali para frente. Não bastasse o fato de estar quase cega, minha patroa me mandou embora. Por orgulho, ou sei lá que sentimento, não quis dar o braço a torcer e pedir ajuda dos meus pais. Por isso, consegui um outro trabalho para poder ficar na faculdade e continuar minha formação, que era meu grande sonho. Não queria que minha limitação de visão mais uma vez frustrasse meus planos e destruísse minha vida.

“Foi aí que tive a verdadeira cereja do bolo. Caí de um ônibus quando estava voltando da faculdade, quebrei meu braço em dois lugares. Mas esse não foi o pior dano. O maior foi o fato de que, ao cair, bati o rosto no chão e quebrei a lente dentro do meu olho, causando um grave ferimento. — Engulo o nó que se forma na minha garganta. Só agora entendo porque ela fazia questão de andar de ônibus para todos os lugares, era uma prova de mostrar para ela mesma que agora ela era capaz. — Menos de 6 meses depois daquela consulta, tive que abandonar a faculdade e voltar para a casa dos meus pais,

com menos de 10% da visão sem poder usar a lente corretiva pelos ferimentos que sofri na queda e na fila de espera de um transplante de córnea, que só poderia ser feito depois que meu olho estivesse completamente curado. Voltei para a casa de meus pais praticamente uma inválida. Fiquei 8 meses esperando o transplante e precisando de ajuda para tudo, de comer a tomar banho. Por duas vezes, houve doadores compatíveis para mim, mas não foi possível o transplante porque meu olho não estava totalmente curado.

“No dia que recebi a alta médica liberando o transplante e uns dias depois a ligação para realizar, eu nasci novamente. Você não sente o quanto algo é importante na sua vida até que perca aquela coisa. Foi assim comigo. Perdi a visão, claro. Mas o que perdi que mais tocou dentro de mim foi a possibilidade de viver os meus sonhos. Todos foram arrancados de mim. Quando recebi a visão, recebi muito mais do que o dom de enxergar, foi devolvido o dom de sonhar.

Quando ela termina o relato, eu e a Ana Paula estamos olhando para ela com os olhos arregalados. Faço menção de falar algo, mas a Cecília é mais rápida e volta a falar.

— É difícil falar do acidente sem sentir dor, entendo vocês. Mas mesmo no meio de tanta dor, tanto sofrimento que vocês passaram, é possível ver o amor. Amor que trouxe esperança na minha vida e na vida de mais 6 pessoas que receberam os órgãos da Flávia. Sem contar as centenas ou milhares de pessoas que tiveram sua vida tocada pela ONG criada em memória da Flávia e do Duda. Não estou falando que é uma compensação, longe de mim afirmar isso. Apenas... que as mortes deles não foram em vão. Eles continuam aqui. Cada sorriso das pessoas que tiveram sua vida mudada por este acidente é um suspiro de felicidade das pessoas que vocês amam. Me perdoem, mas os planos de Deus são perfeitos. Nenhuma folha cai do céu sem que seja vontade Dele. Eu acredito nisso, nada é por acaso ou em vão!

Estou sem palavras. Esses dias com ela me mostraram um pouco da pessoa que a Cecília é. Ouvir seu relato e conhecer sua história só confirmaram aquilo que já sabia: Cecília é meu milagre!

— Oh querida — Ana Paula fala entre lágrimas. — Não se desculpe por suas palavras. No meio de todo esse sofrimento, é maravilhoso saber que vidas foram mudadas. Se pudesse escolher, jamais queria que tudo isso tivesse acontecido. Mas me conforta saber que coisas boas floresceram disso tudo. Não diminui a dor, mas conforta o coração, não é, Jacson?

Só então percebo que estou com a respiração suspensa, olhando fixamente para Cecília.

— Eu... — Balanço a cabeça saindo do transe. — Conheci algumas pessoas que receberam os órgãos da Flávia e outras que passaram pela ONG. Posso dizer, com toda certeza, não foi em vão! Com certeza, cada sorriso dessas pessoas é um pedacinho dos nossos amados que ficou aqui.

Cecília exala bruscamente e lágrimas rolam silenciosas. Alívio é o que vejo no seu rosto. Nada que ela ou qualquer pessoa poderia ter falado seria suficiente para explicar o que esses dias com ela me mostraram. NADA FOI EM VÃO!

— E quando digo que nada foi em vão, estendo isso para o que aconteceu na minha vida também. — Mesmo bastante emocionada, ela fala por entre as lágrimas. — Pelo relato de vocês, cada um se sente responsável pelo que aconteceu. Acreditam que, se tivessem feito algo diferente, poderiam ter mudado o desfecho e tudo, correto? — Lança um olhar primeiro para Ana, que apenas balança a cabeça, e depois volta seu olhar para mim, que me restrinjo a imitar a Ana.

— Infelizmente, vou decepcionar vocês. — Ficamos encarando-a sem entender. — Poderia ficar aqui a noite inteira falando o que poderia ter acontecido, para que o desfecho da história fosse diferente, mas a verdade é

que não vai mudar nada. Nenhum de vocês tem culpa. O que aconteceu foram os planos de Deus se cumprindo na nossa vida. É difícil? Sim, muito. Tenho certeza que tanto você quanto o Jacson já viraram noites sem dormir pela culpa e dor que carregam. Tudo que aconteceu na nossa trajetória tem propósito, acredito nisso. Você mesma disse, Ana, que, com tudo que aconteceu, descobriu sua espiritualidade, que agora olha a vida de outra maneira, verdade?

— Sim. No meio de tanta dor, descobri meu maior amigo, o verdadeiro significado de paz e amor. Não tenho religião, tenho um relacionamento com Deus, e é o que tento passar para todos que estão ao meu redor. Que nos piores momentos, não importa o tamanho da sua dor, Jesus sempre está disposto a te abraçar e dividir o fardo dessa dor com você.

— Não sabemos, mas esse pode ser um dos propósitos de Deus. —
Seca as lágrimas com as costas da mão.

— No meu caso, todas as provações que passei me fizeram ver a vida de outra maneira. Conheci pessoas maravilhosas, tive contato com a ONG. Sei que, de alguma forma, estou fazendo a diferença na vida de muitas pessoas. Mas talvez meu maior propósito com esse acidente tenha sido conhecer vocês, Jacson e Ana. Falar para vocês que nenhum tem culpa pelo que aconteceu, que são fatalidades que, infelizmente, acontecem no nosso mundo. A única coisa que nos resta é buscar, sempre, o propósito de Deus. Vocês se envolveram num acidente muito grave, mas saíram de lá com vida. Lembrem: nada foi por acaso. Aproveitem essa segunda chance que receberam para fazer com que os planos Dele se cumpram, não apenas na vida de vocês, mas na de todos que passam pelos seus caminhos. Vocês são pessoas abençoadas.

“A maior mentira que nos contam é que, com o tempo, a ferida para de incomodar. O que acontece, na verdade, é que nos acostumamos com ela e a

intensidade da dor diminui. Vocês precisam deixar a intensidade da dor diminuir e, para isso, não continuar se culpando. Fiquem apenas com os momentos felizes e deixem a culpa no passado.

Muito emocionada, Cecília levanta de seu lugar, se ajoelha na frente da Ana Paula, dá um abraço nela e sussurra alguma coisa no seu ouvido, fazendo com que mais soluços escapem de seu peito. Ana Paula se afasta um pouco e faz um pequeno aceno com a cabeça.

Depois, Cecília se levanta e vira na minha direção. Caminha e se ajoelha da mesma forma que fez com a Ana. Sinto seus braços se fechando ao redor dos meus ombros e automaticamente meus braços passam ao redor dela. Sou tomado por uma sensação que desencadeia um turbilhão de sensações em todo meu corpo e sou obrigado a fechar meus olhos, tentando interromper a corrente de lágrimas que os nublam. E então, para terminar de quebrar meu coração, sussurra no meu ouvido:

— O luto acabou, Jacson, pare de viver a dor e comece a celebrar a vida.

Ainda de olhos fechados, sinto a voz da Cecília queimar dentro de mim, inundando todos os meus sentidos.

— Eles sempre estarão dentro do seu coração. Use o presente que recebeu como uma dádiva, não como um castigo.

Naquele sofá, ainda com o sopro das palavras da Cecília ressoando em mim, senti que a Flávia e o Duda estavam ouvindo minhas preces. Muito antes de suplicar por sua ajuda, eles já tinham mandado um anjo para me iluminar e meu coração se encheu de certeza de quais seriam os meus passos futuros. Agora, precisava apenas convencer esse anjo de que sua aparição na minha vida também não foi em vão.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

28

— Nem pensar, Cecília! — falo enquanto seguro seu braço a puxando delicadamente em direção ao elevador.

— Não, Jacson, tudo bem, concordo que não preciso voltar hoje para Curitiba. Mas me deixe pelo menos ficar num hotel, não quero causar nenhum transtorno para você — resmunga enquanto tenta soltar seu braço do meu aperto.

— Cecília, para! — Seguro seus dois braços e a viro na minha direção. — Você, vai, ficar, comigo! — pronuncio cada palavra com uma pausa. — Não tem discussão!

— Ai, Jacson, tudo bem — responde contrariada. — Mas amanhã vou cedo para Curitiba, tenho prova na faculdade.

Sinto que essa prova é mentira, que na verdade ela quer fugir de mim. E se minhas impressões são verdadeiras e ela quer mesmo fugir, significa que da mesma forma que mexeu comigo, também mexi com ela.

Quando abro a porta do apartamento, vejo que a Cecília fica um pouco nervosa, por isso pego sua mão e a puxo delicadamente para dentro.

— Não tenha medo, não mordo, fique tranquila — falo com um sorriso.

— Não estou com medo, é que parece estranho estar aqui.

— Na minha casa?

— Não apenas na sua casa, mas na casa de vocês. — Frisa com os dedos no ar.

— Ah, não. Eles nunca moraram aqui, esse apartamento é outro. — Ela

apenas me olha e entra de uma vez.

— Quer uma água, um suco?

— Na verdade, queria um banho para desestressar — fala de forma inocente, mas, aos meus ouvidos, soa como um pedido e arranca um sorriso safado dos meus lábios.

— Um banho para desestressar? Posso providenciar bem mais que um banho. — Mal termino de falar e ela percebe como suas palavras têm duplo sentido. Consigo enxergar quando o vermelho sobe por seu pescoço e suas bochechas.

— Jacson, não-não é isso. Quero que mostre onde fica o banheiro para que possa tomar banho. — Tenta se explicar.

— Eu entendi, Ceci. — Caio na gargalhada. — Se soubesse como fica linda quando está envergonhada. — Estico minha mão e passo as costas do dedo indicador nas suas bochechas. — Você fica vermelha aqui. — Deslizo o dedo até seu pescoço e depois na parte de cima do seu colo. — E aqui — falo com a voz rouca.

Sinto sua pele queimando sob meus dedos.

— Vem, vou mostrar seu quarto, tem banheiro lá para tomar banho.

Depois de mostrar onde ela ficaria, corri para meu quarto, pois também estava precisando de um banho quente para relaxar. Mas quando entrei no banheiro e comecei a tirar minha roupa, me dei conta de que a apenas alguns passos a Cecília também estava tirando a sua. Mudei meus planos, precisava de uma ducha GELADA, para apagar alguns pensamentos impróprios pulando na minha cabeça.

Como terminei o banho primeiro, liguei num restaurante para entregarem algo para comermos.

Estava terminando de arrumar a mesa quando a Cecília apareceu.

— Pedi um lanche para a gente, daqui a pouco já entregam — falo

enquanto coloco os copos na mesa.

— Comida! Só agora percebi que estou faminta — exclama bastante sorridente.

— Quer tomar um suco para enganar a fome enquanto esperamos?

— Não, se fizer isso não vou comer depois. Minhas lombrigas aguentam mais alguns minutos. — Dessa vez eu que solto uma risadinha.

— Vamos sentar na sala. — Quando termino de falar já estou me jogando nele.

Cecília caminha insegura e senta numa poltrona na minha frente.

— Por que você está caminhando como se fosse um robô? — questiono de forma divertida.

— É que... Desculpa, Jacson, mas é muito estranho, para mim, estar na sua casa, estou me sentindo uma intrusa! — responde num sussurro.

— Por que sente isso?

— Não sei, Jacson, mas estou muito desconfortável, como se estivesse invadindo seu espaço pessoal. Ainda insisto, prefiro ficar num hotel.

— Ah, qual é? Se servir de consolo, sua presença aqui não está me deixando desconfortável.

— Tem certeza? — Sua pergunta soa como uma súplica.

— Certeza mais que absoluta. — Abro um sorriso para tranquilizá-la e resolvo mudar de assunto — Cecília, quero saber uma coisa, sabia que a Ana Paula era cadeirante?

— Na verdade, sim. Mas todo o restante que ela contou hoje, descobri junto com você.

— Fico impressionado como um único fato muda a vida de tantas pessoas.

— Pois é.

— E o que me deixa mais surpreso é como cada fato, por menor que

seja, está entrelaçado com outro.

— Por que diz isso?

— Você conhece a Nat, minha secretária?

— Não. Já vi a Maria falando algumas vezes com ela por telefone brevemente, mas nunca tive nenhum contato. Por que a pergunta?

— A Nat sempre disse que ter saído do acidente com vida era um livramento de Deus, que ele tinha um propósito na minha vida, que eu precisava me perdoar, esquecer tudo e viver a minha vida, descobrir qual era esse propósito.

— Sim, foi mais ou menos o que disse para você hoje à tarde.

— Aí que está. Isso que me deixa impressionado. Se você nunca conheceu a Nat, é uma coincidência muito grande vocês duas falarem a mesma coisa. — Ergo a sobrancelha de forma questionadora.

— Nunca falei com ela, Jacson. Essa é a minha opinião verdadeira.

— Então, você acha que tudo que aconteceu na sua vida tinha um propósito?

— Sim.

— E qual é esse propósito? — Quando a Cecília abre a boca para responder, a campainha toca.

— Sua resposta fica para daqui a pouco. Se quiser pegar o suco na geladeira e levar na mesa... — Dou uma piscadinha e pulo do sofá para buscar nosso lanche.

Depois de pagar o entregador, sigo para a cozinha. Vejo Cecília já sentada. Quando abro a caixa da pizza e o cheiro de queijo derretido se espalha no ambiente, as cenas a seguir se desenvolvem em câmera lenta: Cecília puxa uma respiração barulhenta, depois levanta apressada empurrando a cadeira para trás com força, que acaba caindo no chão, depois leva as mãos até a boca e sai correndo.

Fico parado com a tampa da caixa na mão sem entender nada. Olho para a pizza, para a cadeira no chão, para o local em que ela desapareceu correndo.

— Sou um idiota! — Largo a tampa no chão e corro ao encontro da Cecília que, se minhas suspeitas estiverem corretas, deve estar no banheiro.

Entro no quarto e vejo pela porta aberta Cecília ajoelhada na frente do vaso sanitário vomitando.

Chego perto e passo uma mão ao redor da cintura dela e com a outra seguro seus cabelos, apoiando seu peso em mim.

— Sai daqui, Jacson — ela fala entre um espasmo de vômito e outro.

— Shh... Vou cuidar de você. — Dou um beijo na parte de trás de sua cabeça.

Depois de alguns minutos, aparentemente ela melhora e levanta a cabeça, apoiando no meu ombro.

— Desculpa — murmura envergonhada.

— Eu que preciso me desculpar, nem lembrei que cheiros fortes podem enjoar você. — Sento no chão e puxo seu corpo, virando ele para que ela fique no meu colo. — Está melhor, Ceci?

— Jacson, não se preocupe, já estou melhorando — fala com seu rosto apoiado no meu peito.

Com ela no meu colo, abaixo a tampa do vaso e a ergo para que fique sentada nele e dou a descarga. Enxergo sua nécessaire em cima da bancada da pia. Pego sua escova de dente e um pouco de creme dental e entrego para ela.

— Obrigada. — Pega a escova da minha mão e começa a escovar os dentes.

— Nossa, Cecília, você está branca. — Não consigo disfarçar a preocupação na minha voz e ela apenas dá de ombros.

— Já volto — falo para ela e saio apressado na direção da cozinha,

onde pego água e bolacha salgada. Lembro que quando a Flávia ficava enjoada, eram as únicas coisas que ajudavam.

Deixo tudo em cima do criado-mudo ao lado da cama e vou novamente ao banheiro, onde Cecília está apoiada na pia enxaguando a boca.

— Vem, peguei algo que vai ajudar a diminuir os enjoos. — Seguro sua mão na minha e a apoio até a cama, onde ela senta.

— Estou melhor já, Jacson.

— Que horas você comeu pela última vez?

— Não lembro, poxa, acho que estou só com o café da manhã — responde envergonhada.

— Não deve fazer isso, Cecília. Precisa se cuidar agora, tem que se alimentar de 2 em 2 horas, para evitar esses enjoos, comer devagar e comidas leves, principalmente... — Percebo o olhar confuso da Cecília diante da explosão lado “pai protetor”. — Desculpa, Cecília, fiquei preocupado — falo balançando a cabeça.

— Mas tem razão. Deixei a emoção e a tensão me dominar. Quando senti o cheiro da piz... — Interrompe a fala e coloca novamente a mão na boca.

— Ei, calma aí, mocinha. — Nem noto, mas já estou do seu lado a deitando na cama. — Fecha os olhos e respira fundo, Ceci, não fala nada agora.

— Estou bem, Jacson, de verdade, só que quando me lembrei do cheiro, *ergh!* Não posso nem pensar — fala sem abrir os olhos, com o rosto contraído.

Sento na parte de baixo da cama, depois puxo seus pés para cima da cama e os coloco no meu colo. Tiro seus chinelos, os jogando no chão.

— O que está fazendo? — questiona tentando puxar os pés.

— Shhh... Disse para respirar fundo. Vou só fazer uma massagem nos

seus pés para você relaxar — falo baixinho.

Meus dedos começam a deslizar suavemente nos seus pés, apertando na planta e deslizando meus dedos para cima, pressionando cada dedo com cautela.

Primeiro em um, depois no outro pé. Noto que a respiração dela vai desacelerando. Seu semblante vai relaxando, até que parece que ela derreteu na cama.

Aproveito esse momento para observar Cecília. Começo a subir meu olhar por suas pernas. Ela é uma mulher pequena, não deve ter mais que 1,65, se veste com simplicidade como se não quisesse chamar atenção, mas o efeito é totalmente o contrário. Continuo subindo meu olhar, passo pelo seu abdômen ainda sem sinal da gravidez, pelos seus seios pequenos, aquele colo branquinho que ficava vermelho quando estava sem jeito, o rosto redondinho, nariz pequeno, cílios grandes, da mesma cor dos seus cabelos, um castanho escuro, levemente cacheado. Como se sentisse meu olhar, seus olhos se abrem e encontram os meus.

— Você é linda, Ceci. Não apenas teu exterior, mas por dentro. Linda... — falo com a voz rouca, e dessa vez, sou eu quem está com a respiração acelerada.

Cecília não fala nada, apenas me encara com aquele seu jeitinho tímido, que faz coisas inimagináveis comigo.

— Está melhor?

— Sim... — fala se sentando e puxando os pés do meu colo. — Obrigada.

— Trouxe água. — Aponto para o criado-mudo. — Toma devagar, depois come umas bolachinhas. Vai melhorar o enjoo.

Ela balança a cabeça e pega o copo com as duas mãos.

— Vou dar uma saidinha, buscar outra coisa para a gente.

— Não precisa, Jacson, pode comer tranquilo, depois saio para pegar alguma coisa para mim.

— Nem pensar nisso, pode ficar quietinha, já volto. — Saio sem a deixar responder.

Na cozinha, depois de colocar a tampa na caixa de pizza, a coloco dentro da geladeira, pego as chaves e vou buscar alguma coisa mais leve para a grávida mais especial da minha vida.

29

— Obrigada, Jacson, me sinto muito melhor. — Cecília se joga no assento da cadeira, suspirando depois de devorar a salada com frango que trouxe.

— Devia ter pedido isso da primeira vez. Teria evitado todo aquele mal-estar que você sentiu.

— Jacson, não tinha como saber que passaria mal. Para ser sincera, nem eu sabia que teria aquela reação tão violenta por uma simples pizza. Tive um ou outro enjoo bem leve até agora, geralmente quando acordo. A Flávia tinha muitos enjoos? — Olha firme para mim assustada pela pergunta. — Desculpa, esquece minha pergunta.

— Cecília, relaxa, está tudo bem. — A tranquilizo. — E respondendo sua pergunta, sim, Flávia teve muitos enjoos, por isso sabia que as bolachas ajudariam.

— Obrigada por aquilo também, será muito útil daqui para frente. — Novamente arregala os olhos e me fita angustiada. — Quer dizer... se precisar... ou... — Passa as mãos pelo cabelo fazendo um coque pendurado na nuca, sem conseguir disfarçar o nervosismo em sua voz. — Vou fechar a boca que hoje só estou dando bola fora — fala baixinho, mais para ela do que para eu ouvir.

— Cecília, não precisa ficar assim. Vamos conversar lá na sala? — Tento pegar na sua mão, mas ela levanta apressada da cadeira.

— Vou lavar a louça. — Começa a pegar os pratos e talheres.

— Não, vamos apenas colocar na pia, depois venho e coloco na lavadora. — Ajudo Cecília a colocar a louça na pia e depois seguimos para a sala.

Sento num canto do sofá e ela novamente vai em direção à poltrona que fica do outro lado.

— Não, Ceci, senta aqui no sofá e coloca as pernas para cá. — Bato no lugar à frente.

— Jacson, estou bem já, não estou doente.

— Sei disso, quero apenas que fique confortável para nossa conversa. Sabe que toda vez que conversamos, sempre acaba sendo com grande carga emocional, né?

— E como! — Suspira profundamente e cede, sentando-se no lugar que aponteí. Apoia suas costas no braço do sofá onde coloquei uma almofada e coloca suas pernas cruzadas, encostadas no peito.

Viro meu corpo e cruzo uma das pernas sobre o sofá, mas deixo a outra no chão, buscando uma posição mais confortável.

— Então, Cecília, está me devendo uma resposta.

— Qual era a pergunta mesmo? — Tenta desconversar.

— Até parece que me engana com essa sua cara de esquecida. Perguntei a você que se acredita que se tudo que aconteceu na sua vida tinha um propósito, qual era ele? — Refaço a pergunta.

— Não sei que resposta dar a você, Jacson. Não foi em vão, disso tenho certeza. Assim como sei que não foi apenas um, mas são vários propósitos, alguns alcançados, outros ainda não. Posso afirmar que vivo cada dia como se fosse único, procurando fazer tudo que está ao meu alcance para ajudar os outros. Não apenas porque pode ser o que Deus quer na minha vida, mas, principalmente, porque isso é o que quero para mim. Usar a minha vida como instrumento para ajudar a melhorar a vida de outras pessoas. Isso me realiza e

me faz bem. — Termina dando de ombros.

— Olha, Cecília, preciso ser sincero com você. Antes de conhecer você, achava isso tudo de missão, propósito ou sei lá como querem chamar, uma grande besteira. Quando a Nat falava, entrava por um ouvido e saía por outro. Conhece aquele ditado de que um exemplo vale mais do que mil palavras?

— Sim, conheço.

— Foi isso que aconteceu. O que você me mostrou nesses dias que estive comigo, as nossas conversas, a vidas das pessoas que conheci, foi como se... — Exalo bruscamente procurando as palavras certas. — Parece que tiraram uma venda que eu tinha na frente dos meus olhos. Vi e descobri coisas que nunca imaginei. Aceitei muitas outras coisas que, apesar de estarem ali, na minha frente, não consegui aceitar. Tudo isso foi se encaixando, como um quebra-cabeça. Sabe o que percebi? — Ela apenas balança a cabeça e descansa o queixo sobre os joelhos.

— Que, na verdade, eu usava a dor como um escudo. Queria, ou melhor, precisava sentir a dor, o desespero, a solidão.

— Por quê?

— Viver sem eles do meu lado era um fardo muito grande para carregar, me sentia culpado por não ter sido capaz de proteger. Hoje vejo que não foi culpa minha, ou melhor, não foi inteiramente culpa minha. Foi um pouco eu, um pouco o marido da Ana, um pouco a Ana, um pouco Deus, sei lá, não estava em minhas mãos impedir isso. Como disse a Ana, como podemos ter certeza de que isso não aconteceria num outro momento?

— Nunca vamos saber, Jacson.

— Exatamente, nunca. Por isso, era mais cômodo me esconder atrás dessa dor do que encarar o mundo sem eles do meu lado. Minha culpa não me deixava ser digno de continuar vivendo. Nem digo ser feliz, era vivendo

mesmo. Não posso dizer que a culpa foi embora, que a dor sumiu, ou que simplesmente a partir de agora não vou mais sofrer nem chorar pela perda deles. Mas o que sei é que não tenho medo de deixar a dor ir embora. O lugar deles vai estar para sempre aqui. — Mostro meu peito. — Enraizado não apenas no meu coração, mas na minha alma.

Lágrimas escorrem pelo rosto da Cecília, minha vontade é diminuir o espaço que temos entre nós dois e tomá-la nos braços, mas sei que sua posição no sofá indica que está se protegendo de mim. Não porque tenha medo físico, que vá atacá-la ou algo assim, mas medo emocional do que estamos sentindo, por isso, me controlo e continuo meu desabafo.

— Sabe, Cecília, não posso voltar atrás e mudar o passado. Mas o que tenho ao alcance das mãos é o presente. Posso moldar meu presente para que meu futuro seja diferente.

Coço a cabeça e olho para a parede, buscando a certeza para o que vou fazer.

— Sou louco por pensar assim, Ceci?

— Não, Jacson.

— Pode ser que agora mude de opinião. — Abro um sorriso e volto a olhar na sua direção. — Há poucos dias, fiz uma prece para Flávia e para o Duda, para que me ajudassem a decidir o que fazer. Orei para que mandassem um sinal, algo para me ajudar a tomar a decisão correta. — Sinto que ela puxa a respiração e seus olhos arregalam com medo de minhas próximas palavras. — Mesmo que tenha pedido há poucos dias, eles já tinham atendido meu pedido.

— Como assim, Jacson? — questiona preocupada.

— No fundo, Cecília, sempre soube qual seria minha decisão, estava apenas com... medo de não conseguir amar outra vez. Não sabia se meu coração deixaria essa criança entrar nele. Não sabia como era amar outra

pessoa, porque cada cantinho do meu coração estava tomado pelo amor que sentia pela Flávia e pelo Duda, não pensava que tinha sobrado alguma coisa depois de perder os dois. Sabe quando você disse que essa criança poderia ser meu milagre, Ceci? — Ela balança a cabeça e me arrasto para mais perto dela, apoio minhas mãos sobre os seus joelhos, sem deixar que outra parte dos nossos corpos se toque. — Então... Essa criança não é meu milagre, Ceci.

— Jacson... — Ergo minha mão e coloco sobre seus lábios, impedindo que ela fale alguma coisa.

— Essa criança não é meu milagre. — Deslizo minha mão da sua boca e seguro seu rosto entre as mãos. — Tenho certeza de que você foi mandada por Deus, pela Flávia, pelo Duda, ou seja, lá quem mais esteja olhando por mim lá de cima. Você é meu milagre, Cecília. O anjo que foi mandado para me mostrar que eu ainda consigo sentir amor. Que essa sementinha que carrega dentro de você vai mudar a gravidade do meu mundo mais uma vez. Você queria me mostrar uma coisa, mas descobri muito mais do que era sua intenção. Consegui notar que eles continuam aqui comigo, não apenas no pedacinho dos seus olhos, nem só nas pessoas que receberam os órgãos da Flávia, nem nas pessoas que a ONG ajudou. Esses pedaços não são nada se comparados aos pedaços deles que carrego dentro de mim. — Tiro umas das mãos do seu rosto e sugiro com um gesto que suas pernas se abaixem no sofá, fazendo com que passem na lateral do meu corpo e com que ela fique encaixada ao meu lado.

— Esse amor tão grande, que transborda do meu peito, é capaz de mudar tudo, me dar forças para cuidar desse pedacinho tão importante que você carrega agora. — Coloco uma mão sobre a sua camiseta, onde meu filho está. — Me perdoa, filho, por sequer ter cogitado essa ideia estúpida. — Olho para Cecília. — Me perdoa por ter deixado você triste ou preocupada. Você pediu um mês, mas não preciso disso. Tenho certeza de qual seria a decisão

da Flávia sobre isso, tenho que honrar a sua memória e não ir contra os seus ideais. Sei também qual é meu desejo, como disse, sempre soube, só estava com medo. Estou ainda, com medo, apavorado. Só que maior que o medo é o amor que tenho por essa criança. Espero que você ainda esteja disposta a continuar gerando meu filho. Se estiver, posso embarcar em mais essa aventura contigo? — Repito as suas palavras de mais cedo.

— Será um enorme prazer ter você nessa aventura comigo, Jacson — responde, enquanto lágrimas escorrem de seu rosto, se jogando nos meus braços e meu mundo volta a girar.

A carga emocional da nossa conversa, ou melhor, do meu desabafo foi tão grande que ambos estão tremendo. Ficamos abraçados durante muito tempo, até que conseguimos controlar as lágrimas e estamos preparados para conversar de novo.

— Ceci, você está bem, querida? — falo com meu rosto mergulhado nos seus cabelos.

— Sim. — Ouço barulhos de suas fungadas. — Só... Fiquei surpresa. Estou tão feliz que não consigo articular as palavras. — Seu tom de voz está rouco e suas palavras saem entre um soluço e outro que ainda escapa de sua garganta. — Essa criança não é minha. É errado me intrometer na sua vida, mas não consegui me impedir de amá-la e me importar com ela.

Afasto-a dos meus braços, mas sem a soltar, apenas o suficiente para que possamos ficar nos olhando.

— Quem disse que é errado você amar essa criança, Cecília? Enquanto para todos ela ainda é apenas uma ideia, para você ela é real. É seu corpo que está sofrendo as modificações. É normal que se importe. Se fosse o contrário, daí, sim, seria um problema. Não podia continuar com esse clima de suspense no ar, Cecília. Primeiro, porque não existe necessidade de ficar ansiosa e pisando em ovos cada vez que falar algo dessa gravidez. Depois, porque esse

clima todo não vai fazer bem para você. O enjoo de agora há pouco é um exemplo disso.

— O enjoo que tive se chama pizza e não ansiedade, Jacson. — Abre um sorriso.

— Tudo bem, espertinha, mas tem que ter a liberdade de falar o que pode ou não comer. Está grávida, requer cuidados especiais, Cecília.

— Grávida, Jacson, não estou doente — resmunga.

— Concordo, mas ainda assim precisa de cuidados especiais. — Ergo a mão e aperto de leve seu nariz.

Só agora noto como nossa posição é íntima. Estamos sentados muito próximos, eu de lado com as pernas dela ao redor do meu corpo. Como se ela também tivesse percebido isso apenas agora, discretamente, tenta puxar seus pés para sentar, mas eu interrompo seus movimentos.

— Cecília, outra coisa. Não é o momento, mas preciso falar sobre tudo que sinto, e isso inclui os meus sentimentos por você.

— Jacson, não é o momento. — Puxa com mais força suas pernas e deixo que ela se sente, se afastando do meu toque.

— Não podemos fingir que não está acontecendo nada entre a gente, Cecília.

— Podemos e devemos, Jacson — fala decidida e levanta do sofá.

— Não vamos fugir disso, Cecília. — Também levanto.

— Jacson, olha. — Passa a mão no rosto. — Vamos com paciência, ok? Até 10 minutos atrás tínhamos um problemão na nossa vida. Não podemos fingir que suas palavras resolveram tudo. Para e pensa, Jacson, que vai concordar comigo.

— No que devo concordar com você? Não aprendi a ler pensamentos, Cecília, para saber o que pensa. Posso pelo menos ser guiado em direção dessa conclusão? — falo com desdém.

— Jacson, suas palavras de agora há pouco. — Joga as mãos para o ar. — Você está aprendendo a amar essa criança. Já pensou na hipótese de nos envolvermos e não dar certo? Como vai conseguir criar laços com essa criança? Vai deixar apenas para depois que ela nascer? Ou vamos supor que dê tudo certo entre a gente. E quando essa criança nascer? Sendo bem sincera com você, acredito que seus sentimentos estão confusos. É normal. Quando fiz as sessões, fui alertada sobre essa possibilidade.

— Que possibilidade?

— A falsa criação de vínculos entre nós dois!

— Falsa criação, Cecília? — Caminho para perto dela, passo os braços ao redor da sua cintura e encosto minha testa na sua. — Acha que essa eletricidade que corre entre a gente é falsa? — falo enquanto distribuo beijos suaves sobre seu rosto.

— Jacson, por favor, não faça isso.

— Te provar que o que sentimos não é falso? — Encaro seus olhos.

Sem fechar os olhos, aproximo minha boca e roço suavemente meus lábios sobre os seus.

— Não sou mais um menino, Cecília, consigo identificar o que é verdadeiro e o que é falso. Posso estar confuso e não saber ainda nomear o que sinto por você, mas tenho certeza de uma coisa, não é falso. — Nossos lábios estão tão pertos que, a cada palavra que falo, eles arranham os lábios da Cecília.

— Jacson... — ela suplica.

— Jacson o quê? — Puxo seu corpo mais de encontro ao meu. — Me solta? Me beija? Não consigo entender suas súplicas, morena. — Termina a frase passando a língua sobre seus lábios.

Um gemido escapa dela e qualquer vestígio de tolerância e controle que existia dentro de mim é jogado para o espaço. Quando meus lábios tomam os

seus, e ela corresponde ao beijo, sinto meu mundo virar de ponta-cabeça, ou talvez seja apenas meu coração.

Claro que estou com tesão, seria um mentiroso se negasse isso, mas diferente de todos os beijos que dei depois da Flávia, esse não mexe apenas com a minha libido, mas com todo meu ser. É mais do que apenas meus lábios a tocando, é como se minha alma estivesse nesses beijos. Isso me assusta? Pra caramba! Estou preparado para enfrentar esse medo? Sem dúvida!

Subo minha mão até segurar seu pescoço, puxando seus lábios da forma que quero contra os meus.

— Isso é um “me beija”, morena? — pergunto ofegante quando nossas bocas se separam por alguns instantes.

Ela não responde com palavras. Sua resposta é aproximar sua boca da minha, se inclinando para outro beijo. Ainda mais profundo que o primeiro. Corro as mãos por seu corpo, enquanto a puxo para o sofá, acariciando de suas costas até os quadris. Sento-me puxando seu corpo comigo. Em silêncio, induzo-a para que monte no meu colo e Cecília não recusa o convite.

Posiciona uma perna de cada lado do meu corpo, de forma que nossos sexos se encaixem. O contato é áspero, mas ainda assim delicioso. Cecília arfa de desejo no meu colo, e por puro instinto, esfrega os quadris nos meus, fazendo descargas elétricas percorrerem meu corpo.

— Faz isso outra vez. — Ofego muito excitado.

Cecília ergue seu corpo alguns centímetros e faz movimentos de vai e vem, atritando o ponto mais sensível de seu sexo ao longo de toda minha ereção.

Uma onda de prazer me invade e o desejo de ousar, indo além das preliminares, quase me sufoca. Não posso simplesmente transar com ela no sofá. Mas antes que possa transformar esse pensamento em ação, minhas

mãos saem do quadril da Cecília e cobrem seus seios, protegidos com nada além de uma camada fina de algodão do seu vestido. Cecília prende a respiração quando meus dedos apertam seus mamilos, rodeando-os suavemente contra o tecido. Sem pensar direito, desço o decote da camiseta e afasto seu sutiã, tomando seu mamilo na boca, circundando-o com a língua, alternando lambidas e chupadas.

Cecília fica ainda mais alterada no meu colo e a necessidade de esfregar seu quadril, na busca do seu prazer, faz com que ela aumente o ritmo dos movimentos. Deslizo meus dedos pelo seu corpo, fechando-os em torno da bainha da sua camiseta e, antes que Cecília perceba o que acontece, ela desliza para fora do seu corpo.

Tiro-a do meu colo, deitando-a de costas sobre o sofá e tomo novamente um dos seus mamilos na boca enquanto num movimento apenas, a livro de suas calças de ginástica. Um gemido de puro prazer escapa da garganta da Cecília, fazendo com que meu membro quase exploda dentro das minhas calças. Respirando profundamente para controlar meu tesão, deslizo minha mão sobre seu abdômen e a deixo escorregar na direção da calcinha. Quando meus dedos tocam o tecido, sinto a umidade. Tiro a calcinha da frente e toco sua fenda para introduzir meus dedos, sinto todo o corpo da Cecília ficando tenso embaixo de mim.

Num segundo, estou quase alcançando o paraíso, no seguinte, estou sendo empurrado bruscamente, caindo de costas no chão.

Num vulto, ela pega sua camiseta do sofá e volta a colocar no seu corpo.

— Meu Deus, Jacson. Isso foi um erro. Como me deixei levar dessa forma? — Estou paralisado, ainda sentado no chão, olhando para ela toda apavorada no sofá.

— Jacson, não faça mais isso. Não devemos! As coisas já são

complicadas, qualquer tipo de relacionamento, diferente da amizade, vai atrapalhar o que conseguimos construir até aqui. — Levanta do sofá pegando suas calças no caminho e vai se afastando caminhando de costas, e tudo que consigo pensar é no calor do seu corpo contra o meu.

— Somos adultos, Cecília, caso algo dê errado, saberemos lidar com a situação. — Consigo falar entre a nuvem de desejo em que me encontro.

— Não, Jacson, eu não vou saber lidar com a situação se algo der errado! — Sua voz está alterada e percebo que seu corpo todo está tremendo, enquanto uma Cecilia cambaleante, tenta colocar novamente as calças que arranquei do seu corpo — Já parou para pensar como foi difícil tomar a decisão de fazer parte disso tudo, Jacson? É muita coisa envolvida aqui. A gratidão que tenho pela Flávia, o respeito que devo ter pelo relacionamento de vocês, pela família que você vai construir! Sem contar minha amizade com a Maria e o amor que desenvolvi por essa criança! Não devo e não posso perder o foco, Jacson! — Seu desespero é expresso através das lágrimas que rolam de sua face.

— Ei, calma, Cecília. Não vou forçar você a nada. — Me ergo do chão e caminho na sua direção e tento tocar seu braço, mas ela desvia do meu toque.

— Não me toque, Jacson. Esse é o problema, Jacson, você não precisa me forçar a nada! — grita. — Basta um olhar seu e meu coração acelera, bastou um beijo para quase perder o foco e quase me desmanchar nos seus braços!

Fico mudo diante das suas palavras.

— Não posso negar que sinto atração, Jacson. Só não podemos deixar que essa atração atrapalhe tudo! Não sou a Flávia, Jacson — sussurra. — Essa criança que cresce aqui é fruto do amor de vocês. Não sou nada nessa equação, apenas a mulher que está possibilitando isso. Você não me enxerga

de verdade, Jacson. Estou aqui para tudo que precisar. Conversar, desabafar, tudo mesmo. A única coisa que peço é que mantenha as coisas entre nós dois leves. Isso que acabou de acontecer não vai se repetir, nem agora, nem depois que essa criança nascer. Por favor, estou te dando o maior presente que poderia receber, e tudo que peço em troca é que esqueça essa possibilidade maluca de qualquer envolvimento entre a gente, além de uma amizade.

Termina de falar e me dá as costas, correndo na direção do seu quarto, sem me dar a oportunidade de argumentar com ela.

Fico ainda durante vários minutos andando pela sala, absorvendo suas palavras, tentando organizar meus pensamentos para fazer a coisa certa. Não concordo com nada que disse, mas chego à conclusão de que nesse momento o melhor é respeitar sua decisão. NESSE MOMENTO. Apenas nesse momento.

— Esse assunto não encerrou, Cecília, pode ter certeza disso — murmuro contra o silêncio do apartamento.

30

Mantive a minha promessa de deixar as coisas leves entre nós dois. Mas, para isso, sabia que não podia voltar a ver a Cecília. Não seria capaz de frear todos os instintos que teimavam em pular dentro de mim. Por isso, há três meses não a vejo. Depois da nossa discussão no apartamento, quando acordei no outro dia, ela tinha ido embora.

Mais tarde, recebi uma mensagem no celular explicando que o avião dela era muito cedo, por isso não quis me acordar, mas que o retorno tinha sido tranquilo e já estava em Curitiba.

Breve assim, sem nenhum comentário sobre o beijo ou as carícias trocadas. Acatei sua decisão e não voltei a falar do nosso relacionamento, porém, me mantive presente. Conversamos todas as noites, isso sem contar uma ou outra troca de mensagem durante o dia.

Mesmo com isso, queria vê-la, não suportava mais a saudade. É loucura como em tão pouco tempo, Cecília foi capaz de romper a muralha da minha dor e esse sentimento cresceu com tanta força dentro de mim que em alguns momentos era quase impossível segurar a saudade. Várias vezes imaginei como estaria linda agora que os primeiros sinais da gravidez já estavam evidentes. Pedi fotos, mas ela sempre enrola e acaba não mandando. Por isso, mesmo sendo uma loucura, peguei um avião no meio da tarde e estou aqui em Curitiba, sem ao menos avisá-la.

Resolvi fazer uma surpresa e aparecer no consultório para acompanhar esse exame. Caso ela não aprove isso, vou dizer que a culpa é dela, pois ela

não disse que precisava manter distância, apenas que nosso relacionamento não iria prosperar. Estou aqui por causa do meu filho, só por isso. Solto uma gargalhada imaginária. Claro que estou aqui pelo meu filho, mas é lógico que é por ela também.

Quero vê-la, não posso mais aguentar essa saudade enorme dentro de mim. Não sei quantos banhos demorados já tomei ou quantas noites dormi excitado pensando nela!

O que mais me choca nisso tudo é conseguir separar o que sinto por ela do que sinto pela Flávia. Cada uma tem o seu espaço dentro de mim. Uma não compete com a outra. Nunca deixarei de amar a Flávia, mas percebi que posso me permitir gostar de outra pessoa. O mesmo ocorre com o Duda. São amores diferentes e ao mesmo tempo tão iguais.

Chego ao consultório uns 15 minutos antes do horário marcado. Será um choque para Cecília e para Maria me verem aqui. Mas será momentâneo, afinal, tenho todos os motivos do mundo para querer acompanhar esse exame.

Na sala de espera, as vejo sentadas no canto e vou caminhando ao seu encontro, já com um sorriso nos lábios.

Quem me vê primeiro é a Cecília, que arregala os olhos e levanta assustada para me cumprimentar.

— Jacson, nossa, que surpresa! — Me cumprimenta apressada.

— Espero que seja uma surpresa boa! — Rompo a formalidade do momento e a puxo num abraço apertado.

— Não esperava você aqui. — Passa os braços ao redor da minha cintura e descansa o rosto no meu ombro.

— Saudade, Cecília — falo próximo ao seu ouvido, sentindo meu coração quase saindo pela boca.

Sinto que ela engole sua resposta e se afasta dos meus braços.

— Oi, Jacson. — Maria me cumprimenta formalmente.

— Oi, Maria. — Aceno com a cabeça.

Mesmo passados alguns meses, o clima entre nós dois ainda é pesado, depois das ofensas que trocamos logo que descobri a gravidez. Ela tentou me ligar algumas vezes, mas nossa conversa não evolui. Somos dois estranhos trocando informações, apenas isso.

— Posso acompanhar o exame? — Viro e pergunto para Cecília.

— Claro, nem precisa perguntar. A Maria falou que estaríamos aqui?
— Olha com um ar intrigado para Maria.

— Na verdade, não falou. Acompanho o andamento da gestação e o médico me informou que seria hoje. Como é bem provável que dê para ver o sexo, quis compartilhar com você esse momento — respondo, ignorando a presença da Maria do nosso lado. — Pode me acompanhar uns instantes ali fora? Tem uma coisa que quero conversar com você.

Num primeiro momento, penso que ela vai dizer que não, mas ela balança a cabeça afirmativamente. Seguro delicadamente seu braço e a levo alguns passos longe, do lado de fora da entrada da sala.

— Você está linda, morena. — Abro um sorriso e a puxo para meus braços, realmente a abraçando dessa vez. — Meu Deus, que saudade de sentir você, Cecília — falo nos seus cabelos, com a respiração totalmente descompassada.

Cecília fica muda, simplesmente me aperta nos seus braços e mantém a cabeça enterrada no meu pescoço.

— Você tirou a barba — Ele sussurra contra o meu peito.

— Percebi que não preciso mais me esconder morena— sussurro de volta, beijando suavemente seus cabelos.

Ela continua muda e sinto apenas os seus braços apertados contra mim.

— A única coisa que dirá é que tirei a barba? Não mereço nem um

“estou com saudade também, Jacson”? — questiono um pouco chateado.

— Claro que estou com saudade, Jacson, você só me pegou de surpresa.

— Boa, espero.

— Claro que boa, Jacson. Ainda mais que daqui a pouco vamos ver como o neném está e sua presença aqui é muito importante para ele.

— Juro que achei que falaria: sua presença aqui é muito importante para mim. — Afasto um pouco seu corpo e a fito enquanto falo essas palavras.

— Jacson, claro que é importante, entendeu o que quis dizer.

Desço meu olhar para sua barriga e, diferente das outras vezes, já é possível ver um pequeno inchaço no seu abdômen.

— Posso? — pergunto sem erguer meu olhar enquanto mantenho minha mão suspensa perto de sua barriga.

Cecília conduz minha mão.

A mesma força que me atingiu na piscina, volta com força total nesse momento. A única diferença é que agora estou preparado para ela. Acaricio o ventre da Cecília sobre o tecido fino do seu vestido. Um toque de um pai acariciando seu filho.

— Você está realmente linda, Cecília, do jeitinho que imaginei. Por que não quis mandar nenhuma foto sua? — Ergo meu olhar para fitá-la.

— Não sei — sussurra.

— Não sabe ou não quer falar? — falo em tom brincalhão.

— Ah! Jacson. — Ela dá um soco suave no meu ombro. — Podemos conversar sobre isso depois?

— Opa! Já ganhei a chance de uma conversa depois, estou no lucro. — Recebo outro soco no ombro.

— Vamos, Jacson, logo vão chamar a gente. — Pega minha mão e

voltamos para dentro da sala.

Nossas mãos coladas não escapam ao olhar aguçado da Maria.

Mal nos sentamos e somos chamados para a sala de exame. Depois que Cecília está pronta, entramos.

— Posso ficar aqui? — pergunto baixinho, segurando a mão da Cecília, bem perto dela, em pé do lado da maca.

— Claro — responde, olhando para Maria, que novamente franze as sobrancelhas, sem entender essa troca de intimidade entre nós.

Quero pensar nisso depois, pouco me importa a opinião da Maria, mas sei que para Cecília tem importância. Por isso, tento manter as coisas as mais impessoais possíveis.

— Nervosa? — pergunto para Maria, para dissipar a sua desconfiança. Sinto que ela me examina e quer perguntar o porquê da mudança do visual, mas se contém.

— Um pouco. Não porque podemos descobrir o sexo, mas quero ter certeza de que está tudo bem.

— Eu também penso assim — respondo.

A médica entra na sala e, após as preparações, interrompemos nossa conversa para fixar nossos olhos no monitor.

— Olhem só que bebezinho lindo! — A médica exclama toda animada. — Conseguem ver aqui? Essa é a cabecinha, o corpinho, os bracinhos e as perninhas. — Vai falando e mostrando no monitor, e ficamos os três babando para aquele monitor com imagens embaçadas.

Para ser bem sincero, não vejo nada do que ela aponta. Mesmo assim, é emocionante ver, pela primeira vez, a imagem do neném.

— Preparados para ouvir o coração desse bebezinho? — O som de um coração acelerado invade a sala. Arrancando lágrimas dos três.

— Nossa, como bate acelerado! — Cecília diz entre as lágrimas.

— Sim, a frequência cardíaca dos bebês é maior que a nossa. É normal, está tudo bem.

Continua fazendo o exame e as medições, sempre nos tranquilizando de que está tudo dentro da normalidade.

— E então, queridos, querem saber o sexo do bebezinho? Ele foi bem generoso e abriu bem as perninhas.

— Eu gostaria de saber, Jacson. Mas deixo a decisão com você — Maria responde.

— Você quer saber, Cecília? — pergunto apertando de leve sua mão, que não larguei em nenhum momento do exame.

— Bom, quem tem que decidir isso é vocês — Cecília fala timidamente. — Mas se posso opinar, gostaria.

— Claro que pode, na realidade, deve opinar — Maria responde por nós dois.

— Então queremos saber, Dra. Fernanda.

— Temos apostas? — Dra. Fernanda pergunta sorridente, sem parar de mexer no equipamento.

— Menino — Maria responde.

— Menina. — Cecília dá sua opinião esboçando um belo sorriso.

— Eu estou com a Maria, também acho que é menino.

— Então. Olhem aqui, estão vendo? Parabéns, Cecília, você acertou, é uma menininha.

— Uma menininha! Que legal! — Cecília vibra, trocando sorrisos com a Maria.

— Uma pequeninha — Maria fala com lágrimas nos olhos.

Não falo nada. Fico perdido em pensamentos, imaginando uma menina pequena, com os mesmos olhos da mãe, cabelos loirinhos na altura do ombro e, quando dou por mim, estou sorrindo, porque imaginei uma miniatura da

Flávia.

Saímos do consultório e insisto em levar a Cecília. Antes, paramos para fazer um lanche.

— Melhorou dos enjoos? — Olho para ela por cima do cardápio e percebo que está um pouco nervosa.

— Sim — responde de forma sucinta.

— Ela já está mexendo?

— Principalmente à noite, dá cambalhotas na minha barriga — fala acariciando de leve. — É tão engraçado falar “ela”. Mesmo sentindo que era uma menina, é estranho ter essa certeza.

— Uma menininha. — Suspiro. — Acho que no fundo também torcia para ser uma menina.

— Agora começa a fase de escolher nomes.

— Tem sugestão?

— Eu?

— Sim, você. — Coloco minha mão sobre a dela que ainda segura o cardápio e sinto como fica tensa ao meu toque. — Posso pedir uma coisa?

— Pode — responde receosa.

— Você pode fazer a gentileza de relaxar? — Dou um pequeno sorriso. — Está nervosa, como se estivesse falando com um desconhecido! Sou eu, Cecília, caramba! Relaxa morena.

— Ai, desculpa, Jacson. Estou tensa. Sei lá. Primeira vez que conversamos depois de... você sabe. Ver você assim, sem preparação, foi um susto, admito que fiquei abalada.

— Adoro sua sinceridade. Se servir de consolo, também estou abalado. Ver você já seria difícil. Agora ver você com sinal do meu filho crescendo na sua barriga é emocionalmente brutal. Não consigo traduzir o que sinto. Por isso não queria mandar a foto, né?

— É.

— Quer saber uma coisa?

— Olha, sinceramente não quero, mas sei que vai falar mesmo assim.

— Abre um sorriso tímido.

— Engraçadinha. Pensei que quando visse você grávida, remeteria à Flávia e ao Duda. Só que não é isso que aconteceu. Vejo você, Cecília, grávida. Sei que é um filho meu e da Flávia crescendo dentro de você, mas consigo te enxergar. Consegue entender o que falo?

— Não sei se entendi.

— Vejo você, Cecília, por trás dessa gravidez. No fundo, admito que estava receoso de que realmente acontecesse aquilo que falou. Que estivesse com os sentimentos tão fortes em relação a você por causa da gratidão, e isso estivesse confundindo meus sentimentos.

— Não, Jacson. Por favor, não agora.

— Não vou insistir, Cecília, estou respeitando sua vontade. Mas não posso me impedir de pensar em nós dois, de sentir o gosto dos seus beijos, o calor do seu corpo contra o meu, nem frear a lembrança dos seus suspiros excitados escapando de sua garganta. Preciso de muita força de vontade para me controlar, porque minha vontade é puxar você para meus braços e te beijar até que esqueça seu nome. Mas prometi que vou respeitar essa gravidez, sou paciente. Enquanto isso tenha isso em mente: *eu enxergo você* — falo as últimas palavras com bastante ênfase.

Desvio meu olhar para o cardápio e peço de maneira despreocupada, como se nossa breve conversa não tivesse acontecido.

— Escolheu? Quero esse misto-quente com ovo e um cappuccino, estou morrendo de fome. — Olho para Cecília que está de boca aberta.

— Ei, terra chamando Cecília. — Ela balança a cabeça e olha para o cardápio, com o rosto vermelho de vergonha. — Escolheu? — Refaço a

pergunta.

— Quero um sanduíche natural e um café com leite — responde disfarçando o choque que minhas palavras lhe causaram.

O resto do lanche passa de maneira mais tranquila e conseguimos manter uma conversa agradável.

31

— Não posso ficar, Cecília, tenho que voltar hoje para São Paulo, tem uma reunião importante amanhã que não posso adiar. Queria ficar mais e matar, pelo menos, um pouco da saudade, mas não posso mesmo.

— Imagina, veio para o que importava. Conseguiu acompanhar o ultrassom, não tem motivos para ficar.

— Motivos para ficar, eu tenho. Só não é o momento de demonstrá-los — falo enquanto caminho do seu lado até a entrada do prédio.

— Jacson! — Ela me repreende e bate suavemente seu ombro no meu.

— Cecília! — Brinco e retribuo o toque de ombros. — Não posso perder a oportunidade de alfinetar você.

— Já percebi isso. — Solta um pequeno riso.

— Posso acompanhar você até o teu apartamento? Prometo que não vou sair do elevador. — Cruzo os dedos fazendo um juramento.

— Pode, Jacson.

As portas se fecham e ficamos os dois, um de frente para outro no espaço pequeno.

Não peço autorização novamente, dessa vez coloco minha mão na sua barriga e acaricio suavemente.

— Então, mocinha, continua se comportando, não faz a tia Cecília ficar muito enjoada nem cansada. Tem que deixar dormir bastante e não fazer muita festa aí dentro, para ela não ter que acordar muito para ir ao banheiro. — Me ajoelho e dou um beijo sobre a pequena barriga. — Promete para o

papai que cuida dela enquanto eu estou longe? — falo baixinho bem perto da barriga, num tom de voz que sei que a Cecília vai ouvir. — Papai logo volta, tá? — Dou mais um beijo e levanto.

— Se cuida, morena. Qualquer coisa me liga, ok? — Seguro os lados da sua cabeça e ela faz um gesto.

Ouçõ-a suspirando quando meus lábios tocam sua testa num beijo demorado e logo chegamos ao andar do apartamento dela.

— Tchau, Jacson. — Faz um gesto com a mão e caminha para fora do elevador.

— Cecília. — Seguro seu braço, ela para e olha para mim. — Não esquece. Eu enxergo você! — falo olhando dentro dos seus olhos.

Cecília desvia o olhar para o chão, depois puxa suavemente seu braço.

Desço com um sorriso nos lábios. Quando o elevador chega ao térreo, peço um Uber para voltar ao aeroporto.

Depois de comprar a passagem e fazer o *check-in*, sento na área de embarque para ligar para Maria e falar de uma decisão que tomei.

Ela concorda comigo e depois de tudo certo com ela, abro o aplicativo e envio uma mensagem pra Cecília.

Jacson: Quase embarcando. Só queria avisar uma coisa antes de subir no avião.

Cecília: Oi, Jacson, o quê?

Jacson: Para não perder tempo pensando em sugestão de nomes. Já escolhi.

Cecília: Já? Uau, que rápido.

Jacson: Na verdade, já sabia antes mesmo da médica falar que seria uma menina. Quer saber qual é?

Cecília: Claro que quero saber o nome da baixinha, vai facilitar na hora do nosso bate-papo, rs.

Jacson: Então, Cecília...

Cecília: Estou aqui! Fala logo o nome, estou curiosa, homem!

Jacson: Ué, já falei. Nossa baixinha vai ter o nome de alguém muito importante na minha vida. Um anjo que tenho certeza de que foi mandado pela Flávia e pelo Duda para me colocar nos eixos. Cecília. Esse vai ser o nome da baixinha.

Apesar de ter lido a mensagem, se passam vários momentos, ela não digita nada de volta e começo a ficar preocupado.

Jacson: Cecília, tudo bem?

Jacson:??

Não espero mais por uma resposta e ligo para o telefone dela.

— Oi — fala com a voz abafada do outro lado da linha.

— Está bem, morena? — questiono.

— Não sei o que falar, Jacson. — Ouço o choro na sua voz.

— Não precisa falar nada. Nossa baixinha vai se chamar Cecília, essa é a melhor, quer dizer, o único nome possível. Um gesto de amor como o seu precisa ser retribuído de alguma forma. Esse é o primeiro modo.

— Não preciso de retribuição, Jacson.

— Não precisa, mas terá mesmo assim. É indiscutível, já conversei com a Maria e ela tem a mesma opinião que a minha.

— Obrigada! — responde entre soluços.

— Não chora, morena. Já está difícil voltar pra São Paulo. Saber que deixei você chorando aqui só complica mais as coisas.

— Não estou chorando de tristeza, Jacson, só estou emocionada.

— Então para de chorar.

— Pronto. — Ouço-a fungando do outro lado. — Obrigada novamente, Jacson.

— Quando você vai me ver? — Mudo completamente de assunto.

— Não sei se é uma boa ideia.

— Vou convencer você de que é uma boa ideia. Preciso ir que estão chamando meu voo. Se cuida?

— Me cuido.

— Cuida da nossa Cecilinha.

— Cecilinha? Não, ficou estranho — fala gargalhando.

— Inha? Ce? Não podemos chamar de Cecília, vai confundir.

— Por que confundir?

— Você vai fazer parte da minha vida, morena. Chamar vocês duas de Cecília não vai dar certo. Se não quiser os apelidos que falei, pense num melhor e me fale.

A ligação fica em silêncio.

— Cecília? Continua aí?

— Continuo, Jacson. — Percebo que ela voltou a chorar.

— Preciso ir. Se cuidem, minhas amadas Cecílias.

— Nós cuidamos uma da outra, Jacson.

— Tchau, morena.

— Tchau, Jacson. — E a ligação fica muda.

Entro no avião com um sorriso de orelha a orelha. Prometi recuar, não deixar de lutar! Agora só preciso de um bom plano para ela ir a São Paulo para derrubar de vez as barreiras que ela ergueu entre a gente!

32

As semanas seguintes foram tranquilas, quase nem pensei na Cecília e no neném. MENTIRA! UMA GRANDE MENTIRA!

Todos os meus pensamentos eram para elas. Queria, necessitava de algo que a trouxesse para São Paulo. Em Curitiba, a presença da Maria nos deixava tensos e teria que ficar num hotel. E tudo que precisávamos era de alguns momentos a sós, nós três.

Não conseguia fazer nada sem mandar mensagem para Cecília! O celular se transformou na extensão do meu braço. Acordava mandando mensagem, passava o dia mandando mensagens e quando ia dormir, ela era a última pessoa com quem conversava e para quem meus pensamentos flutuavam nos sonhos.

Essa distância estava me deixando maluco! Por outro lado, frear essa atração também era bom, pois usei esses meses para curar meu coração. Colocar todos os pontos nos *is*, nas minhas dores e medos.

Também usei esse tempo para reviver cada pessoa que Cecília me apresentou. Claro, todas me tocaram de alguma forma, mas a que causou maior impacto dentro de mim foi a Liane. Aquele olhar, aquela dor estampada nos olhos dela, aliada às palavras da Cecília dentro do carro voltam a minha cabeça a todo o momento. Saber que meus olhos refletem aquele desespero é assustador.

Não posso dizer que esqueci tudo e estou mudando radicalmente meu cotidiano. Mas, pela primeira vez em quatro anos, estou deixando as coisas

realmente chegarem até mim de uma forma mais leve. Como disse a Ana Paula: não aceitando, mas entendendo que o que aconteceu estava além das minhas forças ou domínio.

Tantas palavras ditas pela Nat, pelo Marcos, e até pela Maria, só agora começam a fazer sentido para mim.

Por que tiveram a vida ceifada tão cedo? Nunca saberei. Paro de perguntar o porquê e começo a querer entender o para quê. Não posso mudar o passado. E mesmo que pudesse, não apagaria nenhum dos nossos momentos juntos. Foi tudo perfeito, único.

O fato é que sobrevivi àquele acidente por algum motivo, e mesmo que deseje do fundo do meu coração que tivesse sido eu no lugar deles, não posso mudar. Eu sobrevivi!

Nunca cogitaria a possibilidade de trazer uma criança ao mundo, mas a bem da verdade é que agora não se trata de pensar no que faria, mas de fazer aquilo que é certo, o que acredito ser o melhor. Honrar a memória da mulher que amo e do meu filho amado.

Da mesma forma, se alguém me falasse há alguns meses que a Cecília apareceria na minha vida e mudaria a forma como enxergo tudo, acharia que era uma piada. A verdade é que a Cecília me encantou, não por uma ou duas de suas atitudes, mas por cada uma das demonstrações de força, carinho e superação.

A forma como tudo aconteceu, como conheci a Cecília e ela rompeu minhas defesas, faz com que tenha certeza de que foi a Flávia que influenciou o rumo das nossas vidas.

Dói e vai continuar doendo para sempre. Só que, agora, tenho duas Cecílias me impulsionando a continuar. Aos poucos, estou organizando minha mente e aceitando meu luto. Saindo de um túnel apagado e deixando a luz, pouco a pouco, penetrar na minha escuridão.

Esse final de semana é outro ponto decisivo, pois, depois de muita insistência, Cecília virá a São Paulo para nos encontrarmos. Foi difícil convencê-la, mas apresentei um motivo concreto. Precisava da ajuda dela para decorar o quarto da Cecília, a nossa pequena Cissa.

Sabe quando está numa guerra e precisa usar todas as suas armas? Sinto-me assim, numa batalha! O que ela não sabe é que, na verdade, já está tudo decorado. Quero só ver a cara dela quando entrar no apartamento e descobrir o quarto lindo que tenho pronto, só esperando minha baixinha.

Quando pego a Cecília no aeroporto, como sempre, ficamos naquele clima estranho sem saber como conversar. Aos poucos vamos quebrando isso e, quando descemos do carro na empresa, já estamos brincando um com o outro.

Ela conhece a Nat e em menos de 10 minutos, sou colocado de escanteio.

— Meu Deus, como ela mexe! — Nat fala com as duas mãos sobre a barriga da Cecília.

— Vai ser uma jogadora de futebol! — Cecília está tranquila, distribuindo aqueles sorrisos contagiantes.

— É estranho saber que aqui dentro tem o bebê da minha melhor amiga. — Nat fica um pouco emocionada. — Desculpa, Jacson, não devia ter tocado no assunto.

— Não se preocupe, muitas vezes fico também com essa sensação — respondo.

— Até eu fico com essa sensação — Cecília diz. — Não conheci a Flávia. Parece tão irreal estar carregando o filho de vocês, Jacson.

— Pois é. Nunca pensei nisso, mas agora que a Cissa está aqui, não consigo entender por que não pensei nisso antes. No fundo, apesar de toda confusão, tenho que agradecer à Maria.

— E à Cecília, né? Porque a Cissa está aqui, crescendo dentro dela. — Nat me repreende com o olhar.

— Tenho que agradecer a Cecília por tantas coisas. Não sei se um dia serei capaz de parar de agradecê-la por tudo que está fazendo na minha vida. — Meu olhar queima no seu, e o que realmente quero dizer fica nas entrelinhas.

— Jacson, minha dívida já foi paga pela Flávia. Ela trouxe luz para minha vida. Eu estou trazendo luz para o amor da vida dela. Acho que gratidão paga gratidão.

— Uau! Arrepiei inteirinha. Bem que você disse que a Cecília era a moça das pérolas filosóficas. — Nat mostra os braços arrepiados.

— Moça das pérolas filosóficas? — Cecília repete com os olhos arregalados. — Não acredito que me chamou disso, Jacson!

— Menti? Não, né? — Caio na gargalhada.

— Vixe, me perdoe, Jac. Não sabia que ela não conhecia esse apelido. — Nat mal consegue disfarçar a vontade de rir.

— Bom, agora que já me deixou em maus lençóis, vou levar minha visita para conhecer o resto da empresa e depois alimentá-la para continuar com essa barriga redondinha.

— Primeiro me coloca apelidos depreciativos, agora está me chamando de gorda? — Coloca as mãos na cintura e lança um olhar sério na minha direção.

— Não, Ceci! Foi tudo brincadeira. Quis apenas dizer que tem que comer bastante por causa da Cissa.

— Então eu como bastante? — Cruza os braços na frente do peito com uma carranca no rosto.

— Não! Cecília, desculpa, eu... — Sou interrompido quando ela começa a gargalhar.

— Estou brincando, Jacson. Claro que estou barriguda, tenho uma criança aqui dentro. — Mostra a barriga.

— Ufa. Achei que estava brava mesmo, esses hormônios deixam vocês, mulheres, muito sensíveis. Já achei que tinha feito bobeira, teria que comprar potes e potes de sorvete, mais um monte de barras de chocolate para que você me perdoasse.

— Opa! Acabo de mudar de ideia. Estou brava, *muito* brava. — Estica a palavra muito, se controlando para não dar uma gargalhada.

— Ah! Sem problemas, posso comprar os chocolates e o sorvete. Só tem um problema. — Dou de ombros.

— Qual?

— Depois de comer tudo, daí sim, vai ficar redondinha.

— Verdade! — Acabamos todos rindo.

33

Depois de nos despedirmos, como já são quase 18 horas, optamos por jantar mais cedo e depois ir ao apartamento, para não dormir muito tarde. A Cecília acha que vamos acordar cedo para fazer as compras para Cissa. Prefiro deixar para desmentir isso só quando estivermos dentro do apartamento e não correr o risco de ela desistir de passar a noite comigo lá, combinando os detalhes das compras.

— Vai ficar no mesmo que dormiu da outra vez. Levo as coisas no seu quarto — falo assim que entramos no apartamento.

— Vou tomar um banho antes e trocar de roupa. Sinto tudo me apertando e não vejo a hora de colocar um vestido soltinho, tirar esse sapato e calçar um chinelo de dedo!

— Claro. Se quiser, no meu quarto tem banheira, pode relaxar melhor.

— Nossa, que delícia, mas vou deixar para amanhã, hoje quero uma ducha mesmo para poder conversar com você e planejar o que pensa em fazer no quartinho.

— Ah! Ok — respondo me sentindo culpado. — Fica à vontade, vou esperar na sala. — Saio com um sorriso estampado no rosto.

Uns 20 minutos depois, a Cecília entra na sala, com um vestido soltinho, que deixa sua barriga ainda mais saliente. Ela está entrando do sétimo mês de gestação.

— Nossa, Cecília, esse vestido deixa você com cara de grávida.

— Como assim?

— A roupa que estava antes disfarçava um pouco, mas esse vestido. — Chego bem pertinho e acaricio sua barriga. — Você está uma grávida linda, Cecília. — Puxo seu corpo para que fique com a lateral encostada no meu corpo e passo as mãos sobre sua barriga.

— Obrigada, Jacson. — Encosta a cabeça no meu ombro e suas mãos cobrem as minhas.

— Ela está mexendo? — pergunto bem próximo do seu ouvido.

— Agora está quietinha. Quer sentir mexer?

— Claro que quero! — respondo animado.

— Vem, deixa eu deitar — fala me puxando pela mão na direção do sofá.

Apoia os travesseiros e deita com a barriga para cima e as pernas sobre o sofá. Fico ajoelhado no chão, próximo a sua barriga.

— Assim ela tem mais espaço, é só deitar de barriga para cima que ela começa a fazer festa. Coloca sua mão aqui, já vai sentir pulando.

Coloca minhas mãos, uma de cada lado da sua barriga. Uns segundos depois, sinto um pequeno movimento.

— Sentiu? — Cecília me pergunta, enquanto olha para sua barriga.

— Aqui, né? — Aperto de leve onde senti o movimento.

— Sim. Espera que ela está só se aquecendo.

Dito e feito, nos próximos minutos, fico deslumbrado sentindo o movimento da minha bebê dentro do seu ventre.

— Posso pedir uma coisa, Cecília? — pergunto, hipnotizado pelo momento.

— Pode — responde mansamente.

— Você deixa... eu beijar sua barriga? Nunca toquei sua barriga sem ser por cima das roupas. Quero ficar mais próximo dela. — Minhas palavras soam verdadeiras.

— Jacson, eu estou de vestido — responde com as bochechas corando.

— Não vou olhar para suas pernas. Ou melhor, acho que vou. — Faço cara de inocente. — Pego uma manta nos pés do sofá e puxo sobre as suas pernas. — Pronto, agora não vou olhar MESMO para suas pernas.

Cecília abre um sorriso, ergue o bumbum e puxa seu vestido até embaixo dos seus seios, deixando sua barriga exposta.

Lógico que vejo a mulher, mas não é um momento sensual, é um momento emocionante. Coloco novamente minhas mãos sobre a sua barriga esperando os movimentos.

Quando eles retornam, fico maravilhado com o que vejo.

— Ceci, além de sentir, eu consigo ver! — falo todo empolgado.

— Sim, dá para ver a ondulação dos movimentos.

— Tinha esquecido como isso é perfeito — sussurro. — Meu bebê lindo. — Me aproximo da sua barriga. — O papai te ama muito. Tanto! Não consigo nem imaginar como será pegar você no colo, te fazer ninar... — Dou um beijo suave. — Será que você será loirinha ou moreninha? Parecida com seu irmão? Duda seria seu melhor amigo, seu guarda-costas. Como ele não está aqui, terá que se contentar com esse chato pai babão aqui. Será minha princesinha, vou viver cada dia para que você seja feliz, baixinha. — Distribuo vários beijos, e como se ela estivesse entendendo, fica quietinha, só apreciando o carinho. — Papai estava tão triste, tão sozinho. Mas agora você está aqui e me sinto forte novamente. Eu, a vovó Maria, a tia Ceci, todos já te amamos tanto, querida. Mesmo que sua mãe e irmão não estejam aqui, prometo, minha baixinha, vamos ser muito felizes.

Fico durante vários minutos acariciando a barriga e conversando com o neném. Quando volto a olhar para Cecília, ela está chorando em silêncio, com o rosto molhado, pelas lágrimas derramadas.

— Está chorando, morena? — Subo meu corpo e seguro seu rosto entre

as mãos.

— Sou uma manteiga derretida, não se preocupe, estou apenas emocionada, Jacson.

— Não quero que chore nem de emoção, Cecília, já disse isso. — Encosto minha testa na sua e preciso me conter para não encostar nossos lábios. — O que te emocionou?

— Você — sussurra.

— Eu? O que fiz?

— Seu carinho, seu amor com o bebê. Estava com tanto medo, Jacson. — Novamente as lágrimas começam a escorrer dos seus olhos.

— Medo do que, morena? — Não sei como, mas quando vejo, coloquei a Cecília no meu colo, com as pernas sobre o sofá e o rosto apoiado no meu ombro, e fico a embalando nos meus braços.

— Ter entendido tudo errado — fala entre soluços.

— O que teria entendido errado?

— O desejo da Flávia. — Suas palavras são cortadas por mais soluços.

— Não estou entendendo, Cecília, que desejo?

— É uma idiotice, sei que vai falar que sou maluca, mas... sabe, eu tive um sonho — comenta enquanto seca as lágrimas que escorrem pelo rosto.

— Um sonho? Diga que foi um sonho erótico e eu estava nele e agora vai contar os detalhes — falo de forma descontraída e ela ri entre as lágrimas.

— Não, Jacson. É sério, eu tive um sonho.

— Poxa, que pena. — Aperto meus braços ao redor dela e dou um beijo na sua testa. — Que sonho, morena? Não vou rir, pode me contar.

— Lembra que falei que vi aquela reportagem na televisão?

— Sim, você comentou.

— Então, depois, comecei a pesquisar sobre isso, pensar mais e mais no assunto, virou quase uma obsessão. Ao mesmo tempo em que queria fazer

isso, tinha dúvidas, incertezas. Não sabia se esse desejo era apenas gratidão ou se estava... talvez, um pouco apaixonada por você. — Sua voz some quando pronuncia as últimas palavras.

— Isso você já disse também. Onde entra o tal sonho? — Tento manter o clima da conversa leve.

— Acredito que as pessoas que amamos olham pela gente quando partem. Então... comecei a pedir um sinal para Flávia. Queria que ela mostrasse se era realmente esse o caminho que ela queria. Foi então que eu tive um sonho. Com a Flávia, o Duda e com você. Pode ser que de tanto pensar nisso, esse sonho seja apenas um fruto da minha cabeça, Jac. Mas foi tão real, forte, tão verdadeiro, que, quando acordei, não consegui parar de chorar por horas. Mais calma, procurei a Maria e disse que estava preparada para o procedimento. Ela nunca soube desse sonho. Ninguém, na verdade. Será a primeira pessoa com quem vou falar dele. Esse sonho, Jacson, foi o que faltava para me convencer de que essa gravidez era certa.

— Conte seu sonho, Cecília — sussurro enquanto acaricio seus cabelos.

— No sonho, você estava sentado no chão, muito abalado e cercado por uma densa névoa negra. Não conhecia você pessoalmente, então, via o Jacson das fotos. Mas lembro perfeitamente que você estava com uma calça jeans, uma camiseta preta e um casaco grosso marrom. Você chorava muito, seu desespero me sufocava. Queria abraçar você, mas não conseguia, porque ao seu redor tinha essa névoa escura que impedia que eu me aproximasse. Via que tinha outras pessoas tentando abraçar você também, mas ninguém conseguia. Então, a Flávia e o Duda vinham caminhando na minha direção e quando chegaram bem perto, tocaram minha barriga. Primeiro a Flávia falou comigo e disse: “Eu dei à luz os seus olhos. Agora, devolva a luz para o amor da minha vida.” — Faz uma pequena pausa e ergue a cabeça para olhar para

mim. — Essa pérola filosófica não foi minha, viu? — Deita novamente a cabeça no meu ombro e continua.

— Então o Duda falou comigo, que era para fazer o pai voltar a sorrir. Depois de falarem, foram desaparecendo como uma fumaça no ar. Quando tentei novamente atravessar a névoa, consegui caminhar até você. Quando me viu, continuou abatido e rejeitando meu abraço. Aos poucos, foi deixando meus braços te envolverem, até que nos abraçamos e a névoa que te cercava sumiu. Daí acordei. Pode ser apenas minha mente que criou esse sonho, Jacson, e seja meu desejo inconsciente de retribuir a Flávia. Só que, então, eu vi você, naquele dia que estava saindo do escritório da Maria, muito bravo porque ela se negou a falar quem era a mulher que carregava seu filho. Não sei se lembra, mas levei um choque na hora e mal consegui atravessar o corredor. Naquele dia, você estava vestindo a mesma roupa que no meu sonho. O olhar no seu rosto, aquele desespero, a expressão era a mesma. Conseguia ouvir a Flávia e o Duda sussurrando na minha orelha as palavras do sonho.

Termina de falar e ficamos os dois em silêncio. Quero falar, mas pressinto que ela ainda tem coisas a serem faladas.

— Mas as dúvidas continuaram. A caminhada é longa, Jacson, mas hoje, olhando o amor que tem por essa criança, o brilho nos seus olhos, suas promessas para ela, tive certeza: era isso que a Flávia queria me mostrar no sonho. Essa criança está vencendo a sua escuridão e trazendo você para luz, para vida. Coisa da minha cabeça ou não, você voltou a sorrir. — Sinto que ela abre um sorriso. — Sabe uma pergunta que você me fez há uns meses, meu propósito? Talvez agora, vendo como está apaixonado por essa menina, aceitando que teve uma segunda chance e precisa continuar, eu tenha a resposta para a pergunta. Meu propósito era trazer essa criança ao mundo para você.

— Posso ser bem sincero com você, Ceci?

— Pode...

— Não acredito que foi coisa da sua cabeça. Se tivesse sido eu no lugar da Flávia, não suportaria vê-la triste e sofrendo como eu estava. Meu sofrimento não estava deixando que eles descansassem. Meu desespero diário era tanto que não conseguia mais me lembrar dos nossos momentos bons. Pensar neles me destruía, por isso, fui esquecendo o que era o amor deles, esquecendo aquele enorme amor que unia nossa família. Transformei todos os bons sentimentos em tristeza. Fiz do meu amor por eles algo feio e prejudicial na minha vida. Quando essa gravidez aconteceu, foi desesperador, admito, quase surtei. Primeiro, porque não me imaginava saindo daquela tristeza que me envolvia. Como poderia ser responsável por uma criança, demonstrar amor, se tudo que tinha dentro de mim era ódio? Depois, vi que não era apenas isso. Tinha medo de amar e perder novamente. Preferia vivenciar o meu luto todo dia do que me abrir para o amor outra vez. Esse sonho foi, sem dúvida, uma forma que a minha Flávia usou para chegar até você. — Dessa vez, sou eu quem tem os olhos marejados por lágrimas, e nem luto, deixo que rolem livremente.

— Entre tantas coisas que aprendi nesses últimos meses, foi que nada é por acaso. Sua chegada em minha vida não foi por acaso, Cecília. Tenho certeza de que se fosse outra mulher carregando essa criança, eu teria optado pelo aborto. Me envergonho de falar isso, mas é verdade. Não bastava apenas a gravidez para quebrar minha escuridão, precisava de mais. E você foi esse mais. — Deito suas costas sobre o meu braço e falo olhando para ela, que pisca para afastar as lágrimas que também escorrem pelo seu rosto. — Nunca vou deixar de amar o Duda, nem preencher o espaço dele no meu coração com a Cissa. São amores diferentes, cada um tem seu lugar dentro de mim. Assim é com a Flávia. Você não preencheu um espaço dela, morena, você

conquistou o seu próprio espaço. Mesmo que diga que estou confundindo meus sentimentos, não é isso que sinto. Tenho certeza do que você despertou em mim, da profundidade dos meus sentimentos e da sua importância na minha vida. Meu milagre foi e é você.

— Jacson, tenho tanto medo de perder isso que construímos, atrapalhar tudo e estragar as coisas entre a gente. É errado, mas não quero ficar longe dessa criança. Ela não é minha filha, mas eu a amo como se fosse.

— Nunca vou afastar você da Cissa. Quero que seja muito mais do que simplesmente a mulher que está gerando minha filha. Quero que seja minha companheira nessa caminhada, não apenas como minha amiga, mas como a mulher que vai dividir todos os seus sorrisos e lágrimas comigo. O que sinto por você não é um engano. Eu vejo você, morena, não apenas com os olhos, mas com o coração. Ela é biologicamente filha da Flávia, mas é seu sangue que corre nas veias dela. Essa criança é uma parte sua também, Cecília. A Flávia será a mãe que olhará pela Cissa do céu, você será a mãe que olhará por ela na terra.

— Jacson... — Ergue a mão e toca meu rosto. — E se tudo isso for um engano? E se quando essa criança nascer você descobrir que o que sentia era apenas gratidão por gerar sua filha?

— Cecília, isso não vai acontecer, porque repito, o que sinto não é um engano. Eu te amo, querida. Mesmo com esse coração escuro, eu te amo. — Toco meus lábios nos seus, num beijo suave, num pedido de autorização para continuar.

Fico na expectativa de um empurrão, como da última vez que nos beijamos no sofá, mas em vez disso, o que ouço rouba todo o ar dos meus pulmões.

— Eu tentei, Jacson, juro que tentei! Só que esse sentimento é mais forte que eu. Eu também te amo, Jacson, não consigo mais forças para lutar

contra isso. — Meu coração batia descompassado no peito, deixando minha garganta tão apertada que temi sufocar. — Já te amava mesmo antes de conhecer você pessoalmente. Amei o homem que você era com a Flávia, mas amei muito mais esse Jacson que fui descobrindo pouco a pouco, quando nos conhecemos. Um Jacson quebrado, endurecido pela perda, mas com uma capacidade de amar tremenda, que estava apenas escondida.

— Ah, morena! — Espalho beijos por todo seu rosto.

— Só que não podemos fingir que isso é fácil, Jacson, tanta coisa pode sair errada! — exclama com a voz um pouco exaltada.

— Ceci, eu melhor do que ninguém sei quanto as coisas podem dar errado na nossa vida. Mas sabe o que descobri?

— Hum? — murmura enquanto me fita nos olhos.

— Não podemos controlar tudo, apenas uma pequena parcela. E pode ter certeza, o que estiver ao alcance das minhas mãos para que isso entre a gente dê certo, eu farei. Basta que você também queira isso.

— Tenho tanto medo, Jacson! — Coloca seu rosto no meu peito e passa os braços na minha cintura.

— Eu também estou com medo. Na verdade, estou apavorado, morena! — Solto uma risadinha abafada. — Preferia conversar com você em outro momento, só que sei que não vai conseguir aceitar nós dois enquanto não tiver tudo no devido lugar.

— Não é questão de apenas aceitar, Jacson, é questão de insegurança. Meu maior medo é você estar transferindo os sentimentos da Flávia para mim e depois perceber que estava enganado — responde resignada.

— Ceci, querida, olha para mim. — Puxo seu rosto entre as minhas mãos para que nossos rostos fiquem um próximo ao outro. — Eu amo a Flávia e isso nunca vai mudar. Ela foi meu primeiro amor e, possivelmente, eu nunca volte a amar alguém da mesma forma que a amei. Porque quando

você ama de verdade alguém, essa pessoa passa a ser parte de você. Esquecer a Flávia é algo que nunca prometerei, porque isso é impossível seria como esquecer uma parte de mim. O que posso prometer é que estou lutando dia a dia para que o amor dela não seja algo destrutivo, mas construtivo na minha vida. Você me mostrou isso, que não posso fazer o amor dela e do Duda ser algo feio. Só que mesmo amando ela, eu também te amo. Nem mais, nem menos, apenas diferente. Cada uma tem um pedaço único no meu coração, vocês não duelam pelo meu amor, mas, sim, se completam. Consegue viver do meu lado sabendo que um pedaço do meu coração sempre será dela? — Acaricio seu rosto com as costas do meu dedo, secando uma lágrima que escorre silenciosa pelo seu rosto.

— Nunca pediria para esquecer a Flávia, Jacson.

— Não foi isso que perguntei, morena... Você consegue lidar com o fato de dividir meu amor com a Flávia? — sussurro com a testa encostada na sua.

— Sim... — ela sussurra depois de alguns instantes de silêncio.

— Então não existem mais problemas, Ceci. A probabilidade de darmos certo é a mesma de darmos errado. Já passei muito tempo da minha vida me escondendo atrás do medo, não vou deixar que use isso para fugir de mim.

— Mas, Jacson, tanta coisa... — Cubro seus lábios com os meus num beijo, calando seus protestos.

— Não, morena. Eu te amo, você me ama. Isso é o que importa. — Aproximo minha boca da sua novamente, mas ela ergue uma mão e cobre meus lábios.

— Precisamos conversar sobre tantas coisas, Jacson.

— Precisamos, mas não agora. Agora eu preciso sentir você, Cecília. Estou paranoico imaginando seu toque há meses. Ou vai negar que também

está louca de desejo? — Minha voz sai rouca e minhas mãos já estão passeando pelos seus ombros e braços.

— Peço apenas uma coisa, Jacson — fala de olhos fechados. — Não quebre meu coração.

— Não vou quebrar, Cecília, porque, se fizer isso, estarei quebrando o meu junto! — Tomo seu rosto em minhas mãos. — Posso pedir uma coisa também?

— Pode...

— Deixe todos os questionamentos para depois, agora simplesmente me beije. — Ela abre um sorriso tímido e aproxima sua boca da minha, atendendo ao meu pedido.

Seus braços deslizam envolvendo meu pescoço, ao mesmo tempo que nossos lábios duelam em busca de mais contato, querendo apagar os meses de desejo contido, fazendo meu membro vibrar entre minhas pernas.

Num resquício de controle, a tomo nos braços e caminho em direção ao quarto, pois, mesmo louco de desejo, nossa primeira vez não será no sofá.

Coloco seu corpo suavemente sobre os lençóis.

— Imaginei isso tantas vezes, Ceci... — Beijo seu pescoço enquanto deslizo suas roupas para fora do seu corpo.

Quando ela está apenas de calcinha e sutiã, me sento sobre meus calcanhares e subo minhas mãos por seu corpo, começando pelos pés, deslizando por suas pernas, coxas, para, em seguida, apertar a lateral da sua cintura. A forma como ela ofega quando a aperto faz com que tenha que respirar várias vezes para controlar meu desejo. Continuo explorando seu corpo, até pegar seus seios em minhas mãos. Cecília eleva as costas da cama, soltando um gemido profundo.

Tomado pelo desejo, aproximo minha boca dos seios e dou um beijo de boca aberta, sugando seus mamilos sob o sutiã, depois subo distribuindo

beijos por todo seu colo. O som de sua respiração irregular e arrastada quando minha boca se move contra seu pescoço é um som que nunca esquecerei.

Nesse instante, percebo que não importa aonde a vida vá a partir desse momento, ela permanecerá sendo uma parte de mim para sempre. Os sons que Ceci faz enquanto eu amo seu corpo são o suficiente para me convencer do quanto nós dois somos certos juntos.

Por um longo momento, fico apenas acariciando seu corpo com minhas mãos e meus lábios, sentindo minha cabeça girar. Atordoados de desejo, tomo sua boca quase com fúria, enquanto elevo meu corpo e me desfaço das minhas próprias roupas.

Sem conseguir me controlar mais, me deito na cama, trazendo-a para cima de mim. Com um gesto rápido, tiro seu sutiã, a deixando apenas de calcinha e montada em cima de mim.

A visão de sua pele macia é um tormento para meu corpo louco de desejo. Lutando contra meus instintos, volto a acariciá-la, erguendo um pouco meus quadris, pressionando-me contra ela, fazendo a pressão certa para ela gemer de desejo e se esfregar de volta.

— Ceci, você me deseja? — Ergo a cabeça e sugo suavemente um dos seus mamilos. Cecília solta um pequeno grito de prazer e surpresa.

— Jacson — ela murmura, meio protestando, meio suplicando quando meus lábios deixam seu seio no aguardo de sua resposta.

— Porque eu te desejo, pra caramba! — Minhas mãos acariciam suas coxas, depois deslizam sobre o tecido encharcado de sua calcinha, arrancando mais e mais gemidos dela.

Incentivado por seus gemidos, deslizo meus dedos para baixo da calcinha para tocar o ponto mais sensível da sua feminilidade, encontrando seu clitóris inchado e ansiando pelo meu toque.

— Eu vejo você, Ceci, não apenas com os olhos, mas com o coração — sussurro cheio de desejo.

Com uma das mãos, eu continuo tocando seus clitoris e com a outra rodo um de seus mamilos entre os dedos, enquanto sugo o outro na minha boca, levando-a cada vez mais para perto do orgasmo.

— Ahh! — Com a boca aberta e os olhos fechados, Cecília grita, me incentivando a dedilhá-la.

Ver seu desejo me propicia um prazer surpreendente e me dou conta de que a Cecília mal tinha me tocado e eu estava quase explodindo.

— Você vai gozar para mim, morena? — pergunto sem desacelerar meus movimentos.

— Sim — responde de maneira chorosa, rebolando de encontro aos meus dedos.

Seus gemidos vão ficando mais e mais altos, até que ela se desmancha em cima de mim. E eu fico ali, apenas olhando essa mulher maravilhosa delirando de prazer. Um prazer que escorrega de seu corpo e inunda cada espaço do meu. Quando a respiração da Cecília desacelera, puxo sua boca para a minha, num beijo cheio de promessas e possibilidades.

— A visão de você gozando é um espetáculo. Faz com que queria arrancar mais e mais prazer de você. — Empurro meu quadril contra ela. — Olha como me deixou. Louco de tesão, sem ao menos me tocar. Preciso fazer amor com você, Ceci. Mas não posso te tomar do jeito que quero. Cavalga em mim, minha morena — exclamo com a voz rouca de desejo.

Sem precisar falar mais nada, Cecília toma meu membro na mão, colocando na sua entrada, deslizando lentamente, centímetro por centímetro, engolindo-o com seu calor, até que nossos corpos estejam completamente encaixados.

— Puta merda, morena, vou gozar feito um adolescente. Você é

gostosa pra caralho. — Aperto os dentes e cerro os olhos, tentando me controlar.

— Bom saber que não sou a única afetada aqui. — Apoia suas mãos no meu peito e começa a mexer bem devagar, fazendo meu sexo entrar e sair de dentro dela de forma ritmada e lenta, quase uma tortura.

Coloco minhas mãos no seu quadril e vou ajudando com os movimentos de subir e descer, e quando dou por mim, nossos corpos ganham vida e já estamos acelerados. Gemidos escapam de nossas bocas e, poucos momentos depois, nós dois estamos nos entregando ao prazer extremo e alcançando o orgasmo juntos.

Ela desmorona seu peso em cima de mim, mas sem pressionar a sua barriga. Quando meu mundo para de girar, de forma delicada, deslizo seu corpo para que fique na lateral do meu, deitada na cama e puxo um lençol sobre nós.

Ficamos vários minutos em silêncio, apenas abraçados curtindo o relaxamento pós-orgasmo enquanto minha mão acaricia seus cabelos.

— Agora você é minha, morena... — Resmungo ainda meio anestesiado pelo orgasmo.

— Já sou sua há muito tempo, Jacson. — Ronrona antes de cair no sono nos meus braços.

34

É madrugada quando acordo e sinto a cama balançando. Abro os olhos meio perdido e desorientado.

— Cecília? — questiono um pouco assustado.

— Oi, Jacson, desculpa, não quis acordar você — fala baixinho com a voz rouca de quem acabou de acordar.

— Aonde é que você vai? — Me apoio no cotovelo enquanto ela se enrola no lençol.

— Uma grávida levantando no meio da noite? Aonde será que estou indo? — Solta uma pequena gargalhada. — Banheiro, Jacson. Sua filha deve fazer minha bexiga de travesseiro, só pode.

Dessa vez sou eu quem solto uma gargalhada enquanto ela segue apressada em direção do banheiro.

Poucos minutos depois ela já está de volta, e percebo que ela colocou meu roupão no banheiro.

— Aproveitando que você está acordado, o que acha de conversarmos sobre o quartinho da Cissa? — Senta na beirada da cama com o corpo virado na minha direção.

— Hum... sobre isso, sabe, Cecília... — Coço a cabeça sem jeito. — Preciso contar uma coisa.

— Que coisa? — Ergue uma sobrancelha de forma inquisitória.

— Eu menti para você — digo bem sem jeito, atropelando as palavras.

— Sobre? — Cruza os braços e percebo que ela ficou chateada.

— Calma, não é uma grande mentira, apenas uma coisa pequenininha.

— Existe tamanho agora para mentira? Fala, Jacson — pergunta impaciente.

— Sobre o quarto da Cissa, preciso te mostrar uma coisa. — Reviro a cama em busca da minha cueca e bermuda.

Pulo da cama e as visto, estendendo a mão para Cecília, que aceita com um ar de quem não está gostando nada do rumo da conversa.

A puxo pelo corredor parando na porta logo ao lado, que é o quarto da Cissa.

— Em minha defesa, precisava que você viesse a São Paulo. — Dou um selinho rápido nos seus lábios e deslizo a porta do quarto.

Entro levando Cecília comigo pela mão e ligo a luz.

Fico olhando sua expressão sair de preocupada para assustada, para logo depois ela abrir um sorriso maravilhoso.

— Jacson! — exclama colocando as duas mãos na boca.

— Você gostou? — pergunto também com um sorriso estampado no rosto.

— Se gostei? É lindo! — Anda até o meio do quarto e olha para todas as direções.

O quartinho é diferente de tudo que um quarto de menina pode ser e ao mesmo tempo pode ser o sonho de toda menina.

As paredes são de um lilás bem claro, toda decorada com desenhos de flores e plantas na parte de baixo, dando a impressão de todo o quarto ser um grande jardim. O guarda-roupa, a cômoda e a cama auxiliar são brancos. No canto, tem uma poltrona de amamentação de vime, com o estofado lilás. Nas paredes, alguns nichos brancos estão pendurados, com pequenos enfeites de flores e alguns bichinhos de pelúcia.

Mas sem dúvida, o mais lindo do quarto é o berço imitando uma cama

de princesa, com dossel e tudo! A cama é dourada, estofada de tecido branco, com os jogos de lençol e protetor de berço branco, todo bordado em lilás e dourado. No teto, tem uma luminária em forma de coroa, de onde desce um mosqueteiro delicado, todo bordado com pequenas pérolas. Mesmo para mim, que sou homem, o quarto grita *fofura*.

— Um quarto de princesa! — Ceci fala quase sem voz.

— Sim. Não qualquer quarto, mas o quarto da nossa princesa.

— Jacson, por que não me disse que já tinha decorado o quarto?

— Precisava convencer você a vir para São Paulo, Ceci. Em Curitiba, você se refugiava na casa da Maria, e para o tipo de conversa que precisávamos ter, tinha que tirar você da sua zona de proteção. — Abraço-a pelas costas, e ela joga o peso do corpo em direção ao meu. — Está brava?

— Não estou brava, Jacson — responde tranquilamente.

— Se você não gostou ou se quiser mudar alguma coisa, fica à vontade. Só não quis fazer você ficar correndo de um lado para o outro.

— Está lindo, Jacson, de verdade, não poderia ter imaginado algo tão delicado assim. Mas não ia ficar brava de perder um tempão planejando o quartinho da Cissa com você. — Coloco as mãos sobre a sua barriga.

— Em minha defesa, ainda tem um monte de coisa para comprar. Não temos uma peça de roupa sequer para ela — falo na defensiva.

— Ainda bem que deixou a parte das roupas para mim, porque, pelo quarto, não vou me admirar de você querer apenas vestidos rodados para ela.

— Ué, menina não usa vestido? — pergunto enquanto viro seu corpo na minha direção.

— Claro que usa. Só que usa também outras coisas! Casaquinhos, calças, blusinhas. — Abre um sorriso.

— Pode fazer a lista de tudo que precisar que vamos fazer as comprar para nossa baixinha. — Acaricio sua barriga enquanto dou um beijo

carinhoso na sua bochecha.

— Ceci, vim aqui várias vezes desde que ficou pronto, fico imaginando ela deitada na caminha. Aquele cheirinho de bebê espalhado no quarto. Uma musiquinha suave embalando seus sonhos.

— Vontade de ter ela nos braços só aumenta, né? — Dessa vez ela olha para sua barriga e acaricia onde estou com as mãos. — Um pouco mais de dois meses e essa pequeninha estará aqui, espalhando alegria.

— Sabe o que mais eu imagino, Ceci? — pergunto com a voz baixinha. Ela não responde, apenas balança a cabeça.

— Imagino você. — Cecília ergue seu olhar para mim. — Sentada naquela poltrona ali. — Mostro na direção da poltrona de vime. — Amamentando a Cissa. — Seus olhos ficam brilhantes e sei que ela está lutando contra as lágrimas. — Imagino você, naquela cama, deitada embalando o sono da baixinha. — Chego por trás do seu corpo, pegando seus braços e colocando na frente do seu corpo, como se estivesse segurando alguma coisa. — Imagino você acalentando a Cecília enquanto canta uma canção de ninar. — Coloco meu queixo sobre o seu ombro e balanço bem suavemente para os lados, imitando os movimentos de ninar um neném.

— *Brilha, brilha, estrelinha, lá no céu, pequeninha.* — Canto baixinho no seu ouvido. Lembro que de todas as cantigas de dormir, essa era a preferida do Duda. Por isso, sei a música toda de cor e tenho que controlar para segurar a emoção. — *Solitária se conduz, pelo céu com tua luz. Noite a noite, veja bem, fico triste se não vem. Brilha, brilha, estrelinha, lá no céu, pequeninha* — termino com a voz embargada.

Ouçó soluços abafados da Cecília. Solto nossos braços e caminho até a sua frente, apoiando minhas mãos nos seus braços.

— Cecília, sei que nos conhecemos há pouco tempo. Nosso começo foi todo errado e nossa história de convencional não tem nada. Só que você já faz

parte da minha vida, ou melhor, das nossas vidas. — Toco com uma das mãos sua barriga. — Torne todos esses meus sonhos em realidade, querida, compartilhe esses momentos conosco. Faça parte da nossa vida, não de forma passageira, mas para sempre. Fique comigo. Não vou te assustar e pedir que case comigo, porque tenho certeza de que a sua resposta seria não. De início, quero você como minha companheira na criação da Cissa, como disse antes, a mãezinha da Cissa aqui na Terra. Nunca vou esconder dela quem é sua mãe biológica. Como também não vou esconder que você foi a mulher que trouxe ela para esse mundo. Quão privilegiada uma criança pode ser tendo duas mães tão maravilhosas assim? Você aceita dividir esse encargo comigo? Ser minha parceira nessa aventura? — Refaço a brincadeira que já foi feita entre nós dois.

— Jacson... O carinho que sinto por essa criança não tem como mensurar. Mesmo que você não permitisse que eu cuidasse dela, sempre vou zelar por ela, mesmo à distância, por seu bem-estar. Agora, saber que você me quer do lado, cuidando, amamentando essa pequena, criando ela como minha filha, é algo que mal posso absorver! — Cecília fala entre lágrimas.

— Então isso é um sim?

— Essa é uma pergunta que não precisa sequer de respostas, Jacson, claro que a resposta é sim.

— E se eu fizer um adendo agora, no calor do momento, e pedir para você casar comigo, a resposta continua sendo sim? — Dou um sorriso maroto.

— Jacson! — Dá um pequeno soco no meu ombro. — Mal nos conhecemos, você não quer fazer essa pergunta.

— Está ok, está ok. Deixo essa pergunta por enquanto. — Dou de ombros e beijo seus lábios de maneira carinhosa.

Isso logo se transforma em um calor que espalha por todo meu corpo.

Completamente apaixonado por essa mulher, a tomo nos braços e a carrego para o quarto, onde mais uma vez nós nos entregamos e fazemos amor de maneira intensa, não apenas com nosso corpo, mas com todo nosso ser.

35

Quatro meses depois.

Acordo no meio da noite e arrasto meus pés pela cama procurando os da Cecília, mas sou tomado pelo vazio e pela falta de calor nos lençóis, sei que faz bastante tempo que ela levantou.

Pé ante pé, caminho pelo corredor sem fazer nenhum barulho até o quarto da Cissa, de onde ouço uma melodia suave vindo.

Pela porta entreaberta, vejo a mulher que mudou meu mundo, segurando um pacotinho minúsculo, enrolado numa mantinha de flanela.

— *Aos olhos do pai, você é uma obra-prima, que ele planejou, com suas próprias mãos pintou. A cor de sua pele, o seu cabelo desenhou, cada detalhe, num toque de amor...* — Cecília canta enquanto caminha embalando a Cissa pelo quarto levemente iluminado pela luz do abajur, exalando amor e luz por todo lado.

A Cecilia é assim, contagia a todos com sua luz. Lembro do dia que a Cissa nasceu e mesmo com toda a ansiedade do momento, a Cecilia ainda foi capaz e fazer com que a Maria e eu fizéssemos as pazes, para recepcionar a baixinha com muito amor e alegria em nossos corações.

Acreditei que a Maria fosse ter alguma resistência quando ao nosso envolvimento, mas estava muito enganada. A única coisa que ela pediu foi um quarto permanente na nossa casa, para poder ver a sua neta sempre que quisesse. Esse era um pedido que nem precisava ser feito, e claro, ela está

sendo figura presente na vida da Cissa e foi a maior apoiadora da mudança em definitivo da Cecília para São Paulo.

Fico alguns minutos pensando sobre isso e vendo a cena na minha frente, e meu coração transborda de felicidade e amor por essas duas mulheres maravilhosas que recebi de presente.

Empurro a porta para avisar da minha presença.

Cecília olha por cima do ombro e abre um sorriso, sem deixar de cantar ou embalar a pequena.

Chego por trás da Cecília e coloco as duas mãos na sua cintura, a puxando para mim.

— Por que não me acordou? — falo pertinho do ouvido da Cecília.

— Ela não chorou, Jacson. Meu peito estava cheio de leite e tive que acordar a dorminhoca aqui para mamar.

— Ela é muito boazinha, né? — Abro um sorriso enquanto observo por cima dos ombros a Cissa. — O Duda era um chorão, de duas em duas horas ele acordava. Eu e a Flávia nos revezávamos para cuidar dele. Até os oito meses nós éramos dois zumbis andando pela casa, tinha esquecido o que era uma noite de sono completa.

— Se continuar assim, essa baixinha será mais calma que seu irmãozinho. — Cecília dá um beijinho no rosto da Cissa que estava quase adormecida. Ela abre os olhinhos e dá um esboço de um sorriso. — Mas admito, não tem melhor coisa do que acordar e vir amamentar ela. Quando ela abre os olhinhos para mim desse jeito e vejo esse brilho dentro deles, como se eu fosse a sua pessoa preferida no mundo, me esqueço de tudo. O prazer de amamentar ela vale os minutos de sono que perco.

— Tenho inveja de você, admito. — Solto uma pequena risadinha.

— Tem inveja até o leite começar a empedrar. Ou até ele começar a vazar nas suas roupas. Ou ainda sem considerar o cheiro de leite azedo que

fica e tenho que tomar banho a cada pouco. — Dessa vez ela que solta uma gargalhada.

— Não tem cheiro nenhum, já falei para você, é tudo impressão sua. — Dou um beijo na sua têmpora. — Você é a mamãe mais linda e sexy que conheço. — Aperto meu quadril contra o seu.

— Seu bobo! Pode desacelerar que temos ainda algum tempo de resguardo pela frente.

— Eu sei disso, mas nada impede que eu tenha vontade de você. — Dou um beijo na lateral do seu pescoço, depois solto ela do abraço e paro na sua frente.

— Vem, dá a Cissa aqui que termino de fazê-la dormir. Vai para cama descansar. Vou ficar um tempinho com ela e logo vou deitar com você.

Um pouco relutante, dá outro beijo no neném e alcança ela para mim, depois beija meus lábios suavemente e segue para o nosso quarto.

— Agora somos só nós dois, baixinha — falo embalando ela nos meus braços.

Cantarolo canções de ninar, curtindo seu calor e esse cheirinho único que me trazem uma paz sem igual no mundo.

Se parar para pensar, há poucos meses seria impossível imaginar essa cena.

Eu que achei que minha vida tinha terminado, que não existiam mais motivos para continuar lutando ou vivendo. Hoje sou um homem feliz, segurando o fruto do meu amor com a Flávia nos braços, e no quarto ao lado, uma mulher que amo me espera para dividir seus sonhos comigo.

Sei que por trás disso tudo tem mãos dos outros amores da minha vida.

— Obrigado, Flávia. — Fecho meus olhos apertados. — Obrigado, Duda. — Sinto uma bola se formar na minha garganta. — Sei que vocês estão olhando por mim, que foram responsáveis por tudo isso. Mas agora, eu

estou bem. Entendi tudo que vocês queriam me mostrar. Sou teimoso, birrento. Foi preciso um milagre desse tamanho para que eu notasse que estava desperdiçando a segunda chance que ganhei da vida. Foi preciso chegar ao fundo do poço para notar que a vida é um presente, uma dádiva de Deus. Que nada acontece por acaso, e que, se algo não saiu da forma que a gente queria, é porque os planos são Dele, e não nossos. Hoje eu vejo que o amor de vocês é algo maravilhoso, lindo, belo. Não podia e não pode ser transformado em algo ruim e destrutivo. Demorei para perceber isso, mas nunca mais vou me esquecer. Fiz uma promessa de todo meu coração e não pude cumprir, não por falta de amor ou entrega, mas, sim, porque era o que estava escrito. Um plano de Deus que era perfeito, mas eu, na minha imperfeição, não conseguia entender nem aceitar. Isso me fez fazer uma promessa, no calor da minha dor, que deturpou todo o sentido do nosso amor. Mas hoje, prometo verdadeiramente a vocês, nunca mais vou fazer o nosso amor ser algo feio. Até porque, um pedacinho desse amor está aqui, nos meus braços. A nossa pequena Cecília, nossa princesinha. Prometo que vou amá-la, cuidá-la com todo meu ser. Não apenas com meu coração, mas com minha vida. Não posso prometer que não vou errar nunca em relação aos cuidados com ela, mas prometo que vou tentar errar o menos possível. — As lágrimas escorrem silenciosas no meu rosto.

— Flávia querida, você foi e sempre será a mulher da minha vida, meu primeiro amor, minha melhor amiga, minha alma gêmea. Nunca vou te esquecer. E você, Duda, para sempre será meu anjinho, a estrela mais brilhante no meu céu. Mas chegou o momento de deixar vocês dois descansarem. Por mais egoísta que eu seja, sei que está na hora de me despedir de vocês. Eu estou bem, consigo prosseguir daqui para frente. Vou cuidar dessa baixinha e da mulher que vocês trouxeram para minha vida, com todo meu amor. Eu amarei vocês eternamente, mas agora podem descansar

tranquilos, meus amores, eu vou ficar bem, prometo... — Termino minha despedida com lágrimas nos olhos, com a alma leve e com o coração tranquilo. Não sinto tristeza pelo fim desse ciclo, o que sinto é apenas felicidade e alegria pelos momentos compartilhados juntos. Dói, sempre vai doer a saudade deles, mas hoje, consigo balancear essa saudade com a força do nosso amor.

Termino de fazer a Cissa dormir e a coloco na cama. Fico ainda alguns minutos olhando minha filha adormecida, dormindo tranquilamente no seu berço.

Relutante, ajusto o abajur para o mínimo e ligo a babá eletrônica, depois caminho para o quarto me deitando ao lado da Cecília, que ronrona suavemente. Puxo seu corpo contra o meu e me aconchego no seu calor.

Nesse momento, sinto que o milagre da minha vida está completo. Não se tratava dessa criança, ou até mesmo da Cecília. Sei que cada uma delas foi um milagre diferente na minha vida. Dois grandes milagres.

Mas o maior milagre aconteceu dentro de mim. Na luz que voltou a brilhar no meu coração. Na vontade de ajudar mais pessoas de continuar regando a semente de amor que a Flávia e o Duda espalharam na terra.

O grande milagre está na descoberta de que cada coisa tem o seu próprio tempo para acontecer, e que nada, nunca, acontece por acaso.

Essa gravidez não foi por acaso, a Cecília não foi por acaso, esse amor que cresceu entre a gente não foi por acaso.

Tudo foi no mais perfeito e belo tempo de Deus.

E é assim que vou viver, um dia de cada vez! Credo que os planos e propósitos de Deus se cumpram, cada dia mais, nas nossas vidas.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

36

Cecília

Saio do quarto arrastando os pés. Por mais maravilhoso que seja ser mãe, preciso admitir, é cansativo.

Jac é um paizão. Daqueles de tocar fralda, dar banho, fazer ninar. Mas ele trabalha o dia todo, então procuro não deixar que ele acorde em cada uma das mamadas da Cissa. Mas é só ele sentir a cama vazia que já está no quarto da baixinha. Por um lado, é bom, porque podemos revezar. Como agora, que ele faz a neném dormir e posso descansar um pouco.

Deito na cama e mal me cubro, já sinto o sono embalando meu corpo enquanto mergulho no sono.

Estou caminhando de mãos dadas com um menino pequeno, sobre um gramado verde. Uma névoa suave cobre todo o lugar. Olho para o menino que segura minha mão e ele sorri. Não apenas com os olhos, mas também com todo seu corpo, fazendo meu coração aquecer diante do alcance daquele sorriso, que me transmite muita paz.

— Obrigado, tia Ceci. — Uma vozinha infantil soa nos meus ouvidos.

— Pelo quê, querido? — pergunto enquanto me ajoelho ao seu lado.

— Por ter cuidado do meu papai. — Dois bracinhos gordinhos me abraçam no pescoço e ele deita a cabeça no meu ombro.

Suas mãozinhas saem se soltam e seguram meu rosto.

— Você sarou o dodói no coração dele. Agora você só precisa continuar cuidando dele e da minha maninha. Promete?

— Cla-claro — digo bastante emocionada.

Nesse momento, sinto o toque de uma mão no meu ombro. Quando olho para cima, vejo a Flávia me fitando com um sorriso nos lábios.

Ergo meus joelhos ficando de pé na sua frente e nos fitamos intensamente.

Flávia abre os braços me convidando para um abraço. Deixo que ela acalente meu coração.

— Obrigada, Cecília. — Flávia fala mansamente. — Obrigada. Obrigada. — Fica repetindo baixinho perto do meu ouvido.

Sinto os braços do Duda ao redor das minhas pernas e ficamos os três abraçados. Num momento em que não foram precisas mais palavras. Nossos corações se conversam entre eles. Ao mesmo tempo agradecem e são gratos.

Depois do que pareceu vários minutos, Flávia afrouxa nosso abraço e olha dentro dos meus olhos.

— Você venceu a escuridão e chegou ao coração do nosso Jacson. Agora é só continuar cuidando dele. Nós confiamos em você. — Deposita um beijo no meu rosto, pega a mãozinha do Duda que me dá um sorriso lindo, antes de caminhar junto com a Flávia, sendo tomados pela suave névoa do local.

Antes de sumir totalmente, o Duda vira na minha direção.

— Continua fazendo meu papai sorrir. — Abre um sorriso lindo, acena um tchau e continua caminhando para longe outra vez, desaparecendo aos poucos.

Acordo sobressaltada, sentindo a face molhada pelas lágrimas que derrubei durante o sonho.

— Sonho? — murmuro enquanto me aconcheio mais próximo dos braços que me envolvem. — Não foi um sonho — falo baixinho.

— Vou cuidar dele, Flávia. — Fecho os olhos e abro um sorriso emocionado. — Seu papai vai sorrir muito, Duda, eu prometo.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Epílogo

Jacson

Chego mais cedo em casa para fazer uma surpresa e levar as minhas meninas para o cinema. Cissa anda bastante rabugenta depois que começou a ir à escolinha. Esse início é difícil, ainda mais com a Cecília dando aula na mesma escola que ela estuda. Ela não entende por que a sua mãe tem que cuidar de outras crianças e não pode ficar com ela.

Talvez, quem esteja mais chateada com isso tudo seja a própria Cecília. Então, por isso, resolvi fazer uma surpresa para minhas duas mulheres e vou levá-las para jantarem fora e depois assistir a um filme.

Quando abro a porta, apesar da televisão estar ligada, elas não estão na sala nem na cozinha.

Sigo mais para dentro do apartamento e ouço a fala delas abafada vindo do nosso quarto.

Paro em frente à porta e, pela fresta, vejo que as duas estão deitadas na cama, e que a Cecília consola a Cissa.

— Calma, *pitoquinha*, não tem motivo para ficar assim.

— Como não tenho, mamãe? — Cissa fala entre soluços. — Minhas duas mães me abandonaram naquela escola. Minha Vó diz que tenho que ficar lá, e a Dinda Nat diz que preciso conversar com você. Eu odeio aquele lugar!

— Oh queridinha, não te abandonamos.

Até eu que estou do lado de fora do quarto tenho vontade de pegar a

Cissa e encher de beijinhos. Cissa com apenas 5 anos nos tem na palma das mãos.

— Aquele lugar é horrível, mãe. Tem que fazer tudo que as professoras mandam. Os meninos só pegam no meu pé. Eu odeio as professoras, elas são todas bruxas.

— Esqueceu que a mamãe também é professora?

— Você é uma professora boazinha! Por isso quero ficar na sua sala.

— Mamãe já explicou que não pode, querida.

— Eu não me importo de ajudar a mamãe com os alunos como eu faço na ONG da Vovó. Eu nem quero mesmo aprender a escrever, acho muito mais legal ler com os dedos como você ensina.

— É Braille, querida, mamãe já explicou isso para você. Os alunos que a mamãe dá aula são crianças que precisam de atendimento diferente.

— Mas eu sou diferente na minha sala também.

— Você é? Por quê?

— Porque eu sou a única que tem uma mamãe no céu e uma mamãe aqui na Terra.

— E você acha isso ruim? — Ouço um toque de dor na voz da Cecília.

— Claro que não. Eu amo as minhas duas mamães. — Ouço barulho de beijos estralados e tenho certeza que a Cissa está enchendo a Cecília de beijos. — Mas eu sou diferente também, porque meu único irmãozinho está no céu e não aqui comigo.

— Isso não é ser diferente, querida. Quando chegar a hora, você vai ter um irmãozinho aqui na Terra também.

— Isso não é justo. Da mesma forma que eu tenho duas mamães, eu tinha que ter dois irmãozinhos. — A voz da Cissa volta a ficar chorosa.

— Você está tão sensível, querida. Não pode ficar assim por causa da escola, meu amor. Olha aqui para mim. — Ouço o barulho delas se mexendo

na cama. — Eu e o papai já explicamos por que tem que ir à escola. Não é algo que podemos escolher, infelizmente, você precisa ir à escola para aprender as coisas necessárias. Não pode estudar na sala da mamãe porque os alunos que dou aula são mais velhos que você e precisam de outra forma de ensino. E a mais importante, querida, suas professoras não são bruxas, elas apenas estão ensinando que você precisa seguir as regras da escola.

— Eu sei, mamãe. Mas é tão injusto você ser uma professora boazinha e não poder dar aula para mim.

— A mamãe também tem as regras na sala de aula. Eu sou boazinha como sua mãe, como professora eu sou um pouco bravinha mesmo.

— Você é um pouco bruxinha, mãe?

— Não sou bruxinha, só um pouco *bravinha*. — Ouço uma gargalhada da Cissa.

— Não faz cócegas, mamãe, você não é bruxinha, é uma princesa linda que eu amo.

— Eu também te amo, querida, muito, muito.

— Mamãe, mas eu ainda acho injusto.

— Querida, quem sabe um dia a mamãe mude de turma e dê aula para você.

— Não isso, mamãe, eu acho injusto eu não ter um irmãozinho aqui.

— Você quer mesmo um irmãozinho?

— Claro que eu quero!

— Isso te deixaria mais feliz, pequena? — Cecília pergunta de forma carinhosa.

— Não revolve o problema da escola, mas eu ficaria mais feliz por poder me tornar uma irmã mais velha — Cissa fala toda empolgada.

— Mamãe vai contar um segredo, mas não pode falar para o papai ainda.

— Mas o papai sempre diz que não posso esconder nada dele.

— Não vai esconder, só não vai contar para ele ainda. Vai ser um segredo de mãe e filha. — Sinto meu coração acelerado no peito.

— Hum... está bom.

— A mamãe também quer te dar um irmãozinho.

— Verdade, mamãe?

— Sim, querida. Quando a gente ama muito outra pessoa, esse amor cresce e fica tão grande que um bebezinho começa a crescer dentro da barriga da mamãe.

— Foi assim com a mamãe Flávia e o papai, né? Só que como ela já estava no céu, eu cresci na sua barriga e no seu coração, né, mamãe?

— Sim, querida, isso mesmo.

— Mas você e o pai se gostam muito, por que ainda não tem um bebê crescendo na sua barriga, então?

— É que às vezes demora um pouco. Só que, adivinha? — Sinto uma leve tontura e falta de ar. — A mamãe acha que, talvez, tenha um bebezinho crescendo aqui dentro.

— Sério... mamãe?! — Cissa grita toda empolgada, e ouço-a batendo palminhas.

— Mamãe tem quase certeza.

Fico meio tonto e acabo apoiando uma mão na porta, o que denuncia minha presença.

As duas olham na minha direção e mal tenho tempo de me recuperar, antes da Cissa correr ao meu encontro.

— Papai, papai! — Ela se choca contra minhas pernas e me faz cambalear um pouco.

Fixo meu olhar na Cecília, que está deitada na cama, e pelo seu sorriso, ela sabe que ouvi a conversa das duas.

— Papaiiii, eu tenho um segredo que não posso te contar. — Puxa minha camisa para que eu ajoelhe na sua frente. — Eu prometi para a mamãe que eu não ia contar que nós duas temos um segredo. Esse segredo é que talvez tenha um bebezinho crescendo na barriga dela, e que eu vou ser uma irmã mais velha. Mas eu prometi para ela que não vou contar para você, então eu não posso te contar.

Nem preciso olhar para a Cecília para saber que ela está sufocando uma gargalhada no travesseiro.

— Você não pode me contar esse segredo? — Coloco as mãos sobre o seu ombro.

— Não posso, papai, a mamãe disse que é um segredo de mãe e filha. Se bem que, acho que é um segredo de mãe e irmã, porque eu vou ser uma irmã mais velha!

— Poxa, vou ter que pensar num segredo de pai e filha agora, porque fiquei com inveja da mamãe.

— Não fica com ciúme, papai, eu te amo também. — Faz um carinho no meu rosto e me dá um beijo babado no rosto.

Da sala vem a música de introdução do seu desenho preferido e, como se estivesse sendo despertada de um sonho, ergue as sobrancelhas e dá um sorriso lindo.

— Vai começar Backyardigans! — Se desvencilha de meus braços e sai correndo para a sala.

Ergo-me do chão e caminho em direção à cama, tirando meu paletó e jogando-o sobre uma poltrona no caminho.

— Então quer dizer que a senhora está com segredos com nossa filha? — Deito do seu lado.

Ela me dá espaço para que deite com ela no travesseiro, envolvendo seu corpo com uma das minhas pernas e apoiando minha mão no seu ombro.

— Pois é... Sabe como é, segredos de mãe e irmã mais velha. —
Aproximo minha testa da sua.

— É verdade o que falou para ela? — falo bem baixinho.

— Nunca mentiria sobre uma coisa dessas, Jacson.

— Nós vamos ter outro bebezinho? — Minha voz sai um pouco embargada.

— Fiz o exame de farmácia hoje de manhã e deu positivo. Tenho o resultado do exame de sangue dentro da minha bolsa, mas não quis abrir sozinha. Mas sei que é positivo, não daria esperanças para a Cissa caso contrário.

— Quando eu acho que você não pode me fazer mais feliz do que já sou, você vem e prova que estou enganado. — Beijo suavemente seus lábios.

— Eu te amo, Jacson... — sussurra contra meus lábios.

— Eu te amo, Cecília... Muito obrigado Morena.

— Pelo quê? — questiona curiosa.

— Por ter sido o meu milagre.

"Para tudo há uma ocasião, e um tempo para cada propósito debaixo do céu: tempo de nascer e tempo de morrer, tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou, tempo de matar e tempo de curar, tempo de derrubar e tempo de construir, tempo de chorar e tempo de rir, tempo de prantejar e tempo de dançar, tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntá-las, tempo de abraçar e tempo de se conter, tempo de procurar e tempo de desistir, tempo de guardar e tempo de lançar fora, tempo de rasgar e tempo de costurar, tempo de calar e tempo de falar, tempo de amar e tempo de odiar, tempo de lutar e tempo de viver em paz."

Eclesiastes 3.1-8

FIM

ATENÇÃO! ATENÇÃO! ATENÇÃO! ATENÇÃO!

Recado da autora:

Amado leitor,

Não deixe de realizar sua avaliação,

Ela é muito importante!

Beijocas enormes.

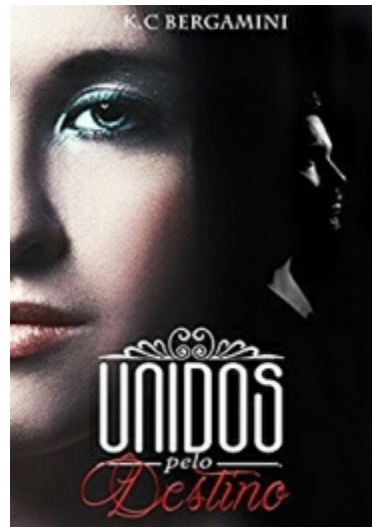
Conheça minhas outras obras:

===== >>>>>>

TÍTULOS E LINKS A SEGUIR

===== >>>>>>

Outras obras



As tragédias na vida de Christina provocaram consequências irreparáveis. Ainda menina, viu-se sozinha, sob a responsabilidade apenas de um tio alcoólatra. Os momentos a sós na casa se tornavam cada vez mais angustiantes. E no ápice do desespero, quando

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

começou a ser agredida, não teve a quem pedir socorro. Um rapaz, de olhos encantadores, salvou-a dando um tiro em seu tio. De onde ele veio? Como soube que ela precisava de ajuda? Que conexão foi aquela que Christina sentiu entre eles? Yuri é seu nome. Por matar um homem, foi preso. Por salvá-la, ela quis conhecê-lo. Mas ele distanciou-se, não quis contato, manteve-se em silêncio por todos os anos de sua sentença.

Agora, ao saber de sua liberdade, tanto tempo depois, Christina tem uma única missão: desvendá-lo. Mais madura, insistirá mais uma vez em descobrir todos os mistérios deixados por Yuri, despertando e sendo despertada por sentimentos intensos.

(https://www.amazon.com.br/Unidos-Pelo-Destino-K-C-Bergamini-ebook/dp/B01NBAC6SP/ref=pd_sim_351_2?encoding=UTF8&psc=1&refRID=1AF2493HGV5S03HZ48FD)



O amor pode ser duro, o amor pode ser leve, o amor pode nos esvaziar e nos transbordar. Emília, uma mulher mais determinada do que imagina, amou com todas as forças um homem, mas dedicar forças demais a algo é também se deixar enfraquecer. Dentro do próprio casamento, viu-se sozinha, abusada, humilhada e precisou partir. Com pouco do que restou de si mesma, Emília saiu de casa com sua filha sabendo apenas que precisava recomeçar. Precisava curar as feridas de um amor que a fez refém. E reconstruir-se depois de ter o coração estilhaçado pode ser desafiador. Para ser livre, Emília precisa de respostas, precisa reencontrar-se. Mas como ser forte o bastante e deixar o coração livre para um novo amor depois de tanto sofrimento? Em capítulos intensos que nos levam ora à angústia, ora à esperança, Emília nos conta a história de como descobriu no amor outros

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sentimentos, outros lados, outros caminhos e como lutando contra seus medos, enfrentando suas angústias, derrubando as barreiras que o passado lhe impôs pode enfim ser livre.

ATENÇÃO:

Esse livro não é um conto de fadas. Retrata a verdadeira luta de uma mulher para resgatar a sua dignidade.

Não indicado para menores de 18 anos.

Livro possui cenas de violência doméstica e contém cenas de violência psicológica e sexual.

(https://www.amazon.com.br/Outro-Lado-do-Amor-ebook/dp/B06W57855J?qid=1523986063&sr=1-1&text=K.C.+Bergamini&ref=sr_1_1)



Liliane, quando criança, achava que ser bastarda era uma doença que herdou de seu pai. Não entendia por que era a única escrava clara entre todos os escravos que conhecia. Aos seis anos foi tirada dos braços de sua mãe e passou a compreender que ser bastarda não era hereditário, era uma doença social: era discriminada apenas pela cor de sua pele. A pequena Lili, assustada e frágil, em uma carroça em frente à casa-grande onde vai viver e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

servir conhece o menino Pedro, filho do senhorio e dono dos olhos mais verdes que já viu, que a consola e faz uma promessa: “vou ser seu amigo e cuidar de você sempre, ninguém vai te machucar e você nunca mais vai ficar sozinha”. Quando eles crescem e percebem que a amizade inocente que nutriram se tornou o amor de homem e mulher, começam a fazer planos de se casar e viver longe daquela sociedade racista. Mas quando a senzala ama, a casa-grande arranca seu coração. Outras pessoas entrarão em seus caminhos para impedir que fiquem juntos, manipulando e conspirando contra, assim, os dois terão suas rotas alteradas e seus sentimentos serão colocados à prova.

Entre dor e desejo, ódio e paixão, suas vidas opostas terão sempre uma coisa em comum: eles nunca esqueceram.

(https://www.amazon.com.br/Eu-Nunca-Esqueci-K-C-Bergamini-ebook/dp/B0754XS3R9?qid=1523986013&sr=1-2&text=K.C.+Bergamini&ref=sr_1_2)



Conto:

Qual a configuração exata do seu Príncipe Encantado?

Sophia é uma mulher fora dos padrões de beleza impostos pela sociedade. Já cansada pelo fracasso e decepções sofridas nos seus relacionamentos, toma uma atitude drástica: procurar sua outra metade em qualquer lugar do Brasil.

Impulsionada por muita coragem, resolve aventurar-se no mundo dos encontros virtuais, na busca do seu tão sonhado príncipe encantado. Para que isso fosse possível, precisava

enfrentar um grande dilema: qual a configuração correta para colocar na busca, para não correr risco de descobrir um sapo, ao invés do tão sonhado príncipe? Ela tentou. Será que conseguiu?

(https://www.amazon.com.br/Ascendente-C%C3%A2ncer-configura%C3%A7%C3%A3o-pr%C3%ADncipe-encantado-ebook/dp/B075PWTGYC?qid=1523986083&sr=1-6&text=K.C.+Bergamini&ref=sr_1_6)



Katia Titão, (K. C. Bergamini),

é catarinense, casada, 37 anos de idade e mãe de três filhos, é nascida em São Miguel do Oeste, no oeste de Santa Catarina, atualmente residindo em Realeza, no interior do Estado do Paraná. Possui graduação de Bacharelado em Administração Pública pela UNICENTRO e Pós-graduada em Docência no Ensino Superior. Trabalha no Poder Judiciário do Estado do Paraná e também como professora Universitária. É escritora de livros de Romance, possuindo atualmente vários livros publicados no Amazon.

Siga a autora nas redes sociais:

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

<https://www.facebook.com/LivrosdaKatia/>

<https://www.skoob.com.br/autor/17439-kcbergamini>

email para contato:

kbtitao@gmail.com